



AUTOBIOGRAFIA DE EMMA HARDINGE BRITTEN

MARGARET WILKINSON
TRADUÇÃO: AMADEU ANTÔNIO

**AUTOBIOGRAFIA DE
EMMA HARDINGE BRITTEN**

EDITADO E PUBLICADO PELA SRA. MARGARET WILKINSON

(A SUA IRMÃ E ÚNICA PARENTE SOBREVIVENTE)

WINFIELD TERRACE, OLD TRAFFORD, MANCHESTER

1900

PREFÁCIO

A segunda metade do século, agora quase no seu termo, assistiu ao surgimento e progresso de muitos movimentos de pensamento que exerceram uma influência apreciável na formação das opiniões do mundo sobre numerosos temas importantes.

Na Arte, na Ciência, na Filosofia, na Religião e na Moral, vimos o antigo ceder lugar ao novo, e muitas opiniões consideradas sagradas foram rejeitadas por já não se sustentarem à luz nova que foi lançada sobre os problemas que, no passado, afligiram as almas dos homens.

Hoje, a escravatura de seres humanos é considerada abominável. A Filosofia já não se encontra necessariamente atrelada ao carro triunfal do fanatismo religioso; a Arte e a Literatura pertencem à multidão; a liberdade política e industrial tornou-se um lugar-comum do pensamento; e a Religião escapa rapidamente aos entraves das convenções ortodoxas. Entretanto, o Espiritualismo Moderno, que em tempos foi uma «voz que clamava no deserto», vê hoje assegurada a sua aceitação e concedida consideração respeitosa aos seus factos e às deduções deles resultantes.

Dentro de mais cinquenta anos, quem poderá dizer que posição ocupará «esta pedra rejeitada pelos construtores»?

Sem suscitar aqui matéria desnecessariamente controversa, não será exagerado afirmar que o progresso e a liberdade de pensamento acima referidos foram, em medida nada insignificante, promovidos, quando não positivamente iniciados, por aquilo que geralmente se designa por Espiritualismo Moderno. Pois, admitindo-se como

verdadeiro o seu facto fundamental — a comunicação entre os vivos e os chamados mortos — terá necessariamente de seguir-se uma certa revolução nas opiniões do mundo acerca das concepções até agora aceites da Ciência, da Filosofia e da Religião. Uma revolução tão importante e de tão vasto alcance nos seus resultados quanto a que se seguiu à aceitação das teorias de Copérnico acerca do universo físico e à dos Reformadores Protestantes relativamente às opiniões anteriormente aceites no mundo religioso.

O que Copérnico e Newton fizeram pela ciência do seu tempo, Huss, Ridley e Knox realizaram nas suas épocas, auxiliados pelos Wesley, Whitfield e seus colaboradores.

Mas não bastava que o mundo tivesse sido esclarecido quanto à natureza do universo físico, por um lado, ou que o pensamento religioso tivesse sido parcialmente purificado, por outro; era ainda necessário um esclarecimento adicional acerca desse «outro mundo». Sem essa iluminação suplementar, subsistia ainda um estado de incerteza, para não dizer de obscuridade, sobre o mais profundo de todos os problemas, expresso naquela antiga pergunta: «Se um homem morrer, voltará a viver?»

A curiosa conjugação do Materialismo e do Mesmerismo, há cinquenta anos, constitui para o estudioso um episódio instrutivo, refletindo, por um lado, o desespero dos racionalistas e, por outro, a ânsia dos que procuravam uma base estável para a imortalidade humana; sendo um lado uma revolta contra dogmas impossíveis de provar, e o outro uma revolta igualmente vigorosa contra as frias conclusões da ciência materialista. Ambos foram prontamente amaldiçoados pelas próprias autoridades cujas pretensões punham em causa através dos factos que apresentavam.

Cahagnet e Alexis, em Paris; Reichenbach, na Alemanha; Ashburner, em Inglaterra; Bovee Dodds, em Nova Iorque; e muitos outros apresentaram factos pessoais que a ciência não conseguia explicar mas que, ainda assim, exigiam resposta, se a ciência pretendia ser completa.

Tais experiências assinalaram a demolição da antiga e fantasiosa linha divisória entre o Natural e o chamado Sobrenatural, enquanto o

advento das Pancadas de Hydesville acentuou ainda mais a necessidade de fundir esses dois aspetos da Natureza, caso alguma vez se quisesse estabelecer uma ciência satisfatória, pela qual a totalidade do ser pudesse ser abrangida pelo domínio de uma conceção e discussão racionais e ordenadas.

A história de todos os movimentos revela o facto de que, quando chega a hora, surge o homem!

O agente ergue-se de onde menos se espera, num momento em que ninguém o pressente; mas esse agente, se chamado pelas necessidades divinas da situação, avança triunfalmente para a linha da frente e cumpre irresistivelmente a tarefa que lhe foi destinada.

Juventude, velhice ou sexo, nada disso importa; raça ou cor são irrelevantes. O Trabalhador aparece e, embora o caminho possa estar semeado de espinhos e a coroa do mártir constitua a auréola conquistada, apesar de tudo a tarefa é cumprida e o mundo avança para além de qualquer impedimento.

O presente poderá conceder escasso reconhecimento; o futuro compensará.

Ver o próprio nome inscrito no rol de honra do mundo não é pequena recompensa pelas lágrimas, feridas e morte sofridas pelo bem-estar da humanidade.

A tal honra chegou a personagem da autobiografia revelada nas páginas seguintes.

Inesperadamente — ou antes, quase contra a sua vontade — chamada ao elevado cargo de Embaixadora do Mundo Invisível, Emma Hardinge Britten desempenhou o seu papel no drama do mundo e fê-lo de forma nobre e exemplar.

Nas páginas seguintes, fala-nos com a sua própria e vibrante eloquência e conta-nos algo dos seus serviços, provações e triunfos em prol da causa que seguramente revolucionou as opiniões do mundo em geral acerca «desse país de onde», apesar do Cisne de Avon, os «viajantes» efetivamente regressam para alegrar os corações dos enlutados e aflitos da Terra.

Por mais árduas que fossem as suas atividades na tribuna, foi igualmente ativa no uso da pena.

Contribuiu com inúmeros artigos para a imprensa em todas as partes do mundo, por vezes sobre questões diferentes daquelas com que mais se identificava.

Política, Reforma Social, Música, Educação, História, Viagens — escreveu sobre cada uma destas matérias com capacidade e facilidade, ao mesmo tempo que as suas contribuições permanentes para a literatura espírita foram numerosas e valiosas.

Entre elas contam-se:

História do Espiritualismo Moderno Americano; Milagres do Século XIX; As Crenças, Factos e Fraudes da História Religiosa; The Wildfire Club; The Magnetic and Electric Physician; e, como editora, *Art Magic* e *Ghost Land* também devem ser creditados à sua diligência.

Houve ainda contribuições editoriais e direção de periódicos espiritualistas americanos, incluindo as suas próprias revistas, *The Western Star*, na América, e *The Unseen Universe*, em Inglaterra.

Trabalho mais do que suficiente para ocupar inteiramente uma pessoa menos enérgica, mesmo sem os deveres adicionais de viagens extenuantes e conferências contínuas.

As cenas finais desta vida tão ativa decorreram na sua própria terra, mas a mesma energia incansável continuou a caracterizá-la.

Durante cinco anos, dedicou sem reservas as suas capacidades à direção editorial de *The Two Worlds*, jornal que rapidamente conquistou o favor do público sob os seus cuidados.

O seu afastamento dessa ligação foi reconhecidamente motivo de sofrimento para ela e, sem dúvida, também causa de pesar continuado, devido às circunstâncias desfavoráveis que o provocaram.

Ela própria resumiu a situação na sua frase memorável: «O Espiritualismo é divino, mas os espiritualistas são humanos!»

É, contudo, agradável registar que a ferida foi em grande parte sarada antes da sua partida deste mundo.

Tal como acontece com os falecidos, também dos mal-entendidos passados pode dizer-se o antigo provérbio *de mortuis nil nisi bonum*, como epitáfio para coisas destinadas ao esquecimento.

Quem ler as páginas seguintes, escritas pela sua própria mão, poderá agora fazê-lo com maior clareza à luz do que antecede.

Os factos relatados foram recolhidos dos diários pessoais da pessoa em questão e, nessa medida, podem ser aceites como um relato fiel, ainda que limitado, da carreira daquela que todos temos prazer em honrar.

A tarefa confiada ao autor destas linhas foi verdadeiramente uma obra de amor.

Outras mãos poderiam tê-la realizado com maiores títulos de capacidade e mérito, mas nenhuma o teria feito com motivos mais dignos.

É a homenagem de alguém que a conheceu durante quase trinta anos, que teve o privilégio de colaborar com ela e o orgulho de ser seu amigo.

Alguém que recorda com gratidão muitas palavras de incentivo por ela pronunciadas nos dias em que era desconhecido e lutava por afirmar-se, e que não tem vergonha de dizer que continua grato pela amizade inabalável do passado.

Nisto não está sozinho, pois milhares poderão seguramente afirmar o mesmo e recordá-la como uma conselheira sábia e uma amiga fiel.

O pano desce sobre o drama terreno; a principal intérprete deixou o palco.

As luzes apagaram-se e o público dispersou-se, mas a memória das cenas permanece.

Foi uma vida nobre e também útil.

O seu efeito sobre milhões de pessoas não pode ser expresso em palavras.

As suas vibrantes defesas da Verdade, da Liberdade e do Progresso ainda ressoam nos nossos ouvidos, e a inspiração desses tons permanece connosco como um incentivo imperecível para prosseguirmos a grande obra que as suas mãos nunca se cansaram de realizar.

Se a moderna dispensação espiritual alguma vez reconhecer Santos, Heróis ou Profetas, ela será, sem dúvida, canonizada e colocada com honra no nosso Panteão, pois não poupou energia, dedicação nem qualquer serviço para ajudar a época presente a alcançar um conhecimento mais amplo desse Evangelho do ministério dos Anjos que tanto contribuiu para banir das nossas mentes o medo da morte e aliviar o pesado fardo de lágrimas e sofrimento dos corações e rostos dos tristes, dos aflitos e dos desesperados.

Verdadeiramente podemos dizer que, estando «morta», continua a falar.

Pois, para os espiritualistas, não pode haver dúvida de que ela continua a ser tão ativa para além do véu como o foi deste lado dele.

Saudamo-te, portanto, ainda hoje, Emma Hardinge Britten, mulher nobre, trabalhadora fiel e, título mais nobre do que todos os outros, amiga fiel da humanidade e verdadeira colaboradora das invisíveis hostes angélicas, às quais entregaste tudo de ti para a nossa emancipação.

A minha tarefa de amor está concluída; aceita-a, querida amiga, «com todas as suas imperfeições sobre a sua própria cabeça», pois ninguém te pode estimar mais do que aquele que continua a ser teu companheiro de trabalho.

J. J. Morss.

Dedicatória

AOS IMORTAIS QUE GUIARAM OS MEUS PASSOS NA TERRA

ESTES REGISTOS DA HISTÓRIA DA MINHA VIDA SÃO
GRATAMENTE
INSCRITOS

PELA AUTORA,
EMMA HARDINGE BRITTEN

CONTEÚDO

ESBOÇO AUTOBIOGRÁFICO
DA VIDA E DAS EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS
DE
EMMA HARDINGE BRITTEN,
CLARIVIDENTE EM TRANSE E MÉDIUM ESPIRITUAL
INSPIRADA

CAPÍTULO I

OS PRIMEIROS TEMPOS

«Há uma divindade que molda os nossos fins,
Por mais rudemente que os talhemos.» — Shakespeare.

Talvez entre os mais dedicados e incansáveis propagandistas incluídos nas fileiras do Espiritualismo moderno, ninguém tenha desfrutado ou sofrido, conforme o caso, de uma quantidade maior de atenção biográfica por parte da imprensa, tanto de amigos como de inimigos, do que a autora das páginas que se seguem.

A verdade é que o meu tempo tem estado tão constantemente ocupado que, embora tenha feito parte do meu dever público responder e, não raras vezes, debater com os meus adversários, vi-me obrigada a deixar passar sem comentário os ocasionais erros e,

igualmente, os elogios excessivamente generosos dos meus amigos, esperando poder corrigi-los um dia, «quando chegar o bom tempo».

Como as publicações autobiográficas por vezes parecem implicar uma ideia autossuficiente da importância do próprio autor, sentimento totalmente alheio ao meu espírito e às minhas intenções, desejo prefaciá-las indicando, em primeiro lugar, as fontes de onde retirei este relato e, em seguida, as razões que me levam a pensar que as referências que farei a muitos dos notáveis pioneiros do movimento espírita primitivo poderão compensar qualquer falta de interesse de uma narrativa que, de outro modo, seria meramente pessoal.

No desejo de alegrar o coração de uma mãe querida e solitária, de cujo lado os meus constantes percursos pelo mundo me afastavam repetidamente, nunca deixei de lhe enviar, pelo menos uma vez por semana, relatos escritos e impressos dos meus paradiços e atividades.

Agora que essa querida mãe se tornou um Anjo vigilante da vida superior, tive ocasião de examinar os seus montes de tesouros literários e, eliminando dos registos dramáticos do passado tudo o que não possa servir de marco orientador para aqueles que vierem depois de mim, passo a satisfazer os repetidos pedidos dos muitos amigos simpatizantes que animaram o meu laborioso caminho, selecionando algumas partes das minhas notas biográficas que possam ilustrar a vida e a obra de uma pioneira do século XIX enquanto «Médium Espírita».

Cornelius Agrippa e outros místicos medievais afirmaram que um mago, para alcançar êxito nas suas realizações, «deve nascer mago».

Ao rever as minhas próprias experiências juvenis, estou perfeitamente convencida de que esta observação se aplica tão seguramente aos «Médiuns Espiritualistas» como aos magos; na verdade, para mim, os dois termos são sinónimos.

Os dons espirituais normais nos indivíduos mediúnicos desde o nascimento podem modificar-se e transformar-se ao longo da vida terrena, mas nunca desaparecem por completo. Como felizmente foi esse o meu caso e, segundo alguns dos meus opositores públicos tiveram a gentileza de informar o mundo, eu «nasci bruxa»,

experimentei muitas mudanças, embora nunca uma perda efetiva do meu desenvolvimento mediúnico, ao longo de uma carreira longa e ativa.

Ao referir-me brevemente à minha primeira infância, consigo agora compreender aqueles aspetos problemáticos da minha juventude que confundiam igualmente os meus pais e os meus professores.

Dotada de uma bela voz e de um amor apaixonado pela música, mesmo em criança era um centro de atração e o objeto de extravagantes profecias de futura distinção.

Olhando para trás, para as minhas recordações mais remotas, tenho a impressão de que nunca fui jovem, alegre ou feliz como as outras crianças. O meu prazer consistia em afastar-me sozinha e procurar a solidão dos bosques e dos campos, mas, acima de tudo, em vaguear por cemitérios, claustros de catedrais e antigas ruínas monásticas.

Nesses locais, sons estranhos ressoavam nos meus ouvidos, por vezes sob a forma de música requintada, sugerindo novas composições e canções melancólicas; outras vezes, sob a forma de vozes que pronunciavam vagas profecias de acontecimentos futuros, especialmente de desgraças iminentes.

Por vezes, figuras de rara beleza ou de horrível fealdade cruzavam o meu caminho, assumindo forma humana e transmitindo a impressão de serem pessoas que haviam vivido anteriormente na Terra.

Na época dessas experiências tão pouco infantis, ninguém à minha volta me compreendia. Contudo, os criados da família costumavam comentar entre si, em voz baixa, que a criança descrevera alguns dos seus parentes falecidos e que tudo aquilo que eu profetizava acabava por acontecer.

O período mais feliz desses anos imaturos foi, por estranho que pareça, quando, como acontecia frequentemente, me encontrava acamada devido a doença.

Escapar em sonhos, como então acreditava, para belos campos verdejantes entre pessoas estranhas e maravilhosamente belas era para

mim uma felicidade tão intensa que eu tinha a imprudência de tentar constipar-me para ficar de cama e poder regressar ao meu desconhecido e fascinante país das fadas.

Nunca compreendida pelos que me rodeavam, só anos mais tarde, quando fui chamada e associada a uma sociedade secreta de ocultistas e participei nas suas sessões em Londres como uma das suas clarividentes e sensitivas magnéticas, comecei eu própria a compreender porque motivo uma jovem razoavelmente instruída e favorecida com tantas vantagens era marcada por peculiaridades de carácter que inevitavelmente a afastavam da convivência com crianças da sua idade e condição.

A sociedade de ocultistas a que apenas posso agora aludir, e que em *Ghost-Land* é designada como o «Círculo Órfico», obtinha conhecimento — por meios que não me é permitido revelar — das pessoas cuja associação desejava.

Nenhum dos seus membros era conhecido como tal fora dos seus círculos; a existência da sociedade era completamente ignorada, e aqueles que escolhiam para associar a si eram previamente conhecidos e chamados por eles.

Tendo sido assim favorecida, obtive uma explicação para as minhas excepcionais experiências da infância, explicação que os desenvolvimentos posteriores do Espiritualismo vieram confirmar como clarividência natural.

Como os poderes tão misteriosos manifestados na minha própria pessoa eram perfeitamente compreendidos pelos «Adeptos» da «Sociedade Órfica», como me atrevo a chamá-la, resumirei esta parte da minha vida citando algumas linhas de um artigo escrito por um dos meus associados ocultistas e publicado no *Medium* há alguns anos.

«Vidente de fantasmas, sonâmbula, improvisadora musical e profetisa, a estranha criança enigmática, “Emma Floyd”, era o terror das suas amas e o enigma de todos os que a conheciam.

Parece provável que influências hereditárias estivessem presentes na natureza desta criança. Descendente do célebre “mago galês”, Owen Glendower, a pequena Emma possuía também características

do pai, capitão de mar e homem dotado de extraordinárias faculdades de previsão e de outras qualidades de natureza espiritualista.

Houve muitas circunstâncias na infância de Emma que, enquanto mulher refletida, ela considera hoje terem contribuído para prepará-la para a sua atual missão.

Privada dos cuidados do seu bom pai numa idade muito tenra, a jovem, tal como o restante da família, viu-se obrigada a depender dos seus próprios talentos para subsistir.

Os seus extraordinários dotes musicais levaram os seus amigos a proporcionar-lhe educação destinada à carreira operática.

O exercício dos seus talentos musicais e outras circunstâncias colocaram-na em contacto com pessoas muito superiores a ela em posição social e cultura intelectual e, assim, como ela própria modestamente afirma, obteve certas vantagens que jamais poderia ter alcançado como simples estudante de música e que agora reconhece terem tido um valor incalculável na sua preparação para servir de instrumento na tribuna espiritualista.

Foi precisamente quando a jovem gozava das mais promissoras perspectivas de alcançar distinção como cantora de ópera que todas essas perspectivas foram destruídas pelas suas irreprimíveis tendências sonambúlicas.

Durante os seus estudos em Paris, sentia-se impelida a levantar-se da cama em sono profundo, subir alturas impressionantes, percorrer as ruas invernais, pregar, recitar e representar cenas aterradoras.

Muitas vezes a sonâmbula soltava gritos e clamores tão violentos que provocavam uma irritação extrema das cordas vocais, acabando por perder a sua bela voz de soprano e sendo obrigada a abandonar a carreira operática.»

Tem sido uma teoria favorita minha, e também de alguns outros muito mais sábios do que eu, a de que, numa única existência terrena, podemos viver muitas vidas e, sem jamais perdermos a nossa identidade pessoal, sofrer transformações análogas a múltiplas mortes e novos nascimentos.

Tenho a certeza de que sofri a amargura da morte quando o meu bom pai, a quem estava profundamente ligada, partiu da Terra.

Com o coração despedaçado, eu, uma criança de apenas onze anos, fui enviada para ganhar o meu sustento como professora-estagiária de música.

Odiando a minha vida e ansiando por reunir-me ao meu pai — em qualquer lugar, fosse onde fosse — resolvi segui-lo.

Assim, numa noite escura, encontrava-me à beira do rio e só fui salva de procurar um sudário nas profundezas do Avon, em Bristol, ao ouvir a voz do meu falecido pai ordenar-me que regressasse à escola, conduzindo-me de volta, como distintamente senti, pela mão.

Para mim, foi como se tivesse morrido então e, pouco depois, iniciado uma nova vida nos estudos musicais em Paris.

Mas foi aí que as minhas invencíveis tendências sonambúlicas me levaram a deambulações noturnas, gritos selvagens e à perda definitiva da minha promissora voz.

Nessa altura, esmagada pela tristeza e pelas esperanças destruídas, morri para o palco lírico e tentei iniciar uma nova vida como pianista e compositora.

O querido e bondoso Pierre Erard, venerável fundador da grande casa de pianos em Paris, emprestou-me um belo instrumento com a condição de eu comparecer diariamente no estabelecimento para praticar em benefício dos compradores.

Inúmeras foram as personalidades ilustres que visitavam a casa Erard para ouvir a jovem pianista. Porém, quando se descobriu que eu era também uma sensível magnética e que, mediante um simples movimento da mão sobre a minha cabeça, ou até através de um desejo não expresso por parte da audiência, conseguia tocar qualquer melodia desejada, a minha pobre mãe ficou espantada e assustada com esta nova e insólita capacidade.

Consultando ansiosamente um médico sobre um fenómeno então tão raro e mal compreendido, ela e outros dos meus melhores amigos receberam a garantia de que eu estava sob alguma influência maléfica,

talvez satânica, e que, se não fosse impedida de continuar nessa louca carreira, acabaria inevitavelmente em loucura permanente ou morte.

Naturalmente, a minha carreira musical foi interrompida e, assim, regressei a Inglaterra, adotei o teatro como profissão e tornei-me atriz.

De alguns anos de experiências estranhas e variadas no Teatro Adelphi e noutros teatros londrinos não pretendo falar em pormenor. Como curiosa indicação, porém, de como a teia do destino da vida humana pode ser tecida sem a vontade nem a intervenção dos indivíduos mais diretamente envolvidos, passarei ao capítulo final das minhas experiências teatrais em Inglaterra, observando apenas, por justiça para com outras pessoas, algo que mais de uma testemunha ainda viva poderia confirmar, se assim o desejasse: poucas jovens em circunstâncias modestas, levando uma vida ativa e difícil, terão sido sujeitas a tentações mais severas por parte de uma aristocracia depravada do que eu.

Com alguns bons e constantes amigos e uma mãe angelical sempre ao meu lado, consegui durante algum tempo navegar entre os escolhos de Cila e Caríbdis da vida teatral londrina. Tenho, contudo, uma história final para contar, demasiado conhecida de muitos dos meus companheiros dessa época, mas que nunca antes foi tornada pública e que, espera-se, terá sido tão raramente vivida quanto poderá parecer estranha e incrível.

Por ação de um perseguidor cruel e implacável, na pessoa de um sensualista rejeitado, vários empresários teatrais por quem eu estava contratada ou com quem mantinha negociações foram levados, através de argumentos especialmente persuasivos, a cancelar quaisquer compromissos comigo, para que eu fosse reduzida à necessidade extrema de me colocar sob a benevolente proteção do meu inimigo milionário.

Consumida mais pela indignação do que pelo desespero com que ele contava tão friamente, sustentada também pela juventude e pelas sempre presentes forças invisíveis que hoje sei terem moldado o meu destino, suportei durante algum tempo este terrível ostracismo. Por fim, porém, sob o conselho da minha boa e amada mãe, resolvi derrotá-lo.

Tendo então recuperado em grande medida as minhas capacidades vocais e tendo também sido fortemente incentivada por Sir Michael Costa a seguir uma carreira operática italiana, formei a súbita resolução de o procurar, contar-lhe a história quase inacreditável que procurava expulsar-me dos palcos londrinos e, sob outro nome, oferecer-me para seguir uma carreira na ópera italiana.

Quando me dirigi à antiga residência de Sir Michael, descobri que ele já não vivia ali. Apenas consegui saber que se mudara para uma das ruas que conduziam para fora de St. John's Wood.

Segui imediatamente nessa direção, mas fiquei indecisa perante o número de ruas possíveis. Enquanto ponderava qual escolher, reparei num grupo de pessoas reunidas em redor do portão aberto de um jardim, a meio de uma rua tranquila, e decidi perguntar-lhes, acreditando que ali encontraria a pessoa que procurava.

Ao aproximar-me da multidão, um dos presentes, um ator que eu conhecia bem — o Sr. G. H. — correu para mim, apertou-me calorosamente a mão e, antes que eu pudesse dizer uma palavra, declarou estar encantado por me ver ali e que eu era precisamente a pessoa de que precisavam.

— Precisavam? Onde? Para quê? Porquê? E quem? — consegui balbuciar.

O Sr. G. H. respondeu, sem sequer recuperar o fôlego, que o Sr. J. W. Wallack anunciara a formação de uma companhia inglesa destinada ao Teatro Imperial, em Paris, para representar drama shakespeariano de elevado nível; que eu era necessária e tinha de me juntar a eles.

Naturalmente, disse ele, eu tinha vindo precisamente para esse fim e estava certo de que seria imediatamente contratada.

Antes que pudesse formular qualquer pergunta ou objeção, fui conduzida pelo meu amigo entusiasta e falador ao longo de um extenso caminho de jardim. Fui rapidamente apresentada ao Sr. e à Sra. Wallack, que se encontravam no terraço da casa, apertei-lhes a mão, recebi as boas-vindas e, em menos tempo do que aquele que levei a escrever este relato, já tinha assinado um contrato para atuar

durante várias semanas no Teatro Imperial de Paris com a companhia de J. W. Wallack, cuja partida ocorreria dali a quatro dias.

A única condição que consegui introduzir, em meio a uma confusão de vozes, explicações e falta delas, foi que os empresários permitissem que eu levasse comigo e custeassem a viagem da minha anjo da guarda, a minha sempre fiel mãe.

Mais uma vez, entre os estreitos de Dover e Calais, morri para o palco londrino e cheguei a Paris como um novo ser.

Tínhamos amigos e conhecidos naquela cidade alegre e, embora a companhia Wallack tenha sido um fracasso financeiro total e não tenha pago a ninguém, passámos muitas semanas agradáveis em Paris, quando não estávamos ocupadas no teatro, entre os meus associados musicais.

Nada tinha a lamentar, mas ainda me aguardava uma nova experiência e mais uma nota preparatória soava já em antecipação do futuro que se aproximava.

Nessa época, o magnetismo e as experiências magnéticas estavam em plena moda em Paris.

Novamente convidada para sessões matinais nos salões de pianos Erard, a minha extrema sensibilidade às forças ocultas colocou-me em destaque perante os magnetizadores, entre os quais se encontravam algumas das mais altas figuras do país.

Recebi propostas tentadoras para me contratar como sensitiva magnética, mas a minha boa mãe rejeitou-as firmemente, pois a sua aversão à minha participação nessas experiências era tão constante quanto inabalável.

Chegara a última noite das representações da companhia inglesa de Wallack.

Nessa ocasião representei uma pequena peça de carácter da minha própria autoria e, no final, o nosso amigo mais íntimo em Paris, que segundo o seu hábito se encontrava nos bastidores, apresentou-me a um cavalheiro que conversava com ele e com a minha mãe e procurava convencê-la de que o melhor e mais atraente lugar da Terra

para a exibição dos meus talentos peculiares era o Teatro B——, de Nova Iorque, do qual ele próprio era diretor.

Segundo afirmou, observara-me durante muitas noites em diversos papéis e decidira contratar-me. Eu tinha de ir para Nova Iorque e imediatamente.

Ao contemplar a névoa obscura do futuro, como tantas vezes fizera ultimamente, tudo parecia impenetravelmente sombrio e completamente velado à vista mortal na direção da minha cidade natal de Londres. Ainda assim, surgia constantemente diante de mim a imagem de uma nova vida, algures e de algum modo, brilhando como uma visão profética cuja forma e natureza eu não conseguia discernir claramente.

Seria, perguntava-me muitas vezes, através dos voos magnéticos para outros e distantes mundos de existência que essas premonições proféticas se realizariam?

O veto categórico da minha boa mãe encerrara qualquer possibilidade de eu me tornar sonâmbula profissional.

Seria então no Novo Mundo que encontraria esse novo caminho de descoberta, do qual apenas vislumbres distantes tinham até então surgido perante os meus olhos?

Partilhava, contudo, o preconceito comum — e então bastante vulgar — do meu país contra a América. Assim, procurei refrear friamente o entusiasmo do diretor americano, prometendo refletir sobre a sua proposta e comunicar-lhe o que nós — isto é, a minha mãe e eu — pensávamos a respeito.

— Isso não serve — respondeu o cavalheiro, que imediatamente classifiquei mentalmente como um «ianque presunçoso».

A minha mãe mostrou-se favorável à proposta e, como ele estava prestes a regressar imediatamente a Nova Iorque, a minha resposta tinha de ser dada sem demora: eu tinha de partir.

Ele pagaria a passagem da minha mãe juntamente com a minha e contratar-me-ia por nove meses por um salário que, para uma jovem lutadora como eu, parecia excelente.

Seguiu-se uma deslocação para um escritório, um contrato redigido à pressa, instruções cuidadosamente escritas para a viagem, promessas relativas ao pagamento das passagens e, finalmente, as assinaturas da minha parte e da do meu novo diretor, acompanhadas de numerosas testemunhas para os documentos de ambas as partes.

Assim, o meu futuro caminho na vida e a entrada numa nova série de aventuras no Novo Mundo ficaram inteiramente decididos antes de os relógios de Paris marcarem a meia-noite daquela que, para mim, foi uma noite verdadeiramente decisiva.

Ao rever esse panorama vertiginoso de acontecimentos na manhã seguinte, ao despertar, concluí que a repetida afirmação dos meus associados ocultistas era correta: eu era uma boa sensitiva magnética e o meu novo diretor era um bom magnetizador.

Todavia, quando saltei da cama com a pergunta a ecoar nos meus ouvidos — «Ser ou não ser» — outra voz, ainda mais clara, pareceu resolver todas as minhas dúvidas e dificuldades com as palavras excessivamente verdadeiras:

«Há uma divindade que molda os nossos fins, por mais rudemente que os talhemos.»

CAPÍTULO II

A PRIMEIRA VISITA À AMÉRICA

Um escritor muito maior e mais sábio do que aquela que dita este capítulo disse:

«Os fundamentos do Céu são lançados no Inferno.»

E outro — o célebre Dante — ilustra ainda melhor algumas das experiências específicas que me proponho relatar ao afirmar:

«Do caminho das trevas surge a senda da luz.»

Talvez me esteja destinado ilustrar ambas estas célebres máximas, ainda que apenas através dos humildes passos daquela que traça nestas páginas (por enquanto) desconhecidas as memórias da sua própria vida.

Se me abstive de desenvolver os pormenores da minha infância e educação, salvo nos seus aspetos gerais e ocupações principais, foi porque não poderia fazer justiça aos muitos acontecimentos tristes, estranhos e até surpreendentes que as marcaram sem evocar nomes que hoje relutaria em associar ao meu e sem mencionar pessoas que já desempenharam o seu papel no drama agitado da vida e passaram para cenários muito afastados dos caminhos que me foi dado percorrer.

Desde que me separei desses desaparecidos, bastará dizer que uma história de vida repleta de alegrias e tristezas, mudanças de fortuna e aventuras romanescas foi a minha sorte e preencheu a minha existência atribulada mesmo antes de eu completar vinte anos.

Tudo isto teria pouco ou nenhum interesse para os leitores de uma biografia espiritualista moderna. Estou, porém, profundamente convencida de que essas vicissitudes constituíram outros tantos degraus indispensáveis à formação de um carácter destinado a tornar-se instrumento de um mundo de existência cuja própria realidade nem sequer era sonhada nos dias da minha juventude.

Parecia também necessário que a futura reformadora experimentasse na sua própria pessoa todas as emoções da Alma antes de poder compreender as possibilidades do poder da Alma nos outros.

Assim foi. E foi assim que aprendi as minhas variadas e frequentemente trágicas lições de vida, mesmo antes do período em que a maioria das outras raparigas apenas começa a entrar nos primeiros anos da feminilidade.

E agora, acompanhada pela minha fiel mãe, recordo-me de embarcar apressadamente no vapor oceânico *Pacific*, com destino à Terra do Sol Poente, encontrando-me pela primeira vez na vida sobre a vasta extensão de águas que me separava igualmente de amigos e inimigos.

Finalmente desembarcadas no meio da incessante agitação da cidade de Nova Iorque, acompanhadas por um dos nossos companheiros de viagem até um alojamento tranquilo oferecido como residência temporária na sua própria casa, a minha pobre mãe e eu sentámo-nos a contemplar os rostos uma da outra com olhares compungidos.

Depois derramámos lágrimas amargas ao ouvir um realejo na rua entoar as demasiado familiares notas de *Home, Sweet Home*.

Por fim, enxugámos as lágrimas e prometemos uma à outra enfrentar com coragem a nova vida que tínhamos diante de nós, como se realmente tivéssemos morrido para as preocupações e lutas do passado e, numa nova terra e em condições desconhecidas, fizéssemos o melhor possível para acreditar que fora a inspiração do Céu que nos enviara para as margens do Novo Mundo.

O teatro onde fui contratada ainda não tinha aberto a temporada e tínhamos pela frente alguns dias de descanso.

Embora tenhamos sido recebidas com cortesia pelo tesoureiro da companhia e encaminhadas para o que ele considerava uma pensão adequada, o episódio inicial da nossa nova vida foi dos mais desfavoráveis.

Na minha primeira entrevista com o meu diretor americano — o cavalheiro que tão veementemente me instara a aceitar a sua insistente proposta de contrato — encontrei uma divergência tão profunda entre as nossas perspetivas quanto às expectativas e relações futuras que, se tivesse possuído meios para o fazer, teria decidido regressar imediatamente a Inglaterra.

Incapaz de concretizar esse impulso precipitado, a minha jogada seguinte no tabuleiro do destino foi sucumbir a uma grave doença.

Tanto a minha mãe como eu considerámos esse ataque de natureza puramente mental, embora o bom médico que servia de clínico ao teatro nos assegurasse que se tratava dos efeitos do clima de Nova Iorque, durante o calor de Agosto, sobre um organismo não habituado.

Também considerou inadequada a pensão onde nos encontrávamos e aconselhou-nos a mudar imediatamente para um local mais saudável. Teve a bondade de nos auxiliar nessa mudança, cujo resultado foi a minha rápida recuperação e a minha primeira aparição em palco.

Tendo encontrado entre os papéis deixados pela minha querida mãe os recortes de jornais que ela tão cuidadosamente guardara e nos

quais o meu nome aparecia amplamente mencionado, consigo recordar que fui recebida muito favoravelmente pelo público ocidental e que me tornei objeto de calorosos elogios em diversos jornais de Nova Iorque.

Nada disso, porém, resolveu a situação.

Apesar de continuar a gozar do favor do público e de ter atuado com êxito em várias pequenas peças de carácter que eu própria escrevera, a divergência de opiniões entre o meu diretor e eu tornou-se cada vez mais amarga, acabando por produzir os seguintes resultados.

O cavalheiro em questão procurou primeiro humilhar-me, obrigando-me a representar os papéis mais insignificantes. Verificando, porém, que se formara um forte grupo de apoiantes em meu favor, tanto entre os membros generosos da companhia — que o conheciam demasiado bem — como entre parte do público, recorreu a um expediente mais seguro: afastar-me discretamente, ou seja, omitir quase por completo o meu nome dos programas.

Recebi numerosas propostas para novos contratos noutros teatros, mas, como o meu compromisso era para uma temporada de nove meses, aconselharam-me a não dar motivo de censura quebrando o contrato.

Permitam-me aqui interromper a narrativa para prestar uma homenagem justa e afetuosa aos calorosos corações dos «pobres atores».

Eles compreenderam tudo, sentiram compaixão por mim e ter-me-iam ajudado com carinho, se pudessem. Mas um poder mais elevado do que qualquer poder terreno velava por todos nós e, embora a situação em que me encontrava, quase sozinha num verdadeiro mundo novo, fosse efetivamente muito deplorável, consigo agora perceber que todos esses reveses inesperados e amargas provações constituíam apenas meios providenciais para preparar o caminho do destino que viria mais tarde a abrir-se diante de mim.

Da obscuridade relativa a que o meu amável diretor me condenou resultaram dois acontecimentos dignos de nota.

O primeiro foi o estabelecimento de uma nova amizade na pessoa do Sr. Boaler, um cavalheiro inglês que tomou conhecimento da minha situação e me visitou por simples bondade.

O segundo foi a minha apresentação, feita por esse mesmo cavalheiro, a uma conhecida senhora nova-iorquina, a Sra. Jennie Watson, da Great James Street.

A razão ostensiva pela qual o Sr. Boaler me apresentou essa senhora era o intenso desejo dela de castigar fisicamente o meu diretor, ato que, segundo me assegurou, já praticara anteriormente contra outra pessoa e que teria enorme prazer em repetir em meu benefício.

Embora tenha recusado imediatamente a sua nobre oferta, aceitei a sua amizade, a qual, juntamente com a do Sr. Boaler, perdurou durante muitos anos e constituiu uma fonte de inexprimível alegria para a minha mãe e para mim durante as nossas experiências americanas.

O segundo resultado da política do meu diretor ao condenar-me à relativa inatividade foi que, necessitando de ocupação e entretenimento, procurei ambos da seguinte maneira.

Na nova pensão para onde o nosso bondoso médico nos recomendara mudar, sentávamo-nos naturalmente à mesa com muitos outros hóspedes. Entre eles encontrava-se um casal que, embora fosse composto por pessoas agradáveis, despertava em mim simultaneamente surpresa e horror, pois falavam incessantemente das suas comunicações com os «Espíritos dos mortos», os quais descreviam como estando todos vivos novamente e comportando-se quase como se mantivessem relações íntimas com as pessoas da Terra que haviam deixado para trás.

Para compreender corretamente o horror e a aversão que tais conversas me inspiravam, é necessário explicar que, embora eu tivesse sido sempre uma «vidente de fantasmas» e estivesse habituada a ouvir vozes misteriosas, nunca conseguira associar essas visões e sons aos «Espíritos dos mortos».

Não sabia quem ou o que eram as aparições que via, nem de onde provinham as vozes, a música e os outros sons que ouvia.

Quando me tornei a Vidente escolhida de uma certa sociedade ocultista, já anteriormente mencionada, encontrava-me sempre num estado sonambúlico do qual não conservava memória ao despertar.

Além disso, os meus associados ocultistas haviam-me ensinado que existiam reinos de seres submundanos ou elementares que apareciam na Terra sob a forma de fantasmas, espectros e demónios, bem como existências supramundanas, tais como anjos, espíritos planetários e solares. As aparições observadas sob forma humana seriam apenas sombras, vestígios ou emanações dos mortos, resultantes do pernicioso costume dos enterramentos terrenos em vez da cremação.

Devo acrescentar ainda que, na total ausência de conhecimentos comprovados e fiáveis acerca desses assuntos, tanto no meu caso como no de milhões de outros cristãos, os elementos intensamente espirituais da minha natureza apenas encontravam expressão nos ensinamentos da ortodoxia e nas crenças adquiridas através da obrigação de ouvir sermões, frequentar a igreja em períodos determinados ou desempenhar funções de organista e cantora nos serviços religiosos.

Numa palavra, eu era, e sempre tinha sido, uma jovem profundamente piedosa. Assim, as conversas familiares dos meus novos conhecidos acerca de Espíritos — que eu sabia, ou julgava saber, terem ido para junto de Deus, ou para o lado oposto, ou então estarem a dormir na terra até ao dia da ressurreição, milhões de anos no futuro — chocavam-me tanto que sentia ser quase uma profanação permanecer sob o mesmo teto de pessoas que falavam dessa forma.

Depois de expor essas preocupações à minha senhoria, ela assegurou-me que os indivíduos de quem eu me queixava, a quem chamou pelo termo até então desconhecido para mim de «espiritualistas», estavam entre os seus hóspedes mais respeitáveis e estimados. Acrescentou que apenas desejava que eu os conhecesse e conversasse com eles em privado, pois tinha a certeza de que mudaria de opinião.

Tendo finalmente consentido nessa entrevista por dever de consciência, fiquei tão profundamente interessada pelo relato simples e direto que me fizeram acerca da comunicação com os espíritos e das manifestações espirituais amplamente difundidas que descreveram, que acabei por aceitar acompanhar o Sr. Ranney, um digno cavalheiro canadiano e um dos temidos «espiritualistas», a um local onde, segundo me garantiu, poderia verificar por mim própria a verdade das suas afirmações.

Apesar do fascínio que a possibilidade do regresso dos Espíritos exercia sobre mim, foram necessárias muitas conversas e grande persuasão para me convencer a visitar o «depósito de Espíritos», como eu depreciativamente lhe chamava, onde deveria obter as provas prometidas.

Quando finalmente superei os meus escrúpulos, acompanhei o meu novo amigo até uma casa de aspeto modesto na Canal Street e, depois de subir dois ou três lanços de escadas estreitas e sem alcatifa, encontrei-me numa sala sombria e mal mobilada.

Ali, um grupo de pessoas de aspeto vulgar estava sentado em torno de uma mesa de madeira, observando com aparente interesse profundo os seus incessantes e vigorosos movimentos de balanço.

Embora me tivessem informado de que aquela «sala do círculo» era pública e aberta a qualquer visitante que pagasse a quantia estipulada à entrada, o meu acompanhante sussurrou-me que o grupo estava precisamente a receber uma comunicação dos «Espíritos» e que deveríamos aguardar em silêncio até à sua conclusão, após o que certamente seríamos convidados a juntar-nos ao círculo.

Sem a menor ideia de que relação poderia existir entre uma comunicação espiritual e aquela mesa oscilante, mantive os olhos e os ouvidos bem atentos.

Ouvi então um homem magro e de semblante triste, sentado numa das extremidades da mesa, repetir incessantemente as letras do alfabeto num tom monótono até finalmente parar.

Nesse momento, uma das pessoas presentes, que parecia estar a escrever, declarou em voz clara e alta:

— O Espírito responde: «A imortalidade seria mera ficção se não existisse outra prova além do ensinamento bíblico.»

Isso bastou para mim.

Aqueles horríveis infiéis de aspeto cadavérico estavam a atacar a Bíblia!

Sem ter a menor ideia da pergunta que motivara tal resposta, de quem a fizera ou da forma como a resposta fora obtida, bastava-me ouvir as palavras «ficção» e «Bíblia» misturadas de forma que me pareceu irreverente e depreciativa.

Como centenas de outras pessoas que mais tarde vi fugir assim que ouviam algo acerca das suas crenças cristalizadas de que não gostavam, em vez de pararem para investigar ou raciocinar, também eu fugi.

Ou melhor, devo dizer que escapei precipitadamente, descendo as escadas a correr até à rua e regressando ao meu quarto para cair de joelhos e pedir perdão por ter visitado um lugar tão infiel e por me ter encontrado entre pessoas tão infiéis.

Passou algum tempo até que o choque sofrido pela minha natureza religiosa diminuísse.

Depois, cansada do tédio que a inatividade forçada me impunha, ocorreu-me uma ideia brilhante para ocupar o meu tempo.

Eu estava habituada a escrever para publicações musicais e teatrais. Tinha prometido a alguns dos meus colegas literários de Londres enviar notas sobre as minhas experiências americanas e que excelente artigo poderia produzir expondo esta «charlatanice ianque» dos «Espíritos» que falavam através de mesas oscilantes!

Além disso, como o meu contrato no teatro terminaria dentro de poucas semanas, parecia extremamente desejável aproveitar desde logo a ocasião e aprender o suficiente acerca daquela «horrível patranha» para poder escrever mais tarde, antes do meu regresso a casa, um artigo devastador sobre as «tolices americanas».

Com o propósito de levar a cabo esse projeto hospitaleiro e altamente meritório, ouvi com mais atenção do que o habitual um dos

meus amigos do teatro, o Sr. Augustus Fenno, com quem frequentemente contracenava nas peças em que me era permitido participar e que, além de ser uma companhia extremamente sociável, falava incessantemente a todos os que o quisessem ouvir acerca dos Espíritos — das coisas maravilhosas que podiam fazer e da extraordinária inteligência que podiam e efetivamente comunicavam.

Tendo mencionado ao Sr. Fenno, numa das nossas conversas, a minha profunda repulsa e indignação perante as palavras que ouvira na sessão de Canal Street, onde, segundo eu afirmava, ouvira a palavra de «Deus» e a Bíblia serem tratadas com desconsideração, o Sr. Fenno instou-me a visitar outro médium, conhecido seu, através do qual, dizia ele, eu não ouviria nem testemunharia nada menos do que a verdade irrefutável.

Mantendo presente a minha determinação de denunciar toda aquela questão em artigos destinados aos meus compatriotas ingleses, concordei em visitar essa *rara avis* do Sr. Fenno, com uma condição: que ele me levasse **ali e naquele mesmo instante**.

— Quer dizer — respondeu o Sr. Fenno — antes que eu tenha qualquer oportunidade de preparar o médium com uma visita prévia, dizendo-lhe quem é ou o que deve dizer-lhe?

— Exatamente — respondi secamente.

— Muito bem — disse o meu amigo, rindo-se. — Melhor assim. Dessa forma, tudo o que obtiver será genuíno e inesperado.

Poucos minutos depois, encontrávamo-nos já na rua, a caminho de outra casa em Canal Street, onde eu não seria apresentada ao médium, mas apenas observaria e tiraria as minhas próprias conclusões.

Os resultados dessa visita terei agora de os reservar para o capítulo seguinte.

CAPÍTULO III

A AURORA DA LUZ

Subindo uma vez mais as estreitas escadas sem alcatifa de uma casa de hóspedes em Canal Street, e com todos os sentimentos de preconceito despertados pela pobreza do ambiente, encontrei-me numa pequena sala modestamente mobilada.

Após várias pancadas à porta e alguma espera, fomos recebidos por uma jovem que o Sr. Fenno identificou brevemente como a senhora hoje conhecida por **Ada Foye**.

À pergunta do Sr. Fenno sobre se poderia receber-nos para uma consulta, respondeu afirmativamente.

A dita «médium», como o Sr. Fenno lhe chamara, parecia muito jovem e não apresentava, nem na aparência nem nas maneiras, nada daquela estranheza que normalmente se associa à ideia de uma «bruxa». Menos ainda revelava o comportamento subtil e calculista que habitualmente caracteriza um impostor.

Parecia conhecer o Sr. Fenno e, sem se dignar prestar qualquer atenção a mim, que ele apresentara apenas como «uma jovem amiga que desejava uma consulta», indicou-me uma cadeira junto de uma mesa descoberta e iniciou uma conversa animada com o meu acompanhante.

Mal me sentei, ouviu-se uma sucessão de sons semelhantes a pancadas vindas da parte inferior da mesa.

— Ah! Aqui estão eles — disse a médium. — A sua amiga é também uma grande médium.

Olhei imediatamente para o teto, para verificar se este não estaria prestes a desabar sobre uma criatura tão pecaminosa como aquela que acabara de ser designada «grande médium».

— Tome — acrescentou ela, empurrando para mim um cartão coberto pelas letras do alfabeto. — Pegue neste lápis.

Entregou-mo e prosseguiu:

— Vejo que é cética. Por isso, aponte você mesma para as letras e eles baterão naquelas que desejarem utilizar para formar palavras.

«Eles», pensei. «Quem são eles, gostaria eu de saber.»

As pancadas tornaram-se então fortes e violentas.

Esperei até que a médium e o meu amigo estivessem profundamente envolvidos numa conversa irrelevante e, agarrando a leve mesa de madeira, virei-a bruscamente para procurar as molas ou qualquer mecanismo responsável pelos sons.

Imediatamente, pancadas igualmente fortes abandonaram a inocente mesa e começaram a ressoar sob os meus pés, no chão, com força quase ensurdecadora.

Num instante estava de joelhos, tateando o soalho em busca das molas inexistentes.

Logo de seguida, como por magia, os sons abandonaram o chão e ecoaram pelas paredes, pela cornija da lareira, pela porta e por todas as partes da sala.

Confusa e atônita, deixei-me cair numa cadeira. Nesse momento, violentas pancadas começaram a soar nas costas da própria cadeira, quase deslocando-me do assento e precisamente no local onde eu acabara de colocar a mão.

Nesse instante soube que aqueles sons não eram produzidos por qualquer mecanismo nem estavam ligados à jovem que eu viera consultar.

Compadecendo-se da minha evidente perturbação, a Sra. Foye disse, desta vez com grande bondade:

— A senhora própria é uma grande médium e os Espíritos, segundo a impressão que recebo, têm uma obra importante a realizar através de si.

— Agora acalme-se. Aponte com esse lápis para as letras do alfabeto e o Sr. Fenno registrará aquelas sobre as quais ocorrerem as pancadas.

— Veja, vou afastar-me da mesa, mas permanecerei sempre à sua vista.

Ó céus! Que cena se seguiu!

Todos os amigos que eu alguma vez conhecera — e até simples conhecidos cuja existência já há muito esquecera — regressaram sem serem chamados.

As pancadas indicavam letras específicas do alfabeto, soletrando nomes, idades, locais onde viveram e morreram e, por vezes, escrevendo rapidamente, através da mão da médium, detalhes de factos comprovativos, acontecimentos e até segredos conhecidos apenas por mim entre todos os seres vivos da Terra; segredos profundamente enterrados no meu coração e conhecidos apenas por mim e «pelos mortos».

Tudo isto sucedeu ao longo de mais de duas horas, durante as quais o panorama da minha vida e da vida de muitos daqueles que tinham caminhado ao meu lado e que eu julgava mortos passou diante de mim com uma precisão de detalhes e uma revelação de factos há muito sepultados que nenhum outro registo existente no mundo poderia ter fornecido.

A dúvida fora aniquilada.

O ceticismo fora destruído.

Ali estávamos nós três.

Dois deles eram completos desconhecidos da história, carácter e circunstâncias passadas da terceira pessoa presente.

E, contudo, naquela pequena sala reuniam-se multidões invisíveis — amigos e inimigos — todos contando a sua própria história e oferecendo provas da sua identidade que nenhuma pessoa sensata poderia rejeitar.

Todos vieram, exceto um.

E esse único ausente era o mais querido de todos para mim: o meu único e amado irmão, o jovem marinheiro, que se despedira de mim poucos anos antes e cuja morte numa terra estrangeira esmagara

a minha juventude e transformara a rapariga alegre e ardente numa mulher de luto.

Ele, o segundo eu da minha adolescência, não apareceu.

Senti que não devia prolongar mais a sessão. Percebia que os meus companheiros estavam cansados e que aquela memorável visita teria de terminar.

Foi então que, sem sequer mencionar o nome ou a profissão do meu irmão, exprimi a amarga decepção que sentia por ele não ter vindo.

— Tente outra vez — disse a paciente médium.

Responderam fortes pancadas.

Agarrei o cartão e apontei para a primeira letra do seu nome, mas a soletração transformou-se numa frase que eu não conseguia compreender.

As letras anotadas pelo meu agora excitado amigo formavam as palavras:

«Querida Emma, encontra uma grande serpente marinha para Tom.»

Ó misericordiosas potências!

Tinham sido aquelas as últimas palavras que o meu irmão marinheiro me dirigira em vida.

Há muito as esquecera e nunca as teria recordado sem aquela recordação fornecida pelo único ser existente que as conhecia.

O seu significado era o seguinte:

Eu fora educada como cantora de ópera e praticava quase exclusivamente música italiana ou alemã.

O jovem marinheiro exprimira muitas vezes o desejo de que eu aprendesse certas «belas canções marítimas» de que gostava, entre as quais *Tom Starboard* e *A Great Sea Snake*, que para ele representavam o auge do gosto musical.

Aprendera a primeira para lhe agradecer, mas recusara estudar a segunda por não conseguir encontrar nem a letra nem a música.

Tom estava convencido de que uma canção «tão popular» teria necessariamente de existir.

E, ao despedir-se de mim pela última vez, para partir numa viagem da qual jamais regressaria em vida terrena, chamou-me da porta enquanto eu me inclinava sobre as escadas para captar um último vislumbre do seu rosto amado, pronunciando exatamente as palavras registadas acima.

E agora, como poderia separar-me dele novamente?

Permanecendo ainda ali, desejando piedosamente mais alguma comunicação, disse:

— Se és realmente tu, Tom, diz-me o nome do navio em que partiste.

Nenhuma pancada respondeu.

Mas a médium estendeu um pedaço de papel onde estivera a escrever rapidamente.

Lemos então uma mensagem redigida antes mesmo de eu formular a pergunta:

«Parti no H.M.S. a manifestação de uma rapariga zangada.»

— Que significado tem isto? — exclamaram os meus companheiros.

— Partiu no navio de Sua Majestade *Vixen* — respondi. — Mas, Tom, porque falas por enigmas?

A médium escreveu novamente:

«Usei essas palavras apenas para indicar o significado do nome do meu navio, *Vixen* [raposa fêmea; mulher irascível], para que, no futuro, ninguém dissesse que as minhas respostas provinham da leitura do teu pensamento.

As minhas respostas pareciam demasiado absurdas para terem estado na tua mente, querida, mas tu conheces o seu significado e sabes que ninguém além de Tom as poderia ter soletrado.

E agora adeus, por enquanto.

Volta para junto da mãe e ela dir-te-á que encontrou algo na sua velha caixa de lata que vale o seu peso em ouro.»

Ao despedir-me da querida médium, já não com indiferença mas com muitos beijos afetuosos e lágrimas nos olhos de ambas, saí naquele dia para as ruas como uma pessoa completamente transformada.

O mundo e tudo o que nele existia tinham mudado.

Aturdida como estava, insisti em fazer à médium e ao meu amigo Fenno perguntas como:

— Onde vivem estes espíritos?

— De onde vêm?

— Conseguem ver-nos?

— E, se conseguem, porque não podemos nós vê-los?

A estas e a outras perguntas semelhantes responderam brevemente, com as respostas pontuadas por fortes pancadas, explicando que o mundo espiritual se encontrava aqui mesmo, constituindo o mundo da alma da Terra, invisível para nós, tal como as nossas próprias almas são invisíveis aos olhos físicos e apenas podem ser apreendidas através das manifestações que produzem na matéria.

Satisfeita ou não com esses fragmentos de filosofia, saí para o ar livre com a consciência — melhor, com a certeza — de que ele estava cheio de Espíritos.

Cheio de um mundo novo, embora invisível.

Povoado por seres vivos cuja existência a humanidade desconhecia.

Seres considerados mortos, perdidos para nós talvez para sempre, mas que na realidade estavam vivos e se moviam à nossa volta, observando-nos por vezes, se não constantemente, lendo os nossos pensamentos secretos, seguindo os percursos ocultos das nossas vidas.

Um mundo dentro de outro mundo.

Enchendo as nossas ruas, cidades, a Terra, o ar e os céus.

E nós vivendo completamente inconscientes da sua presença, chamando-lhes mortos e julgando-os desaparecidos para sempre.

Posso verdadeiramente afirmar que regressei à minha residência temporária como uma pessoa transformada, tão transformada quanto o mundo e tudo o que nele existia agora me pareciam.

Mal regressei à nossa pensão, fui recebida pela minha mãe com as seguintes palavras:

— Emma, minha querida, tenho a certeza de que vais ficar encantada com aquilo que te vou contar. Fui à velha caixa de lata procurar aquele papel de que te falei e, ao abrir um maço das cartas do nosso querido rapaz, pensando que talvez lá tivesse sido guardado por segurança, sabes o que encontrei? Algo que vale o seu peso em ouro.

E continuou, sem esperar pela minha resposta:

— Vê, querida, aqui está aquele retrato a lápis do nosso querido Tom, feito pelo Sr. Thomas Thorne, precisamente quando o rapaz se preparava para a sua última viagem.

Mostrou-me então um pequeno esboço a lápis do nosso marinheiro perdido que, embora executado por um amador, era um excelente retrato.

O que, porém, ressoou nos meus ouvidos como uma voz vinda do Céu foram as palavras da promessa que eu ainda trazia comigo: que, ao regressar, «a mãe me diria que estivera a procurar na sua velha caixa de lata e encontrara algo que consideraria valer o seu peso em ouro».

Seriam então aqueles Espíritos proféticos, além de clarividentes?

Depois de beijar aquele precioso achado — ainda hoje na minha posse e contemplando-me da parede enquanto escrevo estas linhas — informei calmamente a minha mãe de que acabara de visitar outro médium espírita.

A esta revelação, a minha mãe respondeu com uma declaração enfática: embora me tivesse acompanhado por todo o mundo e continuasse disposta a seguir-me para qualquer lugar, não sentia a menor simpatia por aquele assunto horrível e blasfemo; e, se eu

persistisse na sua investigação, deveria preparar-me para vê-la partir para Inglaterra no navio seguinte, pois nunca permaneceria sob um teto onde tais abominações fossem praticadas.

Verificando que eu estava mais inclinada a partilhar os seus sentimentos do que a contrariá-los, a minha mãe perguntou-me quais tinham sido os resultados da visita.

Em resposta, li-lhe, sem comentários, todas as perguntas e respostas da sessão, juntamente com as minhas notas completas.

Foi então que o bom senso triunfou sobre o fanatismo e o preconceito.

Quando a minha sensata ouvinte ouviu aqueles preciosos testes, demasiado claramente identificáveis com o seu filho, o seu marido e os seus familiares mais queridos para que pudesse existir qualquer engano, e quando, através de perguntas diretas, conseguiu obter de mim uma descrição minuciosa de toda a cena, depois de me fazer repetir inúmeras vezes as instruções que recebera sobre como sentar-me a uma mesa para o desenvolvimento mediúnico, concluiu a experiência colocando uma pequena mesa diante de si, de mim e de uma jovem senhora que então nos visitava.

Ali, com os nossos três pares de mãos solenemente pousados sobre a superfície da mesa e num silêncio reverente, permanecemos sentadas, «à espera dos Espíritos».

Seria igualmente cansativo para os leitores e impossível para mim recordar todas as estranhas evoluções realizadas pela nossa mesa quando nós as três, quase após cada refeição, corríamos para o quarto e colocávamos novamente as mãos sobre aquele misterioso objeto de madeira, outrora conhecido simplesmente como mesa, mas que agora parecia possuir um princípio de vida muito mais ativo do que os três mortais que se sentavam diante dele.

Na verdade, não se pode dizer exatamente que nos sentássemos à mesa, porque a criatura passava o tempo a fugir de nós para os cantos do quarto e até para cima de outras mesas, tombando para os nossos colos, tentando elevar-se para o teto como um pássaro e esforçando-se depois por descer de pernas para o ar sobre as nossas cabeças.

A principal diversão daquela terrivelmente animada peça de madeira parecia, contudo, ocorrer quando eu me sentava ao piano e começava a tocar.

Seria evidente para qualquer observador — se tivéssemos ousado admitir algum às nossas práticas ímpias — que o demónio de madeira não só era apaixonadamente amante da música, como também excelente conhecedor da mesma.

Não apenas me seguia até ao instrumento, como pousava afetuosamente um dos seus cantos sobre o meu ombro e marcava o compasso dançando pelo chão, acelerando ou abrandando conforme as mudanças de andamento e ritmo da peça que eu executava.

Desde então, tanto a minha mãe como eu assistimos centenas e centenas de vezes ao movimento de objectos inanimados na presença de certos médiuns, sem qualquer surpresa ou receio.

Mas testemunhar pela primeira vez uma série tão mágica de fenómenos, e sem a presença de qualquer adepto capaz de interpretar tais mistérios, constituiu, como facilmente se compreenderá, uma prova de nervos quase superior às forças humanas.

Por vezes, vozes sussurrantes pronunciavam nomes familiares junto ao meu ouvido e rostos luminosos apareciam diante de mim por um instante apenas para desaparecerem de seguida.

Esses sons e visões convenceram-me de que a terrível mesinha não passava de uma espécie de bateria eléctrica acionada por operadores invisíveis, obrigando-nos a perguntar quem poderia ser o autor de fenómenos tão inexplicáveis, senão aqueles mesmos Espíritos que começáramos por invocar.

Tínhamos ainda mais razões para aceitar essa conclusão quando as manifestações da mesa cessaram tão subitamente como haviam começado.

Tudo voltou à quietude.

Não conseguíamos obter o menor sinal ou movimento da nossa bruxa de madeira.

Mas, em substituição dessas manifestações, comecei a soletrar através do alfabeto — que um bom amigo nos tinha arranjado — toda a espécie de mensagens, nomes e frases inesperadas.

A força que antes parecia residir na mesa ambulante parecia ter-se transferido repentinamente para as minhas mãos e braços, obrigando-me a apontar para letras que, uma vez anotadas, formavam mensagens exatamente da mesma forma que acontecera com a Sra. Foye.

De vez em quando ouviam-se ainda algumas pancadas diretamente sob os meus pés, mas estas produziam em mim um terror tão indescritível que fugia da sala e, por vezes, até descia as escadas e saía para a rua.

Só mediante insistentes persuasões e a promessa de abandonar futuras sessões a minha mãe e a nossa amiga conseguiam convencer-me a regressar àquele «lugar assombrado».

Não demorou, contudo, até que essas experiências perturbadoras fossem substituídas por métodos mais ordeiros e satisfatórios.

O nosso círculo de conhecidos espiritualistas alargava-se constantemente e, entre eles, encontrava-se um comerciante de música de Nova Iorque, o Sr. Waters.

Era um espiritualista sincero e inteligente e, quando lhe explicámos as dificuldades que encontrávamos nas nossas investigações, assegurou-me que eu apenas precisava de ser «desenvolvida» para me tornar uma excelente médium.

Não estando inteiramente certa de que esse processo de desenvolvimento não implicasse algum tipo de operação cirúrgica, procurei informar-me sobre o assunto com alguma apreensão.

O Sr. Waters respondeu que significava apenas a introdução de novo magnetismo no organismo através da intervenção de um médium poderoso e experiente.

Acrescentou que conhecia precisamente uma pessoa com essas características, uma certa Sra. Kellogg, que dirigia círculos públicos e que, se eu estivesse disposta, me apresentaria a ela.

— Quando? — perguntei.

— Porque não esta noite?

— Amanhã à noite — respondeu.

— Ora essa — repliquei —, o senhor ainda tem algum trabalho para fazer na sua loja antes de ficar livre para o resto da noite. Eu conheço a sua loja, já lá comprei música e, com a sua autorização, acompanhá-lo-ei. Posso esperar, mas quero ver a Sra. Kellogg imediatamente ou então não a verei de todo.

— Quer dizer que não confia em mim — respondeu o Sr. Waters, rindo-se — e receia que eu prepare a Sra. Kellogg para a sua visita.

— Não, não se desculpe. Pelo contrário, mantenha sempre essa atitude cautelosa ao longo das suas investigações espiritualistas. Graças a essa prudência evitará mil erros em que pessoas demasiado entusiastas e irrefletidas caíram ao lidar com este assunto novo e misterioso.

Poucos minutos depois, a minha mãe e eu já estávamos prontas para sair.

Juntámo-nos ao Sr. Waters na sala, acompanhámo-lo até à sua loja e, pouco depois, seguíamos caminho para a casa onde a Sra. Kellogg residia, na parte alta da Broadway.

Naquela época, a Sra. Kellogg era uma médium pública bem conhecida e altamente respeitada.

Quando batemos à porta dos aposentos que ocupava, informaram-nos de que estava prestes a iniciar o seu habitual círculo de terça-feira à noite.

O Sr. Waters, conhecendo a família, foi imediatamente admitido, limitando-se a acrescentar que desejava que as senhoras que o acompanhavam tivessem o privilégio de participar no círculo.

Depois de pagas as taxas habituais, fomos cordialmente convidadas a tomar lugar numa sala já quase cheia de desconhecidos.

Enquanto aguardava o meu destino com sombrios pressentimentos, fui subitamente interpelada pela médium, à qual eu própria pedira para não ser apresentada:

— Venha para aqui e sente-se ao meu lado; é uma grande médium.

Obedeci e sentei-me à mesa.

A senhora começou então a esfregar-me vigorosamente as mãos, queixando-se repetidamente de eu usar um vestido de seda.

Porque razão não deveria usá-lo era algo que ultrapassava a minha compreensão.

Antes, porém, que conseguisse formular essa pergunta, uma estranha sensação nebulosa tomou conta de mim, obscurecendo completamente as minhas faculdades.

Quando tentei recordar quem era, convenci-me apenas de que era um respeitável cavalheiro idoso.

Nessa personagem, segundo mais tarde me informaram, forneci a diversos estranhos presentes na sala notáveis provas de identidade espiritual através da personificação.

Recapitular os acontecimentos e sensações dessa noite — a primeira da minha experiência efetiva como médium de provas — seria simplesmente impossível.

Basta registrar que o toque da mão da Sra. Kellogg atuou como uma vara mágica, iluminando os fogos latentes do poder magnético que, uma vez acesos, passaram a arder para sempre como a luz constante da faculdade mediúnica em mim.

Durante as três horas da sessão daquela noite, verificou-se que eu conseguia fornecer provas de identidade espiritual através de personificações, impressões, escrita e movimentos automáticos dos dedos sobre o alfabeto.

Todos os presentes pareciam muito mais interessados nesse desenvolvimento inesperado do que eu própria, pois, para dizer a verdade, encontrava-me tão confundida com as minhas próprias e

extraordinárias manifestações e tão influenciada pelos espíritos que me controlavam que estava muito mais inclinada a duvidar da minha própria identidade do que da identidade dos espíritos que me diziam representar.

Apesar de todas as impressionantes provas de poder e identidade espiritual que recebera através da Sra. Foye — provas convincentes para toda a gente exceto para mim — e apesar das evidências diárias que se multiplicavam desde aquela memorável sessão, eu continuava incapaz de acreditar.

Não porque não quisesse acreditar, mas porque, como hoje compreendo, os meus bons e sábios conselheiros espirituais reconheciam a necessidade de eu ter absoluta certeza do terreno que pisaria e para o qual deveria conduzir outros, antes de me entregar a uma aceitação demasiado rápida de factos tão sem precedentes.

Tudo isto consigo agora compreender «face a face», embora naquela época possa verdadeiramente dizer que apenas «via como por um espelho, obscuramente».

CAPÍTULO IV

«ESTANDO MORTO, AINDA FALA»

Como auxílio ao meu futuro desenvolvimento, a Sra. Kellogg aconselhara-me a utilizar o alfabeto e a continuar a sentar-me em períodos regulares para praticar.

Prometi fazê-lo, mas, não encontrando o tempo necessário, as minhas convicções acerca da origem espiritual das manifestações anteriores enfraqueciam cada vez mais a cada hora que passava.

Mencionei num capítulo anterior que chegara à América a bordo do vapor *Pacific*, pertencente à linha Collins.

Desde a minha chegada a Nova Iorque, mantivera relações amistosas com alguns dos oficiais do navio, entre os quais e eu se trocavam pequenos atos de amizade sempre que a embarcação entrava no porto.

O *Pacific* deveria chegar precisamente no memorável dia em que fui desenvolvida como médium, isto é, na terça-feira, 19 de Fevereiro de 1856.

Na quarta-feira desci ao cais na esperança de receber um pequeno pacote que me seria enviado de Inglaterra por intermédio de um oficial com quem mantivera uma relação particularmente cordial desde o nosso desembarque.

O navio ainda não chegara e não havia qualquer notícia dele.

Como, porém, estava apenas cerca de trinta horas atrasado e a estação do ano tornava plausível que tempestades invernais tivessem provocado o atraso, ninguém manifestou preocupação.

Nessa noite, precisamente quando a minha mãe e eu nos preparávamos para nos recolher, um frio súbito e invulgar percorreu-me o corpo e uma impressão irresistível apoderou-se da minha mente: um espírito tinha entrado na nossa presença.

Uma sensação como se água estivesse a correr sobre mim acompanhava aquele frio glacial, e um terror indescritível tomou conta de todo o meu ser.

Implorei à minha mãe que acendesse todas as lâmpadas que tivéssemos à mão e depois abrisse a porta, para que a proximidade das pessoas que se encontravam na casa pudesse ajudar a dissipar o horror que parecia impregnar o próprio ar.

Por fim, por sugestão da minha mãe, aceitei sentar-me à mesa, com o alfabeto colocado voltado para ela e não para mim, para que pudesse acompanhar os movimentos involuntários do meu dedo, que alguma força parecia guiar ao apontar para as letras.

Dessa forma foi rapidamente soletrada a mensagem:

«Philip Smith, navio *Pacific*.»

Durante alguns momentos, essa forma de manifestação cessou.

Então, para meu horror, senti distintamente uma mão gelada pousar sobre o meu braço; em seguida, algo puxou claramente os

meus cabelos compridos e encaracolados, de forma visível até aos olhos da minha mãe.

Ao mesmo tempo, o frio do ambiente aumentava de tal maneira que o quarto parecia invadido por ventos árticos.

Passado algum tempo, a minha própria mão convulsionada começou a mover-se, tremendo mas muito rapidamente, para soletrar:

«Minha querida Emma, vim dizer-te que estou morto. O navio *Pacific* perdeu-se e todos os que estavam a bordo pereceram; nem ele nem a sua tripulação voltarão jamais a ser vistos.»

Nessa noite pouco ou nada consegui dormir.

Na manhã seguinte, por sugestão da minha mãe, fui imediatamente procurar a nossa boa amiga Sra. Kellogg, conforme ela própria me pedira que fizesse sempre que surgisse alguma situação em que necessitasse do seu conselho.

Apesar do carácter inesperado da mensagem recebida e da força com que se manifestara, eu continuava a duvidar.

Foi nesse estado de espírito que subi apressadamente até à residência da Sra. Kellogg.

Enquanto subia os dois lanços de escadas que conduziam aos aposentos que procurava, reparei que era seguida por um cavalheiro idoso que também subia, embora com muito menos facilidade e rapidez.

Ao chegar ao patamar, qual não foi o meu espanto ao ver a Sra. Kellogg sair do seu quarto com os grandes olhos azuis fixos e vidrados, como se estivesse no mesmo estado de transe em que eu a vira anteriormente.

Dirigiu-se diretamente a mim, tomou-me pela mão e disse, numa voz forçada e pouco natural:

«Minha querida Emma, vim dizer-te que estou morto. O navio *Pacific* perdeu-se e todos os que estavam a bordo pereceram. Nem ele nem a sua tripulação voltarão jamais a ser vistos.»

— Meu Deus do Céu! — exclamei.

O vigor do meu grito despertou imediatamente a Sra. Kellogg do transe.

— Veja isto! — disse eu.

E, estendendo-lhe o papel que trouxera comigo, li em voz alta — e suponho que bastante excitada — a mensagem recebida na noite anterior, que reproduzia quase palavra por palavra aquilo que acabara de ouvir, exceto quanto à assinatura.

Nesse momento, a nossa entrevista foi interrompida pelo velho cavalheiro que me seguira escada acima e que agora exclamava, em voz alta e irritada:

— Vocês são duas impostoras! Como se atrevem a profetizar a perda do meu navio?

— Oh, Sr. Collins, é o senhor? — respondeu a Sra. Kellogg.

Mais tarde soube por ela que aquele pobre cavalheiro era ninguém menos do que o Sr. Collins, proprietário da linha marítima à qual pertencia o *Pacific*.

Era também o proprietário do navio *Arctic*, no qual a sua infeliz esposa e o seu filho haviam perecido num terrível naufrágio causado por uma colisão com um icebergue.

Sem conhecer nenhum destes pormenores, compreendi apenas que estava a mais naquela cena.

Por isso, depois de sussurrar discretamente à Sra. Kellogg:

— Recebi esta comunicação através do alfabeto na noite passada.

e de lhe entregar a minha cópia da mensagem, retirei-me imediatamente.

Mais tarde ouvi dizer que o pobre E. K. Collins, depois de perder a esposa e a filha a bordo do *Arctic*, consultara frequentemente a Sra. Kellogg acerca do seu destino e era um firme crente no Espiritualismo.

Ainda assim, talvez fosse compreensível a sua indignação ao ouvir-nos prever a perda do *Pacific*, apenas alguns dias antes da data prevista para a sua chegada.

Não preciso recordar aos leitores que essa afirmação foi rigorosamente confirmada pelos acontecimentos posteriores.

O *Pacific* e a sua infeliz tripulação nunca mais foram vistos.

E, apesar das ameaças indignadas de processo judicial feitas contra as «impostoras» que ousavam prever o seu desaparecimento com base em comunicações espirituais — previsões que tanto eu como outras pessoas a quem contei os factos não hesitámos em repetir —, Philip Smith e alguns dos seus companheiros de infortúnio, através das mensagens enviadas do porto que felizmente acolhera os seus espíritos libertados, foram os únicos reveladores que alguma vez levantaram o terrível véu que cobria o seu túmulo oceânico.

A partir desse momento, e durante um período de dezoito meses, sentei-me regularmente para todos aqueles que procuravam os meus serviços como médium de provas, produzindo uma grande variedade de manifestações.

Estas sucediam-se rapidamente, cada uma afetando todo o meu organismo de forma intensa e poderosa.

Via frequentemente espíritos, descrevendo-os e conversando com eles como fazia com os meus semelhantes.

Escrevia de diversas formas, automaticamente e por impressão; falava em diferentes estados de transe e semiconsciência; tornei-me psicómetra, clarividente e, ocasionalmente, curadora.

Na verdade, à exceção das manifestações físicas mais violentas — ou daquilo que mais desejava do que qualquer outra coisa, a mediunidade para pancadas — não consigo indicar uma única forma de mediunidade pela qual não tenha passado e na qual não tenha sido exercitada.

As minhas experiências durante esse período seriam suficientes para encher volumes inteiros e não permitem sequer uma descrição resumida neste esboço.

Visitei praticamente todos os médiuns de quem conseguia ouvir falar.

Participei em círculos de manhã, à tarde e à noite.

Prossegui as minhas investigações em sótãos, caves, salões e auditórios públicos.

Ora era elevada ao êxtase, ora mergulhada na tristeza.

Era atormentada por dúvidas, confundida por contradições e erros.

Mas, no meio de tudo isso, permanecia o grande facto fundamental: os espíritos desencarnados podiam comunicar com a Terra e os espíritos ainda encarnados podiam e efetivamente atuavam magneticamente uns sobre os outros, apareciam por vezes em lugares distantes e frequentemente transmitiam comunicações com tanta exatidão quanto os espíritos do outro mundo.

Nenhum aspeto dos fenómenos espirituais me causou maior perplexidade do que essas comunicações com os espíritos dos vivos.

De que fonte provinham ou segundo que lei se produziam tais manifestações, não pretendo agora discutir.

A minha própria experiência, confirmada por muitas outras, testemunha abundantemente esse facto.

Tantas vezes vi os espíritos de pessoas ainda vivas, descrevi-os e recebi manifestações suas como se já habitassem efetivamente o mundo espiritual, que por vezes me senti inclinada a atribuir todo o fenómeno do Espiritualismo à mesma causa.

Mas, nesses momentos de ceticismo, surgiam invariavelmente revelações tão claramente identificáveis com os falecidos — e apenas com eles — ou provas tão belas e luminosas de genuína comunicação proveniente do mundo angélico, que voltava a sentir-me segura quanto ao facto fundamental de que a alma humana desencarnada pode e efetivamente comunica a partir das esferas para além do túmulo.

Em todas as minhas experiências e dificuldades tive, contudo, a vantagem de poder aconselhar-me com espiritualistas sábios, instruídos e experientes.

Entre eles posso mencionar com igual afeto e reverência o nobre cavalheiro que para mim representou um verdadeiro pai espiritual: o

Juiz Edmonds; os Drs. Gray, Hallock e Wilson; os Srs. Partridge, Brittan e muitos outros dos mais cultos e competentes investigadores.

Além destes, tornei-me cedo íntima e profundamente ligada às célebres irmãs Fox, à Sra. Kellogg, a Ada Foye, a J. B. Conklin e a muitos outros médiuns profissionais cuja força e fiabilidade eram muito superiores às de muitos dos atuais.

Além disso, integrei um grupo composto por mais de vinte médiuns nova-iorquinos não profissionais, que ofereciam gratuitamente os seus serviços a todos os que os procuravam, «sem dinheiro e sem preço».

Naqueles dias felizes do grande derramamento espiritual, era extremamente comum que um investigador visitasse um médium — profissional ou não — e, após receber uma comunicação específica, percorresse vinte ou trinta médiuns acessíveis, obtendo através das mais variadas formas de fenómeno a mesma informação, embora expressa em linguagem e formas diferentes.

No meu próprio caso, poderes proféticos notáveis e a revelação de segredos, por vezes de natureza extremamente delicada, figuravam entre as especialidades das comunicações recebidas.

Por essa razão, era frequentemente procurada por detetives, enquanto outros médiuns que se viam incapazes de resolver determinados casos de investigação encaminhavam os seus consulentes para mim.

Um dos conhecimentos mais afortunados que tive o privilégio de estabelecer, pelo menos assim o julgava então, foi com a família da Sra. E. J. French, uma excelente clarividente, curadora, eletricista e uma pessoa que, desde os primeiros dias do movimento moderno, fora dotada de extraordinárias faculdades como médium de transe, escrita, pancadas e fenómenos físicos.

Fora-me apresentada essa notável médium com o objetivo de a consultar profissionalmente acerca da possibilidade de recuperar as minhas capacidades como cantora de ópera.

Embora não me desse absolutamente qualquer esperança nesse sentido, os espíritos da Sra. French — entre os quais o principal

afirmava ser o grande descobridor da eletricidade, Benjamin Franklin — aconselharam insistentemente que a minha mãe e eu passássemos a viver com a Sra. French e as suas três encantadoras filhas.

Seguindo esse conselho, alugámos quartos na nova casa para onde a Sra. French se mudava e, durante muitos anos, vivemos com ela, integrando-nos intimamente na sua família e permanecendo constantemente ligadas à sua vida e às suas experiências profissionais.

Devo referir aqui, como uma das características marcantes da primeira vaga espiritualista, que toda a causa era sustentada sobretudo pelas classes instruídas e profissionais da sociedade.

Embora fossem frequentemente perseguidas de forma vergonhosa, com casas apedrejadas, janelas partidas e agressões ou ameaças dirigidas às suas pessoas por causa das suas crenças peculiares, a oposição partia quase sempre das camadas menos respeitáveis da população e raramente ultrapassava os limites de um incómodo temporário.

Outra característica digna de nota era que, nos primeiros tempos de que estou a falar, qualquer tentativa dos médiuns — profissionais ou não — de simular manifestações constituía uma exceção, e não, como tantas vezes se afirma hoje, uma prática frequente.

Tenho a impressão de que, sendo os médiuns completamente novos e inexperientes perante os poderes dos Espíritos, receavam interferir nas manifestações espirituais, mesmo que estivessem inclinados a fazê-lo. Por isso, quase não existiam casos de fraude detetáveis entre eles.

Retomando a minha experiência pessoal, chegou um momento de enorme importância para mim e para a minha querida mãe relativamente ao próximo movimento que teríamos de fazer no tabuleiro do destino.

Faltava apenas uma semana para terminar o meu contrato no teatro.

Tanto através da minha própria mediunidade como por intermédio de inúmeras outras fontes mediúnicas, recebia a certeza absoluta de que devia abandonar o palco.

Com a mesma unanimidade de orientações, era-me ordenado que saísse para fazer conferências públicas.

Assim, ao mesmo tempo que me sentia irresistivelmente impelida a recusar todas as propostas teatrais que me eram apresentadas, não sentia menor repugnância perante a ideia, profundamente anti-inglesa aos meus olhos, de me tornar uma pregadora.

Era assim que eu designava as oradoras espiritualistas do meu próprio sexo.

— Eu? Uma jovem inglesa? Sair para pregar como uma mulher ousada e emancipada? Que horror! — exclamava.

E assim parecia à jovem de espírito limitado, ainda sob o domínio de preconceitos tirânicos e das opiniões herdadas do Velho Mundo.

Protestava, portanto, que nunca o faria e que jamais seria capaz de o fazer.

Não! Nem que a tarefa me fosse ordenada pelos mais elevados Anjos do Céu!

Eu tinha um compromisso firme e bastante solene no «Velho País», como já aprendera a chamar a Inglaterra.

Um dia, ao responder a uma carta da pessoa em questão, que insistia no meu regresso, sentei-me para escrever-lhe, decidida a informá-la de que estaria novamente junto dela dentro de um mês.

Em vez disso, porém, escrevi deliberadamente — e em pleno uso das minhas faculdades — a descrição de uma senhora muito rica que havia proposto casamento ao meu correspondente.

Informei-o das sérias dificuldades financeiras em que então se encontrava e aconselhei-o a casar imediatamente com essa senhora, esquecendo-me por completo, porque «eu não regressaria a Inglaterra durante muitos e longos anos».

Embora me considerasse tresloucada, senão mesmo insana, por escrever uma carta daquelas, escrevi-a e enviei-a.

No correio seguinte recebi resposta.

O meu correspondente afirmava que tudo o que eu escrevera era rigorosamente verdadeiro e que, embora «só o Céu soubesse» como eu obtivera tais informações — sobretudo a descrição exata da senhora em causa —, tudo correspondia à realidade.

E, uma vez que eu não regressaria, ele decidira seguir as minhas instruções à letra, casando com uma herdeira que não amava.

Essa questão ficou assim resolvida.

Mas o que deveria fazer-se a seguir?

Era necessário assegurar o sustento da minha querida mãe naquele exílio a que eu condenara ambas.

Como?

Esse era o terrível problema.

Pela insistente vontade dos meus amigos espirituais, via-me privada das únicas duas alternativas que me pareciam possíveis: o palco ou o regresso aos amigos e à pátria em Inglaterra.

Nada parecia restar-me senão procurar alunos de música, profissão na qual possuía formação sólida.

Um dos meus mais generosos e bondosos protetores entre os espiritualistas era um rico comerciante chamado Horace H. Day, conhecido em Nova Iorque como fundador de importantes fábricas de borracha.

O Sr. Day alugara um edifício inteiro no centro comercial da cidade, no número 553 da Broadway.

Na entrada desse edifício encontrava-se um grande letreiro com a inscrição:

SOCIEDADE PARA A DIFUSÃO DO ESPIRITUALISMO CRISTÃO

Embora o Sr. Day constituísse sozinho toda a «Sociedade» e embora o espiritualismo ali difundido não tivesse a menor relação com o termo «cristão», agradara-lhe adotar essa designação e prolongar a ideia através da publicação, naquele mesmo edifício, de um jornal semanal intitulado *The Christian Spiritualist*.

Uma parte da casa era destinada à venda do jornal e dos livros e folhetos espiritualistas que já haviam sido publicados desde 1850.

Os andares superiores eram ocupados pelos impressores.

No grande salão traseiro, o generoso arrendatário instalara Kate Fox que, mediante um salário anual de mil e duzentos dólares, realizava gratuitamente sessões públicas todas as manhãs.

Quando o Sr. Day soube da minha intenção de prestar gratuitamente os meus serviços ao público, colocou gentilmente à minha disposição duas belas salas, mobiladas graças à sua generosidade, para as minhas sessões.

Ainda demasiado orgulhosa para aceitar gratuitamente tal benefício, ofereci-me para dirigir o seu jornal e continuei a fazê-lo durante todo o período em que ocupei aqueles aposentos.

Eis-me então, caro leitor, a deixar a minha residência todas as manhãs às dez horas, com a pontualidade de uma funcionária, dirigindo-me para o «Depósito Espiritual» da grande cidade.

No primeiro andar detinha-me por momentos para ouvir a pobre e paciente Kate Fox, rodeada por uma multidão exigente e resmungona de investigadores, repetindo hora após hora as letras do alfabeto, enquanto os igualmente pacientes Espíritos produziam pancadas para indicar nomes, idades e datas aos visitantes.

Depois de alguns minutos passados naquele local, acompanhados por algumas palavras de simpatia da minha parte e por uma tempestade de pancadas saudando-me da parte dos Espíritos, subia ao andar seguinte e parava diante de uma porta onde colocara uma placa com a inscrição:

ACADEMIA DE MÚSICA

Ali encontrava uma velhinha muito frágil, outrora médium modesta e ainda espiritualista convicta, encarregada de acender o meu lume.

Se eu a repreendia por chegar tarde, respondia invariavelmente:

— Tive primeiro de limpar a Miss Fox, depois de lavar o Sr. Munson (o bibliotecário do andar de baixo), depois de limpar os impressores lá em cima, e só agora tive tempo de vir tratar de si.

Despachada a Abigail com a sua habitual gratificação de alguns centimos, ficava sozinha.

Ou melhor, sozinha apenas no que respeita ao mundo visível.

Acerca das multidões invisíveis que me rodeavam naquela casa, impregnada de poder magnético em cada recanto, poderia escrever um volume inteiro sem conseguir descrever metade dos estranhos fenómenos ali ocorridos ou das maravilhosas inspirações que ali eram derramadas conforme as necessidades do momento.

Nessas salas, das onze à uma e depois novamente durante a tarde, após o almoço, atuava como médium para todas as pessoas que desejassem consultar-me.

Pelo menos três noites por semana terminavam com círculos organizados para amigos ou por marcação especial.

A componente musical dessas salas consistia nas lições que ministrava aos poucos alunos que conseguia obter.

Não eram muitos, pois a reputação do «Depósito Espiritual» bastava para afastar todos os que não fossem iniciados dos seus recintos assombrados.

Tinha ainda duas outras ocupações para preencher o meu tempo naquele lugar encantado.

Oferecera os meus serviços aos espiritualistas de Nova Iorque para tocar órgão nas suas reuniões dominicais.

A minha oferta foi não só aceite com entusiasmo como acompanhada por um salário razoável, que me foi generosamente atribuído sem eu o solicitar.

Formou-se também um coro voluntário de jovens cujos gostos musicais os inclinavam nessa direção e que passaram a trabalhar sob a minha orientação.

Esses queridos cantores reuniam-se regularmente nos meus aposentos uma vez por semana para ensaiar comigo.

Pouco tempo depois, tendo já avaliado plenamente as capacidades do coro, comecei a compor hinos, coros, peças a várias vozes e solos especificamente para eles.

Por fim, a reputação do «Coro de Dodworth Hall» tornou-se tão grande que multidões de estranhos compareciam apenas para ouvir a música, mesmo sem interesse pelas conferências.

A minha outra ocupação absorvente consistia em escrever para o jornal que prometera dirigir.

Assim, todos os momentos do meu dia, desde a manhã cedo até altas horas da noite, estavam ocupados.

E durante todo esse período fui feliz, porque me encontrava rodeada por espíritos benéficos.

Através das sessões que realizava para os visitantes podia consolar os enlutados, advertir os culpados, encorajar os justos e ensinar uma religião verdadeira e viva: o evangelho da vida reta.

E tudo isto sem livro, púlpito ou outra autoridade além dos testemunhos que os próprios Espíritos bons e maus davam acerca das suas reais condições na vida para além do túmulo.

Ganhei reputação como «médium extraordinária de provas».

Como essas provas não provinham em nenhum sentido dos meus próprios conhecimentos, mas inteiramente dos bons Espíritos que me dirigiam, posso afirmar que eram tão maravilhosas para mim como para os meus consulentes.

A cada nova sessão com desconhecidos, aumentava o meu espanto perante o poder, a inteligência e a habilidade com que os Espíritos estabeleciam a sua identidade, recorrendo a métodos que excluía completamente qualquer hipótese de adivinhação ou fraude.

No início dessas sessões eu era tão cética como qualquer dos meus visitantes.

Mas, à medida que o tempo passava e as provas se multiplicavam de todas as formas possíveis, duvidar das forças que atuavam através de mim teria sido pura loucura.

Uma das finalidades dessas experiências extraordinárias consistiu, portanto, em proporcionar-me a mim própria uma certeza irrefutável da presença e identidade dos Espíritos.

Como exemplos práticos são sempre mais eficazes do que dissertações teóricas, relatarei um dos métodos singulares através dos quais os Espíritos por vezes provavam a sua identidade através da minha mediunidade.

Ao longo da minha experiência posterior com milhares de médiuns em diferentes países, dificilmente encontrei um que não fosse controlado ou pelo menos auxiliado por algum espírito especial, considerado pelo médium como «guia» ou «controlador».

Os meus próprios guias ensinaram-me a considerar esses Espíritos como análogos ao «espírito familiar» tantas vezes mencionado nas Escrituras judaicas como interveniente nos assuntos humanos.

Explicaram-me ainda que existem Espíritos-Médiuns no mundo superior, tal como existem médiuns mortais na Terra.

Por outras palavras, apenas determinados Espíritos conseguem estabelecer uma relação magnética com determinados mortais chamados médiuns.

No meu caso, descobri que o meu querido irmão marinheiro, falecido aos dezasseis anos sem ter concluído toda a sua missão terrena, era o meu «Espírito-Médium».

Ele apenas se afastava — embora continuasse presente — quando outros Espíritos-Médiuns ligados aos meus visitantes conseguiam controlar-me.

Numa determinada ocasião, uma amiga que frequentemente me trazia desconhecidos apareceu acompanhada por uma senhora que desejava uma consulta.

Essa senhora era-me completamente desconhecida e, de acordo com as minhas regras, não me foi revelado nem o seu nome nem a sua residência.

— Sou uma cética absoluta — declarou ela altivamente — embora a Sra. Waters deseje que eu acredite no Espiritualismo. O que tem a dizer-me?

Convidando-a a sentar-se à minha mesa e recorrendo ao meu método habitual de escrita e outros processos, dei-lhe duas ou três provas que ela reconheceu como corretas.

— Mas podem ser simples adivinhações engenhosas ou leitura do pensamento — acrescentou.

Disse que desejava comunicar com um espírito específico, e apenas com esse espírito, e que só acreditaria se ele revelasse o seu nome.

Naquele momento, como em muitas outras ocasiões, senti-me incomodada pela maneira insolente da senhora.

Sem demonstrar esse sentimento, levantei-me, aproximei-me dela, peguei nas fitas do chapéu que usava e perguntei:

— Diga-me, por favor, minha senhora, que cor é esta?

Ao mesmo tempo apontava para uma determinada faixa colorida.

— Bem — respondeu ela —, é verde.

— Sim, mas que tipo de verde? — perguntei.

— Verde-ervilha.

— Muito bem! — exclamei. — Verde-ervilha! Então isso sou eu, só que há mais do que uma ervilha; diga o plural de ervilha.

— Ah! — respondeu ela, rindo-se. — Isso é engraçado; o nome dele era precisamente o plural de ervilha: *Pease*.

— Muito bem, outra vez! — disse eu. — Agora, minha senhora, como chama a esta cor?

E apontei para um quadrado do padrão do seu vestido.

— Bem, isso é preto.

— E o que significa preto?

— Escuridão. E então?

— Quando chega a escuridão, minha senhora?

— À noite, naturalmente.

— Pare! — exclamei. — Aí está! Esse sou eu. *Knight* [cavaleiro], *Pease Knight* — esse sou eu.

— É verdade! Oh, como é extraordinariamente verdade! — gritou a visitante, escondendo o rosto no lenço.

— O apelido dele era Knight e recebeu o nome próprio em honra do seu padrinho, chamado Pease.

Seguiram-se outras provas.

A desconhecida partiu humilhada e convencida.

Quando os visitantes se foram embora, eu, que sempre fui capaz de falar com os Espíritos através da voz, dirigi-me aos que sentia ainda presentes:

— Porque não puderam simplesmente dizer o nome desse Espírito como *Pease Knight*? Porque recorreram a métodos tão indiretos para convencer aquela senhora?

— Em primeiro lugar — respondeu o meu guia espiritual —, ela nunca teria ficado convencida se os Espíritos tivessem dado um nome que um médium desconhecido pudesse aparentemente saber. Em segundo lugar, naquele momento não conseguíamos encontrar esse nome no teu vocabulário.

— O que quer dizer com o meu vocabulário?

— O teu cérebro, onde cada pensamento, palavra ou ato de um ser consciente fica gravado.

— Então é possível que palavras como *Knight* e *Pease* não se encontrem no meu cérebro?

— Certamente que se encontram. Mas não conseguimos alcançá-las com rapidez suficiente até que as próprias palavras fossem pronunciadas. Nesse momento foi acionada uma cadeia de associações; deixou de ser difícil despertar esses nomes do vasto vocabulário armazenado no cérebro e, por isso, pudemos pronunciar através dos teus lábios as palavras assim evocadas.

Não farei comentários sobre este estranho caso, exceto para dizer que, quando mortais impacientes e ignorantes perguntam com insistência:

— Porque é que os Espíritos, que conseguem transmitir tanta informação, não transmitem muito mais?

Devemos responder:

— Têm a certeza de que sabem porque conseguem transmitir tanto e não mais? Ou como, no estado ainda tão imperfeito dos nossos conhecimentos da Ciência Espiritual, conseguem transmitir alguma coisa?

Eles atuam **segundo leis**, tal como nós.

Conhecemos essas leis?

Certamente que não.

Se assim é, sejamos mais pacientes, mais modestos e menos exigentes, e procuremos primeiro compreender a lei antes de condenarmos os fracassos que nós próprios produzimos ao tentar aplicá-la.

CAPÍTULO V

ESTREIA COMO ORADORA PÚBLICA

«Como a urdidura e a trama, todos os destinos
São tecidos firmemente,
Ligados pela simpatia como as teclas
De um vasto órgão.»

— Whittier

Chegou finalmente um momento da minha vida naquela terra estrangeira em que, tendo a minha boa, confiante e amada mãe dependente dos meus rendimentos para subsistir, se tornou indispensável uma mudança nos nossos planos para o futuro.

Sentia que já aprendera tudo o que os bons Espíritos, naquela fase, podiam ensinar-me através das sessões gratuitas que me tinham ordenado realizar para o público de Nova Iorque como médium de provas, suportando da melhor forma possível as imensas e problemáticas experiências ligadas às primeiras fases da comunhão entre Espíritos e mortais.

Além dessas lições preparatórias, vira muito mais das fraquezas humanas e dos crimes ocultos do que qualquer outra coisa, exceto as extraordinárias revelações do círculo espiritual, poderia ter-me ensinado.

Ansiava pela mudança que sentia ser simultaneamente necessária e iminente.

Chegou enfim o momento em que a minha singular aprendizagem tinha de terminar.

Enquanto refletia ansiosamente sobre o caminho mais prudente a seguir, na esperança de encontrar uma ocupação mais remuneradora do que a de professora de música, os meus amigos, tanto da vida superior como da Terra, insistiam sem cessar para que eu assumisse o lugar de conferencista espiritualista.

Em vão protestava eu — ignorando então o progresso da opinião pública — que não era «uma dessas mulheres de ideias avançadas» e que sentia repugnância perante a ideia de me tornar uma «pregadora».

Os meus amigos terrenos afirmavam que os discursos em transe proferidos nos meus círculos eram exatamente aquilo de que a tribuna pública necessitava.

Os meus amigos espirituais, por sua vez, declaravam, por meio da palavra e da escrita, que eu fora destinada desde a infância a esse trabalho especial e que toda a minha educação inicial tinha sido orientada para ele.

Asseguravam ainda que as minhas experiências como médium de provas tinham sido apenas uma preparação destinada a qualificar-me para me tornar professora pública da causa espiritualista.

Acrescentavam que, uma vez que utilizariam para o seu serviço a minha educação e outras capacidades, seria perfeitamente legítimo receber pagamento pelo meu trabalho, tal como qualquer outra pessoa recebe pelo seu sustento.

Havia, porém, uma condição fundamental que insistiam em impor-me: eu não deveria continuar a exercer como médium de provas nem transformar a tribuna pública num espetáculo ou os serviços religiosos numa exibição através da apresentação de provas mediúnicas diante da audiência.

Os meus instrutores espirituais explicavam que as provas fornecidas pelos Espíritos a indivíduos exigiam um conjunto de órgãos e funções cerebrais completamente diferente daquele utilizado pelos Espíritos instrutores que transmitiam ensinamentos científicos ou religiosos.

Por isso, o exercício simultâneo dessas duas formas de atividade mental não apenas prejudicaria a clareza dos dons mediúnicos, como também enfraqueceria o poder mental e físico do controlo espiritual.

Apesar disso, continuava a recuar perante a responsabilidade de me tornar professora de uma nova religião ou de tentar guiar almas humanas por caminhos de pensamento ainda não explorados acerca de assuntos tão graves como a vida eterna.

Quando finalmente compreendi que me seria impossível responder ou resistir às influências humanas e espirituais que se exerciam sobre mim, recorri secretamente ao seguinte expediente para escapar ao doloroso dilema.

Publiquei um anúncio num jornal da cidade oferecendo os meus serviços como professora de música ou companhia musical numa família onde a minha mãe pudesse ser alojada em troca dos meus serviços, sem qualquer remuneração adicional.

As respostas recebidas foram numerosas, mas pouco satisfatórias, até que fui chamada a encontrar-me com um cavalheiro cuja proposta e cujas maneiras me pareceram exceccionalmente agradáveis.

Entregando-me um cartão onde se lia:

General Bullard, Troy, Nova Iorque

informou-me de que procurava uma professora de música e companhia para a sua jovem esposa, uma inválida apaixonada pela música.

Acrescentou que a minha mãe poderia desempenhar utilmente funções de governanta remunerada.

Encantada com as perspectivas que pareciam abrir-se diante de nós, preparava-me para discutir os detalhes necessários quando a Sra. French, a eminente médica clarividente em cuja casa vivíamos, entrou na sala com os olhos fixos e vidrados que indicavam o profundo transe em que costumava realizar os seus diagnósticos.

Por mais chocada que estivesse com aquela interrupção, ela fez-me imediatamente perceber o erro que cometera ao receber candidatos numa casa onde o nome e a profissão da proprietária figuravam de forma tão visível na porta.

Ignorando os meus esforços confusos para pedir desculpa ao visitante, a médium em transe dirigiu-se directamente a ele e perguntou abruptamente:

— O senhor é um grande espiritualista, não é verdade?

— Um espiritualista dedicado, minha senhora — respondeu o cavalheiro. — Disso posso assegurar-lhe. Não me atreveria, porém, a afirmar que sou um grande espiritualista. Chamo-me Edward Bullard e, há já algum tempo, tenho ajudado a organizar reuniões públicas espiritualistas em Troy. Além disso, a minha querida esposa, Margaret Bullard, foi uma das primeiras médiuns da nossa região.

Abandonando-me ao que agora me parecia um destino inevitável, deixei-me cair numa cadeira, sem esperança e sem palavras.

Entretanto, a minha mãe juntara-se ao grupo.

A Sra. French, dirigindo-se ao General como amigo e aliado do espírito que a controlava — anunciado por ela como Benjamin Franklin — informou-o de que fora enviado ali pelo mundo espiritual precisamente para me obrigar a cumprir a missão que esse mundo de poder exigia de mim.

Em termos extremamente eloquentes, o Espírito descreveu a minha estranha e movimentada história de vida e a minha mediunidade.

Declarou que tudo fora providencialmente ordenado e que cada passo da minha carreira tinha sido traçado pela orientação dos Espíritos.

Falou com entusiasmo do que chamava os meus poderes espirituais, profetizou-me um futuro extraordinário e terminou apelando ao amigo que as inteligências invisíveis tinham impelido a comparecer naquele dia para que organizasse imediatamente a minha estreia na tribuna de Troy como oradora inspirada.

O General Bullard concordou com tanto entusiasmo quanto aquele com que a proposta fora apresentada.

Explicou que, aparentemente por acaso, encontrara o jornal onde o meu anúncio fora publicado, mas que sentira um impulso irresistível para responder.

Acrescentou que regressaria imediatamente a Troy e anunciaria o meu nome e a minha primeira conferência como médium-oradora para o domingo seguinte.

Voltando-se para a minha querida mãe, quase tão impressionada com a estranheza da cena como eu própria, garantiu-lhe que enviaria na sexta-feira seguinte um amigo e vizinho de absoluta confiança para me acompanhar de barco pelo rio Hudson até Troy.

Ele e a esposa receber-me-iam em sua casa, fariam da minha visita um êxito brilhante, um marco na história do progresso humano, um acontecimento destinado a passar à posteridade e a ser inscrito nos arquivos da eternidade.

A tudo isto — e a muito mais do mesmo género, que eu classificava mentalmente como discurso de loucos — não consegui responder uma única palavra.

Interpretando o meu silêncio como consentimento, o trio entusiasta completou os seus planos para o futuro com inteira satisfação, deixando-me mergulhada num estado de desespero apático.

Estou convencida de que nenhum deles tinha a menor dúvida da minha plena capacidade para corresponder às exigências da tremenda tarefa que me haviam atribuído.

Tanto a Sra. French como a minha mãe me tinham ouvido repetidamente proferir longos discursos em transe nos meus círculos e, nas suas confiantes previsões acerca do «êxito» que eu alcançaria, não tomavam em consideração o facto de eu trocar um grupo de amigos admiradores por uma multidão de desconhecidos críticos, muitos dos quais poderiam ser inteiramente hostis às doutrinas que eu viesse a defender.

Os dias que decorreram até àquele terrível domingo seguinte foram certamente dos mais miseráveis da minha vida.

Comprometida a fazer algo que mal sabia o que era, nem como o faria, resolvi, como espécie de preparação para a tarefa temida, escrever dois discursos e passei dois dias e duas noites a concluir aquilo que pretendia ler quando fosse, como eu dizia, forçada a subir à tribuna de Troy.

Como desde a mais tenra infância ouvira vozes de seres invisíveis e, nos últimos anos, chegara mesmo a conversar com elas, não me surpreendeu ouvir uma das mais familiares perguntar:

— Em que está Emma tão ocupada a escrever?

— Nos meus magníficos discursos para Troy — respondi, mal-humorada.

— Ela não os lerá — replicou o Espírito. — Tirar-lhe-emos a vista.

Sabendo por experiência o que aqueles Invisíveis podiam fazer, e efetivamente faziam, fui obrigada a abandonar a esperança de ler os discursos e tentei então decorá-los.

No dia seguinte passei horas a caminhar de um lado para o outro numa sala deserta, esforçando-me por aprender a lição, até que a mesma voz implacável voltou a perguntar:

— Porque dá Emma passeios tão longos?

— Sabe perfeitamente — respondi irritada. — Estou a tentar decorar estes malditos discursos para Troy.

— Tirar-lhe-emos a memória — foi a resposta final.

E assim se desfez a minha última esperança.

Oh, aquele domingo miserável!

Nunca esquecerei a angústia que senti quando fui conduzida à antecâmara e, pela primeira vez naquele dia, deixada sozinha.

Segurava firmemente a minha Bíblia, decidida, como último recurso, a ler dois ou três capítulos e depois fugir — para algum lugar, qualquer lugar — para longe daqueles terríveis espiritualistas.

Quando finalmente fui conduzida à tribuna, a minha última recordação nítida é a de escutar um belo quarteto magistralmente interpretado pelos «Troy Harmonists».

Depois disso tive apenas a percepção vaga de que me encontrava fora de mim mesma, ao lado do meu querido pai — morto quando eu ainda era uma criança — cuja figura nobre via claramente junto de mim.

Ele gesticulava e dirigia-se, de algum modo, ao meu segundo eu, que o imitava e repetia todas as palavras vibrantes que ele pronunciava.

Quando os harmoniosos acordes dos «Troy Harmonists» me despertaram daquele estado semelhante ao sono em que pareciam ter-me mergulhado, todas as palavras de saudação e os elogios extravagantes que me foram dirigidos receberam apenas esta resposta:

— Não me elogiem; foi o espírito do meu querido pai quem falou.

A partir desse momento não tive mais dúvidas nem receios quanto ao discurso da noite.

Contudo, tanto então como em todos os incontáveis discursos públicos que proferi desde então, sempre me pareceu — e continua a parecer — que sou duas pessoas.

Uma delas é aquela cujos lábios pronunciam sucessões de frases, por vezes familiares, mas mais frequentemente novas e estranhas, sempre sem preparação prévia por parte do meu segundo eu.

Na realidade, sou mais espectadora e ocasional ouvinte do que autora das palavras pronunciadas.

Vejo frequentemente Espíritos pairando em torno das pessoas presentes na audiência e muitas vezes consigo discernir o carácter daqueles que me rodeiam, sobretudo quando possuem uma natureza má ou maliciosa.

Posso pensar independentemente das palavras que estou a dizer e não raras vezes parece-me ver lugares e pessoas distantes.

Não consigo oferecer explicação para esta condição singular.

Posso apenas resumir dizendo que conheço e confio nos bons Espíritos ao serviço dos quais entrei e que me sinto muito mais segura da sua proteção benevolente e do seu poder para me preservar do mal do que alguma vez me sentiria relativamente a quaisquer empregadores humanos.

Poder-se-á perguntar:

— Porque não podem todos os seres humanos depositar a mesma confiança nos seus amigos espirituais?

Respondo:

Entreí ao serviço desses Espíritos.

Foram homens justos e bons na Terra e continuam a sê-lo, embora agora possuam maior poder.

Advertiram-me repetidamente contra perigos dos quais não me poderiam proteger caso eu insistisse em enfrentá-los.

Mas, em todas as grandes provações e aparentes perigos a que fui submetida **sob a sua orientação**, conduziram-me sempre em triunfo.

Sempre que não me encontro diretamente empenhada no trabalho da «causa», os meus bons amigos espirituais recomendam-me que utilize o meu próprio discernimento, que nunca peça aos Espíritos para fazerem por mim trabalhos ou deveres que eu possa ou deva executar pessoalmente e que, enquanto sirvo fielmente nas nobres fileiras do exército espiritualista, continue a viver a minha própria vida e nunca atue contra o meu sentido de dever para com Deus, para com os homens e para com a minha própria alma.

Esses Espíritos afirmam que não poderiam — e mesmo que pudessem, não quereriam — poupar-me às provações comuns da humanidade ou às dores e sofrimentos pessoais que purificam enquanto ferem.

Mas devo repetir que, ao executar a missão que me confiaram, mesmo que tivesse sido protegida por um exército de gigantes não poderia ter sido conduzida com maior segurança através de todas as dificuldades e perigos.

Até então, e mesmo até às minhas primeiras e decisivas conferências em Troy, realizadas em 5 de Julho de 1857, mantiveram-me religiosamente fiel à fé ortodoxa em que fora educada.

As minhas experiências como médium de provas não tinham abalado essa fé.

Pelo contrário, por vezes escutava com igual horror e indignação aquilo que designava como o discurso anticristão e infiel de muitos dos meus companheiros espiritualistas.

Assim, quando os espiritualistas de Nova Iorque, estimulados pelos entusiásticos relatos do meu início em Troy, me convidaram a ocupar a sua tribuna no domingo seguinte, 12 de Julho, aceitei confiantemente.

Estava convencida de que eu, através dos meus inspiradores espirituais, conseguiria repreender tão severamente o espírito de incredulidade que julgava existir entre os meus associados nova-iorquinos que provavelmente converteria muitos deles à verdadeira fé cristã.

Os Espíritos prometeram-me que, naquela ocasião especial, ouviria cada palavra que pronunciasse.

E assim aconteceu.

Mas o resultado dessas duas conferências em Nova Iorque foi que, em vez de converter qualquer membro da audiência à ortodoxia, converti-me completamente para longe dela.

E desde então, nem o estudo incessante da história antiga, da ciência e da Bíblia da Criação de Deus permitiu que regressasse às névoas da superstição inventada pelo sacerdotalismo, nem abalou a minha convicção da responsabilidade pessoal que tenho, tanto nesta vida como na futura, por todo o bem e todo o mal que pratiquei na Terra.

Durante cerca de dois anos após as minhas primeiras conferências em Troy, continuei sem interrupção a falar todos os domingos e muitos dias da semana em Nova Iorque, Filadélfia, Troy, Brooklyn e outros lugares facilmente acessíveis a partir da residência que partilhava com a minha mãe e a família da Sra. French em Nova Iorque.

Durante todo esse período mantive também as sessões semanais regulares com amigos e os ensaios do coro dos meus jovens cantores.

O meu coro era composto por jovens residentes da cidade com aptidões musicais e tornou-se tão numeroso que um dos membros da comissão nos cedeu uma magnífica sala de ensaio, onde nos reuníamos pelo menos uma vez por semana para estudar e ensaiar os muitos hinos e cânticos que eu compunha para eles.

Nesses encontros, os nossos amigos e apoiantes tinham entrada livre e não era raro reunirem-se mais de cem pessoas.

Entre os frequentadores habituais encontravam-se o Juiz Edmonds, Jackson e Mary Davis, os Drs. Gray, Hallock e Wilson, Charles Partridge, S. B. Brittan e numerosos médiuns através dos quais os Espíritos nos transmitiam sinais de interesse e palavras de encorajamento.

Por vezes, o piano ao qual o coro ensaiava sob a minha execução elevava-se fisicamente no ar, obrigando-me a pedir aos bons invisíveis que nos deixassem prosseguir os ensaios.

Os membros do coro acabaram por se afeiçoar tanto às composições que escrevia especialmente para eles que deixaram praticamente de desejar cantar outra música.

Quando eu apresentava novas obras, os Espíritos, através de alguns dos médiuns presentes, respondiam com autênticos trovões de aplausos produzidos por pancadas.

Todas as noites eu estava ocupada, quer dirigindo círculos próprios, quer frequentando os de outros médiuns, especialmente nas salas das minhas estimadas amigas, as irmãs Fox.

Na época a que me refiro, a querida e idosa Sra. Fox, mãe das famosas irmãs, vivia com as filhas Kate e Margaretta.

A mais velha das irmãs, Leah, era casada com Daniel Underhill, um comerciante rico e altamente respeitado da cidade, mas continuava a abrir generosamente a sua elegante residência aos amigos para sessões espiritualistas.

Sendo então, de longe, a mais poderosa e notável médium viva, o privilégio de participar nessas sessões era extremamente valorizado.

Como a minha querida mãe e eu mantínhamos estreita amizade com o Sr. e a Sra. Underhill, organizámos durante algum tempo receções semanais de Inverno realizadas numa das noites da semana nos magníficos salões de Leah Fox Underhill.

Entre os participantes mais assíduos dessas agradáveis reuniões encontravam-se as poetisas irmãs Alice e Phebe Cary, Horace Greeley, Henry J. Raymond, Robert Dale Owen, James Fenimore Cooper, Henry Wadsworth Longfellow, John Greenleaf Whittier,

Washington Irving e muitas outras figuras de destaque do mundo literário e intelectual.

Os primeiros espiritualistas de Nova Iorque reconheceram-me afetuosamente como a filha espiritual da cidade, verdadeiramente e espiritualmente nascida ali.

Fui uma das oradoras mais frequentes da tribuna espiritualista nova-iorquina e, embora a magnífica sala estivesse sempre repleta de muitas das personalidades mais eminentes da cidade, os meus queridos cantores recusavam-se a permitir que eu abandonasse a direção do coro.

Assim, mesmo quando eu era a conferencista do dia, exigiam que deixasse a tribuna para tocar harmónio durante os cânticos e regressasse depois para concluir o serviço com um daqueles vibrantes apelos musicais a Deus e aos anjos que deixavam a assistência quase tão extasiada como nós próprios.

Tal era a ordem dos primeiros serviços em que tive o privilégio de participar e desempenhar o meu papel.

Hoje recordo-os como alguns dos períodos mais felizes e inspirados da minha vida agitada.

Foi numa dessas reuniões que o Reverendo Thomas Lake Harris, que ocasionalmente ali discursava, tentou arduamente converter os ouvintes às suas próprias concepções de espiritualismo cristão.

Muitas vezes trazia-me pequenos poemas líricos para eu musicar, mas as suas opiniões ortodoxas nunca exerceram qualquer influência sobre mim.

Estive presente, dirigindo o meu coro, quando esse cavalheiro, verificando que não conseguia converter a Sociedade Espiritualista de Nova Iorque pelo amor, utilizou a própria tribuna da sociedade para a censurar e ameaçar.

No auge das suas denúncias acerca da vingança divina que cairia sobre a sua alegada incredulidade, foi interrompido pelo presidente da sociedade, Dr. Warner.

Durante alguns minutos pareceu mesmo que uma perturbação poderia eclodir naquelas reuniões habitualmente ordeiras, entre os partidários cristãos de Harris e os «infiéis» que ele denunciava tão severamente, apesar de terem sido eles próprios quem o convidara.

À ordem firme do Juiz Edmonds, porém, Harris desceu da tribuna com o ar humilde de um mártir.

À noite regressou acompanhado pelo seu grupo de apoiantes mais fiéis, evidentemente decidido a provocar distúrbios.

Foram, contudo, tomadas medidas rápidas para assegurar aos aspirantes a agitadores que o Dodworth's Hall não era uma capela metodista de conventículo e que ali apenas poderiam ocupar os seus lugares como ouvintes, não como propagandistas da doutrina da expiação vicária.

Ao verificarem que a infiel Emma Hardinge ocupava a tribuna do cristão Harris, o grupo retirou-se e pouco depois alugou uma sala própria para Harris, onde este discursou durante algumas semanas, todos os domingos, perante um número lamentavelmente reduzido de seguidores.

No final das suas tentativas fracassadas de conquistar um apostolado, Harris vingou-se escrevendo e publicando um poema intitulado «A Canção de Satanás».

Nessa produção verdadeiramente cristã, introduziu todos os espiritualistas mais conhecidos de Nova Iorque sob o título de diversos «demónios», sendo eu classificada, para meu divertimento e até satisfação, como o «Demónio da Harmonia».

Acrescentarei que o Sr. Thomas L. Harris foi, em tempos, um excelente médium, um poeta notável e um homem de grandes e variados talentos.

Lamentei sinceramente a sua separação das nossas fileiras.

Quanto ao seu extraordinário egotismo ao proclamar-se uma espécie de Messias, juntamente com outras excentricidades pouco compatíveis com a nossa religião profundamente analítica dos **FACTOS COMPROVADOS**, já escrevi extensamente sobre isso nas

minhas obras *Modern American Spiritualism* e *Nineteenth Century Miracles*.

Deixando os acontecimentos posteriores da vida desse grande homem ao seu próprio relato, devo agora passar a outra fase das minhas experiências que, ao afastar-me da associação bondosa e indulgente dos meus queridos amigos nova-iorquinos, me lançou no oceano revolto das tempestades e nos vastos campos das viagens distantes.

Foi essa fase que me colocou no meio de perigos, provações e intervenções quase miraculosas da orientação e proteção angélicas e que hoje me permite recordar a minha carreira de estranhas aventuras e assistências providenciais e repetir, uma vez mais, com o inspirado Bardo de Avon:

«Há uma divindade que molda os nossos fins, por mais rudemente que os talhemos.»

CAPÍTULO VI

A CANÇÃO DAS ESTRELAS

«Olhai, olhai através das nossas cintilantes fileiras ao longe,
No infinito azul, estrela após estrela.»

Já falei anteriormente do Coro Voluntário dos Espiritualistas, cujas excelentes atuações contribuíam para tornar os nossos serviços dominicais tão atrativos para o público quanto agradáveis para nós próprios.

Verificando quanto prazer proporcionavam a todos os envolvidos as nossas reuniões semanais de ensaio, resolvi organizar uma série de espetáculos compostos por música vocal e instrumental, alternados com recitações e **quadros vivos**.

A ideia foi acolhida com entusiasmo pelos meus jovens cantores, que nessa altura já eram cerca de cinquenta.

Também surgiram imediatamente apoios para os aspetos técnicos da iniciativa, bem como um generoso fundo de garantia destinado a

cobrir qualquer déficit que pudesse resultar do reduzido preço dos bilhetes.

Foi alugado o New York Athenaeum, e fui unanimemente escolhida para organizar os programas, ensinar os participantes, ensaiar a música, acompanhar os cantores, inventar e montar os quadros vivos e desempenhar simultaneamente as funções de professora musical, diretora de cena e, não raras vezes, intérprete principal.

O trabalho que recaía sobre mim era verdadeiramente sobre-humano, se não sobrenatural.

Mas era um trabalho de amor e foi sempre coroado de êxito e elevado apreço.

Tivemos ainda a felicidade de obter elogios da imprensa nova-iorquina que, embora se divertisse a descobrir que «a música das esferas celestes não consistia apenas em salmos», aproveitava para observar que não era necessário que um Garrick ou uma Siddons regressassem dos seus túmulos tranquilos para inspirar e dirigir as partes dramáticas dos espetáculos, uma vez que estas eram conduzidas com toda a competência por uma atriz popular cuja experiência dispensava o incômodo de despertar os mortos.

Estas e outras brincadeiras semelhantes acerca das pretensões espiritualistas à inspiração eram geralmente feitas com espírito benevolente, muito diferente do tom hostil adotado pela imprensa em anos posteriores, e acabavam por nos poupar despesas significativas em publicidade.

No que respeita às recitações dramáticas, a principal dificuldade consistia em que eu conseguia encontrar facilmente vinte Hamlets ou trinta Romeus, mas dificilmente persuadia o mais modesto dos meus alunos a representar um Laertes ou um Mercúcio.

Além disso, não havia uma única senhora entre nós — desde uma soprano veterana até uma contralto de doze anos — que não se oferecesse para desempenhar o papel de Ofélia ou Julieta, recusando categoricamente ser a Rainha de *Hamlet* ou a Ama de *Romeu e Julieta*.

Depois de muita reflexão sobre a forma de atribuir a cada participante o papel que desejava, decidi que o primeiro espetáculo incluiria todas as cenas das bruxas de *Macbeth*, com figurinos adequados — ou seja, farrapos e vassouras.

Para o segundo espetáculo escolhi passagens da célebre paródia dramática de Sheridan, *The Critic*, cujas cenas de tragédia simulada eram tanto melhores quanto pior fossem representadas.

Ambas as partes tiveram um êxito tão extraordinário que quase não consegui impedir os meus colaboradores de alugarem um teatro e me instalarem como empresária, diretora de cena, atriz principal e diretora musical.

Também enfrentei não poucas dificuldades na parte prática desta árdua atividade.

No final, porém, o verdadeiro afeto dos meus jovens amigos compensou plenamente todos os esforços.

Além disso, ficou demonstrado para além de qualquer dúvida o enorme poder da cooperação.

Os membros da comissão e os amigos exteriores à organização mostravam-se tão generosos e tão dispostos a «dar o ombro à roda» que bastava pedir para obter imediatamente toda a ajuda técnica necessária.

Os materiais e adereços para os quadros vivos e cenas dramáticas eram igualmente fornecidos sem demora e preparados segundo as minhas instruções.

Poderia preencher muitas páginas divertidas relatando as provações e os imprevistos que a incansável diretora de cena e os seus auxiliares enfrentavam.

Talvez não seja desinteressante mencionar uma dessas dificuldades.

Um dos nossos colaboradores mais dedicados, tendo observado os belos efeitos produzidos nos teatros pelas luzes coloridas, comprou materiais para as fabricar e construiu quatro recipientes metálicos com longos cabos para as acender.

Os efeitos luminosos produzidos por detrás da cena eram tão impressionantes em certos quadros vivos que estes pequenos interlúdios se tornaram extremamente populares.

Como consequência, sempre que um espetáculo não incluía pelo menos dois quadros vivos, começavam imediatamente as reclamações.

Conceber os figurinos, organizar as cenas e depois submetê-las ao efeito das luzes coloridas tornou-se mais uma das minhas pesadas responsabilidades.

Foi precisamente nesse domínio que ocorreram alguns episódios que puseram duramente à prova os meus nervos.

Numa ocasião, por exemplo, tinha concebido uma cena noturna de ciganos iluminada por luz vermelha, à maneira de *Guy Mannering*.

Mas os nossos bondosos assistentes confundiram os materiais e lançaram sobre o alegre acampamento cigano uma luz verde doentia que transformou os participantes numa assembleia de fantasmas lúgubres.

Na mesma noite desastrosa, uma cena de neve representando uma mãe e três filhos a morrerem no frio — concebida para ser iluminada por luz branca e azul — foi inundada pelas mesmas luzes vermelhas destinadas aos ciganos.

A neve adquiriu então a aparência de uma confortável fogueira natalícia e as vítimas moribundas pareciam participantes felizes e bem aquecidos numa reunião festiva.

O acidente mais memorável aconteceu, porém, da seguinte forma.

Foi-me apresentado um magnífico projeto para um quadro piramidal cujo vértice seria ocupado por uma Santa Cecília, vestida de branco clássico, coroadada de flores e segurando uma lira.

Os restantes níveis da pirâmide seriam preenchidos por figuras menores, todas relacionadas com a música.

O cavalheiro que idealizou o projeto ofereceu-se para fornecer a estrutura, os figurinos e os instrumentos, desde que eu própria ocupasse o lugar de Santa Cecília.

Recusar era impossível.

Assim, depois de encarregar outra pessoa de executar a música apropriada nos bastidores — tarefa que habitualmente recaía sobre mim — preparei-me para assumir o papel.

Aprendida a lição das experiências anteriores, exigi que os dois cavalheiros encarregados das luzes verificassem cuidadosamente os materiais para garantir que apenas utilizariam luz branca.

Tudo estava pronto.

O pano subiu.

A luz branca produziu um efeito tão angélico que, quando o pano desceu, a sala explodiu em aplausos e gritos de «bis».

O cenário foi repetido.

Os aplausos aumentaram.

O público continuou insatisfeito e exigiu nova repetição.

Seguiu-se então uma longa espera acompanhada por grande agitação nos bastidores.

O meu apelo para que o pano voltasse a subir perdeu-se no tumulto.

Por fim, o pano ergueu-se novamente.

Mas — que horror!

De um lado surgiu um clarão vermelho intenso.

Do outro, uma luz verde sombria.

Como se isso não bastasse, os pobres cavalheiros encarregados das luzes estavam tão sufocados e cegos pelo fumo que avançaram com os recipientes para o palco, perfeitamente visíveis ao público, enquanto viravam a cabeça para o lado oposto tentando respirar.

O palco encheu-se instantaneamente de fumo.

Mesmo depois de o pano descer rapidamente, as nuvens espalharam-se pela sala, provocando acessos alternados de riso e tosse.

No meio desse caos, um dos meus bons auxiliares, com o rosto coberto de manchas negras produzidas pelo fumo, espreitou por entre as cortinas e disse jovialmente:

— Senhoras e senhores, não riam, não se engasguem e, por favor, não peçam pela segunda vez quadros iluminados por fogo. Já gastámos toda a luz branca e, recordando a instrução da nossa diretora de cena de que, se não conseguíssemos fazer neve branca, podíamos ao menos fazê-la castanha, procedemos em conformidade.

Esta observação devolveu imediatamente o bom humor à assistência.

Quando todos regressámos ao palco para cantar o animado final *Oh for the Days of Robin Hood*, ainda vestidos com os figurinos dos quadros vivos, apenas a minha firme — mas necessária — recusa impediu um novo duplo pedido de repetição da canção de despedida do nosso exausto grupo.

Foram dias luminosos, dias gloriosos.

Vida e trabalho, bem como culto.

Vida e trabalho que contribuíram para projetar os espiritualistas de forma tão favorável que a opinião pública começou rapidamente a mudar em relação ao nosso «ismo» e também em relação a nós próprios.

Enquanto o Espiritualismo, sob a influência irresistível dos seus operadores supramundanos, se difundia com uma rapidez e uma força sem precedentes na história de qualquer outro movimento novo surgido na Terra, a procura de trabalhadores para essa imensa seara tornava-se cada vez mais vasta e urgente.

No meu caso particular, os pedidos de serviços começaram a chegar de todos os lados e, em alguns casos, de cidades situadas a milhares de quilómetros de Nova Iorque.

A princípio considerei esses convites impraticáveis.

Contudo, quando os Espíritos, através da minha própria mediunidade e da de muitas outras pessoas, me ordenaram que respondesse afirmativamente às cartas e acrescentaram promessas de

êxito no estrangeiro, bem como garantias de proteção e boa saúde para a querida mãe que ficaria em casa, compreendi que seria infiel aos meus nobres empregadores se continuasse a resistir aos seus conselhos.

Foi num certo domingo à noite, após a minha última conferência, que me senti obrigada a apresentar esta questão ao comité dos espiritualistas de Nova Iorque, por quem era mais frequentemente contratada.

Expliquei-lhes o número crescente de convites que recebia, como os solicitantes não aceitavam recusas e como os guias espirituais reforçavam a insistência deles, exigindo a minha cooperação.

Os meus amigos nova-iorquinos, reconhecendo sem dúvida a vantagem de manter um orador residente entre eles e talvez preocupados também com a continuidade do excelente coro, mostraram-se inicialmente muito descontentes e procuraram demover-me através de propostas tentadoras de contratos longos e bem remunerados.

Nada resultou.

Despedi-me desses bondosos amigos envolta num silêncio sombrio que pesou profundamente sobre o meu espírito.

Na segunda noite após essa despedida foi-me entregue uma carta assinada não apenas pelos membros do Comité Espiritualista de Nova Iorque, mas também por mais de trinta dos espiritualistas mais influentes e destacados da cidade.

Convidavam-me a realizar um concerto ou espetáculo de benefício como despedida temporária e homenagem pelo trabalho que tinha desenvolvido entre eles.

Juntamente com esse pedido lisonjeiro vinha outro igualmente insistente.

Desejavam que eu compusesse uma obra musical para a ocasião, de forma a proporcionar ao público uma ideia justa do «talento» que os espiritualistas possuíam entre si.

O Sr. Carnes, que me entregou a missiva, era ele próprio um músico talentoso e frequentemente emprestava a sua bela voz de barítono às nossas apresentações corais.

Perante ele, como conhecedor da «arte divina», procurei explicar a impossibilidade de compor, escrever e ensinar uma obra suficientemente importante para uma ocasião tão especial nas poucas semanas de que dispunha.

O Sr. Carnes não conseguiu — ou não quis — reconhecer a força das minhas objeções.

Nada me restou senão escrever uma resposta agradecida, aceitando a homenagem e prometendo realizações musicais que, naquele momento, eu acreditava ser tão capaz de cumprir como de empreender imediatamente uma viagem à Lua.

O convite e a minha aceitação foram publicados em vários jornais locais e espiritualistas, constituindo o primeiro passo da publicidade que os meus bons amigos desejavam dar a esse memorável acontecimento.

A primeira questão que se apresentou à minha mente após a partida do Sr. Carnes foi: sobre que assunto poderia eu basear uma nova composição?

Deveria ser uma cantata.

Mas onde encontraria as palavras?

Vários membros do coro passaram por minha casa nessa noite e expus-lhes, em termos eloquentes, o dilema em que me encontrava, pedindo sugestões para o tema da cantata.

Uma senhora sugeriu o Cântico dos Cânticos.

Recusei de imediato.

Outra propôs o primeiro capítulo do Génesis como ilustração da Criação.

Respondi que não me sentia preparada para me apresentar ao mundo como rival de Joseph Haydn.

O meu principal tenor sugeriu uma cantata sobre a conversão de São Paulo.

Todas as senhoras presentes protestaram em coro, declarando com indignação que São Paulo fora um velho solteirão rabugento e que se opunha a que as mulheres falassem em público.

Toda a assembleia voltou então um olhar solidário para mim e São Paulo foi imediatamente abandonado.

As tragédias de William Shakespeare pareciam demasiado extensas.

Os romances de Walter Scott, os poemas de Lord Byron, *Dom Quixote*, o Salmo 105 e uma dúzia de outras propostas igualmente extravagantes foram apresentadas e rejeitadas.

Os meus amigos retiraram-se convencidos de que procurariam em vão as canções e solos prometidos para a data marcada.

Sozinha com a minha querida mãe e preparando-me para recolher, fixei os olhos no magnífico céu da meia-noite acima de mim, salpicado por uma das mais brilhantes exibições de estrelas cintilantes que alguma vez me parecera contemplar.

Enquanto permanecia fascinada por aquele espetáculo glorioso, uma força cuja ação nunca consegui explicar — mas que nunca poderei negar — pareceu alinhar fileiras das maiores e mais resplandecentes estrelas, até que estas formaram, perante os meus olhos fixos, palavras compostas por mundos estelares:

A CANÇÃO DAS ESTRELAS

A Canção das Estrelas!

Sim!

Li uma vez.

Duas vezes.

Três vezes.

Depois pareceu-me que um véu de névoa cobria a minha visão.

Continuei a olhar para cima, mas os exércitos de luz, embora parecessem mover-se para trás e para diante numa estranha dança selvagem, tornaram-se indistintos, como se eu observasse os céus através de um véu.

As névoas elevaram-se, abriram-se e finalmente deixaram os meus olhos livres.

Durante alguns instantes escondi o rosto entre as mãos.

Depois voltei a olhar para o firmamento resplandecente.

Tudo permanecia sereno, imóvel e silencioso, como se as miríades de estrelas dormissem.

Aproximei-me da cama da minha mãe, beijei-lhe o rosto como de costume e disse apenas:

— Tenho algo para escrever.

Sentei-me então à mesa.

Antes de as névoas cinzentas da madrugada se transformarem na glória carmesim do nascer do Sol seguinte, tinha concluído a letra da minha cantata, intitulada **A Canção das Estrelas**.

Durante as duas semanas seguintes estive tão ocupada a escrever a música dessa obra como estivera naquela noite a redigir as palavras.

Tanto a letra como a música foram escritas ou compostas por uma força que atuava através do meu organismo, dentro das limitações que esse organismo permitia.

Não sendo poeta por natureza, reconheço que os versos ficaram aquém do que um poder inspirador poderia ter produzido através de um temperamento mais poético.

Quanto à música, foi composta e registada com demasiada rapidez para satisfazer plenamente o meu gosto instruído.

Quando reuni o coro para os ensaios, a opinião geral foi a de que a obra ultrapassava as capacidades dos meus modestos amadores.

Concluiu-se que pelo menos alguns dos solos deveriam ser executados por cantores profissionais.

Foram contratadas duas senhoras e um cavalheiro nas condições que eles próprios estipularam.

Cada um exigiu solos adicionais, que compus com a mesma rapidez fulminante com que havia criado o resto da obra.

Os cantores profissionais declararam-se «mais do que satisfeitos» com as peças atribuídas e, receando que eu não correspondesse às suas exigências como acompanhadora, concordámos até em pagar um pianista escolhido por eles para ensaiar e tocar com os intérpretes.

Dois dias antes da data anunciada para o espetáculo, os três profissionais informaram-nos de que tinham sido advertidos pelos organistas das igrejas onde trabalhavam: se se atrevessem a cantar num espetáculo espiritualista seriam imediatamente despedidos.

Creio que alguns dos cavalheiros envolvidos na organização tentaram persuadi-los a não nos abandonarem naquele momento crítico.

Tudo foi inútil.

Não estavam dispostos a perder os seus empregos por nossa causa.

Não podíamos censurá-los, exceto por não nos terem comunicado a decisão mais cedo, quando ainda seria possível substituí-los.

Ainda assim, não estávamos derrotados.

Os meus sempre bondosos e verdadeiramente capazes jovens cantores, especialmente a excelente Sra. Adams, a nossa principal soprano, lançaram-se de alma e coração ao estudo dos solos que de outro modo teriam sido eliminados.

Cantavam normalmente muito bem.

Mas, na noite do espetáculo, cantaram de forma tão extraordinária que ninguém poderia contestar a sua pretensão de estarem todos inspirados.

O Academy Hall, onde o espetáculo teve lugar, encontrava-se completamente cheio.

Uma espécie de prestígio místico — quase diria uma auréola de inspiração — parecia envolver toda a cena.

Tudo cooperava para o bem de tal forma que nem uma única falha ou erro conseguiu quebrar o encanto que pairava sobre nós.

O público aplaudia e exigia repetições após quase todos os números.

A imprensa, habitualmente insultuosa ou sarcástica para com os assuntos espiritualistas, parecia igualmente dominada por aquele encanto desconhecido.

Alguns jornais elogiaram tanto os músicos como a música e previram para a cantata uma «popularidade merecida».

Até o New York Herald, até então um dos nossos inimigos mais persistentes, escreveu que, fossem quais fossem os Espíritos que controlavam Emma Hardinge, eles sabiam certamente produzir boa música; acrescentava ainda que seria pena que ela não abandonasse as sombras e se dedicasse exclusivamente à substância da vida, pois se tornaria sem dúvida uma das principais compositoras e músicas da época.

Apesar de todas as brilhantes profecias feitas acerca do futuro da minha cantata, devo reconhecer que ela nunca voltou a ser executada depois da sua estreia no Academy Hall, em 24 de Abril de 1857.

Tal deveu-se inteiramente à falta de tempo, em meio de viagens incessantes e trabalho literário contínuo, para preparar e copiar convenientemente a partitura completa.

Se o tempo e a oportunidade alguma vez o permitirem, A Canção das Estrelas poderá ainda voltar a demonstrar ao mundo que nem a harmonia nem a melodia estão ausentes das nossas fileiras dispersas e desorganizadas.

Ao concluir este capítulo, não posso oferecer melhor exemplo do entusiasmo, espírito empreendedor e gratidão demonstrados pelos primeiros espiritualistas de Nova Iorque para com os seus trabalhadores do que o programa elegantemente impresso que publicaram para o concerto de homenagem acima referido.

Posso acrescentar que a Sra. Britten, alguns meses antes do colapso que a afastou definitivamente do trabalho literário ativo, tencionava reproduzir a cantata mencionada com a ajuda de um amigo interessado tanto no Espiritualismo como na composição musical.

Para esse efeito reuniu todas as páginas fragmentárias da música de **A Canção das Estrelas** que ainda possuía, com a intenção de reorganizar a partitura e completar as partes desaparecidas, que tinham sido distribuídas ao coro nova-iorquino para ensaio e nunca lhe foram devolvidas.

Mas a saúde debilitada e a incapacidade de voltar a tocar piano impediram-na de concretizar esse desejo.

Como a cantata fora composta com enorme rapidez, revelou-se difícil de interpretar para quem não estivesse familiarizado com o seu estilo.

Apesar disso, o amigo a quem confiou os principais fragmentos da composição continuava a alimentar a esperança de a reconstruir e apresentar novamente.

Assim, A Canção das Estrelas poderá ainda voltar a ser ouvida na Terra e, mesmo que sob outros auspícios e provavelmente numa forma diferente da concepção original, será ouvida pelo Espírito ressuscitado daquela que a produziu pela primeira vez sob a orientação dos Anjos das esferas superiores do ser. —

M. W.

CAPÍTULO VII

RONDOUT

«Até os próprios cabelos da vossa cabeça estão todos contados... Não temais, pois; valeis mais do que muitos pardais.»

Como esta autobiografia não é escrita com qualquer desejo de distinção pessoal, mas apenas na esperança de acrescentar algo à vasta massa de literatura já dedicada à exposição do movimento espiritualista, torna-se necessário mencionar alguns lugares onde ocorreram exemplos do tratamento que muitos dos primeiros trabalhadores da causa espiritualista tiveram de suportar.

Ao ler as seguintes «Notas de Viagem», deve recordar-se sempre que elas são representativas e que eu própria, bem como dezenas dos meus primeiros companheiros, poderíamos multiplicar por centenas os casos que vou relatar, tal como aconteceram em diferentes partes do mundo.

À medida que fui conquistando o favor dos amigos do Espiritualismo, vi-me literalmente cercada por pedidos para conferenciar em lugares cujos nomes me eram quase desconhecidos na América e de que, em muitos casos, nunca sequer ouvira falar.

Entre esses convites encontrava-se um proveniente de um Sr. George Smith, de Rondout, localidade que, segundo me informou, se situava junto ao rio Hudson e era facilmente acessível durante as minhas deslocações para Troy, onde mantinha compromissos frequentes.

Ninguém a quem pedi informações parecia saber algo sobre a situação espiritualista de Rondout, embora me dissessem tratar-se de uma sede de condado situada numa região montanhosa e rodeada por vastas zonas carboníferas.

Enquanto ponderava se deveria aceitar o convite do Sr. Smith, os meus amigos espirituais, falando comigo como sempre o fizeram através de uma voz que impressionava o meu ouvido espiritual com a mesma clareza com que as vozes humanas atingem o ouvido físico, ordenaram-me categoricamente que respondesse afirmativamente à carta.

Assim fiz, marcando a visita para uma terça-feira de uma semana em que já tinha compromissos para domingo e segunda-feira em Troy.

Na data combinada, numa tarde do rigoroso mês de Dezembro de 1857, desembarquei do vapor do rio Hudson e fui imediatamente recebida por um homem de aspeto agradável que me chamou pelo nome, apresentou-se como George Smith e conduziu-me até à sua carruagem, que aguardava junto ao cais.

Depois de algumas palavras amáveis de boas-vindas, avançámos em silêncio até chegarmos à sua casa.

Como o caminho seguia inteiramente por uma subida íngreme, mais parecida com uma muralha do que com uma colina, atribuí a taciturnidade do Sr. Smith à necessidade de concentrar toda a sua atenção na difícil ascensão em ziguezague do pobre cavalo.

Quando chegámos à residência, apresentou-me à esposa do seu irmão e retirou-se, prometendo regressar assim que tratasse do animal.

Eu estava contratada para conferenciar em Rondout durante duas noites consecutivas.

Depois de a minha anfitriã me instalar gentilmente no quarto preparado para mim, regressei à sala de estar, onde encontrei o Sr. Smith à minha espera.

O seu rosto naturalmente redondo e jovial apresentava agora uma expressão sombria e alongada.

Começou por dizer que considerava seu dever informar-me sobre a natureza do lugar onde eu acabara de chegar.

Explicou que a maior parte dos habitantes estava ligada aos interesses locais, uma vez que Rondout era sede administrativa da região, mas que, independentemente da posição social, todos eram

intensamente ortodoxos, ferozmente hostis ao Espiritualismo e, em geral, um grupo bastante rude.

Respirei fundo.

Prosseguindo, contou que alguns anos antes o seu irmão mais velho — então ausente — se estabelecera ali como curador e clarividente.

Ele próprio tornara-se profundamente interessado na causa e, desejando partilhar com os vizinhos as boas-novas da comunicação espiritual, convidara o médium de provas Conklin, o Reverendo S. B. Brittan, o Reverendo T. L. Harris e vários outros conferencistas e médiuns espiritualistas de renome.

Todos eles, porém, tinham sido impedidos de desembarcar ou expulsos da cidade com as roupas danificadas por ovos podres, lama e até objetos mais sólidos que lhes eram atirados.

— Há um lugar aqui perto — disse confidencialmente — onde vive um amigo meu e para onde consegui levar o Reverendo R. P. Ambler e Thomas L. Harris, mantendo-os escondidos até ao amanhecer, quando puderam partir por caminhos que a multidão desconhecia.

Acrescentou que o seu irmão médium fora alvo especial do ódio popular.

Embora ele próprio ocupasse um cargo oficial no condado, as suas janelas eram sistematicamente partidas quase todos os meses, o jardim devastado, o estábulo incendiado e até o muro de pedra construído em redor da propriedade fora quase reduzido a escombros.

Quando interrompeu momentaneamente a enumeração das calamidades, aproveitei para perguntar, num tom tão firme quanto a garganta apertada me permitia:

— Em nome do Céu, porque me trouxe para este cenário de horrores?

O Sr. Smith respondeu com franqueza.

Primeiro, porque eu era uma jovem senhora e ele não acreditava que a mais brutal das multidões americanas fosse capaz de fazer mal a uma mulher.

Depois, porque ouvira relatos entusiásticos dos meus grandes sucessos.

E, finalmente, porque os Espíritos lhe tinham ordenado que me convidasse.

Devo confessar que sou, por natureza, não apenas extremamente nervosa, mas também bastante covarde.

A boa receção que até então encontrara entre públicos cultos contribuíra para me tornar pouco preparada para cenas mais violentas.

Quando ouvi as razões do Sr. Smith para me ter chamado, o meu terror aumentou e foi acompanhado por profunda indignação.

Preparava-me para o censurar severamente quando ele acrescentou, com uma expressão tão suplicante que me desarmou:

— Com estas próprias mãos afixei três séries de cartazes anunciando a sua vinda. As duas primeiras foram arrancadas ou cobertas de tinta. Então percorri dez milhas para pedir emprestada a escada mais alta do condado e afixei uma terceira série tão alta que ninguém a conseguiu alcançar nem destruir. Oh, Sra. Hardinge, por favor, tente falar por mim!

— Falarei — murmurei.

Levantando-se para sair, acrescentou:

— Aluguei uma sala muito perto daqui. Hoje de manhã fui verificar se estava tudo em ordem e descobri que tinham retirado todos os assentos. Excetuando a plataforma, deixaram a sala completamente vazia. Mas não me deixo vencer facilmente. Fui procurar um pobre homem que dirige uma escola e combinei pagar-lhe uma boa quantia pelo empréstimo dos bancos escolares. Vou agora buscá-los e recolocá-los na sala.

E assim, das quatro horas da tarde até às seis e meia, George Smith passou repetidamente diante da janela do quarto onde eu me

encontrava, transportando aos ombros os pesados bancos escolares com que voltava a mobilar a sala.

Eu permanecia sentada à janela, como uma criança pequena, cantarolando em voz baixa todas as canções tristes e marchas fúnebres que conhecia, observando à luz de um candeeiro da rua o bom George Smith carregar os seus fardos, levantando sempre o rosto para me saudar com um sorriso ao passar.

A boa Sra. Smith trouxe-me uma chávena de chá, mas eu estava demasiado angustiada para conseguir engolir uma só gota.

Quando chegaram as sete horas, cobri o meu elegante vestido de conferencista com uma grande capa.

A Sra. Smith e eu saímos então juntas, levando ela uma lanterna para iluminar o caminho através da escuridão e da chuva miudinha que caía.

A sala não ficava longe, mas para lá chegar tínhamos de atravessar a estrada.

Antes de me deixar fazê-lo, a boa mulher colocou várias pedras grandes no chão para que eu pudesse avançar sem molhar os meus delicados sapatos.

Quando chegámos à entrada, encontrámos George Smith à espera.

Trazia na mão um enorme bastão nodoso.

Abrindo ligeiramente o pesado sobretudo, mostrou-me um cinturão onde se encontravam duas pistolas.

Sem dizer palavra, acompanhou-me pela sala, guardou a porta da pequena divisão onde retirei a capa e o capuz, conduziu-me até à plataforma e colocou-se ao meu lado, enquanto a Sra. Smith se sentava do outro lado.

A sala estava cerca de três quartos cheia de homens de aspeto rude.

Todos mantinham os chapéus na cabeça.

Além de mim e da Sra. Smith, apenas duas mulheres se encontravam presentes.

George Smith avançou até à frente da plataforma e apresentou-me num discurso breve, viril e altamente elogioso.

Quando terminou, em meio de um silêncio absoluto, comecei a falar.

Ao fim de cerca de cinco minutos, como se obedecessem a um sinal combinado, uma dúzia de homens levantou-se dos lugares.

Batendo ruidosamente com os seus pesados tamancos de madeira, correram pela sala aos gritos:

— Bruxa! Bruxa!

Depois precipitaram-se para a saída com um grande alarido.

Com uma calma e serenidade que nunca antes experimentara, permaneci imóvel, limitando-me a fazer sinal a George Smith para que se mantivesse tranquilo até que os arruaceiros abandonassem a sala.

Retomei então a conferência.

Alguns minutos depois, outra dúzia repetiu exatamente a mesma cena.

E assim continuou durante mais de uma hora.

Após cada interrupção brutal, retomava o discurso com a mesma compostura com que teria falado perante a audiência mais refinada de um Ateneu.

Quando finalmente concluí, ainda sob aquela influência extraordinária e irresistível, não restariam mais de meia dúzia de pessoas, além de nós próprios.

Sentavam-se simplesmente a olhar para mim como se eu fosse uma curiosidade de feira e não um ser humano.

Ao sairmos da sala verificámos que toda a multidão nos esperava.

Nesse momento, George Smith entregou o bastão à cunhada, abriu o sobretudo, retirou as duas pistolas e colocou-se ao meu lado.

Assim escoltou-me até casa.

A multidão seguia-nos, gritando ocasionalmente:

— Bruxa! Bruxa!

Sempre que isso acontecia, Smith voltava-se e mostrava os revólveres.

Os perseguidores recuavam imediatamente e mantinham-se em silêncio durante alguns instantes.

Finalmente, a Sra. Smith e eu subimos os degraus de pedra do jardim.

Ao entrarmos em casa, George Smith permaneceu junto ao portão exibindo claramente as pistolas.

Quando desaparecemos no interior ouviu-se um último grito da multidão.

Smith disparou então uma das armas para o ar.

Instantaneamente o grupo dispersou e deixou-nos em paz.

Só então a firmeza daquele homem corajoso vacilou.

Deixou-se cair numa cadeira, cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar convulsivamente.

A boa Sra. Smith tentou consolá-lo, mas em vão.

Por fim, entre soluços, declarou que as suas últimas esperanças estavam destruídas.

A sua derradeira tentativa de enfrentar sozinho a multidão tinha falhado.

O único remorso que agora sentia era ter exposto uma jovem senhora a uma perseguição tão vergonhosa.

Para reparar esse erro da melhor forma possível, explicou o plano que concebera durante o caminho de regresso:

por volta da meia-noite, quando os arruaceiros regressassem a casa cansados da sua diversão cruel, atrelariam discretamente o pónei e levar-me-iam alguns quilómetros para fora da cidade, até à casa dos

amigos que anteriormente tinham ajudado outros médiuns e conferencistas a escapar.

Deveria estar em segurança e bem protegido ali e, de manhã, deveria ser colocado no comboio para regressar a casa.

«Tudo o que me resta fazer agora, minha cara senhora», acrescentou tristemente o pobre homem, tirando a carteira do bolso, «é pagar-lhe, na medida em que dólares e cêntimos possam compensar um tratamento destes.»

Sob a influência forte, ou melhor, irresistível, do mesmo poder que me sustentara durante a noite e que agora me mantinha num aperto de ferro, disse:

«Guarde a sua carteira, Sr. Smith, e escute. Não diz que esta é a sede do condado?»

«Sim, minha senhora.»

«Então tem aqui um magistrado e um tribunal, não tem?»

«Temos.»

«Muito bem», disse eu (sem jamais ter visto um tribunal americano, nem ter a menor ideia das suas funções); «então o que deve fazer é o seguinte. Amanhã de manhã vá ao magistrado.»

«Chamamos-lhe “o Escudeiro”, minha senhora.»

«Então vá ter com o Escudeiro logo pela manhã; ele verá e ouvirá o que tem para dizer. Conte-lhe toda a sua história e a forma como fomos tratados esta noite. Peça-lhe, EM MEU NOME, que nos conceda o uso do tribunal amanhã à noite para uma segunda conferência minha. Peça-lhe que venha ele próprio — escute-me — e, se eu disser alguma coisa contrária à lei ou à paz e ao bem-estar do povo, que me mande prender; se eu falar aquilo que ele considerar justo e reto, apelo a que me proteja. Fará isso?»

«Fá-lo-ei e repetirei cada palavra, Sra. Hardinge, e que Deus me ajude a cumprir essa tarefa», respondeu Smith.

«Deus ajuda quem se ajuda a si próprio» foram as últimas palavras que os meus severos guias me fizeram pronunciar nessa noite.

Era quase uma hora da tarde do dia seguinte quando voltei a ver George Smith, ao entrar em casa para regressar ao almoço; o seu rosto bondoso poderia ter servido de modelo para uma lua cheia, tão alegre e rechonchudo se apresentava.

O Escudeiro recebera-o cordialmente, ouvira com atenção e alguma indignação o relato das injustiças que sofrera e, no final, concedera-lhe o pedido que apresentara. O Escudeiro autorizara a afixação de um aviso sobre a reunião prevista na porta do tribunal e prometera assistir pessoalmente à conferência.

Até o responsável pelo tempo parecia estar do nosso lado nessa noite, pois o céu estava limpo e seco, e a brilhante luz da lua cheia tornava desnecessários os candeeiros e as pedras de passagem.

Ao entrar no tribunal, percebi de imediato que estava apinhado de gente e que entre o público havia mulheres de aspeto respeitável, bem como homens de tipo muito diferente dos «arruaceiros» da noite anterior.

George Smith acompanhou-me até ao assento do juiz, o lugar que me fora destinado, e fez um pequeno discurso, discreto mas eficaz, pedindo, em nome da honra da América, que a assistência escutasse pacientemente a senhora inglesa, a quem passou a elogiar em termos demasiado lisonjeiros para que essa mesma senhora os repita.

Quando ele se retirou, o Escudeiro, que ocupava uma espécie de compartimento oficial abaixo de mim, levantou-se e, dirigindo-se ao público, depois de lançar durante algum tempo um olhar severo em redor, como um mestre-escola diante de um grupo de crianças indisciplinadas, disse:

«Ali está a senhora; aqui estou eu; e agora, comportem-se!»

Raramente consigo recordar ou recuperar o conteúdo das conferências que faço, exceto quando sou obrigada a corrigir relatos das mesmas para publicação; mas aquilo de que me recordo da conferência dessa quarta-feira à noite é que versou sobre a história

bíblica de José e que foi escutada num silêncio absoluto até perto do final, quando uma série de pequenas tosses sufocadas, fungadelas, lenços agitados e discretos murmúrios de admiração testemunharam o profundo efeito que a conferência produzira nos presentes.

Durante as perguntas que se seguiram, nas quais o Escudeiro participou ativamente, parecia difícil impedir o público de rebentar em aplausos.

No final da sessão, o Escudeiro voltou a levantar-se e disse que tudo aquilo que a senhora ensinara naquela conferência, bem como as respostas que dera, constituía o tipo de religião que procurara e esperara encontrar durante toda a sua vida; e que, enquanto e sempre que essa senhora viesse a Rondout para transmitir tais ensinamentos, teria gratuitamente à sua disposição o tribunal para falar, mesmo que fosse todas as semanas durante os cinquenta anos seguintes.

Com três vivas «à senhora» e mais três «ao Escudeiro», propostos, segundo me garantiram ambos os Smith, por um dos próprios «brutamontes» da noite anterior, terminou a grandiosa reunião que celebrou o triunfo definitivo e duradouro do bom George Smith sobre todos os seus adversários.

Nunca mais encontrei ocasião nem tempo para voltar a Rondout, embora durante anos tenha recebido frequentes convites para o fazer.

O meu trabalho ali estava concluído e bastava-me saber que o lugar se tornara um dos baluartes do Espiritualismo, enquanto um florescente Liceu Infantil prometia que a geração seguinte seria um pouco mais sábia e progressista do que os seus antepassados.

CAPÍTULO OITO

MONTREAL

«Deus move-se de forma misteriosa para realizar as Suas maravilhas.»

Pouco tempo depois de ter iniciado a minha carreira como conferencista espírita, recebi uma carta de um cavalheiro de Montreal,

no Canadá, convidando-me a visitar aquela cidade e a realizar ali um ciclo de três conferências espiritualistas.

O autor da carta dizia ter acabado de construir uma nova sala, chamada Buona Venture, que desejava inaugurar comigo.

Garantia o pagamento das minhas despesas de viagem de comboio de Nova Iorque para Montreal e regresso e acrescentava que, como a proposta de me contratar se baseava apenas nos elogiosos relatórios que recebera do Sr. Thomas Ranney, o bom amigo espírita que eu conhecera na minha primeira pensão em Nova Iorque, a minha contratação devia ser considerada uma experiência.

Se eu tivesse tanto êxito quanto o Sr. Ranney o levara a esperar, pagar-me-ia cem dólares pelas três conferências; mas, se pelo contrário, as pessoas não me quisessem ouvir, eu perderia essa quantia e teria de me contentar apenas com as despesas de viagem.

Como nada sabia do Canadá, exceto aquilo que o nosso amigo Sr. Ranney (canadiano de nascimento) me contara, e não fazia a menor ideia da razão pela qual se colocava a questão de as pessoas quererem ou não ouvir-me, submeti a proposta a vários amigos, todos os quais me imploraram que não a aceitasse.

Argumentavam que o inverno canadiano seria insuportável; que as condições implicavam perigo, não fracasso, sendo este último algo que os meus demasiado parciais conselheiros consideravam «impossível».

Estas e muitas outras objeções foram apresentadas com tal insistência que eu estava prestes a recusar a proposta quando as vozes espirituais me exortaram severamente a cumprir o meu dever e a partir, qualquer que fosse o resultado.

Perante essa ordem, atrevi-me apenas a perguntar se os poderes que assim me dirigiam poderiam ou quereriam dar-me alguma ideia do resultado de semelhante aventura.

Nesse momento, segundo uma das formas de mediunidade a que então era frequentemente sujeita — nomeadamente através de ação pantomímica —, os Espíritos traçaram uma linha imaginária ao longo do meu rosto, como se o dividissem em duas metades.

Apontando para a primeira metade, disseram: «Ameaçadora e tempestuosa»; tocando depois na segunda, acrescentaram: «Triunfante e gloriosa.»

Menos de uma hora depois, a minha carta de aceitação seguia já para o Canadá e, dois dias depois, iniciei a longa viagem, de acordo com as instruções telegráficas recebidas.

Foi num lugar chamado Rouse's Point, a várias centenas de quilómetros de casa, que tive de mudar de carruagem e, como faltavam quarenta e cinco minutos para prosseguir viagem, aproveitei a oportunidade para aquecer os membros gelados junto ao fogão da sala de espera.

Não tinham passado cinco minutos desde que me sentara quando entraram quatro cavalheiros, aproximaram-se de mim e perguntaram se eu era a Sra. Emma Hardinge.

Respondi afirmativamente, ao que um deles disse que me ouvira conferenciar em Nova Iorque e que, encontrando-se numa viagem de negócios pelo Canadá, também soubera que eu estava anunciada para falar numa determinada data em Montreal.

Estando de regresso a Nova Iorque, esses senhores tinham feito questão de me interceder para, talvez, poupar uma senhora sem amigos, por quem todos sentiam respeito, e implorar-lhe que não se aventurasse a ir a Montreal conferenciar sobre Espiritualismo.

Repetiram então, em substância, a história de Rondout acerca do tratamento recebido naquela cidade por numerosos conferencistas com muito mais experiência do que eu.

Disseram que tinham deliberado em conjunto e acabaram por oferecer-se para me comprar imediatamente o bilhete de regresso a Nova Iorque, caso eu aceitasse o seu conselho.

Expressando a sincera gratidão que sentia para com aqueles bons amigos, pedi cerca de dez minutos para refletir tranquilamente sobre a proposta.

As advertências e garantias dos meus amigos espirituais decidiram-me a prosseguir.

Assim, depois de me despedir agradecidamente daqueles homens dignos, encontrei-me pouco depois envolta em mantas de búfalo num trenó que percorria aquilo que eu julgava ser uma vasta pradaria, interrompida por longas filas de pequenos abetos ao longo de diversos caminhos.

Pouco depois, os meus cocheiros, envoltos em peles, explicaram-me que a pradaria onde eu julgava viajar era o rio São Lourenço congelado; que os abetos eram ramos espetados no gelo para indicar os locais de desembarque; e que os condutores do trenó, cobertos com peles de urso, estavam prestes a deixar-me em solo canadiano.

Depois de chegar, ser recebida e acolhida pelo meu novo empresário, fui conduzida a quartos aquecidos num bom hotel, onde fiquei confortavelmente instalada até ao dia seguinte.

Foi na terça-feira, 16 de Novembro de 1858, que apareci pela primeira vez no Buona Venture Hall, em Montreal.

A sala estava cheia e, para lhes fazer justiça, as pessoas escutaram a conferência tranquilamente.

Mas quando, de acordo com o meu costume habitual, convidei a assistência a fazer perguntas, a hostilidade há muito reprimida manifestou-se plenamente.

Pelo menos uma dúzia de opositores impacientes e claramente determinados gritaram perguntas e comentários ao mesmo tempo.

Uma pessoa exigiu ferozmente saber se o espírito da sua avó estava presente; enquanto outra berrava:

«Diga-me o segundo nome da minha mãe, ou não acreditarei.»

Uma voz rouca bradou:

«Como pôde o Senhor criar a Terra em seis dias, quando são precisos...»

O resto da frase perdeu-se no clamor de:

«Moisés diz: “Não deixarás viver uma feiticeira!” — abaixo com ela!»

Nesse momento, uma vozinha vinda da galeria gritou:

«Os pagãos podem ser salvos?»

E outra, vinda de baixo, exclamou:

«Paulo diz: “As vossas mulheres estejam caladas...”»

«Diga-me então como fez Deus Eva a partir de uma única costela!», exigiu alguém com agressividade; enquanto outro gritava:

«Porque não falam as serpentes agora, como falavam no Paraíso?» — «O espírito da minha velha cabra está no Céu ou no outro lugar?» etc., etc., etc.

E estas são apenas algumas das perguntas, ou melhor, observações grosseiras que me foram atiradas enquanto permanecia diante daquela multidão horrenda e insensata, silenciosa e imóvel.

Quando, como que por encanto, o tumulto cessou quase tão subitamente como começara, recorro perfeitamente as palavras que eu — ou algum poder bendito através de mim — pronunciei.

Foram estas, e em profundo silêncio:

«Deus lhes perdoe, porque não sabem o que fazem.»

Depois disse, tranquila e serenamente, para meu próprio espanto posterior, que voltaria a conferenciar naquele local na noite seguinte.

Nessa ocasião, o público deveria escolher entre si uma comissão de cinco cavalheiros para selecionar o tema da conferência, após o que eu responderia apenas às perguntas relacionadas com esse tema e a nenhuma outra; e, no exato momento em que duas vozes falassem ao mesmo tempo ou se levantasse qualquer clamor indecoroso, abandonaria a tribuna.

Nesse momento retirei-me, sob uma mistura de aplausos estrondosos, assobios igualmente estrondosos e gritos de:

«Abaixo a feiticeira!»

Durante o dia seguinte recebi numerosas visitas de cavalheiros que partilhavam a minha fé, vários dos quais já tinham tentado anteriormente, mas sem sucesso, introduzir o Espiritualismo junto do público de Montreal, conseguindo apenas pôr em perigo a vida

daqueles que contratavam e prejudicar a sua própria reputação na cidade.

Entre os visitantes encontrava-se o meu antigo conhecido de Nova Iorque, o Sr. Ranney, que nessa altura trabalhava como agente livreiro no Canadá, e com ele veio o proprietário da sala.

Ambos me asseguraram que a minha reunião inaugural causara uma impressão tão profunda na comunidade que eu tinha absolutamente de voltar a apresentar-me naquela noite, por mais repugnante que isso pudesse ser para os meus sentimentos.

Nessa mesma quarta-feira à noite, o público escolheu uma comissão de cinco cavalheiros para seleccionar o tema da sessão.

Como essa comissão estava reunida numa pequena sala separada da antecâmara que eu ocupava apenas por uma divisória leve, e como passaram mais de meia hora em discussão, tive aquilo que se poderá considerar, conforme o caso, o desprazer ou o prazer de ouvir os seus argumentos a favor e contra.

Tudo o que hoje recordo é que um certo Sr. Hunt, que mais tarde me informaram ser o «químico da Rainha», foi nomeado presidente da comissão, e que as últimas palavras que lhe ouvi pronunciar antes de regressarem à assistência foram:

«De qualquer maneira vamos desmascará-la, e é só isso que temos de fazer.»

Segundo verifiquei mais tarde nos relatos dos jornais que enviei à minha mãe, o tema escolhido foi «A Formação Geológica da Terra e o Seu Destino Final».

Mais uma vez a conferência foi escutada com atenção e, no seu final, fui saudada por fortes aplausos, aos quais, segundo me informaram depois, também a comissão se associou; mas o desfecho ainda estava longe.

Sentado em frente da tribuna, na primeira fila, encontrava-se alguém que mais tarde soube ser um rabino judeu. De cada lado dele sentavam-se cerca de doze discípulos e parecia ser precisamente ele

quem a oposição esperava que me «desmascarasse de qualquer maneira».

Levantando-se do seu lugar, aquele cavalheiro pediu autorização à assistência para fazer algumas perguntas consecutivas à oradora, sem qualquer interrupção.

Uma estrondosa salva de aplausos foi interpretada como consentimento e o rabino começou então a colocar-me uma série de perguntas estritamente bíblicas.

Após cerca de sete ou oito minutos deste diálogo, o cavalheiro voltou-se para a assistência com um ar profundamente sarcástico e observou:

«Estes Espíritos da senhora não sabem grande coisa, porque, se soubessem, em vez de responderem segundo a ortodoxia bíblica, saberiam que determinadas passagens» — que então repetiu — «são traduções falsas. No hebraico original», acrescentou, «são desta e daquela forma, e foram traduzidas de outro modo, quer para se ajustarem às opiniões da época, quer por ignorância dos tradutores relativamente ao antigo idioma hebraico.»

Hoje não consigo recordar as passagens a que o meu opositor se referia, nem creio que tenham sido indicadas nos relatos dos jornais; mas lembro-me da natureza da resposta que o poder espiritual que me mantinha presa como num torno me impeliu a dar.

Foi, em substância, a seguinte: as frases citadas estavam escritas segundo o antigo método hebraico, no qual as vogais eram omitidas, e os sistemas de pontuação utilizados permitiam que fossem traduzidas de seis maneiras diferentes; consequentemente, era o erudito estudioso quem estava a tentar enganar um público sem instrução, e não a jovem mulher que se encontrava diante deles como porta-voz e mensageira daqueles que «conheciam o hebraico, tanto o antigo como o moderno».

Antes que a assistência pudesse compreender plenamente o significado destas palavras, o rabino levantou-se do seu lugar num acesso de fúria e, dirigindo-se ao presidente da comissão, exclamou:

«Está a ver! Eu disse-vos que aquela rapariga compreendia hebraico.»

Não sei se os presentes perceberam ou não que toda aquela cena fora evidentemente preparada de antemão com o único objetivo de tentar «desmascarar-me». Basta dizer que serviu para inverter completamente a situação a meu favor.

A segunda metade do rosto do destino tinha sido alcançada.

Aclamações estrondosas saudaram-me, incluindo as da comissão adversária.

Cada pergunta e cada resposta subsequente provocavam aplausos cada vez maiores, até que, segundo afirmava o meu radiante empresário, abandonei o local envolta num verdadeiro triunfo.

O êxito da conferência de quinta-feira estava agora assegurado e, por meio de um convite organizado à pressa e assinado por numerosas pessoas, fui persuadida a voltar a conferenciar na sexta-feira à noite e também no domingo à tarde.

A conferência de sexta-feira foi escolhida pela assistência; a de domingo foi escolhida por mim.

Na segunda-feira deixei Montreal com um HONORÁRIO DUPLICADO, aumentado por generosas ofertas de pessoas amáveis cujos nomes nem sequer conhecia.

Mesmo naquela estação de frio intenso, enviaram-me cestos inteiros de flores de estufa e uma verdadeira multidão de simpatizantes calorosos reuniu-se para me despedir quando estava prestes a entrar novamente no trenó para atravessar o vasto rio São Lourenço, desejando-me boa viagem e pedindo-me que regressasse em breve.

Desde então visitei Londres e Toronto, no Canadá, mas em ambas as ocasiões constatei que o Espiritualismo já não era um tema estranho nem tabu.

Fui tão bem recebida em ambos os lugares como o seria em qualquer cidade americana onde a minha crença estivesse firmemente estabelecida; mas antes de tirar conclusões das cenas acima relatadas,

peço aos meus leitores que me acompanhem até uma região canadiana ainda mais remota do que qualquer das anteriormente mencionadas.

Tratava-se de Picton, naquilo que se designa por Ilha do Príncipe Eduardo.

Eu estava a realizar um ciclo de conferências dominicais durante um mês em Oswego, uma bela cidade situada nas margens do lago Ontário, quando recebi uma carta de um cavalheiro residente em Picton, implorando-me literalmente que visitasse «aquele lugar mergulhado na escuridão», ao qual, segundo dizia, a sua má sorte o condenara, depois de ter sido «nascido e criado no meio da civilização americana».

Acrescentava que já não conseguia viver sem algum alimento espiritual e, como me ouvira conferenciar nos Estados Unidos, considerava que eu era a pessoa indicada para levar as pessoas do seu atual lugar de exílio a escutarem-me.

Foi em consequência desse convite que, num certo dia de Junho, embarquei num vapor do lago Ontário com destino à baía de Quinte e, ao final da tarde, cheguei ao meu destino.

O meu correspondente, cujo nome, se bem me recordo, era Sr. Ayers, recebeu-me calorosamente e partimos na sua carroça em direção à sua casa.

Enquanto seguíamos caminho, divertiu-me o toque violento de um enorme sino, enquanto, nos intervalos do estrépito, um homem de voz tonitruante gritava:

«A mais belíssima, a mais maravilhosa, a mais assombrosamente extraordinária prodígio que jamais existiu!»

Seguia-se novo repicar furioso e depois outra tirada semelhante.

Perguntei, admirada, o que era aquilo que aquela criatura andava a apregoar, quando, antes que o meu amigo pudesse responder, a resposta surgiu em voz de trovão:

«Missis Emmy Ardin! Venham ouvir! Venham ouvir! A mais belíssima, a mais...», etc., etc.

«Meu Deus!», exclamei, tentando tapar os ouvidos. «É assim que me anunciam? Peço-lhe que me deixe regressar imediatamente ou então faça calar aquele horrível monstro.»

«Não se assuste», respondeu o meu companheiro, meio divertido com o meu espanto. «Por enquanto é a única forma que temos de fazer anúncios públicos. Até os nossos deputados, quando nos visitam, são anunciados pelas ruas. Casamentos, batizados, incêndios, homicídios ou conferências espiritualistas, tudo é igual.»

Nesse momento, um homem de aspeto afável saiu apressadamente de uma pequena loja à beira da estrada e, vendo a carroça subir lentamente a encosta, gritou:

«Olá, Sr. Ayers! Trouxe a jovem senhora em segurança?»

Ao ver-me sentada ao lado do meu amigo, estendeu uma mão muito negra, apertou a minha com grande cordialidade e declarou que estava orgulhoso por me conhecer; na verdade, estava «encantado até à morte», porque era um grande espírita, era sim senhor, e só esperava que aceitássemos entrar para tomar chá com ele e com a sua boa esposa.

Agradecendo cordialmente ao meu novo conhecido, o Sr. Ayers recusou o convite, alegando que a Sra. Ayers nos esperava e que a hora já era tardia.

«Bem», disse alegremente o meu novo amigo, «já viu o que eu sou, menina», apontando para a tabuleta por cima da porta, «e sempre que quiser hospedar-se com gente como eu e a minha mulher, será muitíssimo bem-vinda, seja por uma semana, um mês ou muitos deles.»

Ao erguer os olhos para a tabuleta, li:

James McCormick, sapateiro

e, por baixo, a legenda:

«Trabalho para quem melhor me paga;
quando tenho tempo, trabalho para os restantes.»

«O melhor sujeito da terra, Sra. Hardinge», disse o meu amigo enquanto retomávamos o caminho. «Pagou sozinho metade da renda da nossa sala e está pronto, se for preciso, para pagar o resto.»

Mas o nosso bom Crispim não era o único interessado.

Pelo menos uma dúzia de pessoas afáveis encontraram-se connosco ou saíram das suas portas enquanto continuávamos a subir e mais subir pela encosta, oferecendo hospitalidade, apertando-me a mão e dirigindo calorosas boas-vindas canadianas à desconhecida acerca da qual aquele terrível pregoeiro proclamava tão extraordinárias histórias.

Há pouco a relatar sobre as duas conferências realizadas em Picton, mas menciono esta visita apenas para referir a terceira noite do meu compromisso, quando estava anunciada para falar em Bloomfield, localidade situada a algumas milhas de Picton e onde existia uma colónia de Quacres, alguns dos quais tinham solicitado a minha presença.

O Sr. Ayers informou-me de que falaria na Igreja Universalista, construída por um rico Quacre da colónia como casa de reunião dos Amigos; porém, como havia ali muitos Universalistas e os residentes não tinham meios para construir outro templo, as duas denominações haviam acordado utilizar a mesma igreja em domingos alternados, acomodando-se mutuamente.

Era uma belíssima noite de Verão e reparei, enquanto seguíamos viagem (o Sr. e a Sra. Ayers e eu), no enorme número de veículos que circulavam pela estrada.

«Estão todos a dirigir-se para o mesmo sítio que nós», disse o meu amigo, «e pode ter a certeza de que vão exatamente para o mesmo lugar e com o mesmo objetivo.»

«Então posso esperar uma boa assistência?», perguntei.

«Talvez!», foi a resposta lacónica.

Quando chegámos ao destino, deparámo-nos com uma cena extraordinária.

Um vasto planalto coberto de relva estendia-se em todas as direções em torno de um grande outeiro, sobre o qual se erguia uma bela igreja.

Espalhadas por todo aquele espaço verde, em todas as direções e cobrindo-o completamente, encontravam-se várias centenas de carruagens de todos os tipos e tamanhos.

Os seus proprietários tinham evidentemente desmontado e permaneciam reunidos em grupos, observando uma disputa entre um grupo de Quacres, colocado de um lado das portas fechadas da igreja, e vários membros da igreja do outro lado, discutindo o direito dos primeiros a permitir a entrada minha e da assistência no edifício.

Informaram-nos de que a disputa já durava havia meia hora e começara quando os verdadeiros proprietários do edifício exigiram as chaves aos opositores.

A controvérsia tornara-se cada vez mais acesa até atingir o ponto em que o líder dos «Amigos» declarara que, caso a porta não fosse aberta exatamente dentro de cinco minutos, medidos por relógio, utilizaria os seus próprios ombros e os de alguns partidários como chave.

Era um espetáculo singular ver os pacíficos Amigos reunidos num bloco compacto, silenciosos mas firmes, com os olhos fixos num relógio que um deles mantinha erguido à vista de toda a multidão, enquanto o grupo opositor discutia ruidosamente entre si.

Subitamente ouviu-se um estrondo, seguido de gritos, clamores e uma correria.

«Lá vão eles a entrar, sem dúvida», disse o meu amigo.

«Parece-me que também está na hora de entrarmos.»

Segui o Sr. Ayers e, quase arrastados pela multidão em movimento, fomos literalmente empurrados pela encosta acima até aos próprios degraus que conduziam à porta da igreja.

«Não entra mais ninguém aqui», gritou um homem, de braços estendidos de um lado ao outro da porta.

«Está completamente cheio, a transbordar.»

«Muito bem», respondeu calmamente o Sr. Ayers, «se não deixarem entrar a Sra. Hardinge, calculo que também não terão grande conferência esta noite.»

«Como? O quê?», respondeu o zelador zeloso. «É essa a oradora? Aqui, aqui!» — gritou para a multidão no interior. «Afastem-se e abram passagem! Saíam da frente, querem? A oradora! A oradora!»

E imediatamente o eco percorreu a multidão do lado de fora:

«Como é ela?» — «Deixem-nos vê-la!» — «Veio numa vassoura?» — «Tem asas?»

Entre exclamações deste género, fui parcialmente puxada, parcialmente empurrada para dentro da igreja, sem rasgar mais do que metade do meu vestido branco de musselina.

Depois de ser conduzida ao púlpito, com o Sr. Ayers sentado abaixo de mim na função de secretário, observei curiosamente o mar de rostos que se estendia diante, em redor e acima de mim, pois alguns dos mais audaciosos tinham mesmo escalado as janelas e estavam empoleirados nos parapeitos.

Depois de tirar o chapéu e as luvas, tive a feliz inspiração de abrir um livro de hinos que se encontrava sobre o púlpito e anunciar um cântico, lendo eu própria a primeira estrofe.

Imediatamente, e sem qualquer hesitação, um homem dotado de bela voz começou a entoar uma antiga melodia muito apreciada.

As palavras eram conhecidas, a música popular, e todo o povo cantou em uníssono.

A multidão do lado de fora juntou-se à sublime harmonia — sublime quando mais de mil vozes se uniam em louvor e súplica ao Pai de todos.

Naquela gloriosa corrente de harmonia, o espírito de discórdia foi vencido e alcançou-se o triunfo da paz e da boa vontade.

Seguiu-se uma invocação, depois uma conferência de mais de uma hora, durante a qual reinou um silêncio absoluto entre aquela multidão compacta e fervilhante.

Vieram depois algumas perguntas, várias tentativas de aclamação imediatamente abafadas pelo silêncio e pela recordação de que estávamos «numa igreja»; cantou-se um hino de despedida e, então, ao cair do crepúsculo e sob a luz ténue de algumas lâmpadas, as massas começaram a dispersar-se e a sair calmamente, detendo-se apenas para me dirigir um olhar amistoso; alguns murmuravam «Deus a abençoe», outros erguiam uma criança para que eu a beijasse e não poucos estendiam a mão para apertar a minha.

A parte mais gratificante da cena para mim ocorreu quando grande parte da multidão já se dispersara e o Sr. Ayers me conduziu para fora da igreja, permitindo-me ver os dois grupos que ainda há pouco se opunham a apertarem vigorosamente as mãos uns aos outros.

O líder de uma das fações exclamou, ao ver-me sair:

«Mas, minha querida senhora, aquilo que disse esta noite foi exatamente a minha religião durante toda a minha vida.»

«Não sei quanto a isso», respondeu o principal revolucionário do outro lado. «Só sei que é a religião que esperei encontrar toda a minha vida.»

Dormi profundamente nessa noite, quando finalmente me foi permitido fazê-lo.

No dia seguinte embarquei de novo num barco da baía de Quinte, esperando reencontrar a minha querida mãe (que visitava amigos bondosos em Oswego) por volta das cinco horas da tarde.

Ao alcançarmos o lago Ontário, porém, o nosso barco encontrou uma daquelas terríveis tempestades que por vezes assolam esses mares interiores da América, tornando a navegação mais difícil e muito mais perigosa nesses locais que, noutros países, se supõem ser «lagos tranquilos», do que em pleno oceano.

Durante muitas horas, prolongando-se pela noite dentro, a nossa embarcação foi sacudida e arremessada por vagas violentas que

varriam o convés de proa a popa, enquanto trovões retumbantes e um clarão incessante de relâmpagos rasgavam o céu, contribuindo para tornar a cena tão terrivelmente impressionante como as piores tempestades que alguma vez enfrentei nos oceanos Atlântico ou Pacífico.

Sendo filha de marinheiro, talvez por herança, ou talvez por razões mais profundas, sempre senti prazer, e não medo, perante os terríveis fenómenos das tempestades no mar.

Ao passar junto da cadeira que eu mandara amarrar a um abrigo lateral no convés, o capitão felicitou-me por aquilo a que chamou coragem e disse-me:

«Dizem que a senhora é uma dessas boas pessoas dos Espíritos. Conseguirão os seus Espíritos dizer-nos quanto tempo falta para todos dormirmos nos nossos túmulos oceânicos? Porque não vejo grande esperança de encontrarmos outro leito nesta noite de Nosso Senhor.»

«Nem eu, capitão», respondi. «Quer dizer, não nesta noite, porque já é quase meia-noite. Contudo, aqueles de nós que vivem em Oswego poderão estar todos confortavelmente nas suas camas às três horas da manhã de amanhã. E poderá atirar-me borda fora como o Jonas deste navio se não desembarcarmos, o mais tardar, até às duas horas.»

«Por Deus, acredito em si, minha senhora», respondeu o pobre capitão, afastando-se cambaleante e desejando-me alegremente: «Deus a abençoe, senhora.»

À uma e cinquenta e cinco da manhã, a nossa embarcação castigada pela tempestade encontrava-se em segurança atracada no porto de Oswego.

O nosso bom amigo e anfitrião, o Sr. Doolittle, obedecendo ao sinal telegráfico da nossa aproximação que providenciara previamente, aguardava-me no cais para me receber.

Quando desembarquei, o capitão segredou-me ao ouvido enquanto me ajudava a chegar a terra:

«A senhora não imagina o bem que as suas palavras benditas me fizeram.»

Às três horas da manhã eu dormia ao lado da minha querida mãe, sonhando que estava na Ilha do Príncipe Eduardo, no Canadá, contemplando com espantada especulação, tal como centenas de outros antes de mim, o fenómeno do célebre «lago no cimo da montanha».

CAPÍTULO IX

A VERDADE CONTRA O MUNDO

Para evitar repetições, dediquei os últimos capítulos desta obra à narração de alguns daqueles episódios representativos, entre centenas de outros que marcaram a trajetória atribulada dos meus trinta e cinco anos de experiência como conferencista espírita.

Não duvido de que muitos dos meus companheiros de trabalho tenham atravessado provações semelhantes; contudo, porque fui uma viajante incansável e aventureira, além de ser aquilo a que então chamavam uma verdadeira revivalista, não posso deixar de pensar que me coube mais do que a minha quota-parte dessas aventuras.

Durante as minhas visitas a muitos países estrangeiros, bem como ao longo dos meus compromissos em quarenta e quatro dos Estados norte-americanos, fui constantemente solicitada a abrir novos campos de atividade, onde, em circunstâncias normais, jamais me teria atrevido a desempenhar trabalho pioneiro. Mas os bons empregadores espirituais, em cuja bondade e clarividência aprendera a confiar plenamente, asseguravam-me que, ao dirigir-me para os locais de

missão por eles indicados, «nem mesmo um parque inteiro de artilharia disparado por uma legião de inimigos me poderia causar dano».

Durante todos os anos das minhas longas peregrinações, o meu modo habitual de organizar o tempo era o seguinte:

Era convidada a assumir compromissos nas cidades maiores durante um ou dois meses consecutivos, falando todos os domingos em dois serviços, um de manhã e outro à noite.

Durante as tardes de domingo era frequentemente convidada a proferir palestras nas prisões estaduais de várias cidades, como Filadélfia, New Bedford, Charlestown (Massachusetts), Providence, entre outras.

Estas visitas eram especialmente interessantes para mim, porque me proporcionavam a oportunidade de apresentar aos infelizes criminosos, que mais necessitavam desses ensinamentos, a severa mas absolutamente justa doutrina da responsabilidade pessoal por todos os pecados cometidos, bem como as encorajadoras e esperançosas garantias espiritualistas de progresso eterno para todos aqueles que, como o «Filho Pródigo» das Escrituras, decidissem levantar-se e regressar ao Pai pelo caminho do arrependimento percorrido pelos seus próprios esforços incansáveis.

Por vezes, os guardas traziam-me pedidos especiais dos próprios reclusos para visitar determinada cela.

Nessas ocasiões vivi algumas das cenas mais trágicas e impressionantes da minha vida.

Posso referir dois casos em particular, quando tive o privilégio de falar na prisão estadual da Pensilvânia, em Moyamensing, e fui convidada por um dos guardas a visitar as celas de dois infelizes condenados que deveriam sofrer a pena máxima da lei no dia seguinte.

As palavras de advertência, mas também de esperança e promessa, bem como o remorso sincero e a resignação agradecida que se trocaram entre a mensageira do mundo espiritual e aqueles homens condenados, jamais se apagarão da minha memória até que todos nos reencontremos nas esferas do PROGRESSO ETERNO.

As minhas horas do meio-dia eram geralmente dedicadas a visitar pessoas doentes ou idosas que desejavam encontrar-se comigo, mas não tinham possibilidade de me visitar.

Às terças-feiras, com igual regularidade, partia para novas viagens, estando quase sempre contratada para falar três e não raras vezes quatro noites por semana, quer para abrir novos centros, quer para reanimar antigos «campos de atividade».

Em muitas outras ocasiões era chamada a participar em dois ou mais debates noturnos com opositores do Espiritualismo, geralmente ministros religiosos de várias denominações ou secularistas.

Regressando no final da semana ao local dos meus compromissos mensais regulares, encontrava-me absorvida por visitas de manhã e de tarde, receções noturnas, uma vasta correspondência e artigos que precisava de escrever para os diversos jornais espiritualistas.

Na minha própria pessoa apresento um retrato que não é de modo algum exagerado da vida e do trabalho daquela vasta classe de oradores espiritualistas que, durante os últimos trinta e cinco anos, dedicaram coração e alma, corpo e mente, tempo e serviço à implantação do estandarte da fé espírita por toda a imensa extensão do Novo Mundo.

Sei que muitos desses missionários dedicados «caíram em plena marcha» e alcançaram, na vida superior, o trabalho que é alegria e o labor que é repouso.

Quase todos os meus primeiros companheiros, aqueles que tantas vezes trocaram comigo palavras de encorajamento e simpatia mútua, escalaram felizmente essas alturas abençoadas antes de mim.

Mas, embora poucos dos seus sucessores tenham enfrentado as ferozes perseguições lançadas sobre os primeiros pioneiros deste poderoso movimento, ou conhecido o que significa vaguear tão longe de todos os laços familiares como a autora destas páginas, repito que o breve resumo que apresentei da vida de um orador espírita dedicado e ativo — tanto no passado como no presente — está longe de ser exagerado; pelo contrário, foi deliberadamente atenuado.

E é por trabalhos deste género, por este esforço físico e por esta dedicação intelectual, que os modernos escribas e fariseus tantas vezes exigem que o pobre médium-orador saia a trabalhar e a servir «sem dinheiro e sem preço», esquecendo que todos os meios de subsistência e de deslocação custam dinheiro e têm um preço, tal como qualquer outra forma de atividade humana é considerada digna de remuneração.

Não incluí na lista dos meus deveres o número de funerais que me pediram para celebrar, a quantidade de bebês que me solicitaram que nomeasse, nem os exercícios dos Liceus que se esperava que frequentasse, oferecendo os conselhos e o encorajamento que inevitavelmente se traduziam em oportunas alocuções.

Devo acrescentar que estas diversas ocupações não eram exclusivas do movimento na América, pois encontrei-me igualmente ativa na Nova Zelândia, na Austrália e durante a minha primeira visita de regresso a este meu país natal.

Também não pretendo sugerir que os trabalhadores americanos da atualidade estejam isentos de semelhante esforço, uma vez que vejo constantemente relatados nos jornais espiritualistas os seus trabalhos e méritos.

No esboço que neste momento preparo, porém, falo daquilo que eu própria vivi, daquilo que centenas de testemunhas ainda vivas poderão confirmar, e de uma causa cuja divulgação revolucionou o domínio do antigo pensamento teológico e lançou os alicerces da construção do novo, do verdadeiro e do comprovado nas crenças religiosas que um dia governarão todo o mundo civilizado.

Voltando, porém, ao tema especial deste esboço.

O único tempo livre que alguma vez encontrei para ler foi durante longas viagens nos comboios ou nos barcos a vapor.

Mesmo nestes últimos, durante as travessias oceânicas, o capitão quase sempre me pedia que dirigisse os serviços religiosos de domingo e organizasse entretenimentos musicais para os Fundos de Viúvas e Órfãos dos Marinheiros.

Não sabia o que significava a palavra férias. A minha querida mãe acompanhava-me de vez em quando em viagens para lugares

situados a apenas algumas centenas de milhas do local onde se hospedava, geralmente junto de bons amigos em Nova Iorque ou Boston. Quando, após muitos e longos meses de ausência no Extremo Oeste, no Norte ou no Sul, eu regressava para partilhar o seu lar e alegrar os seus queridos olhos com a visão da sua filha errante, era um dado adquirido que eu deveria dar palestras aos domingos em Nova Iorque ou Boston e partir apressadamente para algum outro lugar, a fim de realizar conferências em pelo menos quatro noites da semana entre dois fins de semana. E todas essas longas peregrinações eram realizadas, na maior parte das vezes, em meio a provações e dificuldades incontáveis.

Por vezes passava meses no Noroeste, onde a neve cobria a terra com uma espessura de três a seis pés.

Por vezes quase derretia sob o sol abrasador de St. Louis, Memphis ou Nova Orleães.

Os comboios em que viajava ficavam frequentemente bloqueados pela neve, e cheguei a saber o que era quase morrer de fome, além de sofrer de frio e de exaustão quase até à morte.

Nunca desfrutei de uma saúde vigorosa; sempre fui propensa a afeções da garganta e do peito e, muitas vezes, ficava quase incapacitada pelo reumatismo.

Não sei como terá acontecido com outros oradores, mas, no meu caso, declaro — e há hoje dezenas de testemunhas vivas que confirmarão a minha afirmação — que mesmo a indisposição mais séria, desde que não me obrigasse a permanecer na cama, nunca interferiu nem prejudicou as minhas conferências.

Numa ocasião, quando a minha mãe me acompanhou a Buffalo para visitar as Cataratas do Niágara, ouvi-a — sempre a mais bondosa e terna das enfermeiras — dizer à senhora Maynard, em cuja casa estávamos hospedadas, quando eu me encontrava completamente prostrada por uma grave crise de gripe:

— Não faz mal; temos de a vestir e colocá-la na carruagem. Ela ficará bem assim que subir à tribuna, e a conferência curá-la-á.

E esta profecia não só se realizou plenamente, como a minha mãe falava a partir do que tinha testemunhado em inúmeros casos semelhantes, e do que eu própria sempre desejava que fosse feito.

Talvez seja oportuno antecipar aqui a mesma pergunta que muitos bons amigos, habituados à vida doméstica, me fizeram anteriormente: como podia eu, e por que razão queria eu suportar uma vida de fadiga incessante, privações frequentes e excitação desconcertante?

Respondo: podia suportá-la porque Espíritos bons e poderosos me davam essa capacidade e sempre me sustentavam nobremente em todas as emergências; queria suportá-la porque o exercício das faculdades com que fui dotada me tornava supremamente feliz, porque tornava os outros felizes, reformava muitos criminosos, iluminava muitas mentes obscurecidas e porque eu acreditava — mais ainda, sabia — da verdade de tudo o que os Espíritos ensinavam através dos meus próprios lábios e demonstravam através das provas de muitos outros médiuns.

Mais ainda: teria sentido que era culpada de desobediência à vontade do meu Pai Celestial se tivesse resistido ao maravilhoso poder que me fora concedido e deixado de me tornar um instrumento dos benditos Espíritos para ensinar e provar as condições da vida futura.

Posso declarar aqui que as minhas diversas formas de mediunidade de prova, embora não fossem tão fortes como quando estavam em plena atividade e eu me sentava dia após dia perante o público, nunca me abandonaram por completo.

Os bons Espíritos que inspiravam as minhas conferências ordenaram-me expressamente que abandonasse a mediunidade de provas como prática habitual, alegando que os Espíritos filosóficos, científicos ou instrutivos não podiam controlar aqueles órgãos do cérebro que precisavam de ser utilizados para fornecer nomes, idades, datas e sinais de identidade pessoal.

Segundo afirmavam, tais provas só podiam ser dadas pelos Espíritos amigos das pessoas ou através do «Guia» do médium, ou do seu «Espírito familiar», e não pelas entidades controladoras que inspiravam conferências de carácter instrutivo.

— Estás a desorganizar os fios magnéticos — diziam esses Espíritos instrutores. — E quando desejamos oferecer aos nossos ouvintes o oratório de «A Criação», apenas encontramos um instrumento de uma só corda, habituado a entoar a melodia de «Lar, Doce Lar».

Também nunca me permitiram dar provas na tribuna.

Alegavam que a diversidade das mentes reunidas em torno de um orador produzia apenas influências fragmentadas e heterogêneas; além disso, a tribuna não devia transformar-se numa exibição, mas destinava-se a expor a filosofia e a religião do movimento, enquanto o pequeno círculo harmonioso ou as entrevistas privadas eram organizados através da ciência da intercomunicação entre Espíritos e mortais, devendo ser inteiramente dedicados a essa ciência por meio da qual se podiam fornecer provas e reunir novamente mortais e Espíritos.

Devo agora falar de um incidente muito importante da minha juventude. Embora recue com indizível relutância perante a possibilidade de ser acusada de vaidade pessoal, sinto que tudo o que fiz, ou poderia ter feito, se deve tão inteiramente à orientação dos bons e sábios Espíritos, de quem sou serva, que me envergonho quando hesito em apontar um resultado especial da sua influência e assinalar brevemente as suas consequências.

Foi em Setembro de 1858 que, por ordem dos Espíritos, que me transmitiam verbalmente os temas das minhas conferências dominicais e geralmente delineavam o programa mensal que eu deveria seguir, iniciei uma série de oito conferências sobre a Origem de Todas as Crenças Religiosas.

A sequência das palestras incluía citações das mais antigas Escrituras religiosas, descrições dos monumentos da Índia, Egito, Pérsia, Caldeia, Grécia, Roma, dos judeus e dos cristãos.

Para estudantes bem informados da História, estes temas não apresentavam novidades; porém, para comunidades compostas por pessoas que tinham sido ou continuavam a ser adeptas da fé cristã, as revelações relativas ao culto solar, sexual e do fogo — numa palavra, as doutrinas, os milagres e até os próprios ensinamentos e histórias

dos antigos Messias, retirados do pó dos séculos e demonstrados como existentes muitos e incontáveis séculos antes do último dos Messias, o alegado fundador da fé cristã — constituíam uma revelação tão nova e tão espantosa para a massa de um povo pouco instruído que este ciclo de conferências, iniciado pela primeira vez no Dodworth's Hall, em Nova Iorque, provocou não apenas espanto, mas também receio das consequências e não pouca indignação entre muitos espiritualistas.

Habituada, como estava, a receber as mais calorosas demonstrações de apreço dos meus companheiros espiritualistas, senti frequentemente uma dor inexprimível perante as censuras de alguns amigos que me advertiam contra «o terreno perigoso» que eu estava a pisar e contra aquilo a que chamavam os meus ataques e a minha subversão dos fundamentos do Cristianismo.

Estas e muitas outras murmurações semelhantes só podiam ser silenciadas quando, impelida pelos meus severos guias espirituais, eu perguntava:

— O que foi ensinado é verdadeiro ou falso? Se é falso, provem-no. Se é verdadeiro, como podem esperar construir uma nova e verdadeira religião de responsabilidade pessoal nesta vida e na futura sobre um terreno já ocupado por uma religião que ensina a salvação apenas através da expiação vicária do pecado e da crença de que essa salvação foi realizada por um indivíduo especial, cuja história já havia sido representada repetidas vezes muito antes do seu tempo?

Que estas conferências atingiram em cheio os corações e as consciências dos defensores da ortodoxia ficou suficientemente demonstrado pela amargura com que foram recebidas e comentadas.

O editor do *New York Herald* propôs que eu fosse «encerrada», «no melhor interesse da religião», e que não fosse libertada enquanto não promettesse nunca mais falar em público sobre assuntos religiosos.

Os jornais de St. Louis protestaram contra a minha ousadia em ressuscitar as teorias de Volney, Dupuis, Robert Taylor e Abner Kneeland; porém, os eruditos que pretendiam silenciar-me através da lei esqueceram-se de explicar em que medida os ensinamentos dessas grandes autoridades eram falsos ou inverídicos, por mais heréticos que pudessem parecer aos crentes de determinadas seitas religiosas.

E, ainda assim, embora muitos devotos se afastassem e muitos outros saíssem furiosos das minhas salas de conferências, fazendo o maior ruído possível e batendo a porta atrás de si com aquilo que Thomas Hood definiu como «uma maldição de madeira», os Espíritos a quem eu servia insistiam para que eu apresentasse esse mesmo ciclo de conferências, tão desagradável para muitos, em todos os grandes centros que visitava.

Pouco depois dessa dura provação — pois assim era a obediência que os meus guias espirituais me impunham —, a obra de Kersey Graves, *Sixteen Crucified Saviours*, a de Lydia Maria Child, *Progress of Religious Ideas*, bem como livros, folhetos e uma torrente interminável de panfletos, acabaram por saturar a opinião pública precisamente com as ideias que anteriormente tinham sido consideradas perigosas demais e até blasfemas para serem expressas publicamente numa tribuna espiritualista.

Quando visitei a Austrália, vinte anos após a primeira apresentação dessas conferências revolucionárias, e durante uma série de dez meses de palestras em Melbourne, permiti que uma comissão do auditório escolhesse os temas das minhas conferências. A origem de todas as crenças religiosas, tal como ensinada nas diversas terras da Antiguidade, era quase sempre o tema escolhido.

Antes de deixar Melbourne, vários homens eruditos, alguns dos quais membros da Universidade de Victoria, pediram-me que reunisse os principais pontos dessas conferências numa publicação impressa, juntamente com referências a autoridades reconhecidas que reforçassem e justificassem as afirmações apresentadas.

O resultado desse pedido foi a publicação da minha obra *The Faiths, Facts, and Frauds of Religious History*, da qual dez mil exemplares circularam pelas Colónias.

A única resposta que alguma vez foi dada — tanto quanto é do meu conhecimento — aos ensinamentos expostos nessa obra partiu de um erudito bispo australiano, que publicou um panfleto (quase forçado a fazê-lo a pedido da sua congregação) intitulado *The Expectation of Christ*.

Nesta obra instrutiva, a única explicação apresentada para todos os diversos Messias antigos que precederam o cristão foi a de que eles eram mitos e Ele era o real; por outras palavras, todos eles «eram apenas uma espécie de expectativa profética do único original e do último de todos os Messias».

O meu único objetivo ao referir agora este curioso episódio é, em primeiro lugar, mostrar a absoluta falta de esperança da posição do teólogo moderno quando é chamado a demonstrar que todo o seu sistema doutrinário não passa de um plágio de crenças muito mais antigas do que a sua.

Desejo também salientar as mudanças radicais que ocorreram durante os últimos vinte anos na opinião pública acerca das crenças ortodoxas, a rápida difusão do que se chama pregação liberal, mesmo a partir dos púlpitos das igrejas, e a propagação geral desse espírito liberal nas questões religiosas, não apenas entre as massas, mas também entre as melhores classes de pessoas reflexivas.

Pergunto então: de onde provém esta vasta corrente de liberalidade nas crenças sectárias?

Reconheço plenamente os méritos das investigações destemidas e das afirmações ousadas dos secularistas e estou preparada para admitir que deixaram uma marca profunda no pensamento popular. Contudo, levaram pelo menos cem anos a produzi-la, sendo que os ensinamentos de Volney, Dupuis, Voltaire e dos enciclopedistas franceses remontam a uma época ainda anterior.

Entretanto, o súbito crescimento de uma fé cada vez mais ampla numa religião verdadeira e comprovada atribuo-o sem hesitação à acção e à influência do mundo espiritual — o mundo que SABE e que, por isso mesmo, é o único qualificado para testemunhar a realidade da condição em que a vida continua para além do túmulo.

Durante a primeira década da grande efusão espiritual, o objetivo evidente do poder controlador consistiu em estabelecer, através de provas e demonstrações manifestadas por diversos fenómenos, a sua identidade com os Espíritos ressuscitados da humanidade.

A década seguinte, ainda governada por influências espirituais, dedicou-se a limpar o terreno do pensamento humano das ervas daninhas do preconceito, da superstição e da dominação dos erros e abusos sacerdotais.

Contudo, juntamente com o martelo iconoclasta que derrubava e destruía o falso, surgiram também os semeadores e plantadores, que fizeram aquilo que nenhum simples iconoclasmo poderia realizar: plantaram o verdadeiro e o natural e, por cada muro em ruínas que era derrubado, colocaram no seu lugar uma pedra talhada «justa e perfeitamente», marcada pelo selo do Mestre: VERDADE.

É a colocação de pedras como estas que formará os alicerces do templo universal no qual toda a Terra ainda há de adorar aquele Deus «que é todo Espírito», conduzida e guiada pela voz daquele homem que é todo Espírito e que proclama: «Eu sou aquele que viveu e esteve morto, e eis que estou vivo para todo o sempre.»

CAPÍTULO X

EXPERIÊNCIAS COM ROBERT DALE OWEN

“As mais poderosas almas de todos os tempos pairam sobre nós,
Que trabalharam como deuses entre os homens e partiram
Como grandes explosões de sol pelo caminho sombrio diante de nós;
Estão connosco, ainda connosco, continuam a lutar as nossas
batalhas.”

Antes de prosseguir com as minhas viagens, parece oportuno referir algumas das personalidades eminentes que integravam as fileiras dos espiritualistas com quem estive associada durante os meus longos anos de vida e atividade públicas.

Desde a minha entrada no Espiritualismo americano, travei estreito conhecimento com a senhora Fox e com as suas filhas, Katey e Margaretta, as chamadas «Batedoras de Rochester», e uma das minhas amigas mais estimadas foi a senhora Leah Fox Underhill, a mais velha das célebres irmãs Fox.

Esta senhora foi a melhor médium de provas, de pancadas e de fenómenos físicos que alguma vez conheci, além de ser uma das mulheres mais bondosas e nobres de coração.

Após o seu casamento com o senhor Daniel Underhill, um cidadão muito respeitado de Nova Iorque, embora se encontrasse numa situação de completa independência financeira, nunca diminuiu a sua dedicação à causa que abraçara. Pelo contrário, abria a sua bela residência da Rua 37, em Nova Iorque, para receções nas noites de Inverno, nas quais, sempre que eu me encontrava na cidade, me convidava gentilmente a associar-me a ela.

Nesses agradáveis encontros, como já mencionei num capítulo anterior, estavam frequentemente presentes numerosas celebridades espiritualistas dignas de nota.

Depois de terminadas as receções gerais, alguns amigos privilegiados permaneciam para partilhar uma ceia social, sempre servida na sala de jantar da cave, sobre a célebre e antiga mesa de jantar de Rochester, na qual se realizaram os primeiros círculos espiritualistas da época sob os auspícios das irmãs Fox.

Nessas sessões da senhora Underhill, as manifestações eram tão poderosas e impressionantes que, narradas friamente, pareceriam demasiado inacreditáveis para justificar a sua repetição.

Referirei apenas uma ocasião, uma sessão posteriormente relatada nos jornais de Nova Iorque por uma das pessoas presentes, razão pela qual não existe inconveniente em reproduzir novamente o relato.

«Imediatamente após a ceia, dirigimo-nos todos para o conjunto de salas de receção. O nosso grupo era composto pelo anfitrião e pela anfitriã, Emma Hardinge e a sua mãe, que então se encontravam hospedadas na casa como visitantes, Oliver e Mary Anne Johnson, Robert Dale Owen, William Lloyd Garrison e algumas outras pessoas.

O primeiro Espírito que se manifestou através de fortes pancadas e pedidos do alfabeto foi Robert Owen, que anunciou desejar transmitir um conjunto de Mandamentos Espiritualistas por intermédio de Emma, caso ela aceitasse submeter-se ao seu controlo,

enquanto o seu filho, Robert Dale Owen, os registaria por escrito à medida que a médium em transe falasse.

Então Emma Hardinge dirigiu-se ao piano aberto, tocou durante alguns minutos uma improvisação grandiosa e solene e, regressando depois ao grupo, aparentemente sob forte influência, anunciou que estava pronta para receber a inspiração do bom Espírito, desde que este confirmasse cada frase correta com três pancadas afirmativas ou a interrompesse com duas pancadas sempre que desaprovasse alguma palavra.

A médium começou então a falar lentamente, mas com ênfase. Com apenas duas correções por parte do Espírito controlador, que soletrou por pancadas as palavras que desejava substituir, foram transmitidos dez Mandamentos Espiritualistas e dez leis do direito.

Depois de terminada esta cena, o senhor Underhill formulou e obteve, através de pancadas, várias respostas a perguntas relativas ao destino e ao desfecho final da terrível guerra americana entre o Norte e o Sul, então em curso.

Quando perguntou: “Qual será o próximo movimento no grande tabuleiro de xadrez, Espíritos?”, a resposta por pancadas foi: “Vai para o piano, Emma.”

Emma Hardinge obedeceu e tocou primeiro “John Brown” e várias canções de guerra então muito populares.

Quase no final da primeira melodia, uma voz aguda e penetrante ouviu-se acima das nossas cabeças:

“Baixem as luzes.”

A ordem foi cumprida e, instantaneamente, a música passou a ser acompanhada por sons semelhantes à marcha de um grande corpo de soldados; depois ouviram-se explosões repetidas, como disparos de mosquetaria, todas produzidas com tonalidades diferentes, algumas semelhantes ao estalar de uma pistola, outras ao rugido distante da artilharia.

Em seguida vieram choques de espadas, depois um confuso murmúrio de vozes, gemidos e gritos débeis.

Entretanto, todos os objetos da sala estavam em movimento. Parecia que o próprio tapete seria arrancado do chão, tal era a forma como tremia e se elevava como se fosse agitado por um forte vento.

Por fim, a pianista executou uma marcha da sua própria composição, concluindo com uma magnífica interpretação da *Marcha Fúnebre de Saul*.

Tão forte e tão perfeitamente ritmado era o som dos tambores abafados e da lenta marcha dos pés durante essa peça final que um dos presentes foi discretamente à janela da frente e afastou a cortina para verificar se não haveria um regimento a marchar pela rua ao som de tambores abafados.

Eram então quase quatro horas da madrugada, e a rua encontrava-se completamente silenciosa e deserta.

Esta foi a cena final de uma sessão inesquecível, embora de modo algum rara, com Leah Fox Underhill e Emma Hardinge.

O senhor R. D. Owen e William Garrison preparavam-se para regressar a Boston no comboio da manhã seguinte.

Como os criados já estavam todos deitados e a dormir, as senhoras prepararam algum pequeno-almoço, durante o qual — e enxugando muitas lágrimas dos olhos — declararam que a cena testemunhada naquela noite jamais abandonaria a sua memória enquanto vivessem.»

— R. D. Owen

A sessão acima descrita não era, de forma alguma, rara na experiência da senhora Underhill e dos seus amigos.

Devemos, contudo, prosseguir e observar outras facetas do Espiritualismo de Nova Iorque, nas quais participei frequentemente.

Já mencionei que a minha mãe e eu tivemos o privilégio, durante alguns anos, de nos hospedarmos na casa da senhora E. J. French, a célebre clarividente, médica e médium.

Também esta senhora realizava frequentemente círculos e receções, frequentados, porém, por um grupo diferente daquele que comparecia nas reuniões dos Underhill.

Entre os amigos da senhora French encontravam-se geralmente vários médiuns conhecidos, incluindo o senhor D. D. Home, Mary e A. J. Davis, bem como muitos membros dos comités nova-iorquinos das reuniões públicas.

Embora resista à tentação de descrever em pormenor as grandiosas cenas pentecostais que se desenrolavam entre nós no número 8 da Fourth Avenue, residência da senhora French, devo registar uma forma particularmente notável de fenómeno que ali foi concebida e realizada pelos nossos Espíritos assistentes.

Tratava-se de um acordo celebrado entre a senhora French e eu, segundo o qual nos comunicaríamos espiritualmente por telégrafo todos os domingos, à uma hora da tarde, segundo a hora de Nova Iorque.

Essa era a hora do almoço da senhora French e, além da sua família, da minha mãe, que ali residia, e de vários amigos, reuniam-se diversas pessoas por volta dessa hora para testar o êxito da telegrafia mental.

A mensagem que a senhora French me enviava era registada por escrito pelas pessoas presentes em sua casa e, geralmente, um dos visitantes era encarregado de me escrever, onde quer que eu me encontrasse, relatando integralmente o conteúdo da mensagem transmitida.

Entretanto, exatamente o mesmo procedimento era seguido do meu lado da linha.

Eu podia encontrar-me em Chicago, Nova Orleães ou em qualquer outro local a mil milhas de Nova Iorque; mas, sempre tendo em conta a diferença horária, as nossas mensagens eram enviadas e recebidas em ambos os extremos sem falha nem erro durante vários anos, isto é, quando eu me encontrava ausente em digressões de conferências.

Grupos de amigos e testemunhas reuniam-se à minha volta, tal como acontecia junto da senhora French, para ouvir as mensagens recebidas e enviadas; e estas, salvo uma ligeira alteração ocasional numa palavra, NUNCA FALHAVAM.

As cartas enviadas pelos amigos que me acompanhavam e pelas pessoas que escreviam para Nova Iorque cruzavam-se pelo correio, mas coincidiam sempre substancialmente.

A senhora French recebia as suas mensagens através de pancadas, geralmente à mesa do almoço repleta de convidados; eu recebia as minhas por clariaudiência, igualmente durante a refeição.

Insisto particularmente neste caso, não pela sua raridade, pois durante muitos anos comuniquei por telegrafia mental com membros da Sociedade Oculta à qual anteriormente pertenci, mas porque, entre todos os exemplos que conheço, nenhum foi tão publicamente relatado nem testemunhado por tão grande número de pessoas como os referidos acima entre a senhora French e eu.

Poderia encher um volume inteiro com relatos dos círculos realizados e das provas apresentadas a todos os investigadores entre os primeiros espiritualistas de Nova Iorque.

Devo agora prosseguir para abordar as minhas relações particulares com «a causa» e os seus apoiantes noutros grandes centros.

Em Boston encontrei plenamente confirmada a reputação de elevada cultura e instrução atribuída aos seus habitantes pelo carácter dos espiritualistas que me rodeavam.

De um modo geral, eram comerciantes e profissionais pertencentes aos mais elevados estratos da sociedade.

Alvin Adams, fundador da célebre companhia de transportes expresso que levava o seu nome, era um espiritualista dedicado. Ele e a sua estimada esposa abriam semanalmente a sua residência palaciana para uma receção noturna, invariavelmente frequentada por poetas, autores, editores, senhoras e cavalheiros de grande inteligência, bem como por médiuns célebres como Lizzie Doten (a melhor, mais inspirada e mais nobre poetisa da época), a senhora

Leeds, a senhora Cushman (a maior médium musical), George Redman, Colchester, Rollin Squire, D. D. Home, a senhora Hayden, Mansfield (o grande carteiro espiritualista), o senhor e a senhora A. E. Newton, Fanny Conant e muitos outros, demasiados para enumerar.

Na época do meu primeiro compromisso em Boston, o doutor Gardner, um dos mais incansáveis organizadores espiritualistas, havia organizado reuniões num belo edifício denominado «The Melodeon».

Nessa sala e em várias outras dirigidas pelo doutor Gardner ou por comités compostos pelos principais comerciantes de Boston, era habitual eu cumprir compromissos durante um ou dois meses de cada vez ao longo de muitos anos.

Durante essas visitas, bem como quando eu e a minha família nos tornámos posteriormente residentes em Boston, testemunhei e participei em mais maravilhas fenomenais da comunhão espiritual do que em qualquer outra parte do mundo.

Ali também ocorreram muitas mudanças no progresso da «causa», incluindo o aparecimento de novas personalidades e novos elementos, bem como o afastamento e, por vezes, a exposição implacável de imposturas ou de indivíduos indignos de ostentar o honroso nome de espiritualistas.

O relato completo de tudo isso ultrapassaria largamente os limites desta autobiografia.

Por conseguinte, devo limitar-me, neste caso como em tantos outros, à narração de um único episódio ilustrativo.

Num belo domingo de Primavera entrei na antecâmara do Allston Hall antes de proferir a minha conferência da tarde.

Segundo o anúncio, uma comissão nomeada pelo auditório deveria escolher o tema da minha exposição.

Quando o doutor Gardner entrou na sala para me conduzir à tribuna, entregou-me um papel onde estava escrito o tema da conferência:

«Faça uma descrição das regiões árticas e do destino de Sir John Franklin.»

Ao dirigir-me para a tribuna, encontrei a mesa colocada junto da minha cadeira literalmente coberta de ramos de flores.

Os meus bons amigos, ali como noutros lugares, tinham notado que eu costumava segurar flores na mão durante as conferências e frequentemente utilizá-las como ilustrações.

Foi por essa razão que me haviam presenteado tão generosamente naquela ocasião.

Contudo, em vez de pegar, como habitualmente, num dos mais belos arranjos florais preparados para mim, senti uma impressão para retirar, debaixo da massa de bouquets que quase o escondia, um pequeno ramo de humildes violetas.

Não só o conservei na mão durante toda a conferência que se seguiu, como fui levada a mencionar o facto — posteriormente confirmado por autoridades competentes — de que as violetas eram as flores preferidas do mártir Franklin e se adequavam perfeitamente ao tema trágico da conferência.

No final da palestra, ao retirar-me para a antecâmara a fim de escapar à profusão de elogios que me eram dirigidos, deixei o meu pequeno ramo de violetas sobre a mesa.

Foi então que reparei, pela primeira vez, que havia um cartão preso à fita branca com que as flores estavam atadas.

A inscrição dizia:

«Minha querida amiga, envio-lhe estas flores como sinal do meu amor e da minha simpatia.»

O cartão tinha gravadas as palavras: «Sra. Sisson, 18, Shawmut Avenue.»

Naquela época eu era relativamente desconhecida em Boston e não conhecia nem o nome Sisson nem o local da sua residência.

Quando o doutor Gardner entrou, perguntei-lhe, portanto, de forma algo brusca, quem era a senhora Sisson que me tratava por sua querida amiga.

O doutor Gardner respondeu que ela era uma das médiuns mais célebres de Boston, e o assunto ficou encerrado, pelo menos por essa ocasião.

No dia seguinte, vim de East Boston, onde me encontrava hospedada com amigos de Nova Iorque, levando comigo uma carta de apresentação para o senhor Epes Sargent.

Descobri que a residência do senhor Sargent ficava na Dover Street e, embora os meus amigos de East Boston, que não me puderam acompanhar, me tivessem dado instruções minuciosas para encontrar a rua, depressa me confundi com as voltas e desvios daquela zona.

A carta destinada ao senhor Sargent não indicava qualquer número, e os meus amigos tinham-me explicado que ele vivia numa parte da rua situada em frente de uma ou duas esquinas de outras vias.

Por fim, ao encontrar-me diante não de uma ou duas, mas de cerca de meia dúzia de esquinas, procurei alguém a quem pudesse pedir informações.

Enquanto observava em redor, reparei que uma das esquinas em que chegara era a Shawmut Avenue e que me encontrava precisamente diante de uma bela casa (n.º 18), cuja porta exibia uma grande placa com o nome da senhora Sisson.

«Ora», pensei eu, «este é o nome e a rua que figuravam no cartão da querida amiga que ontem me enviou aquelas violetas. Certamente, vivendo tão perto da Dover Street, saberá qual é a morada de Epes Sargent. Estou tentada a entrar e perguntar.»

Subi os degraus e preparava-me para tocar à campainha quando a porta se abriu e surgiu uma pequena mulher de rosto afável, sorrindo e estendendo-me a mão para me cumprimentar.

— Bem-vinda, Emma Hardinge! — exclamou ela. — Sir John disse-me para estar preparada, porque certamente viria.

Fiquei sem palavras e apenas consegui corresponder ao aperto da sua mão bondosa enquanto ela me conduzia para as elegantes salas de receção.

Quase antes que eu pudesse pronunciar uma palavra ou explicar o motivo da minha visita, a minha nova amiga começou uma série de elogios àquilo que chamava a minha maravilhosa conferência do dia anterior, agradecendo-me calorosamente por ter segurado as violetas na mão, que, segundo disse, o espírito de Sir John Franklin lhe pedira que me enviasse.

Acrescentou que, embora não conhecesse nem tivesse falado com qualquer membro da comissão que escolhera o tema, o mesmo omnipresente Sir John, a quem se referia tão frequentemente, lhe assegurara que as regiões árticas e o seu destino seriam o assunto escolhido para a minha conferência.

— Se não tivesse sido assim — continuou a pequena senhora com confiança —, creio que eu, apesar de ser espiritualista há tantos anos, teria ficado dominada pela dúvida.

Depois, sem me dar tempo para dizer mais do que algumas interjeições, a minha anfitriã, que eu apenas podia presumir ser a senhora Sisson, conduziu-me para uma sala interior e, apontando para um pequeno e elegante quadro a óleo pendurado na parede, representando uma rapariga de cerca de dez anos com uma estrela sobre a cabeça, perguntou:

— Sabe quem representa esta pintura?

— Meu Deus! — exclamei. — É a cópia exata de um quadro que o meu pai pintou de mim quando eu era criança.

— Ainda possui essa pintura? — perguntou.

— Não — respondi. — Suponho que tenha sido vendida juntamente com todos os bens do meu pobre pai quando ele morreu, deixando a sua viúva e quatro pequenos órfãos sem um tostão.

— Bem, não importa — respondeu ela. — A senhora Blantyre, uma das melhores artistas de Boston e também uma excelente médium, trouxe-me este quadro há pouco tempo, afirmando que um espírito a obrigara a pintá-lo e a trazê-lo para mim. Disse que não fazia a menor ideia de quem era o retratado, mas que seria reconhecido se eu o pendurasse nesta sala.

Com a mesma vivacidade de antes, a querida senhora acrescentou que Sir John Franklin, que era o seu guia, amigo e inspirador dos seus êxitos, lhe dissera que o pai de Emma Hardinge tinha sido capitão de mar e explorador dedicado; que deixara a Terra quando eu ainda era criança; e que o meu pai e o meu irmão marinheiro, como espíritos, pertenciam aos grupos exploradores de Sir John Franklin.

Agora, em justiça para com uma das mais notáveis médiuns da Nova Dispensação, devo reconhecer que toda a primeira parte destas afirmações era rigorosamente verdadeira.

Quanto à segunda parte, devo admitir que me haviam contado a mesma história, de facto, através de vários médiuns, mas nunca a repeti, pois Espíritos sábios haviam-me advertido para evitar a vaidade egotista de citar grandes nomes como meus «controladores». Mantive essa posição ao longo de toda a minha vida profissional.

Mesmo neste caso, não teria referido este meu primeiro encontro com a senhora Sisson — embora de forma alguma tenha sido o último — se não pretendesse concluir este capítulo com um dos mais impressionantes factos-prova das minhas experiências espirituais.

Para resumir a presente narrativa, direi que, a partir da ocasião acima referida, a senhora Sisson e eu tornámo-nos amigas íntimas.

Fui recebida com bondade e hospitalidade como sua hóspede quando posteriormente dei conferências em Boston e, alguns anos mais tarde, a minha querida mãe e eu fomos acolhidas na sua família como pensionistas durante muitos meses.

Chego agora à parte mais importante do meu relato relacionada com esta senhora.

Tanto o senhor como a senhora Sisson eram médiuns e o marido, embora ocupasse apenas o cargo de operário no estaleiro naval de East Boston, distinguia-se como um dos mais notáveis médiuns desenhadores da época.

Todos os seus desenhos, porém, se limitavam a um único tema: as regiões árticas.

Este homem, que, tanto quanto pude avaliar, nunca lera uma linha sobre essa terrível terra de gelo e desolação, produziu um enorme portefólio cheio de desenhos a giz, todos eles representando mapas de diferentes cenários, lugares e passagens dessas regiões.

O doutor Elisha Kent Kane, o senhor Morton e vários outros exploradores do Ártico examinaram esses desenhos e declararam-nos extraordinariamente exatos.

O doutor Kane era visitante frequente da casa da senhora Sisson, e os desenhos do senhor Sisson, bem como a mediunidade em transe da sua estimada esposa, foram estudados repetidas vezes pelo grande navegador.

Este casal singularmente dotado possuía cartas do doutor Kane, bem como comunicações enviadas para vários jornais espiritualistas, nas quais ele e muitos dos seus associados reconheciam não apenas a extraordinária exatidão dos desenhos, mas também a correção de todas as profecias da senhora Sisson relativas às várias aventuras do doutor Kane.

A minha própria participação nos factos-prova desta estranha história foi a seguinte:

Sir John Franklin, nas suas comunicações comigo, tanto através da minha mediunidade como da da senhora Sisson, prometeu que encontraria algum bom médium desenhador por meio do qual me ofereceria um retrato espírita seu.

Durante alguns meses aguardei ansiosamente, mas em vão, o cumprimento dessa promessa.

Por fim, cansada de esperar, mas dominada por um desejo irreprimível de possuir tal retrato, decidi comprá-lo.

Com esse objetivo, procurei em várias lojas de gravuras de Nova Iorque, Boston e outras grandes cidades, mas sem sucesso.

Os comerciantes garantiram-me que não conheciam qualquer retrato de Sir John Franklin nos Estados Unidos.

Lembrando-me de ter visto, quando era rapariga, uma gravura de Sir John Franklin na loja de Colnaghi, em Pall Mall, Londres, decidi não me deixar vencer.

Um dia escrevi uma carta para essa mesma casa Colnaghi, presumindo que o negócio ainda funcionasse sob esse nome, perguntando se poderia adquirir uma imagem e qual o preço que deveria enviar.

Antes de conseguir colocar a carta no correio, uma criada entrou no meu quarto em Nova Iorque e entregou-me um embrulho comprido.

Ao abri-lo, encontrei uma caixa metálica contendo um retrato de Sir John Franklin, em tamanho natural e a meio corpo, desenhado a lápis. Era uma obra algo grosseira e pouco artística, mas constituía uma semelhança inconfundível do bom Sir John, tal como o vi posteriormente na sua estátua londrina e nas gravuras que chegaram às minhas mãos após o meu regresso a Inglaterra.

A acompanhar a caixa vinha uma carta assinada por uma pessoa chamada «Wella Anderson», de quem mais tarde soube tratar-se de um jovem carpinteiro pobre que, enquanto trabalhava na sua bancada e possuindo apenas a mais modesta instrução livresca, passara subitamente a ser controlado para desenhar retratos de Espíritos.

Esses retratos eram sempre de pessoas falecidas completamente desconhecidas para ele e, quando não eram reconhecidos nem reclamados por visitantes ocasionais, uma voz que lhe falava por clariaudiência instruía-o a enviá-los a algum desconhecido num lugar distante, onde a imagem seria certamente reconhecida e recebida com gratidão.

Este homem nunca saíra da sua terra natal no Oeste; eu nunca estivera no Oeste até então; e nenhum de nós conhecia sequer a existência do outro.

Nunca tinha visto um jornal espiritualista e era demasiado recente no desenvolvimento das suas extraordinárias faculdades para ter alcançado uma reputação que chegasse aos meus ouvidos nos Estados Orientais.

Acima de tudo, na carta que acompanhava o retrato, descrevia muito modestamente como este «Espírito glorioso» lhe aparecera para ter o seu retrato executado. Sem indicar minimamente quem era, limitara-se a instruí-lo para enviar a imagem a «Emma Hardinge», no n.º 8 da Fourth Avenue, Nova Iorque, a mil milhas de distância da residência do artista.

Desde então encontrei muitas vezes o bom Wella Anderson e recebi dele muitos retratos espiritualistas, alguns em circunstâncias não menos estranhas do que as acima descritas. Contudo, nenhum deles constituiu para mim uma prova mais impressionante do controlo independente dos Espíritos do que o rude retrato de Sir John Franklin, prometido e recebido exatamente da forma aqui relatada.

Só me resta acrescentar que esse retrato, danificado e parcialmente cortado devido aos estragos sofridos durante o acondicionamento e as viagens, continua pendurado sobre a minha cabeça na parede do gabinete onde escrevo estas linhas.

CAPÍTULO XI

HAJA LUZ

Entre as cidades americanas onde mais frequentemente assumi compromissos de conferências, os dirigentes das fileiras espiritualistas pertenciam, na sua maioria, às melhores classes da sociedade.

Na Filadélfia tive frequentemente o prazer de participar nos círculos e, por vezes, de actuar como médium para o célebre cientista doutor Robert Hare e muitos dos seus associados.

Foi também ali que conheci e testemunhei repetidamente os poderes clarividentes do célebre médium quacre cego, Samuel Paist, cujas extraordinárias descrições do carácter e da fisionomia através do toque da mão ou da clarividência impediam centenas de pessoas que o conheciam apenas superficialmente de acreditarem na sua cegueira

total, até examinarem os restos dos seus pobres olhos, privados de visão desde a infância.

Sam Paist era viajante comercial, conduzia o seu próprio cavalo e carroça, nunca cometia erros nem sofria colisões nas ruas movimentadas ou nas estradas e, quando os guarda-portagens, por experiência, fechavam as cancelas à sua aproximação, ele chamava para que fossem reabertas muito antes de o cavalo chegar ao local.

Ali residia também Henry Gordon, um dos mais poderosos médiuns físicos da época.

Era pouco maior do que uma criança em altura e compleição, mas, quando o conheci, o mais leve toque dos seus pequenos dedos bastava para levantar pesos absolutamente extraordinários.

Os habitantes da Filadélfia tiveram o primeiro conhecimento da sua notável mediunidade numa manhã de domingo, durante o serviço espiritualista no Sansome Street Hall, quando, no meio de uma assembleia repleta, o senhor Gordon, que se encontrava tranquilamente sentado na primeira fila, foi elevado fisicamente pelos Espíritos, transportado por cima das cabeças de várias filas de espectadores e depois depositado em segurança no corredor central da sala.

Mais tarde, o senhor Gordon partilhou com outro médium a honra de servir de instrumento para transmitir comunicações que eram ditadas pela mente do senhor Henry Seybert, mais do que por quaisquer Espíritos controladores.

A este respeito posso afirmar, com base no meu conhecimento pessoal de ambos, que considero as curiosas idiossincrasias do carácter do senhor Seybert — cristão espiritualista devoto — e as igualmente devotas inclinações do senhor Gordon pela fé católica romana como as principais fontes daquilo a que ambos chamavam «influência espiritual», mas que tenho fortes razões para acreditar serem o resultado das suas próprias predisposições.

À querida Katey Robinson (uma das melhores médiuns de transe e clarividência da cidade), ao doutor Henry Child (excelente médium escrevente) e ao nobre grupo de sinceros apoiantes da causa

espiritualista na Filadélfia, presto igual homenagem e expresso igual pesar por, na sua passagem para a vida superior, terem deixado tão poucos sucessores capazes de ocupar adequadamente os lugares que vagaram.

Em Baltimore conheci uma das mais antigas, melhores e mais populares oradoras em transe da época — a senhora Hyzer — que durante alguns anos ocupou o cargo de oradora regular da primeira sociedade espiritualista.

Foi também nesta cidade que conheci o senhor Francis H. Smith, autor de várias obras úteis sobre Espiritualismo, uma das quais se destaca especialmente por descrever as Esferas obscuras, onde Espíritos pouco desenvolvidos se encontram em processo de reforma e de superação das tendências criminosas que, infelizmente, cultivaram durante a sua vida terrena.

O título desta obra é *The Footsteps of a Presbyterian* («As Pegadas de um Presbiteriano»), e os relatos que contém foram recolhidos nos círculos organizados pelo coronel Danskin, presidente da primeira Sociedade Espiritualista de Baltimore, e pela sua talentosa esposa, uma excelente médium de transe.

Esta distinta senhora fora designada por bons Espíritos para realizar círculos especificamente destinados a auxiliar na reforma daqueles Espíritos criminosos ligados à Terra que a sociedade humana tantas vezes cria e pune, mas tão raramente reforma.

Como talvez não volte a ter oportunidade de falar do caso peculiar do senhor F. H. Smith, direi aqui que era um rico comerciante de Baltimore e um cavalheiro de probidade irrepreensível.

Tendo ouvido o seu amigo coronel Danskin defender calorosamente o Espiritualismo, o senhor Smith — ele próprio um presbiteriano devoto — decidiu censurá-lo severamente pela sua adesão a uma causa que, segundo afirmava, só podia resultar de influência satânica ou de impostura.

Na época em que fez essas observações, Francis H. Smith encontrava-se quase cego e sofria de uma inflamação crónica dos olhos.

Numa certa ocasião, o coronel Danskin visitou o escritório do senhor Smith para o convidar a assistir a um dos círculos noturnos da senhora Danskin.

Perante as solenes objeções do senhor Smith, o coronel respondeu que um determinado Espírito negro, um dos controladores da senhora Danskin, o tinha mandado chamar, prometendo que, se comparecesse, ele — «Martin», como se designava — o faria passar por algumas «gyganks» que lhe restituíam a visão.

O senhor Smith perguntou o que eram «gyganks».

O coronel não soube responder.

Por fim, segundo o próprio senhor Smith relata na sua obra publicada, e apenas para demonstrar ao amigo a falsidade daquela horrível crença, o digno comerciante condescendeu em aceitar o convite e assistir ao círculo.

Durante a primeira parte da noite os Espíritos não prestaram grande atenção ao cético.

Quando finalmente «chegou a sua vez», o Espírito Martin apoderou-se completamente do organismo do pobre visitante.

Primeiro quase lhe sacudi a vida para fora do corpo e, depois, fez o idoso cavalheiro de cabelos grisalhos saltar de um lado para o outro por cima da mesa do círculo, ultrapassando as luzes e as cabeças de todos os presentes, com uma rapidez tão extraordinária que ninguém conseguia sequer contar os saltos, muito menos detê-los.

No final dessas espantosas acrobacias, quando se deixou cair sem fôlego e exausto numa cadeira, a senhora Danskin, a médium, exclamou sob a influência do irreprimível Martin:

— Então, Frank, que te parecem as minhas gyganks?

E, antes que a vítima ofegante pudesse responder, acrescentou:

— Lê isto!

Entregou então ao senhor Smith um livro de hinos impresso em caracteres muito pequenos, que o espantado comerciante, até então quase cego, leu sem a menor dificuldade.

Surpreendido tanto pelo poder sobre-humano exercido sobre si como pela extraordinária recuperação temporária da visão produzida por essas «gyganks», o senhor Smith submeteu-se periodicamente a semelhantes sessões durante vários meses.

No final desse período, não só recuperou permanentemente a visão, como viu e ouviu o suficiente para se tornar um espiritualista fervoroso.

Durante uma das minhas visitas às sessões da senhora Danskin, estando o senhor Smith presente, «Martin», o Espírito negro, anunciou que desejava que «Frank» realizasse uma demonstração de «gyganks» para esclarecimento da Grande Pregadora, como o Espírito gentilmente me chamava.

Foi inútil o senhor Smith protestar.

Antes de concluir metade do discurso que pretendia fazer, já estava por cima da grande mesa e a saltar de um lado para o outro com uma força e uma rapidez que eu desafiaria o mais hábil ginasta do mundo a igualar, quanto mais a superar.

Descrições mais pormenorizadas destas notáveis sessões podem ser encontradas em *The Footsteps of a Presbyterian*, de Francis H. Smith, de Baltimore.

Durante uma das minhas últimas visitas a Baltimore, encontrei o meu querido e antigo amigo de Rhode Island, o doutor J. R. Newton, o célebre curador.

O doutor Newton acabara de regressar da Filadélfia, onde fora submetido a julgamento por «má prática» com base nos seguintes factos.

Uma jovem mulher procurara-o, entre centenas de outros doentes, para o consultar por causa de uma claudicação crónica da anca.

No seu caso, como em centenas de outros, ele colocara as mãos sobre ela, curara-a instantaneamente e mandara-a deixar as muletas para trás.

No entusiasmo da alegria, ao sair da presença do doutor, a jovem desceu as escadas a correr, «saltitando como uma corça», segundo descreveu mais tarde.

Ao fazê-lo, perdeu o equilíbrio, escorregou e caiu.

Quando regressou a casa verificou que tinha magoado ligeiramente as costas e, ansiosa por relatar a sua cura milagrosa ao médico habitual, consultou-o também acerca da lesão sofrida na queda.

Esse médico, movido pelo ciúme profissional, atribuiu o acidente a «má prática» por parte do doutor Newton.

Com base nessa acusação sem fundamento, o doutor Newton foi preso.

O julgamento prolongou-se durante seis semanas, devido ao enorme número de testemunhas que viajaram propositadamente para a Filadélfia a fim de testemunhar a sua gratidão pelas curas extraordinárias que ele realizara nos respetivos casos.

A acusação acabou por ser arquivada por falta de fundamento, mas todos os espiritualistas se regozijaram com o processo, por mais maliciosa que tivesse sido a denúncia contra o benfeitor curador, pois só assim puderam tornar-se amplamente conhecidas as inúmeras curas extraordinárias efetuadas através do seu ministério.

Na capital dos Estados Unidos, a bela cidade de Washington, encontrei um fluxo constante dos meus companheiros de trabalho espiritualistas, sem contar com o grande número de outros correligionários que, graças ao favor do nobre presidente Abraham Lincoln, ocupavam cargos oficiais de relevo na cidade.

Posso aqui observar que, embora tenha a mais elevada estima pela senhora que escreveu a obra recentemente publicada *Was Abraham Lincoln a Spiritualist?* («Foi Abraham Lincoln um Espiritualista?»), considero essa pergunta desnecessária face ao conteúdo importante do livro, pois o interesse do senhor Lincoln pela causa espiritualista e as suas frequentes entrevistas com médiuns eram factos demasiado conhecidos para necessitarem de confirmação além da notoriedade pública.

Entre os médiuns mais notáveis de Washington, devo mencionar especialmente a família Laurie, cujos membros se distinguiam todos por alguma forma de mediunidade.

Tanto o senhor como a senhora Laurie eram excelentes médiuns de desenho e de transe; a senhora Miller, sua filha, era uma poderosa médium de força física.

Na casa do general McEwen, de quem fui hóspede, vi o próprio general (um homem corpulento), o general Banks e outros quatro cavalheiros sentados sobre um grande piano durante uma sessão noturna.

O instrumento foi conduzido repetidamente em círculo pela sala, com os seis homens sentados em cima dele, por uma força invisível e apenas através do toque de um dedo da senhora Miller, numa sala intensamente iluminada.

E esta extraordinária manifestação estava longe de ser rara na mediunidade dessa senhora.

Havia igualmente muitas outras demonstrações impressionantes de poder em Washington, apresentadas por pessoas dotadas de diferentes faculdades, parecendo essa grande cidade constituir um ponto de reunião não menos importante para as fileiras espiritualistas do que para as fileiras políticas da sociedade americana.

Deixando de lado inúmeras cenas, pessoas e lugares que marcaram etapas nas minhas incessantes peregrinações, detenho-me durante algumas páginas na descrição de Columbus, a capital do Ohio, onde a minha primeira visita foi assinalada por episódios de especial interesse.

Fui contratada pelo senhor Savage, joalheiro e cidadão proeminente de Columbus, residente na Main Street, quase em frente aos edifícios do Capitólio.

A primeira noite da minha chegada à casa do senhor Savage foi o sábado que antecedeu as conferências que deveria proferir no dia seguinte.

O senhor e a senhora Savage tinham convidado vários amigos espiritualistas para me conhecerem. Entre eles destacavam-se o doutor Fowler, médico da cidade amplamente celebrado pela sua competência e encarado com admiração pelos seus extraordinários poderes clarividentes, e o senhor George Walcutt, um artista espírita dotado de talentos verdadeiramente espantosos.

Até essa noite nunca falara com nenhum dos meus associados espiritualistas acerca das minhas experiências no Ocultismo nem da minha crença nos Espíritos Elementais, seres cuja existência não encontrava confirmação nos fenómenos gerais do Espiritualismo moderno.

Durante a conversa da noite, o doutor Fowler, cujas experiências singulares constituíam um dos principais temas de discussão, não só declarou acreditar na existência dos Espíritos Elementais e comunicar com eles, como acrescentou, apontando para mim:

— Aquela jovem senhora também conhece a existência dos Espíritos dos elementos e esta noite será controlada por um deles.

Nesse momento o doutor interrompeu-se e começou um longo discurso numa língua desconhecida, fenómeno ao qual parecia estar frequentemente sujeito.

Quando terminou a sua estranha dissertação, dirigiu-se a mim na nossa própria língua e ordenou-me que traduzisse à assistência o que acabara de dizer.

Sob uma influência nova, mas extremamente poderosa, vi-me levada a traduzir as palavras do doutor Fowler, cujo sentido era o seguinte: se o grupo então presente visitasse as misteriosas ruínas de Newark, local situado a algumas milhas de distância, e realizasse um círculo à luz da Lua entre as obras atribuídas às raças desaparecidas, ou «construtores dos montículos da América», encontraria provas de que esse povo desconhecido fora composto por «maçons».

Era então uma agradável época de Verão, e vários dos presentes concordaram em formar um grupo para me levar às referidas ruínas durante a semana seguinte.

Antes que a força que me transmitira essa interpretação me abandonasse, o doutor perguntou quem era o Espírito controlador.

A resposta veio imediatamente: tratava-se também de «um Espírito do fogo» e a verdade dessa afirmação seria demonstrada nessa mesma noite, pois ele estava prestes a assistir ao maior incêndio jamais ocorrido em Columbus e a dar uma prova concreta de que as orações dos maus nunca prevalecem.

Foi inútil insistirem com o Espírito para obter explicações mais claras.

Com as rápidas palavras:

— Tende coragem, vou preparar-me para o incêndio.

fui imediatamente libertada do transe e não se obteve mais nenhuma manifestação nessa noite.

Enquanto ceávamos, o senhor Savage explicou-me que, durante toda a semana anterior à minha chegada, e imediatamente após os amigos terem afixado cartazes pela cidade anunciando as minhas conferências no Armoury Hall para o domingo seguinte, os fanáticos locais, que eram numerosos, haviam organizado uma série de reuniões de oração coletiva nas quais o principal tema consistia em pedir ao Senhor que expulsasse o Diabo do Armoury Hall, onde ela deveria aparecer no domingo seguinte, ou que a sufocasse antes que pudesse proferir os seus discursos ímpios.

Embora este ato atroz de fanatismo estivesse longe de ser raro nos primeiros tempos da propaganda espiritualista, não o mencionaria agora, nem os acontecimentos que se seguiram, se não pudesse indicar, recorrendo ao meu diário, a hora exata e o local preciso do que relato.

A data da minha primeira conferência em Columbus, Ohio, foi domingo, 4 de Setembro de 1859.

As reuniões de oração através das quais o Todo-Poderoso era instruído sobre a forma como deveria tratar a jovem que iria aparecer entre eles realizaram-se diariamente durante toda a semana anterior,

presumindo sem dúvida os devotos maldizentes que o Senhor necessitava de ser frequentemente lembrado do seu dever.

O que se segue ocorreu, portanto, na memória de muitos habitantes ainda vivos de Columbus, Ohio, na data acima referida.

Deveria ser entre a uma e as duas horas da madrugada de domingo, 4 de Setembro, quando fui subitamente despertada por grande alvoroço na rua e por uma claridade no meu quarto tão intensa como se o Sol estivesse a entrar pela janela.

Ao mesmo tempo, a porta do meu quarto abriu-se e a senhora Savage entrou com o rosto pálido como a morte, gritando:

— Levante-se! Levante-se, minha querida! A cidade inteira está a arder e podemos morrer queimadas nas nossas camas. Oh, aquele Espírito do fogo! Certamente é ele quem está a provocar esta obra terrível!

— Não tenha medo dele — respondi, levantando-me de um salto e vestindo-me apressadamente. — Ele está do nosso lado e cuidará de nós. Não receie.

Enquanto me vestia, a senhora Savage informou-me de que o incêndio se encontrava no quarteirão imediatamente ao lado do nosso e que, como as chamas já consumiam todo esse quarteirão, o Armoury Hall, situado na extremidade da mesma fila de edifícios junto ao nosso bloco, teria inevitavelmente de ser destruído com os restantes.

Enquanto a minha amiga falava, estremeci violentamente e, sob uma inspiração súbita e poderosa, ouvi-me exclamar:

— Os bons Espíritos proteger-vos-ão, e Emma fará as suas conferências no Armoury Hall neste domingo, de manhã e à noite.

Às seis horas dessa mesma manhã, o magnífico e eficiente corpo de bombeiros da cidade americana — infelizmente demasiado habituado a esse tipo de trabalho — tinha extinguido completamente o incêndio, mas deixara todo o quarteirão destruído, com exceção do grande edifício situado na extremidade, composto por duas belas lojas de cada lado de uma porta dupla e de uma elegante escadaria que

conduzia ao salão utilizado pelos soldados como sala de exercícios, denominado ARMOURY HALL.

Para informação daqueles que nunca visitaram o Novo Mundo, talvez seja conveniente explicar que, em quase todas as grandes cidades da América do Norte, as principais ruas são divididas em quarteirões, dez dos quais perfazem uma milha. Cada quarteirão é separado por ruas que correm perpendicularmente — de leste para oeste quando os blocos principais se orientam de norte para sul.

Assim, a extensão do terrível incêndio acima referido pode ser avaliada recordando que ocorreu na Main Street, o principal centro comercial de Columbus, em frente à Praça e aos jardins do Capitólio, e que consumiu todas as lojas e casas ao longo de um décimo de milha, com exceção do grande salão onde eu estava anunciada para dar conferências.

À medida que a multidão se reunia em torno daquela cena de desolação, parecia acreditar que o edifício, embora miraculosamente poupado, poderia ainda ter ficado inseguro devido à destruição de todas as construções adjacentes e que, por isso, as reuniões previstas não se realizariam.

O senhor Savage e um grupo dos seus amigos obtiveram o meu consentimento para afixar grandes avisos manuscritos anunciando que as reuniões teriam lugar conforme programado e, às dez horas e cinquenta minutos, acompanharam-me, numa verdadeira procissão de seguidores amáveis, até ao Armoury Hall.

Ali, as imensas multidões que permaneciam em redor do edifício, mas ainda no exterior, observavam-nos com curiosidade enquanto entrávamos e subíamos a escadaria.

Durante alguns minutos ouviu-se correr de boca em boca entre os presentes o murmúrio:

— Ali vai a médium espírita; se ela entra, não há nada a recear.

Não sei se foram essas palavras ou a impressão singular produzida pelo facto de o Union Hall, onde os fanáticos reunidos em oração tinham invocado a destruição sobre a minha cabeça, ter sido

consumido pelas chamas, enquanto o nosso local de reunião fora tão extraordinariamente preservado.

Não ousarei sequer emitir uma opinião sobre o assunto.

Basta dizer que, antes mesmo de iniciarmos os trabalhos, o salão estava completamente cheio.

Durante a conferência da manhã encontrava-se tão repleto que o senhor Savage, receando os efeitos de uma afluência ainda maior na sessão da noite, contratou vários ajudantes para colocarem enormes escoras junto à parede do edifício voltada para a zona incendiada.

Essa precaução tornou a segurança ainda mais certa e permitiu que a maior multidão alguma vez reunida naquela cidade entoasse, com uma força e uma unidade impressionantes, um poderoso coro que se elevou através do telhado e da cúpula até às moradas dos anjos vigilantes.

O hino final, de que me recordo perfeitamente, dizia:

Pai de todos, em cada época,
Em cada clima adorado,
Pelo santo, pelo selvagem e pelo sábio,
Senhor universal;

Tu, primeira grande Causa, tão pouco compreendida,
Que toda a minha razão confinada
Apenas sabe isto: que Tu és bom,
E que eu próprio sou cego.

Se estou certa, concede-me a Tua graça,
Para permanecer no caminho certo;
Se estou errada, ensina o meu coração
A encontrar a via melhor.

A Ti, cujo templo é todo o espaço,
Cujo altar é a terra, o mar e os céus,
Que todos os seres elevem um só coro,
Que toda a natureza faça subir o seu incenso.

CAPÍTULO XII

A MORTE NÃO EXISTE

“Não há morte; aquilo que assim parece é transição.”

Passando novamente por um vastíssimo conjunto de viagens longínquas e experiências extraordinárias, reservando porém o meu relato para casos representativos de intervenção espiritual, detenho-me apenas brevemente em Delphi, no Indiana, para apresentar um relato condensado dos singulares fenómenos espirituais de que ali ouvi falar e que, em parte, testemunhei pessoalmente.

O cavalheiro que me contratara, o doutor Beck, médico eminente e altamente respeitado, proclamava havia muitos anos, com coragem e sem reservas, a sua adesão à causa do Espiritualismo. Pela sua competência profissional, pela pureza do seu carácter e pela sua nobreza de espírito, conseguira superar plenamente todos os preconceitos que a sua fé impopular suscitara contra si.

Até à época da minha visita apenas conhecia o doutor Beck e a sua estimada esposa por reputação, e a primeira noite passada sob o seu hospitaleiro teto confirmou inteiramente tudo o que ouvira de favorável acerca desta excelente família.

Foi na manhã seguinte à minha chegada que o doutor Beck sugeriu que um passeio ao ar livre, naquela luminosa manhã de Verão, poderia dissipar o cansaço da conferência da noite anterior e preparar-me para novo esforço nessa mesma noite.

O próprio doutor partiu para visitar os seus doentes numa pequena carruagem de um cavalo, deixando o faetonte e uma bela parelha de cavalos à senhora Beck e a mim para o passeio projetado.

A esplêndida manhã de Verão e a paisagem romântica da região do rio Wabash eram igualmente encantadoras.

Por fim chegámos a uma longa estrada branca em suave subida, ladeada por densas florestas.

A senhora Beck informou-me de que a estrada terminava num elevado planalto rochoso de onde se desfrutava uma magnífica vista sobre o rio Wabash e os seus célebres vales.

Enquanto ela falava, eu observava atentamente a estrada à nossa frente, onde um homem alto, vestido como um carroceiro, permanecia imóvel exatamente no meio do caminho por onde seguíamos e diretamente na trajetória da nossa carruagem.

— Veja aquele homem! — exclamei. — Deve ser surdo, pois não ouve a carruagem aproximar-se!

— Chame-o! — repeti várias vezes ao cocheiro.

Contudo, ele não prestou qualquer atenção às minhas palavras.

Entretanto, os cavalos avançavam a galope desenfreado, como se tivessem sido açoitados até à loucura, embora nenhum chicote os tivesse tocado.

Gritei, pus-me de pé na carruagem, agitei os braços e clamei freneticamente, mas o homem na estrada não se moveu.

Os cavalos, como se estivessem possuídos por demónios, arrastaram a carruagem numa corrida furiosa, passaram por cima da figura imóvel e só então pararam, arquejantes e cobertos de espuma.

Num acesso de horror, saltei da carruagem para a estrada e comecei a procurar os restos esmagados da vítima.

Foi inútil.

Não havia sinal algum de vítima, nem vestígio de que alguém ali tivesse estado.

Ainda ofegante, consegui explicar à senhora Beck e ao cocheiro o que vira.

Nenhum deles observara a aparição com a nitidez com que eu a vira; contudo, quando, após várias perguntas, descrevi exatamente o traje e a grande estatura da figura, ambos concordaram que devia tratar-se do fantasma de um certo Bill Nye, que fora atropelado e morto precisamente naquele local, numa tragédia cujos pormenores eu ouviria ao regressar a casa.

— Porque não agora? — perguntei.

— Não, não — respondeu a senhora Beck. — Vamos apenas até ao topo das rochas e depois regressaremos rapidamente.

Prosseguimos viagem e continuei a notar a agitação dos cavalos.

Ao verificar que avançávamos por uma saliência rochosa que parecia terminar num precipício abrupto, convenci a senhora Beck a descer comigo.

Caminhámos juntas até à beira das rochas, de onde se desfrutava uma vista encantadora sobre o vale do rio e as florestas ao longe.

Mas não era a paisagem que prendia o meu olhar.

Os meus olhos estavam fixos num estreito caminho muito abaixo de nós, pouco mais do que uma faixa de terra junto à margem do rio.

Ali vi surgir, detrás de uma saliência rochosa, um alto guerreiro indígena, coberto de pinturas de guerra e penas, empunhando verticalmente a sua machadinha de combate, com arco e flechas às costas, avançando num trote rápido ao longo da margem.

— Veja! Veja aquele guerreiro indígena! — gritei à senhora Beck. — E outro! Outro! Um quarto! Um quinto!

Continuei a contar em voz alta, como se não pudesse evitar fazê-lo, até chegar ao número vinte e cinco.

— Quantos disse que eram? — perguntou a senhora Beck em voz baixa.

— Vinte e cinco, todos em fila indiana — respondi.

— E para onde foram?

— Contornaram aquele outro grupo de rochas. Ali! Ali! Lá vão os dois últimos. Não os vê?

— Não vejo nada — respondeu.

— Meu Deus! Porque não olhou? Formavam uma fila magnífica. Pareciam tão nobres e, ao mesmo tempo, tão terríveis com as pinturas e as penas de guerra.

— Descreva-mos.

Assim fiz, mas voltei a perguntar porque não os via, estando ela tão perto de mim.

A senhora Beck respondeu solenemente:

— Infelizmente, minha amiga, os meus olhos não estão abertos para o reino invisível como os seus. Aqueles que viu não pertencem a este mundo, e também já não existe ali nenhum caminho. Essa margem desmoronou-se há muito tempo e as águas cobrem-na agora. Olhe novamente.

Obedeci e, para meu espanto, verifiquei que não existia qualquer caminho; apenas as águas do rio, correndo junto à base das rochas onde estávamos.

Em poucas palavras, a senhora Beck explicou-me que, muitos anos antes, quando os homens brancos chegaram pela primeira vez para se estabelecer no vale do Wabash, existia uma tribo indígena acampada junto ao rio, para além da primeira saliência rochosa de onde eu vira surgir os guerreiros espirituais.

Era uma tribo guerreira e combativa, que causava muitos problemas aos invasores brancos, disputando-lhes, com toda a legitimidade, o direito de ocupar terras que até então pertenciam ao seu próprio povo.

Por fim, um dos colonos brancos mais influentes propôs uma conferência num bosque à margem do rio, alcançável por um caminho que então ligava os dois promontórios rochosos que delimitavam as zonas de pesca disputadas.

Para comparecer a essa reunião foram escolhidos vinte e cinco dos mais valorosos guerreiros indígenas.

Enfeitados com todas as insígnias de guerra, avançaram, segundo o costume, em fila indiana ao longo do caminho em direção ao local da conferência.

Mas, aí da eterna história da traição do homem branco contra aqueles que arrogantemente chamava «raças inferiores»!

Um grupo de monstros perversos, muito mais dignos do nome de «selvagens» do que os infelizes aborígenes, aguardava-os.

À medida que cada guerreiro contornava a segunda formação rochosa, era assassinado a sangue-frio.

Os assassinos não suspenderam as suas mãos homicidas enquanto o último dos vinte e cinco condenados não foi abatido.

A tradição afirma que um homem branco cúmplice dos assassinos — o mesmo Bill Nye — permanecia na estrada superior para impedir qualquer aproximação ao local do massacre e que esse homem, por ter tentado impedir a passagem de uma carroça, foi atropelado e morto.

— E agora, minha amiga — acrescentou a narradora —, quem eram aqueles que viu? O que eram eles? Muitas vezes ouvi pessoas afirmarem ter visto o infeliz Bill Nye nesta mesma estrada e outras tantas afirmarem ter visto os Espíritos dos pobres indígenas avançando pela margem do rio para o local do massacre. Mas nunca antes trouxera uma médium a este lugar, e ainda por cima uma completa desconhecida da região e da terrível história associada a ela. Por isso, sou levada a acreditar que foram precisamente as vítimas dessa tragédia que lhe apareceram esta manhã.

Concordei inteiramente com essa opinião, a menos que a Sociedade de Investigações Psíquicas esteja preparada para oferecer alguma outra explicação para um acontecimento conhecido em toda a vizinhança e considerado, mesmo nesses tempos relativamente práticos e pouco inclinados ao maravilhoso, uma MANIFESTAÇÃO ESPIRITUAL.

Devo agora mencionar outras manifestações ocorridas nessa mesma região.

Embora não tenha sido testemunha direta dos acontecimentos, recebi o relato do doutor e da senhora Beck, bem como de pelo menos quarenta testemunhas oculares e auditivas, e durante algum tempo após deixar aquela parte do país mantive comunicação direta e instrutiva com o herói espiritual da minha narrativa.

Na minha obra *Nineteenth Century Miracles* apresentei um relato desenvolvido do caso que vou citar.

Nestas páginas já tão densas apenas posso reproduzir alguns excertos da referida publicação:

«A narrativa seguinte é bem conhecida e foi minuciosamente investigada.»

«Refere-se à vida, aos tempos e às atividades de “Bill Dole”, tanto como mortal como Espírito, e disponho de numerosos depoimentos juramentados de pessoas que conversaram com o seu fantasma invisível durante horas seguidas.

Também visitei o local das assombrações e, embora os moradores da casa onde os fenómenos ocorreram se tenham mudado, numerosos residentes de Logansport continuam a testemunhar os factos da seguinte forma:

Pouco tempo após o início das perturbações em Hydesville, uma família de apelido Lewis, de origem alemã e residente em Logansport, começou a ser incomodada por ruídos estranhos e inexplicáveis, bem como por movimentos irregulares do mobiliário.

Ouvia-se frequentemente entre eles um som semelhante ao gemido de um pequeno animal, que se transformava gradualmente — para usar a sua própria expressão — em sussurros abafados.

A família era composta por pessoas de sentimentos religiosos e nunca se mostrou favorável à ideia de comunicação com os Espíritos.

“Avessos à publicidade e repelidos por qualquer tentativa de comunicar com o seu invisível atormentador, suportaram essas assombrações durante algum tempo sem delas falar a ninguém, até que, segundo relatam os jornais, ficaram surpreendidos ao ouvir uma voz claramente audível.

“No princípio apenas os seus nomes eram chamados; depois começaram a ouvir frases completas; por fim, uma personagem invisível instalou-se na família, conversando com eles tão livremente como qualquer outro membro da casa e, embora os incomodasse muito pela sua natureza sobrenatural e pela sua presença, manifestava todas as preferências e características de um verdadeiro integrante da família.

“Segundo o próprio relato, tinha sido em vida alfaiate e chamava-se Bill Dole.

“Algumas versões apresentam-no como um homem dado à bebida e falecido em consequência de *delirium tremens*; contudo, os

relatos mais fidedignos da sua saída da esfera mortal indicam que a morte ocorreu por suicídio.

“Afirmava ter permanecido algum tempo no mundo espiritual, mas considerava a sua situação longe de satisfatória; na verdade, tão contrária às suas inclinações que decidira não permanecer ali. Descobrimo, por um poder existente naquela família que não conseguia definir, que podia sentir-se em casa entre eles, resolveu fixar ali residência.

“E ali pretendia ficar. E ficou, efetivamente, durante mais de dois anos.

“As aventuras de Bill Dole no lar que escolhera para si ocupariam volumes inteiros, mas não é necessário deter-nos em pormenores que apresentam grande semelhança entre si, salvo para notar que o protagonista invisível possuía hábitos e temperamento completamente diferentes dos dos seus companheiros terrenos.

“Bill Dole temperava a sua conversa com palavrões grosseiros e observações profanas, além de revelar extrema teimosia e, quando contrariado, tendências para a violência e mesmo para a malícia.

“Batendo, pisando o chão, correndo pela casa com grande estrépito e ‘atirando coisas para todos os lados’, fazia-se notar constantemente.

“Manifestava profundo desprezo pela religião ortodoxa e, numa ocasião, quando um clérigo que frequentemente conversava com ele e o exortava fez uma fervorosa oração em seu benefício, Bill Dole exclamou, de forma audível para o ministro e para todos os presentes:

‘Bem! Não me sinto nem um bocadinho melhor por causa disso.’

“Em duas ou três ocasiões acompanhou a família à igreja, onde as suas observações foram claramente ouvidas por toda a congregação, que afirma tê-lo ouvido declarar que o sermão pregado para ele era ‘uma data de disparates’.

“Noutras ocasiões gritava ‘Ámen!’ e ‘Muito bem, meu velho!’ — referindo-se ao pastor — com grande entusiasmo.

“Geralmente, porém, durante os serviços religiosos, quer na igreja quer em ‘casa’, como chamava à residência que favorecia com a sua presença, limitava-se a produzir violentas pancadas, pronunciando sempre os nomes próprios da senhora da casa ou das filhas, consideradas as médiuns.

“Por vezes, a toalha e tudo o que era necessário para uma refeição apareciam repentinamente colocados na mesa enquanto a família se ausentava da sala de jantar durante um ou dois minutos.

“Bill transportava ocasionalmente cargas pesadas por eles e, quando estava bem-disposto, prestava numerosos pequenos favores.

“Tinha especial afeição pelas crianças; protegia-as e velava por elas com notável capacidade e evidente carinho.

“A mãe chegou mesmo a queixar-se de que Bill as estragava, pois obtinha para elas tudo aquilo que lhes pediam.

“Numa ocasião, quando a mãe preparava o almoço que os filhos levariam para a escola, Bill exigiu, no seu tom habitualmente autoritário, que lhes fosse barrada compota no pão.

“As crianças tinham-lhe pedido que lhes arranjasse compota, mas a mãe recusara, alegando que não lhes faria bem.

“Bill jurou que a teriam e, durante o recreio escolar, cumpriu a promessa deixando cair diante delas um pote de compota.

“Em várias ocasiões, quando uma das filhas, à qual parecia dedicar especial afeição, adoecia, exigia, entre vigorosos palavrões, que ela não fosse mandada sair à chuva nem obrigada a realizar tarefas domésticas.

“Certa vez, quando ela tinha a garganta enfaixada devido a uma forte constipação, Bill levantou-a do jardim e levou-a para dentro de casa. Depois transportou um cesto para o exterior e recolheu todas as frutas e legumes que conseguiu encontrar.

“Regressou rapidamente à casa, colocou o cesto junto à lareira, levantou a tampa de uma grande panela e despejou indiscriminadamente tudo o que recolhera na água a ferver.

“Por vezes aparecia quando havia visitas, aterrorizando-as ao mover objetos sem qualquer agente visível e quase provocando desmaios ao participar nas conversas e recordar-lhes que era o mesmo Bill Dole que tinham conhecido quando vivia entre elas.

“Numa ocasião, uma senhora que visitava a família atribulada manifestou imprudentemente o seu desgosto pelo facto de um indivíduo da reputação duvidosa de Bill Dole regressar para produzir manifestações espirituais.

“Declarou abertamente não acreditar nos rumores populares, afirmando que tudo não passava de uma fraude dos vizinhos que acabaria por ser descoberta.

“Enquanto falava, os membros da família ficaram extremamente inquietos, pois, pelas pancadas e pontapés dados numa cómoda do aposento, perceberam que o objeto daquelas críticas pouco favoráveis estava a escutá-la.

“E não se enganavam.

“Poucos minutos depois ouviu-se a voz do Espírito em tons claros e distintos, dirigindo-se à visitante como ‘minha querida’ e perguntando carinhosamente pelo pequeno Arthur.

““Eu sou o verdadeiro pai do teu precioso menino, embora procures escondê-lo falando mal de mim’, acrescentou o travesso Espírito.

“As partidas e, por vezes, os atos de pura travessura praticados por este perseguidor invisível ultrapassavam qualquer descrição pela sua estranheza e intensidade.

“De dia e de noite as suas brincadeiras continuavam e, embora cedesse sempre perante a bondade e os pedidos gentis, a oposição parecia transformá-lo numa criatura quase demoníaca.

“As crianças da família adoravam Bill Dole e algumas testemunhas informaram a autora de que as tinham visto ser visivelmente levantadas, transportadas, rodopiadas e feitas saltar pelo seu invisível acompanhante.

“Parecia que o afeto que concebera pelos seus anfitriões poderia tornar-se recíproco e reconciliá-los com aquele estranho e misterioso hóspede que se impusera ao lar; porém, a reputação sinistra que o ‘fantasma de Bill Dole’ trouxe à casa, a invasão constante de curiosos em busca de maravilhas e o escândalo que tudo isso acarretou acabaram por cansar tanto a família que esta se recusou terminantemente a continuar a servir de intermediária para o Espírito ou a comunicar com ele.

“Desfizeram o lar, alteraram completamente os seus planos de vida e, por fim, conseguiram afastar o visitante indesejado.

“A voz cessou e até as fortes pancadas e os movimentos do mobiliário desapareceram.

“Bill Dole foi expulso e a sua voz estranha e a sua presença misteriosa deixaram finalmente de ser observadas pelos homens, embora não da memória.

“Ainda hoje existem centenas de pessoas em Logansport que se recordam de o ter ouvido conversar e que poderiam acrescentar inúmeros testemunhos indiretos a esta breve narrativa, a qual, se fosse publicada na íntegra, preencheria um volume inteiro.

“Podemos, contudo, acrescentar um epílogo que talvez não seja destituído de interesse.

“Depois de conversar com um cavalheiro de Logansport que conhecia profundamente toda a história e que falara muitas vezes com Bill Dole, um Espírito afirmando ser esse mesmo indivíduo apresentou-se certa noite à autora e pediu-lhe que transmitisse uma comunicação relativa à sua situação atual.

“Declarou que, depois de ser afastado, como dizia, do seu refúgio terrestre, vagueou durante muito tempo na esperança vã de encontrar outro lar na mesma esfera.

“Não o conseguindo, caiu num estado de profunda angústia mental, durante o qual recebeu consolo de Espíritos bondosos e sábios, que o aconselharam a elevar os pensamentos acima da Terra e a dirigir as suas aspirações para a melhor pátria a que agora pertencia como Espírito.

“Inicialmente a tarefa pareceu-lhe impossível, pois a sua natureza ainda presa à Terra tornava quase inviável qualquer aspiração elevada.

“Por fim, com a ajuda divina de anjos vindos da terra da luz, alcançou um lar feliz e pacífico, onde era um hóspede bem-vindo e plenamente integrado na existência espiritual de que fazia parte.

“Em suma, passara para uma vida superior e, quando algumas pessoas que tinham testemunhado as suas extraordinárias manifestações lhe pediram, por mera curiosidade, que as repetisse para seu divertimento, respondeu com gentileza que, embora agora dedicasse a sua vida a ajudar os outros, perdera a aura física que outrora o ligava à Terra e que lhe permitira realizar aqueles feitos materiais característicos de um Espírito preso ao mundo terreno.

“Bill Dole, tal como fora, já não existe.

“A borboleta iluminada pelo Sol emergiu da crisálida do verme terrestre e agora canta com os anjos, em vez de assombrar os curiosos da Terra com o som aterrador da sua alegria fantasmagórica e da sua terrível voz espiritual.”»

Algum tempo depois de visitar os locais acima referidos, tornei-me hóspede na residência do governador Talmadge, antigo governador do Wisconsin e um dos primeiros, mais corajosos e mais intelectuais convertidos ao Espiritualismo.

Tendo sido convidada a realizar conferências em várias partes do Estado do Wisconsin, o governador Talmadge insistiu amavelmente para que eu considerasse a sua encantadora residência, em Fond du Lac, como meu lar.

Ali, na companhia da sua talentosa filha Emily, ela própria excelente médium escrevente e clarividente, encontrei um lar acolhedor e feliz para onde regressava após semanas de viagens incessantes e conferências.

O meu objetivo ao referir esta visita é chamar a atenção para algumas notáveis manifestações espirituais ocorridas na presença do governador entre uma tribo de indígenas norte-americanos acampada nas proximidades da sua residência.

Numa ocasião, os indígenas foram convidados a reunir-se no relvado da propriedade e a oferecer uma demonstração dos seus estranhos poderes a um grupo de convidados.

Depois de executarem uma das suas características danças de guerra, três jovens procederam à escavação de buracos no solo, onde colocaram postes, estenderam lonas e ergueram uma tenda com cerca de doze pés de altura.

A parte superior da tenda não foi totalmente fechada, permanecendo uma abertura de cerca de um pé de diâmetro.

Dessa abertura pendiam várias cordas às quais estavam presos um tambor, dois pandeiros, um par de címbalos e dois ou três outros instrumentos musicais.

Concluída a montagem, convidaram o governador e vários dos seus convidados a entrar e examinar a tenda.

Tendo observado atentamente toda a construção, verificaram que no interior da lona nada existia além do que acabo de descrever.

Depois chamaram um indígena que identificaram como Johan, o seu «homem-medicina».

A pedido de alguns dos chefes, o governador Talmadge e dois outros cavalheiros amarraram-lhe as mãos e os pés com cordas até ficar completamente imobilizado.

Os dois principais chefes pegaram então no homem-medicina entre ambos e atiraram-no, mais do que o deitaram, sobre a erva debaixo da tenda, fechando cuidadosamente a lona atrás de si ao saírem.

A partir do momento em que esta disposição ficou concluída, quase todos os restantes indígenas começaram a circular em volta da tenda, emitindo sons baixos e monótonos, evidentemente à maneira de uma invocação.

Entretanto, dois ou três deles sentaram-se no chão e começaram a bater nos seus tambores de madeira como tambores chineses.

Menos de cinco minutos após o desaparecimento do homem-medicina amarrado, várias aves grandes e brancas saíram voando pela abertura no topo da tenda e desapareceram rapidamente ao longe.

Essas aves tinham aproximadamente o tamanho de gansos selvagens, eram completamente brancas e voavam com extraordinária velocidade.

— De onde vieram? — foi a pergunta que imediatamente circulou entre os espectadores brancos.

Enquanto isso, os indígenas baixavam a cabeça e cobriam o rosto com as mãos, como se estivessem em adoração.

Logo depois ouviu-se um som áspero e poderoso, semelhante ao de um instrumento de sopro.

Seguiu-se o rufar do tambor, o toque de cornetas e flautas, o som dos pandeiros e uma combinação de ruídos horivelmente dissonantes.

Felizmente para os ouvidos e os nervos dos ouvintes, aquele concerto assustador não durou muito.

Um após outro, todos os instrumentos foram lançados pela abertura superior da tenda e o tumulto terminou quando as cortinas da lona foram violentamente abertas e afastadas.

Nesse mesmo instante, o homem-medicina, ainda firmemente preso por todas as cordas, nós e amarrações exatamente como antes, aparentemente mergulhado num sono profundo, foi projetado para fora da tenda e lançado sobre a erva a alguma distância, como se mãos invisíveis o tivessem arremessado.

Com a tenda agora completamente aberta e exposta, um grupo de espectadores espantados entrou para a examinar.

Não encontraram qualquer sinal ou vestígio de presença além do indígena amarrado e adormecido.

Por mais firmemente que acredite na veracidade de cada detalhe deste estranho espetáculo, tal como me foi relatado pelo próprio governador Talmadge, dificilmente me atreveria a reproduzi-lo se eu mesma não tivesse testemunhado uma exibição semelhante em Rock

Island, no Iowa, apresentada por um grupo de indígenas reunidos nesse local.

Algumas das manifestações foram ainda mais extraordinárias do que as acima descritas, mas os indígenas com quem conversei asseguraram-me solenemente que os agentes dessas ocorrências eram os Espíritos de grandes chefes que haviam partido para os felizes campos de caça e que regressavam apenas para prestar homenagem à profetisa branca — querendo referir-se a mim.

Devo acrescentar que estas e outras manifestações semelhantes me foram descritas repetidamente como ocorrências frequentes entre certas tribos indígenas, sendo os relatos transmitidos pelas próprias testemunhas.

Todavia, quando eu descrevia, por minha vez, as manifestações produzidas pelos Espíritos através dos irmãos Davenport, essas mesmas testemunhas garantiam-me que isso não passava de impostura.

CAPÍTULO XIII

«E ELE QUEBRARÁ TODAS AS CADEIAS»

«E Ele quebrará todas as cadeias e romperá os grilhões da escravidão em dois.
Porque o Senhor o disse.»

Deixando para trás o interminável panorama de cenas, lugares e acontecimentos que marcaram os meus trabalhos missionários — sempre organizados e sustentados pelos meus fiéis guias espirituais — passo agora a relatar uma breve visita que fiz aos Estados do Sul da

América durante os anos de 1859 e 1860, período decisivo que precedeu imediatamente a eclosão da terrível Guerra Civil de 1861.

A minha primeira visita teve lugar em Memphis, Tennessee.

Embora não se manifestassem ainda sinais evidentes do espírito de guerra em qualquer parte do Sul, era fácil perceber o ressentimento que fervilhava no coração dos proprietários de escravos contra os defensores da liberdade e, sobretudo, contra os membros declarados do movimento abolicionista dos Estados do Norte.

Presumindo, ao que parece, que eu, por ser inglesa e vir, como se dizia, de Nova Iorque, tivesse «descido ao Sul» para propagar aquilo que os plantadores classificavam como doutrinas incendiárias, a minha primeira aparição em Memphis não ofereceu um presságio particularmente favorável para o que se seguiria.

O local da minha primeira série de conferências dominicais era uma ampla sala situada no piso superior de um edifício, com uma tribuna colocada em frente de uma fila de janelas que davam para um terraço de telhados.

Quando a conferência da manhã decorria já há algum tempo, ouviu-se um estrondo violento numa das janelas e uma enorme pedra foi arremessada na minha direção.

A pontaria foi tão certa que a pedra caiu exatamente aos meus pés e só não os esmagou devido ao peso do objeto e à força com que fora lançado porque acabou por cair sobre a roda do meu vestido de seda, extraordinariamente comprido.

Tenho a impressão de que toda a assistência se levantou perante semelhante ato, alguns para correrem para as janelas ou saírem em busca do cobarde agressor, outros para se aproximarem de mim e verificarem se eu tinha sido ferida.

Quanto à minha própria participação no episódio, apenas me recordo de ter continuado a falar sem interromper o discurso nem por um instante.

Mais tarde, o senhor e a senhora Chadwick, os amáveis amigos que me tinham convidado e hospedado, disseram-me que não se

notara a menor alteração na minha expressão, na minha voz ou no meu comportamento e que, depois de a agitação do público ter diminuído, ninguém que tivesse entrado na sala mais tarde suspeitaria que tal ato acabara de ocorrer, não fosse ele ter sido presenciado por todos.

Ao terminar a conferência da manhã, senti-me inspirada a fazer pela primeira vez referência ao atentado, observando que a hostilidade demonstrada pela imprensa e pelos púlpitos contra o Espiritualismo se assemelhava às pedras: eram muito impressionantes, mas não convincentes.

Como fui ainda levada a pegar na pedra e a erguê-la bem alto diante de todos, utilizando-a como ilustração, a assistência inteira explodiu em aplausos e aclamações.

Se a ameaça evidente de morte ou mutilação representada por esse ato abominável não foi suficiente para interromper o controle exercido sobre mim pelos Espíritos, o mesmo não aconteceu com a demonstração inequívoca de simpatia humana revelada pelo meu generoso auditório.

Nenhum controle conseguiu impedir que os meus olhos se enchessem de lágrimas nem que a minha voz vacilasse quando, numa pausa entre os aplausos, disse:

— Obrigada a todos, e que Deus, que me preservou, vos abençoe.

Creio que o senhor Chadwick — agente imobiliário da cidade — era ele próprio natural de Nova Iorque e, embora vivesse no próprio centro da escravidão, não nutria qualquer simpatia pela instituição.

A reputação que assim adquirira, juntamente com o facto de ter contratado uma defensora de uma causa impopular para falar em Memphis, poderia ter provocado forte hostilidade contra mim entre os cidadãos.

Contudo, a corrente da opinião pública mudou completamente a meu favor em consequência do cobarde atentado acima descrito.

Impulsionada por uma reação que o meu amável atirador de pedras jamais poderia ter previsto, a reunião da noite desse memorável domingo ficou apinhada até à sufocação.

E assim continuou durante todo o período da minha permanência.

Como era meu hábito divertir e ao mesmo tempo alegrar o coração da minha querida mãe enviando-lhe, para a sua distante residência — a mais de mil milhas de distância — recortes dos jornais das cidades onde eu realizava conferências, encontro agora, depois de ela ter entrado no seu descanso na terra da luz espiritual, numerosos registos jornalísticos daquilo que fiz e daquilo que não fiz nas minhas longas peregrinações.

Entre esses recortes recordo-me de que mantive durante um mês inteiro uma correspondência através do *Memphis Appeal* com os opositores do Espiritualismo e com os inimigos do progresso em geral.

Acima de tudo, releio que me senti inspirada a fazer aquilo que todo o verdadeiro espiritualista PODE FAZER, SE ASSIM O QUISER: DESAFIAR OS ADVERSÁRIOS A REFUTAREM O SEU CASO.

Tudo isto manteve as minhas reuniões dominicais e semanais tão vivas que eu não podia entrar numa sala de concertos, numa reunião pública ou mesmo num espetáculo de menestréis negros sem ser reconhecida e chamada para discursar ou recitar um poema.

Foi apenas quando entrei nos Estados da Luisiana, Mississippi, Geórgia e Carolinas que compreendi plenamente os horrores da «Instituição Divina», como os bárbaros ministros das igrejas do Sul chamavam à escravidão, e que percebi toda a sua perversidade perante Deus e perante os homens.

Caracterizo-a hoje, com base no que testemunhei pessoalmente, como LUXÚRIA, AVAREZA E CRUELDADE.

Os detalhes são demasiado chocantes e inacreditáveis, e não me atrevo a reproduzi-los.

Basta dizer que, depois de atravessar uma vez os Estados do Sul para cumprir os meus compromissos, nunca mais os visitei.

Devo, contudo, fazer justiça e acrescentar que encontrei muitos homens e mulheres nobres que detestavam a escravidão tanto quanto eu e que se teriam libertado dela de boa vontade — embora toda a sua fortuna consistisse precisamente nos seus escravos — se soubessem como fazê-lo sem pôr em risco a própria vida perante as autoridades estaduais.

Entre aqueles que mais calorosamente partilhavam da minha aversão à escravidão encontrava-se o bom coronel MacCrae, da Carolina do Norte, plantador e verdadeiro cavalheiro, que, pouco antes do início da guerra, libertou nobre e generosamente todos os escravos da sua extensa plantação.

Contudo, depois de lhes conceder a liberdade, foi obrigado a fugir para o Norte para salvar a própria vida, onde ele e as suas filhas, outrora ricas, tiveram de se sustentar como puderam, recorrendo ao ensino e aos trabalhos de costura.

Tive a honra de permanecer cerca de quinze dias na casa do coronel MacCrae e, na sua companhia, visitei diversas habitações dos negros da sua plantação, onde encontrei muitos excelentes médiuns.

Entre eles havia um homem cuja sinceridade convertera o seu nobre senhor.

O coronel MacCrae tinha um filho no exército que morreu de febre-amarela quando o seu regimento se encontrava estacionado em Nova Orleães.

A distância era demasiado grande para que o pai enlutado pudesse assistir ao funeral, que, segundo o costume imposto pelo clima ardente da região, teve de realizar-se poucas horas após a morte.

Cerca de um ano mais tarde, o coronel MacCrae preparava-se para viajar a Nova Orleães por motivos de negócios e combinara com as filhas a colocação de um belo monumento de mármore sobre o túmulo do filho, com uma inscrição em sua memória.

Na noite anterior à partida, ao percorrer a plantação, a esposa de um dos seus melhores trabalhadores negros chamou-o para dentro da cabana.

Ali, o marido encontrava-se em profundo transe, transmitindo comunicações espirituais.

Mal o coronel entrou, o espírito do seu próprio filho dirigiu-se-lhe com a sua maneira característica de falar e suplicou-lhe que não colocasse qualquer monumento no cemitério de Nova Orleães em sua homenagem.

— Porque — acrescentou o Espírito — o meu corpo foi retirado do primeiro local de sepultura e queimado, e o corpo de uma mulher foi colocado no seu lugar.

Agora, o médium negro tinha nascido e sido criado na Carolina do Norte.

Nunca visitara Nova Orleães e ignorava por completo que a cidade, situada abaixo do nível do rio Mississippi e protegida apenas por um elevado dique artificial de terra, não permitia que os mortos fossem enterrados no seu solo encharcado.

Na época a que me refiro, os cadáveres eram colocados em pequenas celas construídas em conjuntos de paredes que rodeavam os cemitérios.

Como, muito provavelmente, o número de mortos excedia largamente os meios disponíveis para lhes dar sepultura, era um segredo aberto em toda a Luisiana que os restos mortais eram frequentemente cremados.

Consequentemente, as celas nas paredes — ou «fornos», como lhes chamavam — eram periodicamente esvaziadas e vendidas repetidas vezes.

De tudo isto o médium da Carolina do Norte nada sabia.

O mesmo não acontecia com o seu patrão.

Quando, portanto, ao visitar o alegado túmulo do filho em Nova Orleães e sob o pretexto de trasladar os restos mortais para a

propriedade da família, o coronel MacCrae mandou abrir a cela funerária, verificou-se que o caixão ali depositado continha apenas o corpo em decomposição de uma mulher recentemente sepultada.

É desnecessário acrescentar que este facto, combinado com muitos outros testes posteriores, bastou para convencer o bom coronel de que é o Espírito, e não o pobre corpo mortal, o verdadeiro homem, e que ele pode e efetivamente sobrevive ao choque da dissolução terrena.

Tomando o conjunto da experiência, fui recebida com grande cordialidade por uma parte da população do Sul, encontrei ali muitos amigos sinceros e constatei que o Espiritualismo estava muito mais difundido e que a mediunidade se encontrava muito mais desenvolvida do que nas comunidades mais materialistas do Norte.

Para além de reuniões extremamente bem-sucedidas, excelentes círculos e de uma verdadeira efusão pentecostal do Espírito através da minha própria pessoa e da de muitos outros, não encontrei nada de particularmente singular digno de registo, exceto uma curiosa experiência no Estado do Alabama.

Durante muitos meses antes da minha viagem ao Sul, tinha sido contratada para realizar conferências em Mobile pelo senhor John Bowen, um excelente cavaleiro que eu conhecia apenas de reputação e que aguardava com prazer conhecer pessoalmente.

Quando desembarquei do vapor na baía de Mobile, o senhor Bowen e um numeroso grupo de amigos vieram receber-me.

Enquanto seguíamos para a sua residência, onde eu ficaria hospedada, apontaram-me dois grandes cartazes afixados nas paredes.

Um anunciava certa Madame Fulana — cujo nome já não recordo — informando que dizia a sina através da quiromancia, das cartas ou de outras artes semelhantes.

O outro era uma cópia de uma ordem da Assembleia Legislativa estadual proibindo Emma Hardinge, ou qualquer outro conferencista infiel que se intitulasse espiritualista, de falar, ensinar ou realizar conferências em salas, edifícios ou quaisquer outros locais públicos dentro do Estado do Alabama.

Embora me sentisse profundamente desgostosa com essa proibição oficial e partilhasse com os meus amigos o desejo de que as minhas conferências, em vez de serem anunciadas como ensinamentos vindos das Esferas Celestes, tivessem sido apresentadas como provenientes do lugar oposto e promettessem mentiras em nome da quiromancia e de artes semelhantes, exprimi ainda assim o meu pesar por aqueles bons amigos se exporem ao desprezo público ao permitirem sequer o meu desembarque.

Eles recusaram ouvir tais considerações.

Pelo contrário, procuraram persuadir-me não apenas a cumprir o programa previsto, mas até a prolongar a minha permanência para além do tempo inicialmente marcado.

Além disso, organizaram círculos comigo de manhã, ao meio-dia e à noite, durante os quais se manifestaram alguns fenómenos de prova verdadeiramente impressionantes.

Numa tarde da minha estadia em Mobile, o senhor Bowen e vários amigos insistiram para que eu visitasse o Capitólio estadual e pisasse o solo onde se reunira aquela liberal e esclarecida assembleia legislativa que aprovara a lei proibindo-me de proferir conferências públicas no Alabama.

Convém recordar que estávamos então no Inverno de 1860 e que, como já referi anteriormente, ainda não se ouvira o mais leve murmúrio acerca da rebelião que se aproximava.

O espírito lento de comodidade e de luxo que caracterizava muitos dos proprietários de plantações parecia anunciar uma continuação indefinida daquela existência de conforto e ociosidade garantida aos senhores brancos pelo trabalho dos infelizes escravos negros.

Sem qualquer aviso ou premonição da minha parte, quase no instante em que me encontrei no centro da sala legislativa do Alabama, uma força espiritual apoderou-se de mim e obrigou-me a falar em tons que ecoaram por toda a vasta sala.

Um jovem jornalista presente no grupo tomou nota das palavras, que foram as seguintes:

«Alabama! Terra de paz aparente e tranquilidade superficial!

Ai de ti! Ai de ti!

Os teus filhos serão expulsos dos campos e as tuas filhas afastadas dos seus lares de luxo.

As tuas ruas encher-se-ão de luto e lamentação pelos mortos.

A tua terra tornar-se-á desolada; a erva crescerá entre as pedras das tuas ruas; a traça e a ferrugem consumirão o teu esplendor.

Os teus campos serão pisados pelos cavalos da guerra e os teus jovens cairão aqui, precisamente aqui, debaixo deste mesmo teto que ressoou com o decreto que expulsou o mundo espiritual da tua bela terra.

Aqui, exatamente aqui, lado a lado, jazerão fileiras de mortos; neste mesmo chão serão empilhados montes de cadáveres silenciosos.

Antes que dois anos de tribulação tenham obscurecido a tua glória, este lugar estará cheio dos teus mortos insepultos.

O opressor e o tirano deporão as armas e tornar-se-ão espíritos errantes e sem lar, semelhantes àqueles que expulsaram daqui.

Bela e desventurada Alabama! Em menos de dois curtos anos haverá mais Espíritos do que formas mortais dentro das tuas fronteiras.

E onde agora tilintam as correntes da escravidão e se publicam nas tuas paredes palavras de condenação contra os mensageiros da vida espiritual, ouvir-se-á o som de lágrimas a cair e os soluços de corações despedaçados; mesmo neste lugar será entoado o réquiem dos filhos do Alabama e da glória do Alabama.»

Só tenho a acrescentar que esta terrível profecia, arrancada dos meus lábios por uma força que nenhum esforço da minha própria vontade podia deter, ouvida num silêncio impressionado pelos amigos que me rodeavam e publicada repetidas vezes por eles em diversos lugares, veio infelizmente a realizar-se em todos os seus mais pequenos detalhes.

Durante a guerra entre o Norte e o Sul, iniciada em 1861, apenas um ano depois da proclamação dessa profecia, poucos Estados sulistas foram tão ativos na defesa da escravidão ou sofreram perdas tão terríveis dos seus filhos mais corajosos como o Alabama.

Em diversas ocasiões, quando multidões de mortos regressavam através das ruas cobertas de erva e das cidades quase desertas do Alabama, os corpos dos soldados caídos eram transportados sem mortalha e colocados em caixões rudimentares, alinhados lado a lado no chão do Capitólio estadual, onde os enlutados se reuniam para ouvir algumas breves palavras fúnebres.

Em suma, na devastação e nas ruínas provocadas pela guerra, cada palavra daquela triste e totalmente involuntária profecia cumpriu-se à letra no destino do Alabama.

Nas minhas longas viagens por regiões selvagens e remotas da América, fui maravilhosamente guiada e protegida pelos meus bondosos guardiães espirituais.

Existem numerosos casos, difíceis de verificar, em que pude discernir de que forma os acontecimentos mais importantes da minha vida foram moldados por amigos espirituais.

Entre inúmeros exemplos deste género, limitarei aqui o relato aos seguintes, representativos de muitos outros casos semelhantes de orientação espiritual.

Numa das minhas extensas peregrinações pelas cidades do extremo Oeste, a minha primeira viagem a Springfield, no Illinois, ocorreu durante o rigoroso Inverno de 1860.

As pradarias entre o Ohio e o Illinois encontravam-se literalmente inundadas.

O comboio que deveria chegar a Springfield às seis horas da tarde, depois de enfrentar dificuldades sem conta provocadas pelas chuvas intensas e pelo degelo, só alcançou a cidade à uma e meia da madrugada seguinte.

Como os fios telegráficos estavam todos interrompidos, não era possível enviar notícias sobre a nossa situação.

Eu tinha sido contratada em Springfield pelo impressor estadual, senhor Richards.

Quando cheguei à estação, oito horas depois da hora prevista, tudo estava escuro e deserto.

As salas de espera estavam fechadas e não havia viva- alma à vista.

Os fogões das carruagens tinham-se apagado, o carvão esgotara-se e os mantimentos também.

O guarda do comboio aproximou-se de mim e perguntou gentilmente se preferia permanecer no vagão em vez de desembarcar naquela estação fria e escura.

— Desembarca! — soou aos meus ouvidos espirituais a voz que nunca me tinha enganado.

Obedeci.

Pouco depois encontrava-me na plataforma, faminta, desolada, meio gelada e mergulhada numa escuridão espessa.

Vi descarregarem a minha pesada mala e observei as luzes do comboio afastarem-se até desaparecerem.

Não fiquei, porém, sozinha.

Enquanto permanecia ali, completamente perdida, a mesma voz querida falou de novo:

— Está tudo bem. Mantém-te tranquila. Eu trarei ajuda.

Quase no instante em que a voz se calou, avistei ao longe uma luz atravessando a pradaria e aproximando-se da estação.

Poucos minutos depois ouvi o chapinhar de rodas a atravessar o terreno alagado e, em seguida, a voz de um homem gritou:

— Alguém desembarcou do comboio?

Com enorme alívio respondi em voz alta:

— Sim! Pode levar-me daqui?

Mais ruído de água e lama e, logo depois, uma pequena charrete aproximou-se da plataforma.

O único ocupante, um homem bem agasalhado, ergueu o candeeiro para observar a infeliz que solicitava auxílio.

— Para onde quer ir? — perguntou.

Indiquei o nome da rua onde deveria encontrar alojamento, mas não o nome da pessoa.

— Está tudo fechado esta noite — respondeu ele. — Já ninguém esperava o comboio. Toda a cidade está a dormir. O melhor é entrar na charrete e abrigar-se na minha cabana até de manhã. Fica aqui perto e foi por isso que vimos o comboio chegar e ouvimos o apito.

— Podes confiar nele. Vai com ele — murmurou a voz espiritual ao meu ouvido interior.

Aproximei-me da borda da plataforma.

— Tem bagagem? — perguntou o homem.

— Sim, a minha mala está aqui.

— Não a posso levar. A charrete é pequena, só tem espaço para nós os dois. Mas virei buscá-la logo pela manhã.

— Deixa-a — sussurrou a voz. — Ficaré em segurança. Nós guardá-la-emos.

Foi confiando nessa garantia que deixei todos os meus pertences, incluindo todo o dinheiro ganho nos seis meses anteriores, dentro daquela mala abandonada na plataforma deserta.

Entrei na charrete e fui conduzida — ou antes, transportada através das águas — durante cerca de um quarto de milha até uma pequena casa de madeira.

Ao chamar:

— Mulher, está aqui uma senhora do comboio!

apareceu uma mulher meio vestida, segurando uma lamparina de óleo.

Comecei imediatamente a apresentar explicações e desculpas, mas ela interrompeu-me:

— O quarto da nossa Polly está vazio. Pode entrar e ficar lá até de manhã.

Com gratidão aceitei o convite e retirei-me para o quarto de Polly, precisando apenas de um bom lume, uma chávena de chá ou a mais simples côdea de pão seco para completar a minha felicidade.

Como nenhum dos três requisitos indispensáveis para um viajante meio gelado e completamente esfomeado se encontrava disponível, limitei-me a arrastar a pequena cama de ferro de aspeto limpo para junto da porta — o único meio de a trancar que o quarto oferecia — e enrolei-me nela até de manhã.

Foi então que a mesma voz querida de antes me despertou com as palavras:

— Olha, Emma, olha.

Ergui-me de um salto e corri para a janela sem cortinas.

Ali, para minha alegria, vi um homem, que tomei por meu anfitrião, puxando sobre uma plataforma ferroviária a preciosa mala que eu deixara na estação.

Saí imediatamente para o receber, ainda envolta na capa e usando o chapéu.

Ele dirigiu-se a mim com muito mais respeito do que na noite anterior, perguntando se eu era a senhora Hardinge a quem pertencia aquela mala.

Quando lhe confirmei que sim, explicou-me que era empregado do senhor Richards, precisamente a pessoa que me contratara e que eu esperava encontrar na estação.

O homem sabia que uma senhora Hardinge deveria chegar a casa do seu patrão para realizar conferências em Springfield, mas sem suspeitar minimamente que a desventurada viajante da noite anterior era a convidada aguardada.

Declarou, porém, que ao ouvir a chegada do comboio, apesar de serem já uma e meia da madrugada, sentira uma impressão irresistível

que lhe dizia que deveria atrelar o cavalo à charrete e dirigir-se à estação para recolher um passageiro.

Anos mais tarde, quando me tornei visitante frequente da casa do bondoso senhor Richards, ouvi dizer que esse mesmo homem era um excelente médium impressionável e que frequentemente se referia a este episódio como um caso de influência espiritual irresistível — uma influência que, muito provavelmente, me salvou de morrer congelada naquela sombria estação ferroviária.

O segundo caso representativo em que considero que a minha vida e a de outras pessoas foram salvas pela mesma bendita influência que me socorreu na ocasião acima descrita foi o seguinte:

Eu encontrava-me hospedada na casa da senhora Neal, residente num local isolado, acessível apenas por estradas de carruagem abertas na encosta de uma cadeia de colinas, a cerca de três milhas da cidade de Cincinnati, onde tinha sido contratada para realizar conferências durante várias semanas consecutivas.

Normalmente deslocávamo-nos para a cidade numa grande carruagem puxada por um cavalo preto muito velho, muito corpulento, mas extremamente estimado.

Numa estadia anterior em Cincinnati eu habituara-me a viajar numa carruagem puxada por um magnífico cavalo castanho de velocidade extraordinária.

Era tão veloz que lhe dera a alcunha de «Relâmpago», por contraste com o velho cavalo preto da senhora Neal.

A este último chamei-lhe «Trovão», nome que acabou por ser adotado com humor por toda a família.

O senhor Lovell, pai da senhora Neal, informou-me de que existia uma tradição segundo a qual Trovão teria fugido uma vez quando era muito jovem.

Acrescentou, contudo:

— Temos este cavalo há quase vinte anos e nunca mais se soube de semelhante imprudência.

Na noite de uma das minhas conferências, o meu anfitrião, a sua esposa e o senhor Lovell acompanharam-me ao salão onde deveria cumprir o compromisso.

Depois da conferência, regressávamos a casa na grande carruagem puxada por Trovão quando, ao chegarmos a um trecho solitário da estrada, onde não circulava qualquer outra pessoa, vários salteadores armados surgiram repentinamente e sem aviso, cercand-nos.

Ameaçaram matar-nos se não lhes entregássemos todo o dinheiro e objetos de valor que possuíamos.

Os meus amigos ficaram aterrorizados.

Eu, porém, senti novamente a presença do meu amado irmão espiritual e ouvi a voz familiar dizer:

— Não tenhas medo. Fica quieta.

Nesse instante vi-o junto do cocheiro, parecendo arrancar-lhe as rédeas das mãos.

Para espanto dos meus companheiros, Trovão empinou-se e lançou-se contra os assaltantes, dispersando-os.

O Espírito segurava as rédeas e impelia-o para a frente.

O cavalo correu então com a velocidade de um relâmpago e só interrompeu a sua corrida desenfreada quando nos deixou em segurança à porta da casa da senhora Neal.

O querido velho Trovão, sob o comando do nosso cocheiro espiritual, salvara-nos a vida.

Nunca mais se ouviu falar dos ladrões.

De Trovão, pelo contrário, ouviu-se falar muito.

Tornou-se famoso como o cavalo que salvara quatro vidas sob a direção de um condutor espiritual.

O terceiro caso que relatarei fala ainda mais claramente do que os anteriores da orientação prestada por esse amado e amoroso irmão espiritual, cuja vigilância carinhosa sobre a sua irmã errante — em

inúmeros episódios para além dos poucos mencionados neste capítulo — ilustra a promessa divina de que «Ele dará ordens aos seus anjos para que te guardem e protejam em todos os teus caminhos».

E, na verdade, essa profecia realizou-se para mim de mil maneiras ao longo das minhas extensas peregrinações missionárias em prol do Espiritualismo.

O local que visitei em seguida foi Dixon, no Illinois, onde um cavalheiro de certa influência, o senhor Henry Bacon, me pediu que realizasse uma conferência.

O senhor Bacon, desejoso de se tornar um bom médium de provas, perguntou ao meu irmão espiritual se não poderia visitá-lo ocasionalmente e fornecer-lhe manifestações semelhantes às que ocorriam quando eu estava presente.

A promessa foi feita e eu regressei a Rockford, Illinois, onde tinha assumido o compromisso de realizar uma série de conferências dominicais durante um mês.

Nessa altura o Inverno instalara-se com extrema severidade.

A neve cobria o solo com vários pés de profundidade e numerosos emigrantes escoceses que tinham chegado a Rockford durante o agradável Outono encontravam-se agora em grande sofrimento devido ao frio e à miséria.

A minha bondosa anfitriã, a senhora Blim, dedicava todo o seu tempo e recursos ao auxílio dos doentes e necessitados da região.

Associei-me, portanto, ao seu trabalho generoso e durante vários dias percorremos a vizinhança no nosso pequeno trenó, prestando socorro a todos quantos podíamos.

Numa tarde particularmente fria, ao regressarmos a casa, uma criança correu atrás do trenó e pediu à senhora Blim, que parecia conhecer, que entrasse para falar com a sua mãe.

Parámos à porta e encontrámos uma família de emigrantes em situação desesperada.

O pai estava doente na cama.

As crianças encontravam-se quase geladas.

A pobre mãe, com um bebé nos braços, tentava inutilmente acender fogo numa lareira de pedra sem fogão.

Alguns samaritanos caridosos tinham oferecido carvão.

Outros tinham fornecido carne e farinha.

Tudo o que faltava era um fogão de cozinha.

Mas já não possuíam um único dólar e o pai estava demasiado doente para trabalhar.

A senhora Blim e eu sabíamos onde comprar um bom fogão por cinco dólares.

Contudo, tínhamos esgotado até ao último centimo os nossos próprios recursos e já tínhamos pedido ajuda a todos quantos podíamos.

Não sabíamos onde encontrar mais auxílio.

— Vamos para casa — disse eu. — Surgirá alguma solução e voltaremos mais tarde.

Subimos para o trenó em silêncio e tristeza.

Ao chegarmos a casa entregaram-me a habitual pilha de cartas.

A primeira que abri era do senhor Henry Bacon, de Dixon.

Em resumo, dizia que «Tom», o meu irmão espiritual, lhe aparecera através de um bom médium que visitara inesperadamente a sua casa para lhe comunicar que eu — a irmã de Tom — necessitava imediatamente de cinco dólares.

Com base nessa mensagem, o senhor Bacon explicava que tomara a liberdade de me enviar uma nota de cinco dólares e esperava apenas que eu lhe perdoasse a ousadia e lhe confirmasse se tinha procedido corretamente.

Fiz-lhe saber, a ele e a muitos outros, que efetivamente procedera corretamente.

Mas antes disso já tínhamos comprado um fogão de cozinha de cinco dólares e enviado o mesmo para a família de emigrantes.

Uma das empregadas da senhora Blim deslocou-se ainda ao local para ajudar a acender o fogão, cozer o pão e preparar um delicioso guisado cujo aroma chegou até à nossa casa distante e proporcionou à senhora Blim e a mim uma das noites de sono mais tranquilas e felizes que alguma vez desfrutámos.

Durante alguns anos conservei comigo a carta do senhor Henry Bacon e, mostrando-a a numerosos investigadores interessados não apenas nos factos mas também na utilidade prática do Espiritualismo, transformei o «rapaz marinheiro espiritual» numa figura bastante popular entre os espiritualistas do extremo Oeste.

A quarta e última ilustração pessoal de intervenção espiritual direta nos assuntos humanos apresento-a através de um excerto de um folheto publicado pelo *Banner of Light*, em Boston, intitulado *The Spiritual Invention* («A Invenção Espiritual»).

O subtítulo era:

«*Cenas e Esboços Autobiográficos — por Frank Chase.*»

«O seu nome é Fecho Interior Auto-Ajustável para Persianas e Portadas.

É simples na construção, mas perfeito no princípio.

Pode ser fabricado em latão ou ferro polido e adapta-se igualmente bem a um palácio ou a uma cabana.

O inventor poderá obter patente para ele e alcançará grande êxito.

Tudo o que pedimos é que divulgue ao mundo a forma como o recebeu, para que se saiba de onde provêm as grandes invenções.» — Espírito.

Para explicar este assunto da forma mais breve e clara possível, reproduzo os seguintes excertos de um artigo meu publicado no *Banner of Light* de 5 de Abril de 1862 e posteriormente reimpresso como prefácio ao folheto acima referido:

«Todos reconhecemos, com Thomas Paine, que existem pensamentos que entram subitamente na nossa mente sem sabermos como nem de onde vêm.

Inventores, compositores e escritores estarão particularmente familiarizados com esta experiência.

E para aqueles que estejam dispostos a aceitar uma explicação espiritual para esta aparente espontaneidade do pensamento, os seguintes episódios de viagem poderão não ser desprovidos de interesse.

Em Novembro fui a Sutton, no New Hampshire, para cumprir um compromisso de conferências assumido havia muito tempo.

Encontrei o meu correspondente, o senhor Frank Chase, praticamente o único representante do Espiritualismo em três aldeias.

Se o tempo e o espaço o permitissem, poderia narrar uma verdadeira história de martírio moderno suportado durante cinco anos por este corajoso jovem na sua luta solitária contra o fanatismo, a cobardia e as intrigas locais.

Seria uma história capaz de inspirar esperança aos desanimados nas circunstâncias mais adversas e de envergonhar os espiritualistas abastados que, depois de suportarem alguns olhares frios e contribuírem com alguns dólares para sustentar a causa, se declaram satisfeitos por terem feito sacrifícios suficientes e não pretenderem fazer mais.

Não era esse o caso do meu bravo aliado, o senhor Frank Chase.

Com recursos escassos e enfrentando toda a influência hostil de Sutton, conseguiu, com a ajuda de alguns poucos idealistas, manter o Espiritualismo tão visível aos olhos dos habitantes da localidade que eles o conheciam no coração, mesmo quando o rejeitavam com os lábios.

Embora nenhum membro da família do senhor Frank Chase fosse espiritualista, fui recebida e hospedada com toda a hospitalidade na sua casa.»

«Um dia, enquanto recebia a visita de alguns vizinhos, na companhia da mãe do senhor Chase, reparei junto de alguns dos visitantes na presença de diferentes amigos espirituais que os acompanhavam.

Como aqueles que tive a felicidade de perceber foram reconhecidos pelos seus amigos com muitas expressões de surpresa e alegria, a senhora Chase comentou que provavelmente não era suficientemente boa para ser visitada por Espíritos, pois eu nunca identificara nenhum para ela.

Como que em resposta às suas palavras, surgiu ao seu lado um homem alto que a chamou “uma espécie de irmã”.

Esse facto, juntamente com outros sinais de identidade, convenceu-a de que se tratava de um seu meio-irmão e despertou nela grande curiosidade e interesse.

“Algum tempo antes, o meu anfitrião, o senhor Frank Chase, inventara um novo sistema de persianas para janelas, para o qual obtivera uma patente.

O senhor Chase sempre sustentou que a ideia dessa invenção lhe surgira de forma tão singular que tinha a certeza absoluta de se tratar de uma impressão espiritual.

O Espírito do tio que então se encontrava diante de mim informou-me de que fora ele próprio — um artesão engenhoso quando vivera na Terra — o autor dessa inspiração.

Como a afirmação não continha qualquer prova especial, foi recebida pelos presentes com pouco entusiasmo.

Antes de desaparecer, porém, o Espírito acrescentou:

‘Darei ao Frank outra prova do meu cuidado e do meu afeto por ele e farei algo que lhe será de grande benefício.’

“Nessa noite, no instante em que apaguei a lâmpada para me deitar, o homem alto apareceu junto da minha cama.

Com bondade, acalmou o receio que os preconceitos da minha educação inicial ainda deixavam nos meus nervos relativamente aos

Espíritos e, depois de me arrancar a promessa de que comunicaria livremente ao sobrinho aquilo que estava prestes a revelar-me, começou a mostrar-me uma invenção destinada a abrir, fechar e fixar com absoluta segurança persianas exteriores, tudo a partir do interior da casa e sem a necessidade incômoda de abrir ou fechar a janela.

“O mecanismo era — e continua a ser — extremamente simples.

Pode ser aplicado a qualquer janela.

Quando fechado, constitui um dos sistemas mais seguros contra ladrões; quando recolhido, oferece igual resistência à força do vento.

“O meu mecânico espectral teve ainda o cuidado de me mostrar o aparelho fabricado em dois tipos de metal: um simples e económico; o outro mais vistoso e dispendioso.

Depois de me ordenar novamente que o entregasse ao Frank, garantindo que ele obteria uma patente para o invento e, mais extraordinário ainda, que receberia sem dificuldade o dinheiro necessário para a conseguir, o meu bondoso instrutor voltou a explicar parafusos, dobradiças, articulações, materiais e outros detalhes, despedindo-se em seguida com um amável boa-noite.

“Na manhã seguinte, ainda antes do amanhecer, encontrava-me eu a adaptar um modelo de papel da máquina espiritual a uma janela gelada, em plena tempestade de neve.

O senhor Frank Chase, ele próprio mecânico hábil e inventivo, compreendeu imediatamente a ideia.

Confiando na promessa do Espírito — essa ele acreditava — de que, onde a minha descrição fosse insuficiente, o próprio Espírito o inspiraria, e também noutra promessa — essa parecia-lhe tão improvável no contexto financeiro de Sutton que não acreditava nela — de que surgiriam os meios para obter a patente, deixei Sutton.

“Cerca de uma semana depois da minha partida recebi uma carta do senhor Chase informando que a máquina estava construída, tinha sido testada e fora considerada por vários mecânicos da região perfeitamente satisfatória e completa em todos os seus detalhes.

Algumas semanas mais tarde, o meu correspondente comunicou-me que o dinheiro fora obtido sem dificuldade e que a patente tinha sido concedida.

Acrescentava que a máquina espiritual se encontrava então em funcionamento com grande sucesso e procura e que podia ser adquirida ao senhor Frank Chase, em Sutton, New Hampshire.

“Como possuo autorização das pessoas envolvidas para publicar esta declaração e como as várias testemunhas podem e irão confirmar tudo o que foi relatado, julgo estar justificada ao afirmar que em mim — pessoa em quem, presumo, nenhum dos meus conhecidos procuraria sequer vestígios de génio mecânico — existe pelo menos uma prova de que basta observarmos as rodas que movem a máquina e vislumbrarmos os operários invisíveis que trabalham nessa maquinaria para descobrirmos de onde vêm aqueles pensamentos carregados de promessas ainda não experimentadas e repletos de sementes de descobertas úteis.”

— *Emma Hardinge*

CAPÍTULO XIV

UM DOS MAIS NOTÁVEIS CASOS DE VAUDOU MODERNO DE QUE HÁ REGISTO

«Há mais coisas no Céu e na Terra... do que sonha a tua filosofia.»

Em todas as fases da vida, tal como nas características dos seus protagonistas, podem observar-se — para quem possui olhar atento — dois lados em cada quadro.

Essa dualidade da Natureza aplica-se tanto aos dois lados de cada história como às diferentes interpretações que diferentes mentes fazem de tudo o que influencia as opiniões humanas, não sendo o Espiritualismo exceção.

Até aqui, foi para mim motivo de orgulho e satisfação apontar o lado DIVINO do grande movimento espiritualista e registar quantas vezes os bons Espíritos vêm efetivamente em nosso auxílio, quer de

forma consciente quer sem que o percebamos, ajudando-nos a cumprir o destino que temos diante de nós.

Na narrativa que se segue, porém, pretendo chamar a atenção do leitor para os perigos e abusos que podem resultar da prática de poderes ocultos quando exercidos por mentes desequilibradas ou por pessoas que entregam as rédeas do seu juízo e da sua consciência ao alegado controlo de qualquer Espírito, esteja ele dentro ou fora da forma mortal.

Num pequeno folheto publicado pelo falecido senhor Stainton Moses, intitulado *The Transcorporeal Action of Spirit* («A Acção Transcorpórea do Espírito»), encontra-se reproduzido um artigo do *New York Sun* sob o título pouco apropriado de *Mrs. Hardinge's Shadow* («A Sombra da Senhora Hardinge»).

Poucas pessoas que lessem esse título de passagem compreenderiam que o artigo trata de um dos mais profundos problemas do poder espiritual e se relaciona mais com as possibilidades da alma encarnada do que com as da alma desencarnada.

Ignorando os muitos relatos distorcidos que de algum modo se infiltraram em diversos jornais americanos acerca dos dois casos seguintes, vou narrá-los apenas com base nos factos que experimentei pessoalmente e que se encontram bem testemunhados.

Foi durante o período em que cumpria um compromisso de conferências em Nova Iorque que recebi uma carta assinada por «John Gallagher».

Embora o envelope estivesse dirigido a mim e a carta começasse pelo meu nome próprio, tudo indicava, pelo menos à primeira vista, que me tinha sido enviada por engano.

Tratava-se de uma carta amorosa entusiástica, redigida numa linguagem bastante correta, mas cujo conteúdo sugeria claramente que se destinava a uma amiga muito íntima e querida do remetente.

Como, porém, vinha de uma pessoa cujo nome eu nunca ouvira mencionar e continha expressões que ninguém na América tinha então

o direito de me dirigir, concluí naturalmente que o autor escrevera duas cartas ao mesmo tempo e colocara esta no envelope errado.

Por mais razoável que parecesse tal explicação, fui rapidamente obrigada a abandoná-la quando recebi uma segunda carta do mesmo gênero e, poucos dias depois, uma terceira.

Horrorizada com a possibilidade de tais documentos caírem em mãos alheias e convencida de que qualquer pessoa sensata concluiria imediatamente que eu mantinha uma correspondência secreta e comprometedora, resolvi mostrar as cartas e pedir conselho aos amigos com quem estava alojada: a senhora French e o seu assistente, uma alma bondosa que todos na casa tratavam por tio Culbertson.

Depois de lerem as cartas, ambos concluíram que alguma infeliz mulher da cidade teria adotado o meu nome — algo que já acontecera anteriormente com outras figuras públicas — e que o correspondente dessa pessoa me confundira com ela.

Também essa hipótese teve de ser abandonada quando chegou outra carta do mesmo gênero, desta vez contendo comentários entusiásticos acerca da minha conferência de domingo e da beleza do vestido que eu usara.

A descrição correspondia exatamente ao traje que efetivamente vestira.

— O miserável que escreve isto é um louco — observei.

— Isso é impossível — respondeu o senhor Culbertson. — A linguagem é demasiado correta para ser produto da loucura. E, no entanto, loucura, ou algo pior, parece ser.

A partir desse momento começaram a chegar cartas semelhantes com tal frequência e contendo referências tão precisas às minhas conferências, aos meus vestidos e à minha aparência que se tornou impossível duvidar de que eram efetivamente dirigidas a mim.

Por fim, decidi consultar a polícia.

Até então pedira aos meus amigos que não mencionassem o assunto à minha mãe, receando que ela partilhasse da angústia que aquelas missivas me causavam.

Contudo, como o meu endereço permanente era a pensão onde ela residia em Nova Iorque e como durante as minhas viagens de conferências eu lhe confiava a tarefa de abrir a correspondência e reenviar apenas aquilo que exigia a minha atenção pessoal, a senhora French chamou a minha atenção para o choque e o horror que a minha mãe sentiria se aquelas cartas lhe chegassem às mãos sem qualquer explicação prévia.

Convencida por esse argumento, resolvemos pô-la ao corrente do caso.

A minha mãe, com o seu habitual bom senso, sugeriu imediatamente que tudo poderia ser obra de um inimigo que pretendesse criar a aparência de uma correspondência secreta comigo e, mais tarde, fazer com que as cartas fossem encontradas por pessoas interessadas em desacreditar-me.

Por mais plausível que essa hipótese parecesse, ela era demasiado repugnante ao nosso sentido de honra para ser ignorada.

Em puro desespero consultámos então o senhor Matson, um velho magistrado da polícia, bem como um amigo advogado de grande perspicácia.

Nenhum deles conseguiu esclarecer o mistério.

Limitaram-se a observar que, embora os carimbos postais indicassem Boston ou várias localidades do Massachusetts, o autor revelava um conhecimento demasiado íntimo da minha vida em Nova Iorque para estar realmente muito longe.

Quanto à assinatura «John Gallagher», poderia perfeitamente ser fictícia e, muito provavelmente, era-o.

Assim, uma investigação acerca de todos os John Gallagher dos Estados Unidos nada revelaria.

Em suma, os meus conselheiros oficiais, tal como os meus amigos, não conseguiram apresentar mais do que vagas conjecturas.

O caso permaneceu envolto num mistério absoluto.

Não tenho a certeza exata do ano em que esta terrível perseguição começou.

Creio que foi em 1858.

O que sei com certeza é que, a partir dessa época e durante pelo menos dois anos, estas horríveis cartas me seguiram para toda a parte.

No extremo Oeste, nos Estados do Leste e, finalmente, no Sul, a perseguição continuou.

À medida que o tempo passava, comecei a experimentar algo ainda mais perturbador.

Passei a sentir a aproximação dessas cartas antes mesmo de as receber.

Primeiro surgiam arrepios de frio.

Muitas vezes sentia também a presença de algo maligno à minha volta.

Por vezes essas sensações tornavam-se tão intensas que me via involuntariamente levada a encostar a cadeira à parede para impedir que aquilo que eu sabia ter entrado no quarto pudesse colocar-se atrás de mim.

O único alívio que encontrava para essas sensações torturantes era falar delas aos amigos junto dos quais me encontrava hospedada.

Embora nunca tivesse encontrado uma única pessoa capaz de me oferecer qualquer explicação para o mistério, era pelo menos reconfortante saber que os meus amigos partilhavam da minha aflição e me manifestavam a sua simpatia.

Quanto aos Espíritos, — embora eu os questionasse repetidamente sobre o assunto, a sua única resposta foi que o poder maligno ao meu redor era humano e, de momento, estava demasiado afastado da sua esfera para que lhes fosse possível controlá-lo.

Tudo o que podiam fazer era assegurar-me a sua proteção presente e a libertação final.

Como prova da ação direta do poder invisível pelo qual eu estava cercada, posso mencionar que, durante um dos meus contratos

mensais em Providence, Rhode Island, eu tinha acordado dar uma conferência a meio da semana em Pawtucket, um lugar a apenas algumas milhas de distância de onde eu estava hospedada.

Os meus amigos em Providence tinham combinado levar-me de carro à minha conferência e trazer-me de volta numa “carry-all”, uma carruagem coberta de dois assentos.

A noite estava intensamente escura e fria e, durante a viagem para casa, o nosso condutor decidiu parar numa casa à beira da estrada que ele conhecia para pedir uma lanterna emprestada.

Chegados à casa de paragem a meio do caminho, os meus três amigos, uma senhora e dois cavalheiros, saíram para se aquecerem, bem como para obterem a lanterna.

Eu estava demasiado cansada para me mexer quando, subitamente, estando eu sentada na “carry-all” sozinha, os cavalos começaram a empinar-se como se estivessem assustados, e senti uma mão fria a fazer algo à minha cabeça, na qual eu trazia um cloud, ou xaile de malha.

Chamei em voz alta pelos meus amigos: “Venham cá, está alguém na carruagem!”

Instantaneamente tudo ficou calmo; mas, de novo, os cavalos empinaram-se e os meus amigos correram para fora com a lanterna.

Ninguém se avistava; mas, quando chegámos a casa e entrámos na sala de estar, para espanto dos meus amigos e meu próprio, encontrámos um ramo de lírios-do-vale preso no meu cabelo, o qual, até ao dia da minha morte, eu insisto que não estava lá quando parti para a viagem de regresso a casa.

Disse aos meus amigos nessa altura, e persisto agora, que não tínhamos tais flores connosco e que alguém ou alguma coisa entrou na carruagem e colocou esses lírios ali.

O correio da manhã seguinte trouxe-me uma das terríveis cartas, felicitando-me por usar esses lírios durante a minha viagem para casa, lamentando a presença dos estranhos comigo e falando de palavras que eu tinha dito após o meu regresso.

Passando por cima de muitos meses terríveis cheios de mistérios semelhantes, alcanço agora um período memorável na minha vida mutável por ser a única ocasião em que visitei os Estados do Sul da América, nos quais eu tinha vários contratos.

Foi no inverno de 1860 que segui para Macon, Geórgia, para dar conferências durante dois meses, período em que fui hóspede do Dr. Andrews e da Sra. Andrews.

O doutor era um médico bem conhecido e respeitado da localidade e, embora após o decurso de cerca de trinta e três anos eu não saiba se este excelente casal ainda se encontra no lado terreno da vida, creio que deve haver em Macon alguns amigos que se lembrarão da minha visita, e a muitas pessoas de lá falei da minha abominável e misteriosa perseguição.

Um dia, enquanto estava sentada no meu próprio quarto a escrever, a sensação de frio intenso sobreveio-me, a qual anunciava uma das bem conhecidas e pavorosas cartas.

Mal tinha empurrado a minha cadeira contra a parede, para evitar que uma presença desconhecida se colocasse atrás de mim, quando o próprio Dr. Andrews bateu à minha porta e, ao ser convidado a entrar, apresentou-me várias cartas, estando entre elas uma do meu atormentador.

Eu já tinha informado o meu bom anfitrião da minha terrível perseguição e, como forma de provar a minha confiança nele e a natureza do mistério pelo qual eu andava cercada, quando reconheci a caligrafia de todo bem conhecida e o carimbo postal de Boston, entreguei a carta fechada ao Dr. Andrews e pedi-lhe que a lesse.

Ele assim fez e, devolvendo-ma, parámos no facto de alguém em Boston ter descrito a mesmíssima cena que teve lugar na noite anterior na minha sala de conferências em Macon, Geórgia, a mais de mil milhas de distância!

Toda a conversa sobre tal mistério, toda a conjectura era em vão.

O Dr. Andrews deixou-me para atender os seus doentes, enquanto eu me sentei para escrever uma carta a um certo Major Rhynders, então chefe da polícia em Boston.

Nesta carta oficial incluí várias missivas deste mesmo “John Gallagher”, recebidas em diferentes locais durante as últimas semanas e, tendo uma leve ligação com o Major Rhynders, disse-lhe que queria que ele localizasse este John Gallagher, ou descobrisse da melhor forma que pudesse o autor daquelas cartas.

Disse-lhe que, dali a seis semanas, eu estaria em Boston para cumprir um contrato de dois meses e que a totalidade dos meus honorários — 200 dólares — e tudo o que eu conseguisse angariar além disso, se necessário, eu pagaria para prender e ajudar a processar o vil autor destas cartas.

Tinha acabado de selar e endereçar o meu pacote ao chefe da polícia de Boston, quando a voz de um dos meus mais amados amigos Espíritos, o meu irmão marinheiro Tom, falou comigo, e o seguinte colóquio se seguiu: —

Espírito: “Para quem está a Emma a enviar um pacote tão enorme de cartas, e porquê?”

Eu respondi:

“Tu sabes; tu não queres ou não podes ajudar-me, por isso eu ajudo-me a mim própria.”

Espírito: “Nós queremos e ajudamos-te quando podemos; os Espíritos não são Deus e não podem fazer tudo o que desejam ou que os mortais exigem.”

Emma: “Talvez sim. Então repito que me ajudo a mim própria.”

Espírito: “O lume da Emma está baixo e o tempo está frio; peço-te que acendas o teu lume com essas cartas.”

Emma: “NÃO VOU FAZER ISSO! E, a menos que me dê alguma explicação sobre este horrível mistério, essas cartas vão para o chefe da polícia de Boston.”

Espírito: “Pobre Emma; como ela se vai arrepender do seu trabalho!”

Emma: “Que me importa? Não tenho ninguém para me ajudar. As cartas VÃO MESMO!”

Espírito: “Será que a nossa Emma espera, pelo bem da sua própria alma e para agradar aos seus amigos Espíritos, por seis semanas?”

Emma: “Neste dia, daqui a seis semanas, estarei em Boston. E depois?”

Espírito: “Espera até depois do primeiro domingo, amanhã a seis semanas, quando falares em Boston. Se não ficares **CONTENTE NESSA ALTURA** por não teres enviado as tuas cartas para a polícia naquela ocasião, não faremos qualquer objeção a que as envies ou as publiques no estrangeiro de qualquer forma.”

Emma: “Aceito; **APENAS** seis semanas, lembra-te.”

Seis semanas após a data desta conversa, cheguei a Boston, Mass.

Tinha estado a viajar durante dezoito horas e cheguei num sábado, por volta das duas horas do dia.

O amigo que me acolheu levou-me para a casa do Sr. Farrar, na Hancock Street, presidente da sociedade pela qual eu fora contratada.

O Sr. Farrar era um dos negociantes mais proeminentes e altamente respeitados de Boston, e a sua boa esposa, minha estimada amiga, tinha combinado que eu ficasse na casa deles durante o meu contrato em Boston.

Retirando-me para o meu quarto, após um almoço às três horas, pedi à Sra. Farrar que me deixasse em descanso absoluto, na esperança de obter algum repouso antes da hora do jantar, às seis e meia.

Tinha acabado de me preparar para o meu tão necessário descanso, quando a própria Sra. Farrar bateu à minha porta e, ao entrar, implorou-me que concedesse audiência a duas senhoras que haviam suplicado o seu interesse para obter uma entrevista comigo naquilo que elas declaravam ser uma questão de vida ou morte.

Exausta como eu estava pela fadiga, não pude resistir ao apelo da minha amável anfitriã, pelo que desci à sala de estar, impondo apenas a condição de que, como eu própria não tinha segredos, a Sra. Farrar estivesse presente na próxima entrevista.

Encontrámos à minha espera duas senhoras, a mais jovem das quais, falando de uma maneira distinta e graciosa, disse: “Permita-me dizer, Sra. Hardinge, somos mãe e filha, ambas viúvas, e viemos ter consigo numa missão extremamente singular e constrangedora. Esta é a minha mãe, a Sra. Gallagher.”

Escusado será dizer que sobressaltei-me ao ouvir este nome odiado.

“Não conhece o meu irmão, o Sr. John Gallagher?”, a senhora acrescentou, ansiosamente.

“Não pessoalmente”, respondi, “mas”, adicionei, amargamente, “tenho recebido algumas cartas pavorosas de um indivíduo que assina assim.”

Foi então que, com muitas lágrimas, nas quais a pobre mãe se juntou, a filha explicou que ambas eram convictas Espiritistas há muitos anos.

O seu irmão John, que era funcionário da alfândega, numa excelente posição, e o único sustento tanto da sua mãe como da irmã, não tinha crença na causa até que elas o convenceram, uns dois ou três anos antes, a ir ouvir-me dar uma conferência.

Ele ficou tão profundamente interessado nessa ocasião, que continuou as suas averiguações e, muito infelizmente, deparou-se com uma daquelas autodenominadas médiuns, que estava sempre a pregar, bem como a praticar, a doutrina das “Afinidades”.

Tendo logo descoberto que o seu desafortunado visitante concebera uma súbita e violenta obsessão pela primeira conferencista feminina que ele alguma vez ouvira ou vira, a astuta impostora lisonjeou o seu confiante juguete fingindo que “os Espíritos” a influenciavam a dizer que eu, Emma Hardinge, era a “afinidade” deste homem, mas que, para me conquistar, ele devia orientar todas as suas ações sob certas leis e regras.

Em conluio com esta impostora estava outro do mesmo género, um homem (de todo bem conhecido em Boston), que afirmava ser um perito em Magia da Índia Oriental.

Esta preciosa dupla trabalhou de tal forma o seu visado que, após o colocarem num regime de fruta e vegetais e o debilitarem através de jejum, etc., começaram a ensinar-lhe abomináveis artes de Vodou, pelas quais ele podia sair do seu corpo e visitar-me, bem como seguir-me por todo o lado como um Espírito.

As senhoras acrescentaram que ele não mantinha a sua obsessão nem as suas práticas em segredo delas.

Pelo contrário, mostrava-lhes continuamente o livro no qual os registos das suas visitas a mim estavam inscritos.

Ali estava descrito o vestuário que eu usava, o que eu fazia e dizia, e as casas onde eu ficava alojada durante as minhas viagens.

A irmã acrescentou que, quando ele soube que eu estava anunciada para ir a Boston, suplicara à sua mãe e à irmã que me visitassem, levassem o seu livro de registos com elas, mo mostrassem e, se, como ele acreditava que aconteceria, fosse considerado correto, elas deveriam dizer-me quão longa e fielmente ele me tinha seguido espiritualmente, e rogar-me que lhe concedesse uma entrevista.

Quando estas senhoras procederam à exibição do livro de registos, e eu verifiquei quão evidentemente eu tinha sido vigiada, as minhas roupas descritas, as mesmíssimas peças que eu tinha tocado ao piano nomeadas, e os meus passeios seguidos, etc., etc., etc., fiquei quase frenética de raiva e horror.

“Receber esse homem!”, exclamei, “Nunca!”

Adicionei, o que era verdade, que nada senão a pena e a compaixão pela sua mãe e pela irmã me impediam de publicar o seu comportamento ao mundo e de o entregar à execração universal.

A pobre mãe caiu de joelhos diante de mim, suplicando que eu o visse e o repreendesse, mas, por mais penalizada que eu estivesse por ela, recusei severamente.

Surgiu então o terrível problema sobre o que elas lhe deveriam dizer no seu regresso.

A Sra. Farrar instou a que elas lhe dissessem a verdade e representassem a repugnância com que eu encarava o seu

comportamento, mas eu, infelizmente! no meu cego furor, aconselhei outro rumo de ação, e um do qual sempre me arrependerei.

Disse o que na altura pensei mui verdadeiramente, que a melhor, talvez única forma, de o curar destas terríveis práticas de fetiche era alegar que tudo o que ele tinha registado estava errado, fantasioso e falso, e que nenhuns poderes como os que ele afirmava possuir pertenciam à humanidade.

Fui sincera no meu desejo de servir estas mulheres aflitas, sem considerar que a falsidade nunca pode ser correta.

Basta dizer que a pobre mãe e a irmã me deixaram profundamente entristecidas, mas aceitando mui relutantemente tentar a cura da obsessão do infeliz homem seguindo o meu conselho.

De acordo com o prometido, escreveram-me passados alguns dias, informando-me de que tinham seguido as minhas indicações, mas o resultado foi ainda mais terrível para elas do que as suas anteriores e infelizes práticas.

Se sob a crença de que ele se tinha iludido a si próprio ao longo de todo o tempo, ou se a natureza das suas práticas tinha destruído o seu equilíbrio mental, ninguém sabia dizer.

Basta acrescentar, como conclusão desta deplorável narrativa, que a irmã viúva de John Gallagher procurou a Sra. Farrar um dia, durante a minha ausência, para a informar de que tinha acabado de regressar do Asilo de Alienados de Worcester, onde deixara o seu desafortunado irmão como um maníaco furioso.

Deixe-me acrescentar que, por compaixão pela pobre mãe e pela irmã, a única parte desta triste narrativa que posso recordar com alguma satisfação foi a queima de todas as cartas do maníaco, especialmente daquelas que eu pretendia colocar nas mãos da polícia.

Como um dever que devo à nobre causa do VERDADEIRO ESPIRITUALISMO, não menos do que como um aviso para aqueles que se atrevem a abusar das suas potencialidades ou a insultar as suas divinas realidades através do mau uso, sinto-me na obrigação de dizer que a narrativa que escrevi nas páginas precedentes não foi o único

caso em que me tornaram vítima de vis tentativas de lançar os horrores do Voduísmo sobre mim.

Em vários outros casos, adicionais ao narrado neste capítulo, os meus sucessos gerais, presumo eu, estimularam vis tentativas por parte de Voduístas para me arrastarem para as armadilhas das suas influências magnéticas.

Alguns dos mais perversos destes, os meus perseguidores, já são demasiado notoriamente conhecidos das comunidades dos últimos trinta ou quarenta anos para necessitarem de maior publicidade.

Mas, enquanto olho para trás com horror para os meus pretensos captores, não fico menos indignada com aqueles mercadores que, sob o pretexto da mediunidade, falam aos seus clientes de “Afinidades” e lhes ensinam as mesmas artes e vis tentativas de projeção de influências mentais que são comuns entre os Faquires da Índia e os Magos da maioria das terras orientais.

Quando o Espiritualismo for encarado à luz que sempre reivindiquei para ele, nomeadamente, como uma RELIGIÃO, nem Espíritos nem mortais se atreverão a poluí-lo com a introdução de artes mágicas, enquanto os poderes da ALMA, quer em uso público quer privado, formarão o mais elevado e, contudo, o mais sagrado de todos os estudos hoje indistintos no termo geral e pouco compreendido de ESPIRITUALISMO.

CAPÍTULO XV.

UM FILHO DO HOMEM MODERNO

E CAÇADOR DE AFINIDADES

“Guarda! Que há da noite? A manhã vem.”

Como estive ocupada entre trinta e cinco e quarenta anos a viajar e a dar conferências em vários países na promulgação da recém-revelada fé do Espiritualismo Moderno, e era geralmente saudada por grandes audiências e rodeada por muitos amigos calorosos, e frequentemente por importantes personagens públicas, presumo que fui um alvo favorável para a atenção e a experiência daquela classe de reformadores que seguem no encalço do sucesso, alguns dos quais de

bom grado fariam presa daqueles mais afortunados do que eles próprios, ou, ainda mais frequentemente, daquela classe de pessoas que julgam que a nova e generalizada revelação do Espiritualismo Moderno sanciona todas as ideias selvagens e fanáticas que se possam encobrir sob o manto de uma nova religião mística.

Presumindo que todas as pessoas públicas, ligadas às novas e maravilhosas revelações do Espiritualismo especialmente, são alvos especiais tanto para fanáticos como para impostores testarem os seus poderes sobre elas, eu não deveria ter sentido surpresa nem indignação ao ver-me como uma atração especial para a tentativa de operação destes estorvos; mas, embora eu pudesse encher um volume com os nomes e as operações das duas classes acima referidas, alegra-me dizer que raramente tive de lidar com as horríveis condições do Voduísmo, conforme descritas no capítulo precedente.

Ainda assim, sinto-me como se fosse infiel aos factos e às lições da história se deixasse de descrever um, entre numerosos outros casos, de louco fanatismo que me surgiu imediatamente sob observação especial própria.

Apresento esta história como uma amostra de inumeráveis outros casos de género semelhante, e registo as características desta mania na íntegra no presente capítulo, seleccionando como meu tema um caso e uma pessoa bem conhecidos como prova da insanidade que se pode apoderar de uma mente comum sob a influência de poderes mais elevados do que os da humanidade, especialmente na direcção da vaidade pessoal e da tentativa de se tornar o centro de uma nova religião.

No “Dicionário Teológico” de Buck, também numa reimpressão do mencionado numa pequena brochura chamada “Notes and Queries”, encontram-se relatos de cerca de vinte e cinco ou mais impostores que, em várias épocas e em vários países, afirmaram ser “Messias”, “Cristos”, e reencarnações ou sucessores divinos do Messias judeu.

A história moderna não carece de exemplos suplementares desta mesma febre messiânica a operar em muitos pretendentes, alguns dos quais, sob a influência do fanatismo sectário, ou estimulados pelo

objetivo de ambição pessoal e amor pelo comando de T. L. Harris, se anunciaram como novos “Messias” e, por algum tempo, conseguiram obter um pequeno e inconsequente grupo de seguidores.

De todas as manias que o nosso século dezanove apresentou, contudo, nenhuma talvez possa exceder em loucura fanática e audaciosa impudência aquela que me disponho agora a descrever; na verdade, é dizer algo que ela até transcende em loucura e pretensão a horrível assombração detalhada no capítulo anterior.

Como não guardei qualquer diário, exceto dos locais e das datas das minhas conferências, não tenho a certeza absoluta da data em que recebi pela primeira vez uma longa carta, escrita a tinta azul-clara — uma cor, conforme fui informada mais tarde, adotada em homenagem à cor dos vestidos de seda que eu sempre usava naquela época na tribuna.

O autor desta carta informou-me de que ele era o segundo Cristo ou “Filho do Homem”, que eu era a sua “Afinidade” e que, quanto mais cedo eu consentisse em vê-lo e em tornar-me no que suponho que ele queria dizer como a Filha do Homem, mais cedo os decretos do Céu se realizariam e o mundo seria remido pelo nosso messianismo conjunto.

Qualquer que tenha sido a data desta primeira e seleta epístola, sei que foi apenas pouco tempo após o terrível final da perseguição registada no último capítulo.

Ao início, a minha segunda pretensa “Afinidade” contentou-se, tal como a anterior, em escrever-me as cartas mais extravagantemente fanáticas e elogiosas, mas o passo seguinte foi ainda mais abominável.

Onde quer que eu fosse ou desse conferências, um homem de aspeto cadavérico, cabelos compridos e rosto pálido entrava na sala e instalava-se — de pé na passagem ou no corredor — quase em frente do palanque no qual eu falava.

Alertada pela minha amarga experiência anterior, queixei-me em cada paragem onde dei conferências deste odioso estorvo.

O assunto tornou-se logo publicamente conhecido e falado e, em Quincy, Massachusetts, o Sr. Richards, um dos correspondentes mais

populares e admirados do Banner of Light, presidente também das minhas conferências dominicais em Quincy, não só expulsou o homem da sala, onde ele se colocava a olhar fixamente para mim, como, quando ele se posicionou posteriormente perto da carruagem no momento em que eu entrava nela para ir para casa, o Sr. Richards desferiu o seu grande chicote de cavalo pesadamente sobre os ombros do homem.

Mesmo perante este insulto, o manso “Filho do Homem” nunca se moveu; e depois, como em vários outros locais, os amigos que consultei asseguraram-me, sob autoridade judicial, que, enquanto ele não se aventurasse a falar comigo, ninguém o poderia perturbar, visto que não tinha quebrado a paz.

Em duas ou três ocasiões, os condutores das carruagens, quando eram pessoas conhecidas minhas, ficaram tão bem informados dos atos insanos deste homem ao seguir-me de lugar em lugar, que se recusaram a permitir que ele viajasse na mesma carruagem que eu.

Ainda assim, a perseguição continuava e, mesmo assim, os meus amigos eram incapazes de intentar qualquer processo contra um indivíduo silencioso que nunca tentava abordar-me e nunca sequer respondia a nenhuma da linguagem dura e insultuosa com que aqueles informados dos seus procedimentos o expulsavam frequentemente do seu posto em frente dos palanques nos quais eu falava.

O mais comum, quando ele era assim literalmente escorraçado das salas, era regressar novamente e sentar-se perto da porta com um aspeto manso de sofrida humildade que não deixava pretexto para o perturbar.

Mal será necessário dizer que, num caso tão publicamente imposto à atenção como este, o nome, a origem e a história do homem eram e são suficientemente conhecidos de forma familiar.

Fiquei, por isso, mais gratificada do que surpreendida quando, um dia, recebi uma carta de uma mulher que residia num certo Estado do Oeste, informando-me de que era a esposa do intolerável “Filho do Homem” e a mãe dos seus filhos; que a cabeça do dito Messias fora enlouquecida, primeiro, por um Reativista Cristão e, a seguir, pela

doutrina das Afinidades propagada por alguns dos Espiritistas pregadores de afinidades.

Que nisto (tal como na miserável narrativa anterior), os odiosos instrutores desta doutrina tinham fixado a predileção profana do infeliz homem por mim, assegurando-lhe que eu era “a sua Afinidade”, e que era em associação e parceria comigo que o novo “Reino dos Céus” poderia, isoladamente, ser fundado na terra.

É por pena da pobre esposa e dos filhos do fanático que oculto agora um nome com o qual muitos que ainda vivem e ouviram falar das pretensões do sujeito ainda podem estar familiarizados.

Basta que escrevi imediatamente à sua esposa, não só lhe assegurando o meu repúdio pelos procedimentos do homem, mas oferecendo todos os meios que eu conseguisse angariar, juntamente com a assistência dos meus amigos, para obter o encarceramento do seu marido num asilo de alienados.

Nunca recebi qualquer resposta a esta carta e, como o intolerável estorvo continuava, este foi o modo pelo qual eu por fim o extingui: Como estava prestes a seguir para a Califórnia, combinei com alguns dos meus amigos mais estimados em Filadélfia e arredores ocupar uma pequena propriedade no Rio Delaware, onde a minha querida mãe, na minha longa ausência, com uma governanta eficiente e rodeada de bons amigos, desfrutaria de um agradável lar no campo.

Pouco antes de deixar “Rose Cross”, o nome do nosso retiro escolhido, a nossa governanta informou-nos, uma manhã, de que um “vagabundo”, como ela chamou ao intruso, tinha entrado no jardim na noite anterior, tomado o seu descanso noturno por entre os nossos canteiros de flores e arbustos e, ao receber ordens de expulsão na manhã seguinte por parte de um homem contratado para tratar do nosso jardim, tinha deixado uma carta num envelope selado endereçada a mim.

Reconheci imediatamente a missiva escrita a tinta azul e, tendo lido a rapsódia que continha, verifiquei que “o Messias” ainda pairava pela vizinhança à espera da resposta que me implorava que escrevesse e deixasse num determinado local indicado.

Sem um momento de demora, apressei-me a ir a uma propriedade vizinha aqui perto, ocupada por um digno magistrado e excelente amigo meu e da minha mãe.

Eu já tinha dado conhecimento ao Sr. Fletcher (o nosso amigo magistrado) da minha perseguição e ele não ficou, por isso, surpreendido quando apresentei a minha queixa da manhã diante dele.

Agindo sob a autoridade da lei de Nova Jérсия, na qual a nossa casa em Delanco estava situada, o Sr. Fletcher pediu-me que erguesse a minha mão e jurasse que considerava a minha vida em perigo devido a este fanático.

Isto eu atestei com igual verdade e candura, após o que o “Filho do Homem” foi imediatamente procurado, preso e trazido perante o magistrado (o Sr. Fletcher), acusado de ter invadido a minha propriedade para fins ilegais.

À primeira parte desta acusação declarou-se culpado; a segunda parte negou-a, alegando mansamente que trouxera as suas próprias provisões consigo, exibindo de seguida um pouco de pão seco e um pote de mel, que ele afirmou ser o único sustento que se permitia, a fim de seguir o exemplo do seu grande protótipo “João Batista”, exceto na questão dos gafanhotos.

Sendo multado, advertido severamente e proibido de reaparecer naquele distrito novamente por um tempo especificado, foi libertado e, antes da expiração do seu tempo de interdição, eu tinha embarcado no “North Star”, com destino à Califórnia, e a minha querida mãe estava segura sob a proteção de bons amigos em Concord, Massachusetts.

O último relato público que alguma vez tive do “Filho do Homem” foi que, durante algumas semanas, ele tinha investido o dinheiro que deveria ter sido dedicado ao sustento da sua esposa e filhos num pequeno jornal miseravelmente mal escrito, impresso a tinta azul.

O título deste precioso documento, suficientemente bem conhecido de muitos dos primeiros Espiritistas da América, oculto-o agora por pena da família do homem e, tal como muitos outros de

carácter semelhante, presumo que acabou por ir para o descanso que merecia, e nunca mais se ouviu falar dele na terra.

Quanto ao seu editor, confesso ter visto ocasionalmente o seu nome associado a certos artigos inconsequentes em alguns dos jornais espiritistas, mas, felizmente para mim, o rumo das minhas subsequentes viagens longas e vastas privou-me tanto das atenções de um “Filho do Homem” moderno como da oportunidade de me tornar uma das cofundadoras do novo “Reino dos Céus”.

Como o tema do Espiritualismo e a relação do homem com o mundo dos Espíritos me é não só muito querido, mas absolutamente sagrado, magoa-me e choca-me para além de toda a expressão ver a causa abusada ou tornada um xibolete para os objetivos do visionário, do fanático ou do interesseiro em qualquer direção.

Como já me virei para o lado sombrio do quadro e estarei relutante em deixar o nobre campo da revelação divina em futuros capítulos para seguir quaisquer outros objetivos tortuosos da humanidade sob o nome de Espiritualismo, vou até fazer a ponte e antecipar muitos anos de tempo e atenção agora, em ligação com as duas narrativas precedentes, uma das eras mais escuras que alguma vez ensombrou o movimento espiritista na América.

Regressando numa ocasião aos Estados Unidos, após muitas viagens por outros países, soube, primeiro por rumores e, posteriormente, por observação pessoal, que uma nova e estranha seita tinha surgido nos Estados Unidos, originando-se, ao que parecia, com pessoas de algum relevo e talento, e começando com apelos populares a favor de uma reforma nas leis do casamento.

Deste ponto de partida surgiu uma epidemia ainda mais perigosa, mas generalizada, do pensamento popular, que obteve a alcunha de “O movimento do amor livre”.

Já toquei neste assunto no meu “Nineteenth Century Miracles” e, na altura, escrevi de forma suficientemente extensa e amarga contra a prevalência desta bem conhecida “mania”.

Neste lugar deve bastar dizer que, como a origem das doutrinas promulgadas era atribuída — e não sem justa causa — a certos

membros das fileiras espiritistas, eu, na minha determinada oposição à possibilidade de identificar a já interdita causa do Espiritualismo com quaisquer ensinamentos que a pudessem rotular com uma reputação ainda mais odiosa, anunciei publicamente a minha determinação de não falar em nenhum palanque, nem participar em nenhuma organização na qual os defensores do movimento do “Amor livre” estivessem envolvidos.

Como eu bem poderia ter tentado reter as marés do oceano em vez de travar o contágio do pensamento que crescera de forma tão súbita e poderosa sobre o tema acima nomeado, nada me restava na altura senão anunciar a minha conferência de despedida entre os Espiritistas, apenas enquanto os líderes da causa espiritista permitissem aos conhecidos defensores da doutrina do amor livre qualquer lugar nos seus palanques.

Como eu tinha boas razões para acreditar que essas mesmas doutrinas eram tidas em mais geral repúdio em Boston do que em qualquer outra cidade dos Estados de Leste, e que o comitê de cavalheiros que me tinha contratado naquela cidade era tão amargamente oposto a isso como eu própria era, no domingo anunciado para a minha despedida dirigi-me com o meu marido ao Music Hall para cumprir o meu último contrato ali.

Devo aqui declarar que, além dos meios comuns de propaganda, havia um jornal publicado inteiramente dedicado às ideias do partido do amor livre.

Ao chegar à sala, o porteiro que nos deu entrada informou o meu marido de que mil exemplares deste jornal tinham sido vendidos à porta, e que os compradores tinham todos, como que por um arranjo previamente combinado, pressionado para as filas da frente do magnífico edifício chamado Music Hall e implantado-se diretamente em frente do palanque no qual eu iria falar.

Perante uma audiência de mais de três mil pessoas, rodeada como estava no palanque por uma assembleia mista, despedi-me da nossa nobre e inspiradora causa espiritista.

Durante a tremenda acusação que os meus Guias Espíritos trouxeram contra qualquer partido que permitisse que os puros e

elevados ensinamentos do Espiritualismo fossem manchados pela associação com as doutrinas do “Amor livre”, centenas de jornais das filas da frente dos assentos foram agitados em desafio na minha cara.

Não fiz caso deles nessa altura, embora me encolha e trema agora, enquanto escrevo, com a memória da terrível cena pela qual passei então.

Os jornais seculares de Boston estavam todos comigo. Muitos amigos calorosos vieram dar-me apoio e os bons Espíritos animaram-me com a garantia de dias melhores e céus sem nuvens, quando a tempestade passasse.

Basta acrescentar que, no estudo dos poderes curativos da eletricidade, e na sua prática com o meu marido, passei os meses seguintes ainda a apelar e a defender a minha nobre causa todos os domingos à noite numa sala alugada pelo meu marido, e bem sustentada por uma grande e simpaticamente assistência de Espiritistas de Boston.

Quanto à epidemia de que tenho estado a escrever, tal como as tempestades em geral, sejam físicas, mentais ou morais, ela passou, deixando não poucos daqueles que outrora tinham sido proeminentes na mania do “amor livre” envergonhados agora de reconhecer que alguma vez tinham sido identificados com ela.

Quanto aos próprios promulgadores originais, segundo compreendo, procuraram e encontraram pastos mais belos para as suas operações e simpatizantes mais calorosos com doutrinas que fazem do animalismo uma filosofia e dão à licenciosidade um lugar na ética.

Na América, pelo menos, entre as parcelas mais proeminentes e respeitáveis das fileiras espiritistas, o brilho do sol do puro e verdadeiro Espiritualismo dispersou a escuridão da meia-noite que outrora encobria a nobre causa (cuja temporária obscuridade é apenas recordada como as visões de um sonho inquieto), a qual avança agora no tempo e na ordem devidos até que se prove que reformas alarmantes numa direção do pensamento humano podem, de momento, perverter, mas nunca desviar, em última análise, a ordem da lei de Deus, conforme revelada no impulso de “fazer o que está certo, ainda que os Céus caiam”.

CAPÍTULO XVI

PRIMEIRA VISITA À COSTA DO PACÍFICO

“Lutei vigorosamente contra o erro,
E sustentei o que está certo;
De debaixo do passo da multidão,
Para a vida e para a luz.”

— WHITTIER.

FOI em outubro de 1863, e durante o auge da grande Guerra Civil Americana que grassava então havia dois anos, que embarquei no “North Star” com duas amigas como companheiras de quarto, e cerca do dobro dos passageiros que um belo navio da Linha Vanderbilt poderia justamente acomodar, com destino à Califórnia.

A tia e a sobrinha que partilhavam o meu camarote estavam, como eu própria, cheias de espírito juvenil; por isso, não nos importámos com os muitos inconvenientes que assolavam as nossas apinhadas acomodações defeituosas.

Falámos e pensámos sobre a história quando, no decurso da nossa viagem, parámos e desembarcámos por um par de horas em São Domingos, pisámos o solo descoberto por Cristóvão Colombo e nos sentámos para um almoço de piquenique sob a sombra das antigas palmeiras que formaram a primeira sala de audiências do grande navegador com os desafortunados nativos.

Passaram catorze dias desde o momento em que deixámos Nova Iorque até desembarcarmos em Aspinwall, onde fomos saudados por multidões de macacos que deambulavam pelo lugar em todas as direções e se misturavam livremente com os pequenos aborígenes seminuas de pele acastanhada, do sexo masculino e feminino, estando estas últimas vestidas, em honra da chegada do navio, com o seu traje de gala completo — isto é, vestidos de gaze, dados por parte de alguma da população branca da cidade, sendo a única veste usada sobre os seus corpos acastanhados.

No meio das multidões de habitantes de cores variadas desta estranha mistura de nações, quase dancei de alegria ao reconhecer “Charley Simonton”, outrora o principal barítono do meu antigo Coro de Nova Iorque, vindo agora na sua qualidade oficial de Cônsul Americano no Panamá para superintender o transbordo das mercadorias e passageiros do nosso navio a vapor de Aspinwall para o Panamá.

Como não deveríamos largar amarra do Panamá até à noite, e o nosso amigo oficial de bom grado nos acompanhou na nossa viagem de caminho-de-ferro de quarenta e cinco milhas através do Istmo, por favor dele parámos quando e onde quisemos em qualquer parte do caminho, e, desde que fôssemos cuidadosos ao desembarcar para não pisar os enormes jacarés que jaziam à beira da estrada, confundindo-os com troncos de madeira, desfrutámos da nossa viagem tanto mais pelo privilégio de chamar de quando em quando aos portões dos jardins de algumas das belas residências no istmo e admirar as esplêndidas flores, enormes mãos cheias das quais nos eram dadas livremente.

Desta forma, tivemos uma viagem das mais agradáveis, desfrutámos da paisagem, da fruta e das flores, e chegámos ao Panamá ao meio-dia.

Aqui pisei outro local memorável, pois o Sr. Simonton levou-me num barco a uma das ilhas na bela Baía do Panamá, memorável como o lar do bando de audazes piratas chefiado pelo outrora célebre “Henry Morgan”, a quem o Rei Carlos II de Inglaterra, por diversão ou zombaria, cavaleirou.

Foi este autodenominado “Sir Henry Morgan” que, duzentos anos mais tarde, assumiu o controlo dos renomados Irmãos Davenport; ele, como um Espírito, alegando que a sua anterior carreira de crime e poder lhe dava aquela força física peculiar que lhe permitia realizar aquelas proezas surpreendentes ao regressar novamente à terra, as quais teriam sido impossíveis para Espíritos mais altamente sublimados.

Ora, é um facto que este mesmíssimo Espírito, “Morgan”, é um e o próprio tantas vezes citado pelos médiuns de efeitos físicos da

Inglaterra como o ubíquo “John King”.

Sem muito interesse nem respeito pelo Espírito Pirata, cujo principal refúgio visitei no seu lar insular na Baía do Panamá, ainda assim senti ser um privilégio demorar-me num cenário tão famoso na história como na minha própria carreira de Espiritista errante.

Entretanto, o Sr. Simonton manteve-nos altamente entretidas ao recontar as muitas lendas curiosas ligadas aos cenários ao nosso redor.

Chegando finalmente a noite, despedimo-nos cordialmente do nosso amigo, partimos num novo navio a vapor na nossa longa viagem pelo Oceano Pacífico e desembarcámos em São Francisco a primeiro de novembro de 1863.

Aqui fui recebida pelo Sr. J. V. Mansfield, o célebre médium para responder a cartas seladas, e um amigo com quem e com cuja família a minha mãe e eu tínhamos estado intimamente relacionadas durante a nossa residência em Boston.

O Sr. Mansfield estivera alguns meses a seguir a sua profissão mediúnica na Califórnia e, na verdade, foi principalmente por solicitação insistente sua e pelo seu conselho que eu visitara então o país.

As minhas companheiras de quarto foram também recebidas pelos seus amigos que residiam numa parte distante do Estado e, acompanhadas por eles, fomos todas para um hotel, onde esperávamos encontrar descanso após a nossa longa viagem.

O Sr. Mansfield, de acordo com o combinado, procurou-me à noite e veio evidentemente carregado de informações de um género não muito encorajador.

Em primeiro lugar, estendeu diante de mim três enormes peças de ouro de vinte dólares, que um certo Sr. John Birdsall, um bom e amável Espiritista de São Francisco, me enviara como empréstimo, visto que os “greenbacks”, a única moeda em uso durante la guerra nos outros Estados Americanos, eram severamente recusados na Califórnia.

Esta foi a minha primeira notícia alarmante, compelindo-me a aceitar o empréstimo com o mesmo espírito amável com que fora oferecido.

A informação seguinte que recebi não foi menos descoroçadora.

Além de um bando perfeito de aventureiros sem escrúpulos que tinham corrido para a “terra do ouro”, impondo-se como toda a escória da sociedade sempre faz em cada nova reforma, e desgostando os cidadãos do Estado do Pacífico com o próprio nome do Espiritualismo, o Sr. Mansfield também me informou de que uma certa figura bem conhecida tinha vindo à Califórnia para dar conferências e deixara uma reputação tão má atrás de si que o povo estava amargamente contra a causa inteira, um preconceito que fora reforçado numa profunda hostilidade por dois idiotas da descrição de “John Gallagher” — tolos e fanáticos; tais como se agarram às franjas de cada novo movimento e esperam atrelar os seus próprios pequenos passatempos a cada carro de progresso que avança.

Eu nada sabia sobre a diferença entre a moeda de ouro e a de “greenback”; nada sobre os aventureiros loucos que tinham andado a desonrar uma nobre causa com os seus truques e vícios na Califórnia, e eu fora levada a esperar que, em vez de ir para um hotel dispendioso, um lar, tal como todos os locais nos Estados distantes me tinham proporcionado, estaria aberto para me receber.

Não censurei o pobre Sr. Mansfield em palavras por sofrer — antes insistir — que eu viesse sob tais ilusões fatais; mas pensei tudo isso e comecei a passar rapidamente pela minha mente a possibilidade de eu descer ao cais no dia seguinte e implorar humildemente que me levassem de volta para os Estados sob a promessa de pagamento futuro.

Foi durante estas tristes especulações mentais que quatro cavalheiros me procuraram, anunciando-se como Espiritistas e manifestando a sua vontade e desejo de me servirem se pudessem.

Estes cavalheiros informaram-me de que tinham tido conhecimento de várias reuniões recentemente realizadas em São Francisco, nas quais o meu advento como conferencista espírita tinha sido anunciado e nas quais as partes em conselho, a maioria

delas membros do célebre “Comité de Vigilância” californiano, tinham chegado à conclusão de me enviar num “navio a vapor”.

Ao indagar o que significava esta frase, foi-me dito que era colocar-me fora da Califórnia de qualquer maneira.

O que aconselhavam os meus amigos, então, numa tal emergência?

Eles responderam que tinham ouvido dizer que eu tinha o hábito de dar conferências sobre astronomia, geologia, ciências sociais e outras ciências.

Não me apresentaria eu às pessoas de San Francisco nestes moldes, confiando em que a popularidade futura começasse a partir das tão abusadas doutrinas do Espiritualismo?

Perguntei: «O que posso ou devo fazer para conseguir ser ouvida?»

Resposta: «Anuncie nos jornais diários palestras sobre alguns dos temas científicos com os quais esteja familiarizada.»

«Quantos jornais há em San Francisco?»

«Quatro.»

«Então», retorqui, «se me vierem visitar amanhã, terei quatro anúncios prontos sobre o que quero e posso fazer.»

Tendo isto ficado acordado, na manhã seguinte dois dos visitantes foram ter comigo para receber os referidos anúncios.

Não tenho, presentemente, nenhuma cópia desses anúncios, mas lembro-me bem do seu contexto. Dizia eu ter compreendido que o Espiritualismo fora falado e deturpado de forma vergonhosa naquele Estado; que eu, como convicta e determinada espírita, ali chegara numa longa viagem de vinte e cinco dias para ensinar a quem quisesse ouvir o que o Espiritualismo realmente era.

Acrescentei que pretendia dar palestras — pretendia dar palestras sobre o Espiritualismo —, e tencionava que todos os que estivessem dispostos a ouvir-me tivessem a oportunidade de o fazer. Se o meu público não aprovasse o que eu tinha para dizer, aceitaria calar-me

para sempre naquela cidade e, se assim o desejassem, estaria preparada para abandonar o país; mas ir-me embora não o faria, enquanto não tivesse o privilégio de mostrar que o Espiritualismo era divino — mesmo que muitos ditos espiritualistas fossem simplesmente humanos.

Como bem se pode supor, os bons amigos que tinham combinado ir buscar os meus anúncios ficaram consideravelmente sobressaltados, se não chocados, com o tom dos mesmos; mas, vendo-me irredutivelmente oposta a modificá-los, partiram relutantes com uma soma considerável de dólares de ouro do bom John Birdsall para inserir os meus anúncios nos jornais diários e alugar o Platt's Hall — o maior e melhor da cidade — para a minha palestra.

Na noite marcada para a minha primeira aparição, um público muito numeroso encheu o esplêndido edifício, e recebeu-me e escutou-me com tão genuína bondade e óbvio interesse, que anunciei destemidamente uma segunda palestra para o DOMINGO seguinte.

Este foi, na verdade, um passo ousado e audaz, mas foi um passo na direção certa e garantiu-me um triunfo que nunca esmoreceu ou se apagou.

Instalei-me num alojamento tranquilo — comia em restaurantes —, entre multidões dos amigos mais bondosos que alguma vez conheci, e rodeada por cães vadios e sem dono, que também viviam em comunidades caninas naqueles primeiros dias de exploração mineira nessa cidade.

Fiquei ali a dar palestras três vezes por semana durante dez meses, com todas as palestras superlotadas, e os calorosos, queridos e bons amigos a ajudar-me, a cuidar de mim, e as pessoas da cidade a amar-me tão ternamente, que recordo esses dez meses como uns dos mais felizes da minha vida errante.

Inúmeros médiuns surgiram aquando da minha primeira visita.

Poderia ter ficado lá até hoje, devido ao convite insistente de muitos dos melhores cidadãos de San Francisco, mas a ordem veio então, como sempre, das Esferas mais elevadas, para «seguir em frente», e assim fiz.

Visitei inúmeros centros importantes no Estado, convidada para lá ir por alguns dos fervorosos residentes espiritualistas.

Passei por todo o tipo de cenários estranhos, deparando-me com factos e fanatismo, fraude e fé, desempenhando cada qual o seu papel alternadamente.

Por fim cheguei a Virginia City, o grande centro do Território do Nevada — que nem sequer era, na altura, um Estado.

Havia nessa época um perfeito furor no Nevada devido à descoberta de muitas e ricas minas de prata; uma terrível corrupção, empresas selvagens e cenários mais estranhos do que alguma vez, antes ou depois, se testemunharam, predominavam naquele lugar.

A linha ferroviária do Pacífico não estava ainda construída e, em resposta ao convite premente de um velho amigo de Baltimore para ir a Virginia City dar palestras, tive de fazer a viagem até lá através das selvagens montanhas da Sierra Nevada em diligências, desde então celebradas por «Buffalo Bill» como as «Diligências de Deadwood».

Alentada nas minhas longas e fatigantes jornadas pela lembrança da promessa de despedida aos meus queridos amigos de San Francisco, de que em breve estaria novamente entre eles, os meus dois principais objetivos ao viajar tão longe e tão constantemente eram, primeiro, espalhar as novas da gloriosa fé à qual me tinha dedicado e, depois, obter auxílio financeiro para o «Fundo Sanitário», cujo intuito era fornecer hospitais para os soldados feridos do exército da União; vestir os esfarrapados, ajudar as viúvas e os órfãos dos falecidos mártires e, de mil formas, suprir as exigências de uma guerra na qual vários milhões de homens tinham sido subitamente chamados a deixar o lar, a família e tudo o que de mais querido tinham na terra, para lutar pela causa da liberdade e pela segurança do Republicanismo do grande Novo Mundo.

Tinha jurado, ao longo de toda a guerra, dedicar os meus ganhos das noites de dias úteis ao Fundo Sanitário, reservando apenas os meus honorários de domingo para a querida mãe em casa.

Chegada a Virginia City, e gentilmente cuidada pelo meu amigo o Coronel Meacham, comecei as minhas palestras na Ópera de

Maguire, perante milhares de apoiantes bondosos, e depressa me tornei suficientemente popular para contribuir com pilhas de dinheiro para a causa da União.

De tudo isto, como é óbvio, encarregaram-se de forma muito grata os Comités Sanitários que estavam estabelecidos por toda a parte e em todos os distritos.

Certa vez, um devoto entusiasta da causa da União carregara aos ombros um saco de farinha de lugar em lugar, trocando farinha por moedas de ouro para dar ao Fundo Sanitário.

Mandei trazer esse saco de farinha para a plataforma numa das minhas palestras, e coloquei-o no meio de um Comité do Fundo Sanitário. A entrada era livre, mas após a minha palestra exige ajuda para os Soldados e para o seu Comité sentado ao meu redor, sendo o meu Presidente Almarin B. Paul, um grande banqueiro da localidade.

Aquele público bombardeou-nos literalmente com moedas de ouro. O palco ficou coberto delas; e quando os presentes pensavam que não tinham dinheiro suficiente, atiravam para o palco alfinetes de peito, alfinetes de gravata e pepitas de ouro californiano, que o Comité recolhia e espetava no saco.

Vale a pena acrescentar que o Sr. Almarin B. Paul, cavalheiro distinto e eminente banqueiro que era, saiu no dia seguinte numa grande carroça cheia com uma banda de músicos amadores e o imortal saco de farinha no meio deles. O Sr. Paul era o condutor, o orador e o dinamizador e, após uma peregrinação de oito horas em Virginia City e arredores, regressou à noite com uma contribuição de doze mil dólares para o Fundo Sanitário.

Estou, em verdade e por dever, obrigada a acrescentar que o Sr. A. B. Paul atribuiu generosa e até publicamente o seu sucesso na obtenção da enorme soma com que regressou para o Fundo Sanitário dos Soldados ao interesse absorvente criado por mim na minha palestra do domingo anterior na Ópera de Maguire.

CAPÍTULO XVII

FAZENDO CAMPANHA PELOS ESTADOS, POR LINCOLN

«Avança, avança, sê audaz, sê bravo, Avança, avança, e terás Uma recompensa segura no fim.»

Durante a minha primeira visita de quinze meses à costa do Pacífico, a minha vida foi um cenário constante de novas e estranhas aventuras, cujo relato poderia revelar-se igualmente emocionante e divertido, caso o tempo e as limitações de espaço mo permitissem.

Como as senhas dos meus empreendimentos atuais são: «Avança!», diria meramente, como observei antes, que assim como a exigência de auxílio para os pobres soldados do exército da União era constante e imperativa, assim todo o homem e mulher verdadeiros em simpatia com este lado do terrível conflito eram tributados ao máximo na sua carteira e pessoa para contribuir para os departamentos operacionais do exército da União.

Entre outros recursos, costumávamos realizar «Feiras Sanitárias», nas quais, com divertidos leilões simulados, vendíamos tudo aquilo em que podíamos deitar as mãos, bom, mau e indiferente.

Vendo que eu estava tão constantemente ocupada a dirigir-me ao público, os meus associados mais difidentes recorriam frequentemente a mim para que eu fosse a leiloeira por ocasião das nossas vendas heterogéneas.

Na época de que estou a escrever, a saber, em 1863 e 1864, o Nevada (então apenas um Território do norte da Costa do Pacífico) era reputado por dois produtos, e estes eram a «esteva» e a prata.

A primeira era uma espécie de lavanda selvagem, que cobria o solo por centenas de milhas; a segunda perfurava o solo em quase idêntica proporção. Árvores, flores ou até ervas humildes eram desconhecidas no Nevada, e nada mais do que a lúgubre e cinzenta esteva se avistava entre a terra e os céus.

Foi como forma de introduzir o elemento hilariante na nossa ocupação, de outro modo patética, de auxiliar as necessitadas vítimas da guerra, que fiz com que um dos meus amigos arrancasse uma raiz da pobre esteva, a plantasse numa caixa de terra pintada, lhe pusesse o rótulo de «Esteva Sanitária» e depois, quando o leilão se tornava

monótono e sem vida, eu trazia o meu tesouro, cuidadosamente embrulhado em papel branco e, após discorrer com fluidez durante algum tempo sobre o esplêndido objeto que estava prestes a exhibir, e estimulando a curiosidade dos ouvintes até ao ponto mais alto, retirava suavemente a cobertura e exibia o TESOURO sob a forma de um pedaço de velha esteva cinzenta!

Gritos de riso seguiam-se inevitavelmente ao desvelar e, por entre estes sintomas favoráveis, prosseguia eu com o meu leilão, vendendo o prémio repetidas vezes, mas pedindo-o sempre de volta no final da brincadeira, até que os nossos comités chegaram a arrecadar tanto como cem dólares num único leilão simulado.

No encerramento da guerra, em 1864, o editor do *New York Herald* (outrora um dos meus mais amargos inimigos) afirmou que eu tinha recolhido e doado para os fundos sanitários da causa da União «nada menos do que vinte mil dólares».

Sou incapaz de me pronunciar sobre a verdade desta declaração, pois nunca guardei qualquer registo das somas que ganhei para os comités da União, mas isto sei eu: que a minha pobre esteva, sozinha, rendeu cerca de mil e quinhentos dólares da forma que descrevi acima.

Estou prestes a referir-me, contudo, ao que a dita esteva fez POR MIM, e isto numa ocasião muito memorável, quando a minha própria vida esteve em perigo.

Durante a minha estada no Nevada, recebi um convite para dar palestras numa cidade nos desertos da Costa do Pacífico, a umas duzentas milhas de distância do Nevada, a saber, «Susanville», um lugar no Condado de Plumas. O meu correspondente era o Dr. Chamberlain, cirurgião numa guarnição estacionada perto de Susanville e, como não havia caminho de ferro nem estrada de diligência pela qual eu pudesse chegar ao seu posto, apenas um caminho áspero, trilhado pelas carroças de bois dos carreteiros que em grande número atravessavam aqueles distritos, informou-me ele, portanto, de que enviaria uma boa carruagem aberta, dois belos cavalos e um jovem de confiança para me conduzir, se eu aceitasse ir.

O doutor acrescentou que o jovem que enviaria conhecia bem a estrada, providenciaria todos os locais onde eu poderia pernoitar a

cada noite, e a sua própria boa esposa ficaria encantada por ver-me e hospedar-me, mesmo que eu ficasse por doze meses.

Os amigos em Virginia City resmungaram contra a minha determinação de aceitar o convite e profetizaram todo o género de desastres durante a minha longa viagem. Os Espíritos instaram-me a ir e prometeram todo o género de sucessos e bem para a causa. Escuso de dizer que estes últimos prevaleceram e, no devido tempo, após a minha aceitação da oferta do Dr. Chamberlain, a carruagem aberta, puxada por dois belos cavalos mustangues e conduzida por um jovem brilhante e inteligente de cerca de dezoito anos, chegou para me buscar.

Como o último e único conselho que aceitaria dos meus amigos do Nevada, deixei que ficassem encarregados do meu baú que continha todos os meus bens terrenos. Este deveriam enviá-lo para Sacramento, onde eu tinha contratado um ciclo de palestras para dali a dois meses. Para o período intermédio, levei comigo apenas uma mala de mão, algumas caixas de chapéus leves e a minha agora famosa «esteva sanitária».

A razão pela qual os meus amigos insistiram nesta precaução prendeu-se com o facto de quantidades de «tesouro» serem enviadas através dos distritos nos quais eu iria viajar, embora este fosse cuidadosamente guardado e se recorresse a todo o tipo de precauções e até disfarces, visto que o território intermédio estava tão infestado de brigantes que o meu pobre baú poderia ter caído como presa dos «cavalheiros da estrada».

Ao princípio, estas sugestões fizeram-me sentir nervosa, mas quando, após dois dias de viagem pacífica, nenhum vislumbre de um Jack Sheppard ou «Paul Clifford» apareceu, a excitação de tal possibilidade desvaneceu-se no deleite perante a paisagem variada e no divertimento pelo meu convívio com as pessoas solitárias em cujos locais ficava alojada.

Estava a começar a ficar terrivelmente cansada, contudo, à medida que o entardecer do longo trajeto do terceiro dia se começava a fechar ao meu redor.

«Nunca mais chegaremos a esse Rancho do Robinson?», perguntei ao meu condutor.

«Sete longas milhas ainda, minha senhora», foi a resposta; «mas eu poderia encurtá-la bastante se fosse através do bosque de pinheiros-açucareiros.»

Estava eu mesmo prestes a perguntar porque carga de água é que ele não conduzia por ali ou por qualquer lado, para nos impedir de cair pelo caminho com fadiga e fome, quando uma voz autoritária nos gritou para «Parar!» e um bando de cerca de cinco homens rodeou a nossa carruagem e começou a fazer perguntas sobre quem éramos, para onde íamos e onde estava o esperado tesouro escondido.

Os dentes do pobre condutor batiam de forma demasiado terrível para falar e, embora eu estivesse muito pouco mais calma, respondi que era apenas uma visitante que ia ficar com o Sr. Chamberlain. A isto, um dos elementos do grupo replicou: «Conversa», outro: «Disparate», e ainda outro: «Ora, se é apenas uma jovem mulher e um rapaz; eles não têm nada.»

«Exatamente os mesmos tipos que o disseram; de qualquer forma, vamos ver o que eles têm, isso é um facto. Agora, vamos! Saiam.»

Pistolas em punho, e dois elementos do grupo em redor com mosquetes, não comandaram os nossos atos em vão. O condutor desceu. Um dos bandidos ajudou-me a sair com bastante polidez, enquanto mais dois começavam a inspecionar o conteúdo da carruagem.

Enquanto revolia os artigos na minha mala de mão, um dos elementos do grupo avistou debaixo do assento a minha cuidadosamente coberta esteva. «Olá, o que é isto?», gritou ele. Depois, puxando a cobertura de papel, descobriu a minha pobre esteva e leu em voz alta as letras pintadas na caixa — «ESTEVA SANITÁRIA. EMMA HARDINGE.»

«Valha-me Deus!», gritou o homem. «É a senhora, então, a Emma Hardinge, e é esta realmente a esteva de que tanto ouvimos falar?»

«Isso mesmo», murmurei eu.

«Então, Deus a abençoe, Emma Hardinge, a senhora ajudou a salvar a minha vida e a do meu pobre irmão — entretanto falecido. Deus a abençoe, querida e boa senhora.»

Profundamente impressionada e estupefacta, eu só conseguia escutar enquanto o jovem descrevia como ele e o irmão tinham sido soldados, feridos em batalha, levados em carroças para Filadélfia numa determinada noite, há uns meses, quando todos os hospitais estavam «completamente cheios» de vítimas. Não havia lugar para eles ficarem, a não ser jazerem na rua toda a noite, ensopados em sangue proveniente de tocos de braços e pernas decepados. Foi então que enfermeiras bondosas apareceram e levaram-nos a todos para a «oficina de tanoeiros», que tinha sido transformada em «sala de lanches para soldados», abastecida com colchões, provisões, botas e sapatos, enfermeiras e médicos.

Visto que o meu nome tem sido frequentemente associado a esse edifício, e tenho agora na minha casa um belo certificado que regista a gratidão dos fundadores desta nobre instituição de caridade para comigo pelos serviços prestados, posso muito bem dizer que, durante um longo contrato que cumpri para os espiritualistas de Filadélfia, dei todos os meus ganhos das noites de dias úteis a esta mesma Sala de Lanches para Soldados. Foi ao princípio projetada para ser apenas um local temporário de descanso, mas, nas crescentes exigências da guerra, tornou-se num hospital regular, e muitas vidas valiosas foram preservadas pelos meios céleres que proporcionava de auxílio aos soldados feridos.

Como é natural, as contribuições voluntárias de dinheiro e bens, que eram o único meio de sustentar esta instituição, eram altamente prezadas, e por mais humilde que fosse a assistência que eu podia dar, foi suficiente para tornar o meu nome, entre outros, profundamente querido pelos sofredores que beneficiaram desta excelente instituição de caridade.

Aconteceu também que as pessoas bondosas que tinham a guarda deste edifício pensaram que seria um alívio para as pobres almas que se podiam sentar e ouvir, bem como um anúncio para o local e para o seu propósito, se eu desse algumas palestras na grande sala de lanches

adjacente ao hospital. Isto costumava eu fazer uma vez por semana, pedindo sempre e obtendo uma bela coleta para o hospital no encerramento das minhas alocuções.

Assim, tanto o meu nome como a minha personalidade se tornaram conhecidos dos pobres homens abrigados neste lugar; e foi assim que o descobridor de uma só perna da pequena esteva e outro mutilado ex-soldado, um dos elementos do bando, se adiantaram com as mais calorosas saudações e desculpas por me incomodarem, misturadas com patéticas reminiscências da sua estada no Hospital temporário de Filadélfia, do qual afirmavam, com igual veemência e falsidade, que eu era a fundadora.

A esteva veio a seguir a receber a sua quota-parte de admiração, especialmente quando um jovem, que parecia agir como o líder do bando, se adiantou e colocou na minha mão um pedaço de papel, no qual estava escrito a lápis, mas com uma boa letra clara:

«Dê-se passagem a a Emma Hardinge e à Esteva Sanitária, por John Melville, Honey Lake Valley.»

«Isto», explicou o dador, com um piscar de olhos significativo, «poderá ser útil no caso de porventura encontrar mais do nosso pessoal; a senhora compreende, minha senhora.»

Eu compreendia; e embora não tivesse a honra de quaisquer futuros encontros desse género, não lamentei ter tal passe pelas regiões selvagens e solitárias nas quais agora me encontrava.

Devo acrescentar que, quando os meus novos amigos repuseram os meus pequenos pertences e respeitosamente me ajudaram a entrar de novo para a carruagem, um deles perguntou humildemente se eu os honraria entrando numa cabana vizinha ali perto e tomando um pequeno lanche.

Isto recusei sob o pretexto do adiantado da hora; mas, tendo pedido e obtido um balde de água para os pobres cavalos, trocámos apertos de mão todos em redor, e de cabeças descobertas e acenando com os chapéus, aquelas pobres criaturas perdidas soltaram tal aclamação quando me afastei de carro que ecoa na minha memória até ao dia de hoje.

Se se perguntar como aconteceu que homens que tinham ajudado a servir o seu país como soldados tivessem sido incapazes de encontrar melhor ocupação, quando incapacitados, do que o banditismo, devo responder que numa guerra súbita e improvisada, na qual milhões de homens estavam envolvidos, tanto os piores como os melhores caracteres foram forçados a prestar serviço, além de que, providenciar até auxílio médico e abrigo temporário para os feridos era frequentemente um problema difícil, quanto mais organizar listas de pensões ou sustento para os incapacitados.

Devo passar por alto a minha chegada final ao meu destino, o acolhimento caloroso que recebi do Dr. Chamberlain, da sua querida esposa e filho, e as muitas cenas de aventura, auxílio Espiritual e deleitável convívio que iluminaram a minha estadia de cinco semanas naquele remoto, mas movimentado e encantador vale. Embora os meus amáveis anfitriões se tivessem unido em pedir-me para prolongar a minha estadia por meses em vez de semanas, a palavra imperativa tinha vindo para “seguir em frente”, e para a frente eu tinha de ir.

O meu compromisso seguinte era numa estação a mais de cem milhas de Susanville, e numa região montanhosa selvagem chamada Indian Valley. Tinha-me sido suplicado que visitasse este lugar com o propósito de proferir uma oração do Quatro de Julho, por ser esse o Dia da Independência da América, e a ocasião na qual todas as partes do grande Novo Mundo se unem para celebrar o nascimento da sua grandiosa República.

Descobri que o Dr. e a Sra. Chamberlain tinham amigos que visitavam ocasionalmente em Indian Valley, e quando concordei em aceitar o convite do meu correspondente, um Sr. Blood, para proferir a oração, uma proeza de oratória que eu já tinha executado frequentemente antes, o meu bom anfitrião e a minha boa anfitriã prometeram amavelmente levar-me eles mesmos de carro e acompanhar-me na minha viagem de dois dias até Indian Valley.

O nosso trajeto foi deleitável, o nosso acampamento noturno não menos encantador, e isto apesar da visita do pobre e inofensivo animal que ali chamam de leão da Califórnia; as nossas deambulações em

florestas de pinheiros-açucareiros, colhendo pinhas com não menos de dois pés de comprimento — tudo foi encantamento e felicidade até ao dia três de julho, quando os meus amáveis companheiros se despediram de mim à porta da casa do Sr. Blood, e seguiram para visitar os seus próprios amigos.

Cedo descobri que a história do Sr. Blood em Indian Valley era precisamente a mesma que a do George Smith em Rondout. Além do facto de o pobre Sr. Blood ter, como o meu amigo de Rondout, de enfrentar todo o género de oposição na questão do Espiritualismo, existindo poucos dessa convicção nas proximidades, o Sr. Blood estava estropiado devido aos efeitos de um grave acidente, e só conseguia caminhar com duas muletas, enquanto, pior do que tudo, opunha-se determinadamente em política à maioria dos seus vizinhos próximos, sendo ele um ardente Republicano, enquanto eles eram o que então se chamava de ultra-Democratas ou “*copperheads*”.

Quando ele me relatou todas as lutas amargas pelas quais tinha passado, especialmente no ato de ter contratado uma espírita, uma senhora, e “uma inglesa”, para proferir uma Oração do Quatro de Julho, certamente me admirei com a temeridade do meu anfitrião, e ainda mais com o que seria o meu destino por esta hora no dia seguinte.

Quando a manhã memorável chegou, vesti o meu melhor traje de verão, com algo dos sentimentos que imaginei que pudessem ter possuído os mártires de outrora, quando se preparavam para a morte pelo fogo, ou as feras do anfiteatro.

O meu pobre amigo estropiado caminhava de um lado de mim, a minha boa anfitriã, com o véu descido para ocultar o seu rosto pálido e os olhos lacrimosos, unindo-se estreitamente a mim do outro lado.

Chegados ao palanque do orador, encontrámos um grande grupo de índios, com machados de guerra e tomahawks, cercando o palanque, tal como o Sr. Blood os tinha colocado na noite anterior para evitar que fosse derrubado pela oposição, pela terceira vez.

O cenário no qual eu ia falar era literalmente o que o lugar era denominado, a saber, “a bacia das montanhas”, fechado de todos os lados por vastas cordilheiras das Sierras; os ventos uivavam de forma

lúgubre através dos desfiladeiros e emitiam um som lamentoso que algumas das mulheres ansiosas ali presentes compararam a um “canto fúnebre profético” para o que estava para acontecer.

Havia uma imensa multidão de pessoas ao redor do palanque, algumas sentadas no chão, outras em carruagens, carroças ou a cavalo.

Depois de eu ter subido à plataforma, o velho cavalheiro que presidia fez algumas observações que ninguém pareceu ouvir, e procedeu então à leitura da famosa Declaração de Independência a partir de um livro, cujas folhas eram continuamente viradas e reviradas pelo vento.

“Receio que não vá conseguir ler uma palavra do seu discurso por causa do vento”, disse-me o velho cavalheiro num sussurro rouco.

“Não creio que consiga”, respondi, rindo-me da simples ideia de eu ler um discurso.

Tendo o que eu tinha a dizer versado sobre a História das Nações, a América em especial — Os princípios da verdadeira liberdade — A vida nacional, e a história, poder e possibilidades do grandioso Novo Mundo; tomando também por texto a famosa passagem:

“OS GOVERNOS FORAM INSTITUÍDOS PARA O BENEFÍCIO DOS GOVERNADOS”,

todas as matizes de políticos e religiões naquela imensa assembleia ficaram satisfeitas, ninguém ofendido, ninguém discordante.

Os vivas transformaram-se em gritos; o bater de palmas em verdadeiros saltos e berros de aplauso; e ao fim de cerca de uma hora de alocução (sem experimentar uma réstia de rouquidão), fui literalmente bombardeada com flores.

As mulheres beijavam o meu vestido e erguiam os seus queridos filhinhos para que eu os beijasse também, enquanto os homens quase me arrancavam o braço e a mão, com apertos e sacudidelas.

O clímax foi atingido quando o Sr. Blood gritou:

“Agora, amigos, estarão todos na Feira Sanitária esta noite.”

Surgiu então um perfeito clamor de — “E a senhora também — a senhora também!”

“Sim”, disse eu, “estarei lá, e serei também um dos leiloeiros.”

Desci então para me juntar ao Sr. e à Sra. Blood. Felizmente, tínhamos escassamente mais de um quarto de milha para percorrer, senão penso que teria chegado a casa sem o meu chapéu e as minhas plumas, com os quais continuei a acenar e a acenar em “adeus até à noite”.

Chegados a casa, após cada um de nós ter desfrutado de um bom e farto choro de pura alegria, e mesmo quando estávamos prestes a sentar-nos para o jantar, a Sra. Blood gritou, apontando para o portão do jardim da frente:

“Olhem ali!”

Ao redor daquele portão estava um grupo de pelo menos uma dúzia de homens a cavalo, que, à pergunta ansiosa do Sr. Blood sobre o que queriam, responderam que desejavam ver a senhora, para decidir uma aposta.

Num minuto estava lá fora com eles, quando um elemento do grupo, tirando o chapéu, disse: “Disseram-nos, minha senhora, que a senhora afirma fazer todos os seus discursos públicos através de influência dos Espíritos. Podemos perguntar se assim é?”

“Sem dúvida”, respondi.

“A razão por que perguntamos, minha senhora”, disse o porta-voz, “é esta. Temos uma grande aposta sobre o assunto. Eu digo que sei com certeza quem é o Espírito que falou hoje. Outros dizem que não é assim. Agora, querida senhora, não quer, por favor, decidir a aposta e dizer-nos quem era o Espírito?”

“Fá-lo-ei”, disse eu, “sob uma condição. O senhor escreverá o nome de quem pensa que era. Eu escreverei o nome de quem sei que era. Compararemos depois as notas.”

Em escassos segundos, o Sr. Blood conseguiu-nos canetas, tinta e papel.

Eu escrevi: “O Espírito que me controlou esta manhã foi o General Edward Baker.”

O nosso cavaleiro escreveu: “Se foi um Espírito que falou esta manhã, foi o meu antigo General, Ned Baker, morto na batalha de Bull Run.”

Quando outro elemento do grupo leu os dois papéis, consecutivamente, seguiram-se mais gritos e mais vivas.

Depois, ainda outro elemento do grupo tentou explicar-me aquilo que eu já sabia, a saber, que o Edward Baker era inglês e advogado de profissão. Quando a guerra eclodiu, este galante cavalheiro, um ardente partidário do lado do Norte, ingressou no exército, subiu passo a passo, afamado pela sua bravura, até ser morto na batalha de Bull Run.

“Ele foi o meu comandante, Sra. Hardinge”, disse o primeiro porta-voz, “mas antes da guerra ouvi-o falar muitas e muitas vezes. Conhecia o seu estilo, a sua maneira, as suas próprias palavras, e se alguma vez ouvi o Ned Baker na minha vida, ouvi-o esta mesma manhã na sua plataforma.”

Seguiu-se o leilão da noite, trocaram-se as despedidas da manhã seguinte, e depois, os adeus, ditos ao belo Indian Valley e aos seus amigos de grande coração — para sempre — na terra...

De volta outra vez ao meu lar na São Francisco circundada pelo oceano. Que histórias tinha eu para contar! Que aventuras para narrar! Cenas e lugares, e incidentes acumulando-se uns sobre os outros, tais como encheriam volumes!

Darei apenas mais uma fase da minha vida na Califórnia, e embora a narrativa seja excessivamente cheia de mim mesma para me satisfazer, além de ser uma história já contada muitas vezes, refere-se a cenas de demasiada importância na história de uma causa memorável para ser omitida neste lugar.

O registo do qual estou prestes a citar é um pequeno panfleto elaborado pelo falecido Benjamin Coleman, um cavalheiro rico e influente, e um bem lembrado e estimado espírita de Londres, um dos

primeiros amigos a acolher-me no meu regresso com a minha mãe a Inglaterra, em 1866.

Tendo sido feitos preparativos para eu dar três conferências sobre a “América”, no St. James’s Hall, em Londres, o Sr. Coleman, a expensas próprias, elaborou e distribuiu aos milhares o panfleto que estou prestes a citar como ilustrativo do meu trabalho de encerramento dois anos antes na Califórnia.

Posso acrescentar que, como o panfleto em questão foi compilado inteiramente a partir dos jornais americanos, o registo pode ser aceitado como mais verdadeiro do que se tivesse sido escrito por um amigo demasiado parcial para uma ocasião especial.

A página de rosto do panfleto está assim inscrita:—

CAMPANHA POLÍTICA DA SRA. EMMA HARDINGE.

Pelo Partido da União da América por ocasião da Eleição Presidencial de 1864.

A Sra. Emma Hardinge é amplamente conhecida por todos os Estados Unidos da América como uma das mais eloquentes defensoras da Filosofia Espírita. O seu nome está há anos identificado com um esforço filantrópico e amplamente difundido para melhorar a condição das pobres mulheres caídas, entre as quais os seus trabalhos missionários lhe obtiveram a designação de “A Amiga dos Párias”.

Os eloquentes discursos da Sra. Hardinge têm sido frequentemente proferidos nas prisões e penitenciárias os Estados Unidos, e muitos incidentes tocantes são relatados das suas visitas à cela do prisioneiro.

Desde o início da recente Guerra Americana, ela tem dedicado uma grande parte do seu tempo e serviços ao auxílio das famílias dos soldados, hospitais e fundos; e tem ocupado um lugar de destaque como oradora política na causa da União.

Como a Sra. Hardinge é comparativamente desconhecida neste seu país natal, alguns amigos, interessados em obter para ela uma audiência imparcial perante o público inglês, pensaram ser aconselhável circular o seguinte esboço de uma passagem na sua

carreira pública, que não pode deixar de interessar a todos os que simpatizaram com a causa da União na América durante o período memorável referido.

De uma obra intitulada “Esboços da Califórnia”, tomamos conhecimento de que, após ter dado conferências pela Califórnia e Nevada, alcançando o que os periódicos americanos admitiram ser um sucesso sem precedentes, e estabelecendo a sua reputação como uma “maravilhosa e eloquente oradora”, ela determinou regressar aos Estados de Leste para recuperar as suas forças exaustas após os seus quinze meses de labor indefetível.

Numa receção de despedida oferecida pelos seus numerosos amigos, foi-lhe apresentada uma petição urgente, com um imenso número de assinaturas, suplicando que ela realizasse uma reunião pública final, e em vista da agitada disputa política prevalecente em antecipação da próxima Eleição Presidencial, que havia de decidir o destino da nação, foi solicitado à Sra. Hardinge que tomasse por tema, “O Homem que aí Vem; ou O Próximo Presidente dos Estados Unidos”.

A Sra. Hardinge consentiu, mas como o seu tempo nos Estados estava limitado a dez dias, a conferência prometida foi organizada para ter lugar três dias após o pedido ter sido feito.

A elevada reputação da conferencista, e o profundo interesse que o anúncio de tal tema despertou em São Francisco, bastaram para encher o grande salão num período tão precoce que, uma hora antes do tempo fixado para o início, já duas mil pessoas estavam sentadas, e quase outras tantas estavam de pé dentro e fora do salão aguardando ansiosamente o aparecimento da conferencista.

A partir deste ponto seguimos a narrativa da própria autora, que foi impressa nos jornais de Nova Iorque e da Califórnia pouco depois das ocorrências que descrevem.

A Sra. Hardinge escreve assim:—

“Durante anos tinha vindo a dar conferências para massas de pessoas, muitas das quais eu sabia estarem opostas às opiniões que eu defendia. Em ocasiões de grande interesse social e religioso, tinha sido

frequentemente chamada a dirigir-me a milhares reunidos, mas nunca me tinha encontrado face a face com uma massa de pessoas tão movida por um sentimento de profunda emoção como a que tinha reunido esta assembleia.

“Escassamente teria importado quem era o orador; o tema anunciado era a corda que tinha vibrado através daquela cidade apinhada, e atraído aquela multidão sequiosa: tinham vindo para escutar uma alocução sobre ‘O Homem que aí Vem; ou O Próximo Presidente da América’. Não há dúvida de que cada eleitor presente já tinha predeterminado qual o lado que apoiaria, nem esperava ele ouvir algo que o pudesse induzir a mudar de opinião; mas a ansiedade febril que pulsava no pulso nacional naqueles dias instava a multidão a ouvir o pensamento dominante da hora discutido, e o fluxo apaixonado da sua própria fervorosa oratória de rua ecoado.

“Eu sabia que a inteira rutura da União dos Estados Americanos, a emancipação de seis milhões de seres humanos da escravatura, além de inúmeros outros problemas de interesse nacional, estavam todos para ser resolvidos pelo simples ato de indivíduos registarem uma preferência entre Abraham Lincoln ou George McClellan como próximo Presidente da América. Eu sabia a história política do país. Sabia também muito da vida de um dos candidatos, e o bastante da do outro para determinar que se, na minha própria pessoa, a divisão de cada átomo da minha forma mortal pudesse assegurar para cada átomo um voto correspondente para o Abraham Lincoln, de boa mente me teria dedicado como um sacrifício voluntário no altar da liberdade americana para assegurar a sua eleição...

“Deixe-se quem quer que tenha traçado a história do rei sem coroa da América, desde os bosques do velho Kentucky até à Casa Branca em Washington, e seguido a sua carreira como o rapaz do bosque, servo de quinta, barqueiro, pequeno caixeiro, operário de advogado, depois sócio; capitão de uma companhia de milícia, depois causídico, legislador, membro do Congresso e, por último, Presidente do Novo Mundo e Comandante-em-Chefe de um exército de oitocentos mil homens, e aqueles que têm seguido esta maravilhosa carreira podem julgar que causa tinha eu para pleitear, e uma que mostrava que o poder que tinha feito do título de ‘o rachador de lenha’

um dos mais nobres títulos de nobreza da terra tinha sido o poder da honestidade, a força da integridade, a solidez da bondade e a luz do génio.

“Em verdade não era mérito nenhum pleitear pelo Abraham Lincoln, e apenas requeria uma mão destemida para arrancar a máscara do preconceito político do seu rosto honesto, e uma língua lesta para relatar nas suas verdadeiras proporções os detalhes da sua nobre vida, para o entronizar onde ele pertencia, nas afeições de cada verdadeiro americano, e na honra e respeito de cada homem ou mulher verdadeira de todos os países.

“Eu, em especial, posso olhar para trás com alegre memória para aquela noite quando, no meu primeiro apelo público proferido em sua honra, declarei que o dia não estava longe em que cada verdadeiro americano diria que ‘Se o George Washington foi o pai do seu país, o Abraham Lincoln foi o seu preservador’.

“Se vivas e lágrimas, pressões calorosas de mãos e chuvas de bênçãos, mas acima de tudo uma nobre lista de votos inesperados que o registo do dia seguinte mostrou em favor do meu cliente, podiam ter sido recompensa para alguém, fui recompensada de facto pelo trabalho daquela noite.

“A manhã seguinte trouxe aos meus aposentos dois ou três conhecidos profundamente interessados na causa da União, e que foram urgentes comigo para sair e ‘fazer campanha pelo Estado pelo Lincoln’. Claro que estas sugestões eram extraoficiais.

“A Comissão Central do Estado da União, cujos oradores de campanha eram clérigos, membros do Congresso, homens da mais alta posição, riqueza e talento, mas sempre homens, não podia por um momento condescender com a indignidade de empregar um orador profissional, e esse orador uma mulher. Contudo, embora se entendesse ser este o sentimento da comissão, enquanto comissão, diversas foram as pessoas naquele dia que, de modo pouco próprio de comissão, me instaram a realizar o trabalho de que necessitavam.

“Pode questionar-se por que hesitei em empreender o que os meus confessados interesses na causa podem fazer parecer ter sido um dever incumbente sobre mim; respondo que eu já tinha tido de

conquistar o meu caminho para o favor público, por entre cada obstáculo imaginável que o preconceito contra uma mulher oradora e o fanatismo contra a minha fé podiam alinhar para me esmagar. Tinha-me sido permitido conferenciar para o benefício dos fundos dos soldados, porque o dinheiro era imperativamente necessário; tinha-me sido permitido falar para instituições de caridade, pelas meras vantagens a obter; mas invadir a esfera da política era um passo demasiado ousado para contemplar.

“And em acréscimo à terrível repulsa que uma eleição política de um caráter tão gigantesco ia abrir à ação de uma mulher oradora de campanha, o país tinha estado a sofrer de um ano inteiro de seca, e o calor de fornalha comum da Califórnia, e o viajar incessante por estradas feitas de calhaus como as da Califórnia naquele tempo, faziam a perspectiva da campanha proposta um ato que, para a razão sem auxílio, parecia pouco menos do que verdadeira insanidade. Resolvi que seria melhor suportar a dor de recusar tal serviço do que falhar na tentativa, para não falar de ficar exposta aos escárnios de uma imprensa opositora caluniosa, às imprecações de uma turba política, ou talvez ao alcatrão e penas de uma multidão insensata.

Por fim, completamente esgotada por incessantes solicitações, comprei o meu bilhete para uma passagem para os Estados de Leste, anunciei a minha partida imediata e preparei-me para uma fuga precoce.

Foi escassamente seis dias após a entrega da minha conferência sobre ‘O Homem que aí Vem’, que recebi uma visita do tesoureiro da Comissão Central da União da Califórnia, por cujos apelos fervorosos em prol da causa tão querida ao meu coração como ao do meu eloquente e estimado visitante, todos os meus escrúpulos foram superados, e despedi-me deste cavalheiro, por fim, comprometida a falar pelo partido da União todas as noites até ao dia da eleição, tanto quanto as forças e o poder humanos permitissem.

“A principal dificuldade que surgiu entre mim e o meu amável visitante foi quanto aos termos do pacto entre nós.

“A Comissão concordou em pagar todas as minhas despesas, organizar todas as minhas reuniões, enviar-me de lugar para lugar,

tratar de todos os assuntos preliminares e pagar-me qualquer quantia que eu escolhesse exigir.

“Os honorários especiais que exigi, contudo, foram mais do que o meu amigo escolheu prometer-me, pois não eram nada mais, nada menos do que a ELEIÇÃO DE ABRAHAM LINCOLN. Se eu aceitasse mais, argumentei, as pessoas não confiariam em mim; menos do que isso eu não arriscaria a minha vida. O Sr. S. respondeu brandamente que, como não acreditava nos meus poderes sibilinos de profecia, não podia prometer-me o preço que eu pedia; mas se, como justamente argumentou, eu tinha fé suficiente nos meus próprios poderes de previsão para aceitar tais termos, ele não podia fazer menos do que anuir a eles.

Ficando ambas as partes assim satisfeitas, separámo-nos com a condição de que eu deveria proferir conferências constantemente até ao momento da eleição, de acordo com a minha máxima capacidade, tomando como meu pagamento a eleição do Sr. Lincoln.

“Desde esse momento até ao dia da votação, proferi em trinta e oito dias trinta e duas conferências, ocupando cada alocução habitualmente cerca de duas horas ou mais na entrega, e o tempo gasto em felicitações e saudações.

“Estas conferências foram dadas em diferentes lugares, obrigando-me a viajar, sob um calor e pó opressivos, de vinte a quarenta milhas cada dia. Eu era, além disso, frequentemente retida na estrada por vastas multidões e compelida a proferir um discurso a partir da minha carruagem, ou de uma tribuna montanhosa à beira do caminho. Era frequentemente obrigada a pausar no meu trajeto de e para as grandes cidades nas quais as minhas reuniões tinham sido organizadas, para me dirigir a um acampamento de mineiros ou a um comício improvisado, reunido no meio dos salões da Natureza, tais como as montanhas selvagens e as florestas gigantes da Califórnia ofereciam.”

“Por vezes, os maiores edifícios consideravam-se insuficientes para as multidões que se apinhavam para ouvir a oradora — a agora célebre ‘Oradora de Campanha’ — e os meus amigos viam-se

obrigados a remover as janelas e até as paredes de madeira dos seus salões.

“Andaimes eram erguidos em todos os lugares disponíveis; fogueiras eram acesas estendendo-se por campos e florestas para abrir espaço para as vastas multidões que vinham escutar. Por vezes, eu falava das varandas dos hotéis onde estava planeado eu ficar, enquanto para convocar as multidões para as reuniões empregavam-se foguetes, bolas de fogo e salvas de canhão.

“Por vezes, os meus auditórios reuniam-se em longas procissões de duas ou três mil pessoas, carregando tochas acesas e lanternas de papel, precedidos por bandeiras e orientados por bandas de música, e assim formavam ao redor da minha plataforma; e, com o clarão das tochas abaixo e a luz prateada das lâmpadas eternas do céu acima da minha cabeça, eu falava a multidões ávidas sobre os monumentais desfechos de uma disputa que havia de determinar o destino do grande Novo Mundo. Quem não se teria inspirado em cenas como estas? E lembre-se que, nunca, numa única ocasião, recebi uma palavra de insulto, ou sequer interrupção, a não ser pelos prolongados e entusiásticos vivas do meu auditório; nem se deve supor que estes testemunhos de aprovação se devessem apenas à presença de partidários. Era geralmente reconhecido que o partido oposto, que não honrava as reuniões dos oradores de campanha masculinos por medo de aumentar os seus números, recorria às minhas em multidões, movido a fazê-lo, sem dúvida, pela curiosidade e pela novidade da ocasião.

“O resultado, contudo, foi uma grande adesão à sua lista de eleitores, e uma ajuda que lhes permitiu fazer transmitir pelos seus fios a magnífica maioria daqueles milhares que enlaçaram o nome do Estado Dourado com a ‘Califórnia Leal!’

“Muitas foram as passagens tocantes, muitas as caricatas desta minha campanha.

“As minhas pragmáticas comissões tinham ouvido e desdenhado a minha afirmação de falar ‘apenas conforme o espírito me concedia proferir’. Alguns de entre eles, no entanto, questionavam-me seriamente em privado sobre o assunto, confessando o seu espanto

perante a continuação da minha força incansável e da memória infalível. Por vezes, seguiam-me de lugar para lugar, comentando com assombro a variedade das alocações, as quais creio que eram geralmente adaptadas à hora e às circunstâncias variáveis de cada reunião.

“Muitas vezes fui apertada contra o coração de mulheres em lágrimas, que amavam o ‘Pai Abraham’ e agradeciam a Deus por uma pessoa do seu próprio sexo, finalmente, poder ecoar aos ouvidos do mundo as fervorosas preces e bênçãos que tinham elevado para ele ao céu. Muitas vezes a minha mão foi apertada no aperto rude do mineiro, ou quase esmagada na pressão calorosa do mecânico, enquanto ele exclamava: ‘Graças a Deus por ti, senhora corajosa, e graças à Velha Inglaterra por te enviar em nosso auxílio.’

“No dia oito de novembro de 1864, o trigésimo nono dia desde o momento em que parti, recebi o meu pagamento por inteiro por todo o meu labor na triunfante eleição de Abraham Lincoln como Presidente dos ainda Estados Unidos da América. . . .”

Quando a Sra. Hardinge falou a seguir de Abraham Lincoln foi exatamente trinta e seis horas após o seu terrível martírio, quando, a pedido de alguns dos cidadãos de Nova Iorque, proferiu a primeira oração naquela cidade sobre a sua morte — uma oração que tem sido considerada pelos melhores críticos uma obra-prima de composição e eloquência.

Quando ela contemplou a seguir o seu honrado rosto foi na antiga Câmara da Independência da State House, em Filadélfia. Naquele lugar, onde os fundadores da nação americana tinham assinado o famoso instrumento que fez da América uma nação; e ali, com os rostos pintados de todos os heróis daquela nação velados pela mortalha da morte, face a face com a única tela descoberta nas paredes, que ostentava a efígie de Washington, “o Pai do seu país”, jazia Abraham Lincoln — o seu preservador — morto!

Ao encerrar este esboço rudimentar, mas perfeitamente verdadeiro, da minha primeira visita à Califórnia, não posso fazer melhor do que reproduzir o poema improvisado com o qual me despedi dos meus bons amigos de São Francisco na última ocasião do

meu encontro social de despedida com eles. O poema, registado e posteriormente impresso por alguns dos numerosos repórteres da imprensa, reza assim:—

DESPEDIDA DA CALIFÓRNIA

Por Emma Hardinge.

Adeus à terra do pôr-do-sol e do ouro, O selvagem e o maravilhoso Oeste, Onde as cortinas da noite o dia moribundo envolvem, Enquanto afunda no oceano para descansar.

Adeus às montanhas, cujos picos gigantes se erguem, Como as mãos de enormes Titãs erguidas, Para escrever com os seus dedos de neve nos céus A sua história tão antiga e misteriosa.

Cordilheira costeira de colinas castanhas, que os Reis do Mar arremessaram Do deserto da costa fustigada pela tempestade, Estendendo-se longe, longe, até no nevoeiro se perderem — Não mais contemplarei a sua face desolada.

Oh, florestas verdes de mamutes sobre cujas fronte solenes As eras eternas rolaram, Escrevendo registos de séculos nos vossos ramos verdes, Que a história do homem deixa por contar.

Oh, vales e desfiladeiros, cujas profundezas escuras e profundas O pé do caçador nunca pisou — Cujas quietude nunca foi ainda quebrada por som, Salvo a voz da grande Natureza e de Deus.

Rugido rouco da catarata, embate selvagem da torrente, Ribeiro tilintante como o sino da montanha solitária; Gotas de chuva tamborilando tão preciosas como o sangue do coração da Natureza; Infindável riqueza de flores primaveris, adeus!

Adeus aos milhares de rostos que se voltam para cima Em espanto para fitar o meu — Eles, ao meu redor como estrelas da noite, fixas e ardentes, Eu, um meteoro de voo selvagem, sozinho.

Adeus ao amor, que, com muitas bênçãos, Tem semeado a minha estrada rude com doces flores; Ao ódio que o lábio fanático, mal suprimindo, Tem obscurecido o meu dia com horas sombrias;

Ao grito selvagem de triunfo, à saudação, ao viva, Ao aplauso do sopro da multidão, Ao silvo da serpente que cai no ouvido Com o propósito de veneno e morte.

Aos queridos, muito poucos, que não mais me poderão saudar Até que o sol, nunca se pondo, brilhe Sobre eles e sobre a caminhante na margem sem nuvens do Céu, And as suas mãos amadas de novo se apertem na minha.

Adeus a todos eles — povo e terra admiráveis, Todas as minhas bênçãos vos dou de novo! As vossas pragas, ai de mim! devem retornar à mão Que as lançou contra mim em vão.

Ao passar pelo Golden Gate fechando-se para sempre Sobre as pegadas que deixei na terra, Embora a minha memória no pôr-do-sol daquela tarde possa morrer, Esta promessa eterna permanecerá:

Pelo acolhimento que a caminhante encontrou na tua margem, Anjos recebeste no teu lar, Que carregarão pela terra do Oeste para todo o sempre O seu registo no Reino de Deus que há de vir.

CAPÍTULO XVIII

REGRESSO À INGLATERRA E O PRIMEIRO DISCURSO

“Todas as coisas que estão na terra passarão totalmente, Exceto o amor de Deus, que viverá e durará para sempre.” — Bryant.

Durante cerca de dois anos após o meu regresso da Califórnia, proseguei o mesmo rumo sem descanso de labor missionário ao qual me tinha anteriormente dedicado. Por fim, senti-me impelida a ceder aos apelos urgentes da minha querida mãe para que regressássemos à sua muito amada terra natal, e “nos retirássemos para a vida privada”.

Embora sem grande expectativa de concretizar quaisquer destas perspectivas do nosso destino futuro, estava inteiramente disposta a dar à minha boa mãe a oportunidade de visitar o seu próprio país, nem que fosse apenas por amor de um descanso temporário e da renovação de antigas ligações. Tendo recebido dos meus amáveis amigos

americanos as mais calorosas demonstrações do seu elevado apreço, embarcámos na nossa viagem de regresso a casa com muitas despedidas afetuosas e garantias proféticas do nosso rápido retorno.

Foi na noite anterior ao nosso esperado desembarque em Liverpool que uma daquelas “visões” que sempre formou uma fase marcante da minha mediunidade me foi apresentada. Pareceu-me ver um imenso navio, destinado, como o nosso, a Inglaterra. A bordo deste navio estavam dezenas de milhares de pessoas do mundo dos Espíritos de todas as posições e classes, entre as quais se encontravam dispersos numerosos índios da América do Norte. Toda a multidão era orientada pelo único Espírito índio pele-vermelha que alguma vez me controlou, o “Arrowhead”, um ser glorioso de proporções gigantescas, e que tenho boas razões para acreditar ter exercido o seu benéfico poder protetor sobre mim em muitas ocasiões de perigo iminente.

Pouco depois vi o nosso navio entrar no porto, com as suas hostes visionárias desembarcando e estendendo-se sob a direção do seu líder índio, até encherem cada vila, cidade, aldeia e rua de Inglaterra. À medida que passavam no seu caminho, vi que, embora tão nítidos e vivos para mim, eram assecuradamente Espíritos, e invisíveis para as pessoas com quem se cruzavam. Ninguém os via, mas todos sentiam a sua passagem. O avançar das poderosas hostes agitava todas as coisas ao seu redor como num vento irresistível. Adicionalmente a isto, golpeavam à direita e à esquerda todas as pessoas por quem passavam, e estas, não avistando os seus atacantes invisíveis, voltavam-se furiosas umas contra as outras, até toda a terra ser um cenário de discórdia e contenda.

As hostes invisíveis golpeavam os palácios mais grandiosos e os edifícios mais altos, até alguns caírem e as fundações de outros serem abaladas. Golpeavam as igrejas nas quais as pessoas espantadas procuravam refúgio, mas as paredes oscilantes e as colunas desmoronadas, as imagens partidas e os ornamentos arruinados compeliavam os refugiados a fugir para os bosques e campos, onde tudo era pacífico e tranquilo.

Por fim, os poderosos iconoclastas perfilaram-se diante da Catedral de São Paulo, a qual percebi imediatamente ser

representativa da Igreja de Estado Nacional. Aqui o trabalho de demolição prosseguiu com tal força e rapidez que cedo esperei ver o grande edifício tornar-se uma ruína disforme. Quando, porém, a enorme cúpula caiu e a cruz que a encimava se afundava por entre as ruínas, o “Arrowhead” apanhou-a e, pela primeira vez, ouvi-o falar e dizer:

“Este emblema tem sido guardado como querido no coração humano e é o símbolo visível da religião que o povo apenas consegue compreender. É demasiado sagrado para ser perdido por entre as ruínas. Tomai-o então”, exclamou ele, enquanto o erguia em direção aos céus, “e guardai-o até que as pessoas da terra saibam melhor como utilizá-lo, do que prostrar-se e adorá-lo.”

Enquanto ele falava, uma luminosa nuvem no céu abriu-se e, estendendo-se para baixo incontáveis mãozinhas brancas para o receber, ele arremessou-o em direção a elas. Elas agarraram-no e carregaram-no, desaparecendo por trás das nuvens. Então, pela primeira vez, voltando-se para mim, o “Arrowhead” disse:

“Eis! os soldados da nova Reforma! Por entre a inquietação, a discórdia e a contenda causadas por estes guerreiros invisíveis, todas as coisas entram em juízo. Não chores por ‘golpearmos ou desenraizarmos o antigo, o decrépito e o idólatra’. Antes de a alma do homem poder entrar no novo céu, deve crescer até à maioria na nova terra, e o próprio Senhor e Mestre da vida não pode lançar as fundações do novo, do verdadeiro e do belo enquanto o solo estiver ocupado com as cinzas gastas do passado morto. Quando o clamor da guerra e a voz da contenda estiverem no teu ouvido, criança, olha para o alto, e a luz nascente da nova Reforma assegurar-te-á que ‘a manhã se aproxima’.”

Chegada à minha terra natal e instalada num agradável alojamento na antiga Chelsea, em Londres, o tranquilo retiro que a minha mãe tinha antecipado não foi de longa duração. Multidões de amigos espiritualistas descobriram-nos e cedo me persuadiram, tanto por um sentido de dever como de responsabilidade, a iniciar um ciclo de conferências nas noites de inverno, primeiro para grandes e aristocráticas assembleias num elegante salão semiprivado, e

finalmente para reuniões do público bem anunciadas em encontros de domingo regularmente organizados.

Entre os muitos nobres e estimados amigos que encontrei no meu primeiro trabalho missionário em 1866, em Londres, contavam-se o Sr. e a Sra. Howitt, o Sr. e a Sra. S. C. Hall, o Sr. Benjamin Coleman e a sua família, o Sr. Robert Cooper, o proprietário e fundador do *Spiritual Times*, a Sra. Macdougall Gregory, os Drs. Ashburner e Elliotson, a Sra. de Morgan, e uma verdadeira multidão de personagens com títulos, aristocráticas e, em muitos casos, ilustres, todas devotadas a, ou interessadas na causa do Espiritualismo.

Deve bastar dizer que o retiro do trabalho público do movimento era simplesmente impossível da minha parte. O meu antigo amigo, Dan Home, estava então em Inglaterra, e ativo como habitualmente na manifestação dos seus maravilhosos poderes fenomenais; mas isso, principalmente, entre os seus amigos aristocráticos e ilustres patronos. A Sra. Everitt também, uma das melhores e mais maravilhosas médiuns desta ou de qualquer outra época, era muito requisitada, especialmente entre as classes aristocráticas, que não condescendiam em consultar médiuns profissionais.

Como o Sr. Everitt estava nesta altura estabelecido comercialmente em Londres, e ele e a sua nobre e dotada esposa ofereciam abundante hospitalidade aos seus visitantes, bem como sessões gratuitas, é escusado dizer que se encontravam apinhados tanto de visitantes como de solicitações para comparecer a sessões privadas nos quadrantes mais aristocráticos e influentes. Posso aqui declarar que foi minha boa fortuna incluir os queridos Sr. e Sra. Everitt entre os meus primeiros e mais calorosos AMIGOS, bem como entre os meus assistentes mediúnicos, as primeiras das quais relações espero conservar até que todos nos encontremos de novo no mundo mais alto e melhor.

Seria quase impossível para mim enumerar os eminentes e até ilustres crentes na grande causa do Espiritualismo que me encontraram e saudaram à minha primeira chegada a Londres, e que professaram aberta lealdade ao Espiritualismo e às suas maravilhosas revelações. Os Professores Alfred Russel Wallace e Crookes, e

multidões de outros cientistas, para não falar daqueles distintos aristocratas que, num país de castas e classes, exerciam a mais profunda influência sobre a Sociedade, contavam-se entre os mais fervorosos investigadores e os mais calorosos apoiantes do movimento espírita no período do meu regresso a Inglaterra em 1866.

Caso me seja feita a pergunta: Onde estão estes poderes e potências influentes agora? Seria obrigada a remeter os investigadores para os anais da vida do além, para a qual muitos dos primeiros e mais calorosos espiritualistas ingleses já passaram, ou para os efeitos que a opinião pública antagonista produziu sobre os menos dignos dos seus primeiros apoiantes.

Como fiz cerca de vinte e seis viagens oceânicas durante os meus esforços missionários para promover a causa do Espiritualismo em diferentes partes do mundo, voltarei apenas de quando em quando a estas mudanças. Em referência ao meu primeiro regresso à América, após cerca de doze meses de residência em Inglaterra, posso dizer que durante o meu primeiro período de ausência dos Estados Unidos fui assediada com pedidos fervorosos e não poucas tentações para regressar.

Foi para o final do meu primeiro ano em Inglaterra, então, que a minha corajosa mãe uniu os seus apelos aos dos meus amigos americanos para que eu voltasse à vida e à iniciativa do Novo Mundo radioso e progressivo. Como ilustração do eminente favor em que o Espiritualismo e os seus defensores eram tidos pelas classes altas da sociedade inglesa durante o meu primeiro ano de residência entre elas, posso mencionar que, quando se soube que a minha mãe e eu estávamos prestes a regressar aos Estados Unidos, uma magnífica receção de despedida me foi oferecida no St. George's Hall, em Langham Place, ocasião em que uma vasta concorrência de amigos, incluindo autores, escritores, cientistas e personagens com títulos da mais alta posição na terra formou a assembleia, tendo Gerald Massey, o renomeado poeta e escritor, sido o presidente deste memorável encontro.

Para o final da reunião, um testemunho belamente iluminado foi-me apresentado (estando agora pendurado no gabinete onde escrevo),

cujo principal valor consiste nas assinaturas dos bons amigos que foram instrumentais na realização da apresentação.

Após alguns meses de trabalho e residência na América, sempre a mais querida para mim como a terra do meu nascimento Espírita, fomos induzidas a regressar novamente a Inglaterra a instâncias do nosso agora único parente vivo, a minha irmã Margaret, cujo marido tendo sido nomeado gerente do St. George's Hall, em Londres, nos rogaram, às duas últimas do outrora grande círculo familiar, que nos uníssemos a eles para fazermos um lar juntos.

Esta mudança, sendo igualmente aceitável para cada um do nosso pequeno quarteto familiar, foi prontamente efetuada, especialmente porque eu propunha reservar algumas horas tranquilas para escrever e compilar uma grande obra que me fora confiada pelos bons Espíritos, de quem eu era e sou serva, a saber, a origem, história e progresso dos primeiros vinte anos de Comunhão com os Espíritos na América, sob o título de *“Modern American Spiritualism”*.

Dediquei todo o tempo que podia dispensar a esta obra dos inevitáveis deveres de recepções, sessões e conferências, tudo o que pressionava sobre mim com urgência cada vez maior. Tendo concluído o meu grande empreendimento literário e instalado a minha querida mãe num lar agradável ao cuidado da minha boa irmã e do seu marido, preparei-me para o meu trânsito seguinte para a América, com vista a publicar o meu livro na terra e entre o povo mais interessado no importante registro.

Antes de empreender esta nova partida, contudo, concordei em aceitar um compromisso que há muito me vinha sendo solicitado, a saber, visitar a Escócia e proferir três conferências em Glasgow. Como as circunstâncias que acompanharam este compromisso foram de um caráter de algum modo notável, farei aqui uma pausa para uma breve descrição do seu procedimento.

As conferências deviam ter lugar no Merchants' Hall, em Glasgow, e embora um ou dois outros oradores já tivessem aparecido ali na qualidade de Missionários Espiritualistas, o campo não era considerado muito favorável, e foi apenas ao amável pedido do Sr. Hay Nesbitt, por cuja família fui hospitalarmente acolhida, que

consenti em abrir caminho na Cidade de Glasgow, ainda em certa medida dominada pelas severas opiniões presbiterianas de John Knox.

O meu compromisso era de três conferências em noites de dias úteis, e embora me parecessem ser friamente escutadas e recebidas, foram consideradas pelos meus amáveis aliados como tendo um sucesso sem precedentes — especialmente a última, quando uma comissão do auditório escolheu o tema — pelo que me foi suplicado que ficasse pelo Domingo e falasse numa reunião livre e aberta na parte da tarde.

Sei que houve muitos entre os meus mais fervorosos apoiantes que consideraram esta experiência algo perigosa e, por mim, tinha ouvido falar tanto do conservadorismo de uma cidade onde, mesmo na sua mais grandiosa e antiga igreja, o uso de um órgão era proibido, e os domingos eram geralmente observados como dias de penitência sabática, que me assustava a mera ideia de uma mulher e espiritualista se levantar para pregar num sábado de Glasgow.

“Não tema”, disse um dos membros do meu comité, “haverá pelo menos cinco mil habitantes bêbados nas ruas no sábado à noite, e é bastante duvidoso que recuperem o suficiente até domingo à tarde para armar uma confusão.”

Pela verdade da primeira parte deste consolador discurso posso certamente responder, pois o Sr. e a Sra. Nesbitt levaram-me a dar um passeio de carro pela cidade no sábado à noite, e mesmo nessa altura, antes das nove horas, não creio ter visto tantas pessoas embriagadas a cambalear pelas ruas como vi nessa única ocasião. Outra coisa que vi foram os anúncios da minha própria conferência de domingo no que considerei serem letras desnecessariamente grandes, e a minha única esperança era que a chuva, que há muito ameaçava, caísse em torrentes suficientes para os apagar.

Contrariamente à expectativa, porém, o dia esteve bom, e quando a carruagem comigo e os meus amigos se dirigiu à pequena rua em que o Merchants' Hall estava situado, a multidão era tão grande que tivemos de conduzir para outra rua e entrar no edifício por um caminho de trás.

Na antecâmara encontrei o meu comité reunido, todos eles com um aspeto muito grave, e um ou dois decididamente pálidos, bem como ansiosos.

Já um comité do público se formara, e um tema fora escolhido antes de eu tomar o meu lugar na plataforma.

O tema escolhido foi: “Quais são as provas da imortalidade do homem?”

A cena que me surgiu diante dos olhos quando me ergui pela primeira vez na plataforma foi certamente sem paralelo na minha experiência. O salão estava cheio até à sufocação e, com exceção de apenas três mulheres, aquela vasta assembleia era toda composta por homens, e estes ofereciam-me o maior insulto que podiam, pois todos usavam o seu chapéu.

A plataforma estava tão cheia como o auditório, mas era pelo meu amável comité, que se mantinha, com as cabeças descobertas, bem perto de mim.

Peguei no livro de hinos e, após nomear o hino e chamar a atenção para o facto de haver bastantes livros de hinos espalhados pelos assentos, disse, numa voz firme, tão calma que se tornou um espanto para mim mesma: “O público acompanhará no canto de cada versículo conforme eu o ler.”

Li então o primeiro versículo, e o Sr. Logan, um jovem cavalheiro que se encontrava ao meu lado, cantou numa voz de tenor clara e bela o primeiro versículo do hino sozinho.

Li depois o segundo versículo, momento em que duas ou três vozes um tanto trémulas se juntaram ao Sr. Logan, distinguindo-se os cantores por tirarem os seus chapéus.

Repetindo a minha fórmula anterior, “O público acompanhará TODOS no canto”, etc., li o terceiro versículo. Houve um sussurro como o do vento que ruge, quando todos naquela imensa assistência se ergueram de pé, todos os chapéus saíram e eles cantaram! Sim, cantaram uma melodia tal que deve ter subido direto ao Céu.

O quarto versículo foi lido, numa voz já não firme, mas quebrada pela emoção. O canto foi ainda mais poderoso e sentido do que antes, e isto, seguido por uma invocação fervorosa e, segundo creio, por uma das melhores conferências de que alguma vez fora o instrumento para dar, completou a vitória.

Tudo estava cumprido e ganho. Uma grande comitiva de homens, de cabeça descoberta e formados numa espécie de procissão improvisada, acompanhou a nossa carruagem, agora à porta da FRENTE, até ao fim da rua, e despediu-se de mim, enquanto eu me inclinava da janela, com acenos de chapéus e muitos sussurros de “Deus a abençoe”.

Devo agora pedir aos meus leitores que por uns minutos deem um passo atrás nos bastidores e regressem comigo, num voo mental, ao sábado à tarde anterior a este memorável domingo.

Por volta das quatro horas, recolhera ao quarto que me fora atribuído na hospitaleira habitação da Sra. Nesbitt, sob o pretexto de procurar um pouco de descanso após receber visitantes, mas, na realidade, no esforço de afastar por meio de uma reflexão tranquila a terrível multidão de apreensões que me enchia a mente relativamente à provação que me aguardava no dia seguinte.

Recordei as cenas de impulso selvagem e violência de que lera na história escocesa; as características de John Knox e a sua severa influência sobre os seus seguidores, muitos dos quais ainda mantinham as mesmas opiniões religiosas em Glasgow.

Voltando-me da janela através da qual estivera a olhar para a rua, e fixando os meus olhos no fogo do meu quarto, avistei sentada na cadeira de baloiço, que estava colocada diante da lareira (pois o mês era novembro), o meu amigo espírito índio “Arrowhead”.

Ele parecia sempre impelido a vir ter comigo em ocasiões transcendentais, ou antes de períodos de perigo temido. Por vezes mantinha-se de pé sobre mim, a acenar com o seu machado de guerra acima da minha cabeça, como numa atitude de proteção. Por vezes brandia o seu tomahawk no ar, como no ato de golpear um inimigo.

Na presente ocasião, a sua forma gigantesca parecia descansar pacificamente naquela cadeira, enquanto o seu machado de guerra estava pousado, como se não fosse usado, sobre os seus joelhos. A sua cabeça estava atada com uma faixa brilhante, na qual estavam as palavras “Arrowhead, o Terrível”, mas o seu rosto nobre estava voltado para mim, coberto por um sorriso bondoso.

Num instante, todos os meus receios quanto ao dia de amanhã se dissiparam, e senti-me como se ele tivesse repetido a frase constante do meu irmão marinheiro em espírito, de que “se um parque de artilharia fosse trazido contra mim, não me poderia fazer mal”.

Enquanto me mantinha a contemplar aquela esplêndida aparição, surgiu uma pancada à minha porta e, mediante o convite para entrar, a minha amável anfitriã, a Sra. Nesbitt, entrou, com o rosto ansioso em simpatia com a sua convidada.

Avançando em direção à cadeira de baloiço, pousou a mão nas costas desta e depois retirou-a subitamente, como se tivesse entrado em contacto com algo sobressaltante.

Disse então: “Venha tomar uma chávena de chá, querida; vai animá-la.” O espírito acenou com a cabeça, e eu disse que sim. Ao passar por ele, ele rodou a sua magnífica cabeça e o seu rosto sorridente para mim, e senti que tudo estava bem.

Não estávamos sentadas há mais de dez minutos na sala de estar da Sra. Nesbitt, com alguma, embora não toda a família à minha volta, quando a rapariga mais nova, Georgina, entrou na sala e, dirigindo-se a uma irmã mais velha, disse: “Ellen, por favor, vais buscar as minhas botas para sair? Estão no armário do quarto da Sra. Hardinge.”

“Vai tu buscar, Georgie”, respondeu a irmã.

“Oh, não me atrevo”, respondeu a criança na sua bonita maneira escocesa. “Vi a porta do quarto da Sra. Hardinge aberta, e o fogo a arder brilhantemente, e pensei em entrar e aquecer-me. Estava mesmo prestes a sentar-me na cadeira de baloiço diante do fogo quando — oh, valha-me Deus! — ergueu-se daquela cadeira uma figura tão alta como o teto; oh, que criatura tão grandiosa! Mas toda vestida — oh,

nem sei como! E de tal modo terrível ele era que não me atrevo a ir lá outra vez por nada deste mundo.”

Menciono isto simplesmente para citar o testemunho corroborativo, mas não solicitado, destes amigos de Glasgow quanto ao facto do ambiente e da proteção espiritual com que eu estava envolvida.

Tenho simplesmente a acrescentar que a tremenda força que me sustentou na plataforma no meu domingo, quando até alguns dos meus mais bravos e devotados amigos pareciam pálidos e ansiosos, foi a visão de “Arrowhead, o Terrível”, de pé durante a minha conferência em frente de mim com o seu machado de guerra erguido acima da minha cabeça.

Posso acrescentar que, na segunda-feira seguinte, falei novamente para um público numeroso sobre a “Inspiração”. Na terça-feira, uma festa privada em casa do Sr. Nesbitt apresentou-me ao maravilhoso médium de pintura David Duguid, e na quinta-feira participei, por convite especial, numa reunião pública realizada no Glasgow City Hall em honra e simpatia por Garibaldi, o patriota italiano. Num discurso que os gritos contínuos de “Continue, continue!” prolongaram por mais de uma hora, tive o privilégio de mostrar a vários milhares da população de Glasgow que as mulheres podem continuar a ser patriotas, oradoras públicas e mulheres ao mesmo tempo.

A cena de especial interesse que tenho a registar a seguir foi o meu regresso à América no malogrado navio *City of Boston*.

Terminara a minha volumosa história do “Espiritualismo Americano Moderno”. Era seguramente o desejo de espíritos sábios, não menos do que pelo meu próprio senso de razão, que esta obra ajudasse a fazer parte da Bíblia do futuro. Estava para ser publicada na América, contudo, o espírito demasiado estreito de egoísmo nacional tornava até o registo do berço do Espiritualismo malvisto em qualquer outra terra.

Embarquei no *City of Boston* no outono de 1869. Na viagem que assim fiz, o Capitão Halcro, o comandante, acabara de regressar ao

posto de dever após uma suspensão do seu contrato com a companhia Inman Line de seis meses, por causas de que não fui informada.

A travessia foi muito tempestuosa, e eu, em companhia de todos os outros passageiros, recebi a mais amável e cortês atenção da parte do capitão e de todos os seus oficiais.

Quando estávamos a vinte e quatro horas de navegação de Nova Iorque, as tempestades que tinham assolado toda a nossa viagem aumentaram de forma tão violenta que fomos informados de que o nosso bom capitão estava na ponte — o ponto de vigia de todos os grandes navios a vapor — e declarara que não a abandonaria até que avistássemos Nova Iorque.

Foi então que alguns dos passageiros, que eu sabia serem amigos e partidários do pobre Capitão Halcro, me pediram, como jornalista e escritora ágil, que redigisse um testemunho sobre o valor e a bondade do capitão.

Prontamente concordei em fazê-lo, mas a escrita foi executada sob dificuldades estupendas no meio do furor da tempestade. Contudo, conseguimos a sua conclusão, e foi imediatamente assinado por todos os passageiros.

Feito isto, o papel tinha de ser levado e apresentado ao bom capitão enquanto ele se mantinha, como o próprio génio da tempestade, na ponte, a qual recusava abandonar por um único instante.

Com o propósito de fazer chegar este documento animador ao nosso bravo comandante, eu e o Dr. Brandreth — conhecido em todos os Estados como o inventor e distribuidor das “célebres pílulas de Brandreth” — fomos escolhidos como uma delegação para levar o referido testemunho e apresentá-lo ao capitão.

Depois de o chapéu, o casaco e todas as partes móveis do vestuário do doutor terem sido amarrados por cordéis, e os meus o mesmo por lenços, lutámos até ao convés e, de braço dado, cambaleámos ao longo deste, na noite anterior ao nosso esperado desembarque, guiados por uma lanterna fixada numa vara levada na minha mão, até alcançarmos a ponte.

O capitão fora avisado da nossa vinda, e multidões de elementos da tripulação que podiam ser dispensados mantiveram-se à nossa volta.

A tempestade uivava, e a nossa lanterna balançava em ritmo com o balanço do navio. A leitura era impossível, mas transmiti a substância do papel que tinha para apresentar num grito rouco, acompanhado pelo coro do bramido dos ventos, após o que, e quando cerca de uma dúzia de braços fortes me tinham empurrado até meio dos degraus da ponte, houve uma aberta súbita e temporária, e um grande clarão de luar branco surgiu e brilhou em cheio no rosto do capitão, pelo qual corriam grandes lágrimas.

Ele pegou no papel das minhas mãos, guardou-o no peito e proferiu algumas palavras de profunda e patética gratidão, terminando com esta frase bem lembrada: “A si e aos nossos amigos todos, Sra. Hardinge, digo que este papel nunca mais me deixará, quer eu vá à deriva para a minha próxima estação no Céu ou no inferno.”

“Capitão”, respondi, “onde quer que seja a sua próxima estação, o capitão e eu ainda conversaremos sobre esta cena e sobre esse papel juntos nos portos do Céu, quando os nossos respetivos cursos na terra tiverem terminado.”

Nunca mais falei com o Capitão Halcro e, após desembarcar no dia seguinte em Nova Iorque, nunca mais o vi.

Ouvi dizer que alguns dos peritos da companhia a que o *City of Boston* pertencia declararam, quando este estava prestes a prosseguir na sua viagem de regresso, que a embarcação não estava em condições de navegar. Em resposta a esta afirmação, diz o boato que o Capitão Halcro dissera, na sua fraseologia sem cerimónias, que “levaria aquele navio para Liverpool ou para o inferno”.

Poucos dias depois, vi uma visão de um grande casco desmantelado e despedaçado de um navio ao largo, no mar. O sol poente parecia afundar-se vermelho e colérico no meio de bancos de nuvens negras empilhadas, rompidas de tempos a tempos em fendas maciças por relâmpagos difusos. No meio do casco negro e nu, vi a forma do Capitão Halcro de pé, sozinho, de braços cruzados, e com um desespero tão negro como a cena impiedosa ao seu redor no seu

rosto pálido como cinza. Ele parecia, na visão, ver-me, e fez como se falasse, mas as suas palavras perderam-se no meio de terríveis estrondos de trovão até que a cena medonha se desvaneceu dos meus olhos.

“O *City of Boston* está perdido; nunca mais se ouvirá falar dele.”

Estas eram as palavras agourentas que constantemente me saíam dos lábios quando o destino deste navio condenado era mencionado na minha presença.

Com demasiada certeza se concretizaram essas palavras imprevistas, o *City of Boston* nunca mais se ouviu falar dele, e nunca mais se ouvirá, exceto nos arquivos da eternidade. E contudo, nas eras que hão de vir, ainda antecipo que o Capitão Halcro e eu nos encontraremos novamente, quando ambos formos considerados suficientemente bons para entrar e saudarmo-nos nos portos do Céu.

O meu “Espiritualismo Americano Moderno” foi publicado no meio das mesmas lutas e provações que sempre assolaram o meu penoso caminho. Mais uma vez corri de ponto em ponto do poderoso Oeste, regressando a Nova Iorque e à casa dos meus mui queridos amigos, o Sr. e a Sra. Jackson (agora ambos santos no Céu), a tempo de dar a minha mão em casamento, no dia onze de outubro de 1870, ao meu mais amado, o mais amável, verdadeiro e querido dos maridos, com quem pouco depois regressei a Inglaterra no *City of Abyssinia*, e hoje vivo para abençoar sempre o tempo e o ato que me converteram de Emma Hardinge em Emma Hardinge Britten.

CAPÍTULO XIX

DE VOLTA À AMÉRICA

“Sabe bem, minha alma, a mão de Deus controla Tudo o que temes.”

Como o meu único objetivo ao escrever e, conforme fervorosamente espero, ao publicar em última análise estas memórias autobiográficas, é perpetuar a lembrança das personagens e acontecimentos notáveis que marcaram os primeiros dias do

Espiritualismo Moderno, em vez de egoisticamente me empurrar — um mero instrumento no poderoso movimento — para um destaque proeminente; assim recordarei apenas as minhas próprias experiências pessoais que parecerem essenciais para a melhor compreensão da grande causa com que estou há tantos anos publicamente identificada.

Após o meu casamento com o Sr. Britten, em outubro de 1870, tendo o meu bom marido e eu regressado a Inglaterra para ir buscar a minha querida mãe de volta para a América, estabelecemo-nos num agradável lar de campo perto de Boston, onde determinei estudar eletricidade médica, tanto como uma prática para mim e para o meu marido, e com vista a eliminar a necessidade de eu deixar o lar para compromissos distantes de conferências.

Como a minha irmã, a Sra. Margaret Wilkinson, pouco depois se juntou a nós com o propósito de estudar eletricidade médica, e a nossa prática se tornou amplamente alargada e bem-sucedida, acabámos por nos mudar e estabelecer em Boston.

Como não me conseguia conformar em abandonar a minha longa e altamente apreciada defesa pública da causa do Espiritualismo, o meu marido alugou o “New Era Hall” em Boston, onde continuei a dar conferências espirituais todos os domingos à noite.

Como a minha irmã, a Sra. Wilkinson, após estar connosco algum tempo, acabou por se sentir obrigada a regressar a Inglaterra para se juntar novamente ao marido, que não podia deixar o seu compromisso lá, e a nossa querida e agora idosa mãe requeria a tranquilidade e o isolamento do lar, desfizemos finalmente a nossa prática de Boston e levámos a nossa amada mãe para Inglaterra, para ali descansar e viver pacificamente com a minha irmã e o marido desta.

Após a despedida destes entes queridos, o meu marido e eu acabámos por regressar a Boston e, dali, prosseguimos para preencher um compromisso que há muito me pressionava para realizar conferências para promover a honrada causa do Espiritualismo na Austrália, sendo a nossa única condição que, ao passar através dos Estados Unidos e ao embarcar na Califórnia, permanecêssemos em cada secção do país que atravessássemos o tempo que

considerássemos benéfico para o movimento que tanto estimávamos no coração.

Durante um prolongado curso de conferências na Califórnia, o meu marido geriu as minhas reuniões, estando a antiga associação amável e unitária do puro Espiritualismo infelizmente dividida em cliques e partidos desunidos.

Durante a nossa viagem por terra para a Califórnia, parámos por convite especial dos chamados Gentios da Salt Lake City, Utah, onde dei um curso de conferências para o grande corpo de dissidentes do Mormonismo, muitos dos quais se tinham tornado fervorosos espiritualistas.

Poderia, de facto, revelar um relato pungente da injustiça, do desgosto e, muitas vezes, das mortes misteriosas que se abateram sobre as infelizes mulheres que vinham para aquela terra de horrores baseadas na vaga mas falsa representação de que iam para um Reino do Céu na terra. Se há alguma filosofia oculta na antiga fábula clássica “de que os alicerces do Céu estão lançados nas profundezas do Inferno”, então as vítimas da licenciosidade do homem atraídas para o Inferno de Salt Lake City, como o conheci em mais de uma visita precoce aos seus românticos arredores, devem seguramente ser os degraus pelos quais muitas mulheres desafortunadas, com os pés a sangrar e o coração partido, alcançaram as portas do Paraíso.

Foi em 21 de janeiro de 1878 que o meu marido e eu embarcámos da Califórnia no navio a vapor *City of Sydney*, rumo à Austrália.

Após uma viagem agitada e uma curta visita às Ilhas Sandwich e à Nova Zelândia, desembarcámos em Sydney, Nova Gales do Sul, a 19 de fevereiro de 1878.

Em Sydney fomos recebidos e acolhidos por muitos fervorosos amigos do Espiritualismo, entre os quais destaco com eterna e grata lembrança o bom Dr. Bowie Wilson, agora um habitante da vida superior, o Sr. Henry Gale e muitos outros devotados ao trabalho que vim realizar. A pedido destes bons amigos, concordei em permanecer com eles por duas ou três semanas antes de prosseguir para Melbourne.

Os nossos amigos ajudaram o meu marido no aluguer de salões e na organização de um curto curso de conferências altamente bem-sucedidas, após o qual, com a promessa de regressar por um período mais prolongado, nos despedimos dos nossos calorosos amigos de Sydney e, embarcando de novo, fizemo-nos a caminho de Melbourne, na Província de Vitória.

Chegámos a Melbourne, segundo pareceu, numa conjuntura auspiciosa. O Sr. Thomas Walker, um jovem inglês que, na ausência de missionários mais polidos, se vinha distinguindo nas Colónias como orador em transe, fora desafiado para um debate com um certo Sr. Green, um clérigo, aderente de uma das centenas de seitas alinhadas sob o estandarte do Cristianismo e, como a maior parte da sua profissão, um devoto crente no Espiritualismo Antigo e um não menos feroz opositor do Espiritualismo Moderno.

A noite da nossa chegada a Melbourne era a terceira ocasião em que este debate se continuava, e os nossos amigos, considerando que seríamos ouvintes interessados nos procedimentos, pressionaram-nos a assistir à reunião. Havia uma enorme assistência no salão, e fora anunciado que o debate terminaria naquela noite. O interesse excitado pelo tema discutido e a capacidade dos oradores de ambos os lados eram tão grandes, contudo, que quando o Sr. Green pediu um adiamento por mais duas noites, a proposta foi aprovada com aclamação.

Na quarta noite deste debate, e a segunda da nossa assistência no salão, o Sr. Green estava evidentemente preparado para proferir algumas observações de encerramento, cuja antecipação parecia prefaciara a derrota iminente tanto do Sr. Walker como dos seus apoiantes. O golpe esperado, contudo, ficou reservado para a última parte da noite, quando o Sr. Green, começando a sua peroração com muitos comentários sobre a capacidade do seu opositor e o seu próprio lamento por ser obrigado a esmagar contra a terra um antagonista simultaneamente tão zeloso e capaz na defesa do que acreditava ser a “verdade divina”, acrescentou que, a bem da religião, da boa moral e da boa cidadania, se sentia obrigado a ler uma carta, cuja cópia recebera impressa.

A carta vinha, disse ele, de Nova Iorque, o próprio berço do Espiritualismo e a terra em que milhares de espiritualistas prosperavam, em comparação com as dezenas de qualquer outro país. Acrescentou que a carta que ia ler vinha de um médico erudito e educado de Elevado estatuto na cidade de Nova Iorque, alguém que fora a dado momento um aderente do Espiritualismo, mas que se vira obrigado a abandonar essa causa pelo facto de a mesma estar associada a abominações, igualmente ruinosas para a moralidade, a decência, a honra e a boa cidadania.

Sem esperar para ouvir o suspiro geral de horror que esta peroração excitou, o cavalheiro prosseguiu com a leitura de uma carta na qual todas as acusações acima mencionadas eram imputadas à massa geral, embora não às personalidades dos espiritualistas. Ele (o autor) declarava que quase todos os instrutores espirituais, pregadores e médiuns viviam na infâmia com outras esposas e maridos que não os seus; eram frequentemente conhecidos por se sentarem em círculos nus e eram de tal modo infames que eram evitados por qualquer cidadão decente. A carta estava assinada por um bem conhecido e determinado médico de Nova Iorque, mas sem outro endereço.

A leitura deste documento de um doutor, alguém que alegava ser de “elevado estatuto”, e vindo de Nova Iorque, o foco e centro do Espiritualismo do Novo Mundo, produziu um efeito tão assombroso na assistência que uma espécie de terrível paralisia caiu sobre toda a assembleia, remetendo-a a um silêncio de morte e impedindo a pronunciação de uma palavra ou som. Após o primeiro choque de surpresa e horror ter subsistido, o Sr. Green sentou-se, parecendo prostrado e cobrindo o rosto com a mão.

Após mais alguns minutos de um silêncio profundo e agourento, o Sr. Walker ergueu-se, com um semblante de uma palidez cinzenta. Disse que acabara de chegar de Inglaterra, onde o Espiritualismo era tão popular entre a nobreza e as melhores classes da sociedade como o Cristianismo; que ele próprio nunca estivera na América e nada sabia da América, do seu povo, hábitos ou costumes; além disso, como estava inteiramente desprevenido para a natureza da carta que fora lida naquela noite, tinha de pedir permissão para adiar a apresentação da sua resposta até à noite seguinte, momento em que o debate havia de

terminar. Sendo concedida a este pedido uma espécie de anuência muito informal e murmurada, a reunião encerrou-se, e isto de uma forma terrivelmente agourenta e desconcertada.

Nesse mesmo dia, o meu marido e eu tínhamos sido convidados pelo Sr. Watson, de Yarra Grange, Melbourne, para ir para a sua casa e passar duas ou três semanas com ele, com a sua querida esposa e com a sua encantadora família. (Interrompo aqui a conclusão da minha narrativa para dizer que a nossa visita de duas ou três semanas se estendeu por todo o período da nossa primeira residência em Melbourne — a saber, dez meses, durante os quais muitas vezes pedimos que nos fosse permitido aliviar o nosso querido anfitrião e a anfitriã dos seus visitantes, mas eles próprios e os seus doces filhos levantaram todos uma rebelião tão terrível contra a nossa pretendida partida que por força tivemos de ficar.)

Para regressar, contudo, ao assunto em mãos, isto é, ao tremendo raio que foi a carta do Sr. Green acima aludida. Tendo explicado detalhadamente aos nossos amigos em casa como o caso realmente se apresentava, pedi permissão para passar a noite a escrever uma declaração, cuja suma era a seguinte:

Falei, em primeira instância, de uma jovem rapariga do campo que, aos quinze anos de idade, fora descoberta pelo Professor Mapes, de Nova Iorque, como sendo um dos mais finos médiuns de transe da época. Com a ajuda de alguns outros ilustres cientistas interessados no Espiritualismo, esta jovem rapariga foi introduzida ao público de Nova Iorque, onde os seus admiráveis discursos em transe eram o espanto e o deleite de todos os que a ouviam.

Muito em breve esta jovem e bela rapariga, sendo, como é óbvio, um sujeito psicológico altamente suscetível, foi encontrada por um velho magnetizador astuto e experiente de mais de cinquenta anos de idade, e por ele foi facilmente persuadida a tornar-se sua esposa, sob a garantia de que, com a gestão dele, ele a poderia colocar em breve na posse de uma grande fortuna. Este homem levava-a de terra em terra, desempenhando o papel de seu empresário, cobrando preços exorbitantes pelo espetáculo, mas mantendo-a a trabalhar de tal modo arduamente que a pobre rapariga se via frequentemente compelida a

aparecer em público quando estava francamente a fraquejar com a fadiga e a indisposição. Mas isto não era tudo. Tivesse este homem algum direito legal ou não ao título de Doutor que assumia, o certo era que era conhecido em Nova Iorque como um homem de carácter notoriamente mau, associado de cortesãs e um aventureiro sem valor.

Pouco depois do malfadado casamento da infeliz rapariga com este miserável, começaram a circular relatos do seu tratamento brutal para com a sua vítima. Até que ponto estes relatos eram sustentados por testemunho direto pode ser mostrado no seguinte incidente:

Um cavalheiro, em viagem por negócios profissionais, ficou retido uma noite em New Haven, Connecticut, e dirigiu-se ao principal hotel, o Tontine House, para pernoitar. Enquanto estava a ler na sala de café, ouviu um som invulgar de vozes no corredor exterior, no qual uma voz feminina aparentemente angustiada tomava parte. Ao sair para indagar o que se passava, encontrou a estalajadeira do hotel em colóquio com uma jovem mulher muito interessante que, com muitas lágrimas, suplicava permissão para obter abrigo no hotel naquela noite e proteção contra um marido brutal, de quem acabara de fazer a sua fuga e de cuja violência considerava que a sua vida corria perigo.

Quando o cavalheiro indagou mais profundamente sobre o assunto, descobriu que a infeliz suplicante não era outra senão a Sra. Cora Hatch, a esposa do empresário espiritualista, como era chamado, e foi por instigação urgente do cavalheiro que a infeliz vítima foi naquela noite abrigada e gentilmente protegida no New Haven Tontine House. Como o cavalheiro que assim interveio misericordiosamente para salvar uma delicada e jovem esposa do furor de um bruto não foi outro senão o Dr. Britten, o marido da presente escritora, o público que será chamado esta noite a escutar a leitura deste papel pode interrogar o Dr. Britten à sua vontade quanto à verdade ou erro da declaração acima estabelecida.

Basta acrescentar que as injustiças, crueldade e privações a que a infeliz esposa foi sujeita despertaram finalmente a indignação pública a tal ponto que o Professor Mapes, o Juiz Edmonds, os Drs. Gray e Hallock e vários outros líderes espiritualistas insistiram primeiro em

que a pobre jovem mulher fosse colocada sob proteção adequada e, depois, convocaram o monstro do seu marido a comparecer no Tribunal de Divórcio.

As alegações por conta da pobre esposa foram sustentadas por muitas testemunhas com tão abundantes provas de injustiça e maus-tratos que um decreto de divórcio foi concedido instantaneamente, e o nome do homem ficou de imediato marcado com a infâmia das suas práticas demasiado bem conhecidas. Estando ainda na posse dos milhares de dólares que a infeliz ex-esposa amealhara para ele, o indivíduo tentou descarregar a sua vingança contra todo o culto do Espiritualismo gastando o dinheiro dela a escrever, publicar e espalhar massivamente panfletos difamando a causa em ataques tão impessoais que nenhum indivíduo se podia agarrar aos mesmos como um caso para processo judicial, e foi um destes infames e cobardes documentos que o Sr. Green achou por bem ler como uma representação autorizada do Espiritualismo; enquanto o seu eminente médico de Nova Iorque não era outro senão o notório e grisalho pecador — marcado com a infâmia no Tribunal de Divórcio de Nova Iorque — chamado “Dr. Hatch”, outrora marido da pobre Cora Scott. Pela verdade destas revelações, acrescentei que estava disposta a remeter para o Juiz do Tribunal de Divórcio e para quaisquer doze dos mais respeitáveis cidadãos de Nova Iorque. Quanto ao tom moral geralmente elevado, respeitabilidade e carácter imaculado de todos os espiritualistas conhecidos de Nova Iorque, estaria disposta a procurar o testemunho sob juramento do atual Presidente da Câmara e de qualquer número de pessoas que exercessem cargos na cidade de Nova Iorque a quem se considerasse desejável recorrer.

Esta declaração assinei-a, acrescentando à mesma, por permissão do Sr. Watson, o seu endereço. Também expressei a minha disposição para testemunhar esta declaração sob juramento perante qualquer magistrado ou outra autoridade selecionada de Melbourne.

Imediatamente após o pequeno-almoço na manhã que viu este papel concluído, nós, isto é, o Sr. Watson, o meu marido e eu, fomos de carro até à casa em que o Sr. Walker estava aquartelado. Introduzida na sua presença, li-lhe de imediato a declaração que escrevera. O Sr. Walker, que era uma personagem jovem e

aparentemente um tanto impulsiva, quase saltou até ao teto de deleite com a prova que assim lhe era fornecida e pegou avidamente no papel com o propósito de o copiar pela sua própria letra antes da reunião da noite.

Nessa noite, a assistência no debate foi maior do que nunca; de facto, grandes multidões juntaram-se em redor da porta, incapazes sequer de obter lugar de pé. Se era com o propósito de ver a derrota final dos espiritualistas, não sou capaz de dizer. Julgo que esta ideia era a prevalecente, visto que o meu marido recomendara estritamente ao Sr. Walker que não soprasse uma palavra sobre as revelações pretendidas a nenhum ser humano. Como o Sr. Walker nunca estivera na América, e nós só nos tínhamos encontrado com ele pela primeira vez nessa manhã, certamente pareceu que a nossa chegada a Melbourne fora igualmente providencial e oportuna para ele e para a causa que defendia.

Quando o debate se abriu, pareceu que ambas as partes assumiram um tom invulgarmente calmo, para não dizer humilde. O Sr. Green exhibia toda a magnanimidade de um vencedor generoso, alguém que estava demasiado seguro e demasiado ciente do seu triunfo para pressionar mais o seu pobre adversário vencido; enquanto o Sr. Walker, com mais tato do que aquele que lhe poderíamos ter creditado, parecia, na sua maneira tranquila e contida, anuir na sua derrota.

Foi apenas quando o Sr. Green concluiu um longo discurso, no qual alegava que a terrível carta da noite anterior fora lida por ele apenas como um clérigo e o campeão da virtude pública, que o Sr. Walker, num tom muito suave, na sua resposta, anunciou que também ele tinha uma carta para ler, uma que recebera de uma parte que até essa manhã fora um total desconhecido para ele; ainda assim, a carta, disse ele, falaria por si mesma. Prosseguiu então, numa voz firme e clara que ecoou poderosamente por toda aquela compacta assembleia, com a leitura da carta, cuja substância dei acima.

À medida que a leitura avançava, o Sr. Walker era interrompido por murmúrios ocasionais de “Oh!” e outros sinais de simpatia e de indignação. Estes adensaram-se com o avançar da leitura, até que, ao

seu término e após a oferta de referências, etc., que eu fizera ter sido lida, uma tal tempestade de gritos, palmas e vivas, renovados uma e outra vez, ecoou por aquele edifício como eu, em toda a minha vida pública, nunca antes escutara. Quando, finalmente e com grande dificuldade, se obteve silêncio, o Sr. Green ergueu-se com o rosto pálido como a morte e disse, numa voz grossa e rouca: “E peço licença para perguntar, quem e onde está o autor dessa carta?”

“Aqui!”, gritou o meu marido, dando-me a mão para me erguer e erguendo-se comigo. “Pergunta quem é o autor dessa carta? Ela é a oradora do próximo domingo à noite no Prince’s Opera House. Pergunta onde está ela? Ela está aqui para responder por si mesma.”

“E para dizer”, acrescentei, “que se esta assistência nomear um comitê de inquérito sobre a verdade das declarações feitas nessa carta, eu facultar-lhes-ei todas as facilidades para esse inquérito e não tentarei deixar esta cidade até que as respostas sejam devolvidas.”

Mais gritos, mais vivas, e três vivas especiais agora para “Emma Hardinge Britten”, e agora para “Thomas Walker” seguiram-se, e passou muito, muito tempo antes que todos os esforços dos dois comitês da plataforma pudessem aquietar o clamor. Quando finalmente o silêncio foi obtido, o Sr. Green ergueu-se e, num discurso muito breve mas varonil e gracioso, disse:

Que era, tal como o seu amigo Sr. Walker, inteiramente desconhecedor da América ou dos acontecimentos americanos, exceto por relatos; que a carta que lhe fora colocada nas mãos fora dada a ele, e lida por ele, com toda a boa-fé; que não considerava que um comitê de inquérito fosse necessário, visto que a autora da carta do Sr. Walker estava presente, e as circunstâncias que ela narrara falavam por si mesmas, tal como a sua cândida oferta de abundante referência. Sob estas circunstâncias, ele, o Sr. Green, estava disposto a reconhecer a carta que citara como não provada e a considerar que, como ambos os disputantes tinham agido com perfeita boa-fé, o melhor rumo para eles era apertarem as mãos, em sinal de boa vontade mútua, e encerrarem o debate ali mesmo.

Não posso dizer que este discurso tenha sido recebido com quaisquer demonstrações de entusiasmo, nem mesmo quando os

antigos oponentes apertaram as mãos, enquanto as duas partes que agiam em seu nome como presidentes dos seus comités trocavam observações elogiosas sobre os seus respectivos clientes, pareceu o encerramento do debate despertar de novo algo do seu interesse passado; em verdade, para falar candidamente, a coisa toda pareceu cair muito mais por terra no seu encerramento do que durante a sua continuação.

Não foi assim com a amável saudação que aguardava por mim, pelo meu marido e pelo grupo de amigos. Ao deixarmos o salão, uma verdadeira multidão de congratuladores se dirigiu a nós, assegurando-me que a minha carta fora o melhor anúncio possível que poderia ter sido dado para a minha reunião de abertura no domingo seguinte.

CAPÍTULO XX

AUNSTRÁLIA

“E sempre a verdade vem ao de cima, E sempre se faz justiça.”

Após a cena relatada no último capítulo, permaneci em Melbourne cerca de dezoito meses a partir do período do meu primeiro desembarque na cidade, realizando conferências todos os domingos à noite no Prince's Opera House para assistências que frequentemente totalizavam duas mil pessoas, enquanto uma ou mais conferências nos dias úteis à noite eram dadas noutros salões da cidade. Além das minhas conferências em Melbourne, falava frequentemente em St. Kilda, Gippsland, Ballarat, Geelong, Sandhurst e outros locais acessíveis a partir de Melbourne.

O Sr. Terry e a Associação Vitoriana prestaram-nos toda a assistência que podiam, de forma compatível com os seus próprios

deveres comerciais; a maior parte do trabalho de organização e condução destas reuniões, contudo, recaiu sobre o Dr. Britten, enquanto eu era chamada a dedicar quase todas as horas vagas a escrever respostas a correspondentes antagônicos da imprensa, cujas respostas sou obrigada a dizer que os vários jornais vitorianos sempre inseriam cortesmente.

Passando por alto qualquer nota detalhada da minha ronda habitual de deveres profissionais, na qual a escuridão e a luz, a tempestade e o sol, cada qual por sua vez, desempenhavam um papel tão conspícuo como as mesmas alterações sempre fazem na atmosfera física, referir-me-ei apenas aos poucos acontecimentos que exerceram alguma influência direta sobre a causa que eu estava empenhada em defender.

O primeiro caso notável digno de menção ocorreu assim: Após eu estar a realizar conferências há cerca de seis meses em Melbourne com invariável sucesso e perante imensas assistências, fomos visitados por um cavalheiro que se anunciou como cobrador para o Hospital de Melbourne, e o seu objetivo ostensivo ao telefonar era, se possível, induzir-me a dar uma conferência beneficente para os fundos dessa excelente instituição.

Ele representou a grande necessidade de ajuda financeira, as pesadas dívidas com que o hospital estava sobrecarregado e a necessidade de assistência para levar a cabo o trabalho benéfico a favor do qual ele pleiteava. Acrescentou que ele próprio assistira a uma das minhas conferências recentemente e, observando a enorme assistência nessa ocasião, não pudera deixar de telefonar na esperança de que eu devotasse os meus “maravilhosos poderes de atração”, como ele expressou, em benefício de tão nobre causa como a manutenção do Hospital de Melbourne.

Tanto o Dr. Britten como eu assegurámos ao nosso visitante que nada nos daria maior prazer do que dar uma ou mais, se necessário, conferências beneficentes em auxílio do hospital, mas repetimos então, e isto na presença de amigos que afiançavam a verdade do que tínhamos para relatar, como os espiritualistas, por ocasião de uma certa recolha do Domingo do Hospital, antes da nossa chegada, tinham

enviado a soma de oito libras da sua própria associação em auxílio dos fundos do hospital, e como essa doação fora desdenhosamente devolvida pela esposa do Bispo Perry, um dos administradores do hospital, com a insultuosa observação de que recusavam aceitar qualquer assistência de fontes infiéis como os espiritualistas.

Alguns dos nossos amigos presentes nesta entrevista acrescentaram que, embora o virtuoso Bispo e a sua senhora tivessem desdenhado o auxílio de um grupo de pessoas tão boas e tão religiosas como quaisquer outras na cidade, não se opuseram a aceitar dois espetáculos de beneficência por parte de grupos de *Negro Minstrels*, e tinham instituído um grande baile em benefício dos fundos do hospital, no qual se recolheram várias centenas de libras, cuja totalidade (com exceção de vinte libras doadas ao hospital) foi gasta em decorações, luzes, aluguer e banquetes.

Tudo isto o pobre cobrador admitiu, mas, ao mesmo tempo, alegou que a direção do hospital estava agora em mãos mais liberais, que a necessidade da instituição era urgente, e sentia-se confiante, pela natureza dos meus ensinamentos, de que eu não recusaria o auxílio que tão prontamente poderia conceder.

Respondendo-lhe a rir, disse-lhe que, desde que não me fosse exigido pintar a cara de preto, tocar as castanholas ou o banjo, ou ver o valor das entradas dedicado a danças e festas, teria o maior prazer em prestar a assistência gratuita que pudesse dar, em auxílio do Hospital de Melbourne.

Como um dos nossos mais estimados amigos pessoais, o Dr. Motherwell, estava ele próprio intimamente ligado à organização do hospital, cedo soubemos que o nosso visitante, o cobrador, fora severamente censurado por me convidar para dar uma conferência a favor do hospital sem a autorização da comissão; depois, que, embora a maioria da referida comissão fosse a favor da aceitação da minha oferta, a minoria, que era especialmente governada pelo seu presidente, recusou, sob o argumento de que não iam fazer do Hospital de Melbourne um "disfarce" para a publicidade das conferências da Sra. Britten.

Como era bem sabido em Melbourne que as minhas conferências se publicitavam plenamente a si próprias, e que não necessitavam de conferências de beneficência para serem usadas como um "disfarce" para as publicitar, a carta de rejeição rude que recebemos, recusando os meus serviços, o Dr. Britten levou-a imediatamente ao *Melbourne Age*, um dos jornais mais liberais da cidade.

Isto, juntamente com uma declaração escrita por mim sobre toda a história, do princípio ao fim, foi publicado, não só no *Age* mas também noutros jornais, e os diretores do hospital viram-se finalmente movidos, não sei dizer se por vergonha ou por que outro impulso, a enviar-me — como eu imperativamente exigi — um pedido de desculpas por escrito, e o pedido para dar a conferência conforme proposto, em benefício do hospital.

A isto acedi imediatamente, e como as melhores mentalidades da cidade estavam despertas pela injustiça que se tentara praticar contra mim, o resultado superou as nossas expectativas. Os diversos jornais da cidade comentaram em termos intransigentes o tratamento que tínhamos recebido, e inseriram gratuitamente os nossos anúncios da conferência de beneficência do hospital. Os nossos amáveis impressores contribuíram com cartões e avisos, e quando o Dr. Britten e o nosso amigo o Sr. Dempster visitaram o Presidente do Município e lhe expuseram a necessidade de assistência da comissão do hospital, ele generosamente perdoou a taxa habitual de vinte libras de aluguer pela utilização do grande salão nobre no qual eu iria conferenciar, e um dos melhores músicos da cidade ofereceu os seus serviços para tocar no grande órgão durante uma hora antes do início do discurso.

Devo acrescentar que, em vez de fazer do "Hospital de Melbourne um disfarce para o anúncio da minha conferência Espírita", selecionei propositadamente para esta ocasião especial uma das mais aprovadas conferências fisiológicas que costumava dar quando estudava como estudante de fisiologia e ciência elétrica. A conferência foi recebida com entusiasmo.

O vasto salão estava cheio a transbordar, e as taxas de admissão renderam mais de duzentas libras, todas elas entregues à comissão do hospital sem a dedução de um único cêntimo. De acordo com os

estatutos dessa instituição, estas somas de dinheiro doadas ao hospital davam direito ao meu marido e a mim a tornarmo-nos governadores vitalícios, cujos documentos registados estão em nosso poder até ao dia de hoje, assinados pela própria parte que primeiro rejeitou insultuosamente a nossa assistência.

O segundo acontecimento digno de nota que tenho a registar é a publicação de um pequeno volume da minha autoria, que tem tido uma circulação de muitos milhares de exemplares, e se intitula "As Fés, Factos e Fraudes da História Religiosa".

As circunstâncias que motivaram a publicação desta obra foram as seguintes: Após as minhas primeiras conferências inaugurais explicando a história, os princípios e a filosofia do Espiritualismo, o público foi convidado a nomear uma comissão de cinco cavalheiros de entre os presentes, os quais, segundo o meu costume habitual, tinham permissão para seleccionar o tema para a conferência seguinte. Durante muitas semanas seguintes a esta disposição, os temas escolhidos foram invariavelmente ou sobre, ou em ligação com, a origem de diferentes fés antigas e as suas relações com as doutrinas e reivindicações posteriores estabelecidas para o Cristianismo e o seu Fundador.

Diante das revelações surpreendentes assim trazidas ao conhecimento do público, os antigos aderentes de um certo "Reverendo cavalheiro", cujas congregações tinham diminuído sensivelmente desde que as reuniões de domingo na Ópera do Príncipe começaram, foram instados a responder, e até a debater e a confundir, as afirmações iconoclastas da conferencista infiel.

Ao princípio, o referido reverendo escarneceu da ideia de notar, quanto mais de debater com uma pregadora mulher, contentando-se em citar a famosa recomendação de Paulo para que as mulheres se mantivessem em silêncio nas reuniões, etc. Quando, porém, o Curador de almas descobriu que o seu povo não se calava com a lógica paulina de há dois mil anos, nem estava disposto a permanecer seu aderente por mais tempo do que aquele em que ele os conseguisse convencer de que a ousada mulher pregadora infiel estava errada, além de ser ousada, o douto cavalheiro publicou um panfleto, no qual reconhecia os anúncios históricos dos vários "Messias", "Avatares", "Filhos de

Deus" e "Cristos", que se dizia terem precedido a aparição de Jesus de Nazaré, e as admiráveis semelhanças das suas histórias e ensinamentos com as do Nazareno.

MAS QUE IMPORTA ISSO? Todos estes Messias Pagãos, alegava ele, eram mitos, todos "expetativas", ou, por outras palavras, profecias do último mas único Cristo REAL e original; e Jesus de Nazaré (mesmo sendo o último de todos) era o especial para ser adorado COMO "O FILHO UNIGÉNITO DE DEUS".

Por agora não tenho outros comentários a fazer sobre este curioso estilo de argumento e precisão histórica, exceto dizer que, para meu conhecimento seguro, muita gente não acreditou nisso e que, felizmente, o engenhoso "Reverendo" encontrou numa certa cidade da Inglaterra cristã, a saber, Manchester, uma congregação de crentes mais confiante e mais facilmente satisfeita do que a que os astutos Colonos lhe proporcionaram.

O resultado das circunstâncias acima descritas, no entanto, foi a publicação do meu "As Fés, Factos e Fraudes da História Religiosa", impresso em Melbourne, e em conformidade com as seguintes palavras introdutórias: —

"Incentivada pela tendência óbvia do sentimento popular, as conferências da autora foram necessariamente direcionadas para investigações analíticas sobre a origem das crenças religiosas, a sua natureza, autenticidade e as evidências que o eclesiasticismo poderia trazer para provar o seu direito de dominar a mente humana.

As proposições assim suscitadas envolviam muitas afirmações surpreendentes e revolucionárias, e como o limite dos discursos improvisados dificilmente permitia a citação de numerosas testemunhas fidedignas, a autora compreendeu o dever de fornecer aos seus muitos ouvintes confiantes algumas definições sumárias e acessíveis dos principais pontos contidos nas suas conferências teológicas, juntamente com uma tal massa de testemunhos corroborativos, e referências a autoridades reconhecidas, que colocassem os meios de verificação ao dispor de cada leitor. . . . Tanto quanto possível, apontaram-se claramente os meios mais acessíveis de consultar os autores citados, e embora apenas uma décima parte da

matéria digna do estudo do verdadeiro pensador tenha sido abordada, a autora sente-se confiante de que a soma do que já foi dado bastará para apontar o caminho para a realização de FÉS mais puras e FACTOS mais duradouros do que a história religiosa poderá jamais fornecer à humanidade sob a capa especiosa da autoridade clerical e o tremendo manto daquele mistério que é o baluarte da FRAUDE sacerdotal e da impostura eclesiástica."

Não devo omitir a menção de que tivemos a nossa quota-parte de experiência em viajar pelo mato australiano, bem como pelas cidades movimentadas. Antes da nossa segunda visita a Sydney, o Sr. Wilson, um cavalheiro de posses e um devoto Espírita, instou connosco fortemente para que fizéssemos a nossa viagem por terra em vez de por água, pedindo também que eu parasse para dar conferências em seis diferentes cidades do mato que mencionou, para as quais ele se comprometia a assumir todos os preparativos, bem como as despesas, além de me pagar justamente pelos meus serviços.

Como não havia meios de viajar pelas regiões que ele selecionara, a não ser em pesadas e velhas diligências americanas, por estradas terríveis, calcadas ou esburacadas por carroças, bois e pastores de ovelhas, ou pelos célebres salteadores do mato; como cada vala ou poço de água pelo qual a diligência e os cinco cavalos tinham de nos arrastar estava cheio de cobras, e o famoso bando de salteadores de Kelly afetava particularmente as cordilheiras pelas quais tínhamos de passar, a perspectiva, por muito romântica que fosse, abria uma das aventuras mais ousadas em que creio ter participado.

Olhando agora para trás, para os perigos das nossas viagens selvagens e as indescritíveis fadigas que tivemos de enfrentar, posso honestamente afirmar que me pergunto como sobrevivemos ambos para levar isto até ao fim.

O nosso último local de paragem foi Albury, onde encontrámos e fomos mui gentilmente recebidos pelo Sr. Phillippi, um grande viticultor e produtor de vinho, e um cavalheiro de elevada cultura Espírita. Neste, como em todos os nossos locais de paragem anteriores, fomos bem recebidos, animados por excelentes públicos, e

muitas vezes arrepiados pela narração das misteriosas e selvagens experiências de que estas regiões remotas pareciam estar repletas.

Alguns dos assombradores Espíritos terrenos dos aborígenes indomados, dos selvagens salteadores do mato, ou os espíritos, ainda não desenvolvidos, de criminosos condenados, encontrei-os muitas vezes, e a sua presença deu-me boas razões para compreender a verdade das afirmações dos meus sábios amigos Espíritos, no sentido de que o mundo dos Espíritos é aqui; que é o reino de ser etéreo, purificado e sublimado que permeia este planeta e se estende em zonas e cinturões até tocar as esferas espirituais dos seus planetas vizinhos no espaço.

Assim, não tive dificuldade em explicar a inundação de Espíritos selvagens e criminosos que assombravam estas montanhas, cordilheiras e cenários do mato australiano, todos preenchidos pelas partes especiais das esferas espirituais habitadas pelas almas presas à terra daqueles que outrora tinham sido (como raízes ou plantas) habitantes destas regiões particulares.

De Albury tivemos de prosseguir, numa terrível viagem de diligência de noventa milhas, até Wagga Wagga, a estação a partir da qual esperávamos apanhar o comboio para Sydney. Foi uma viagem terrível esta. Ouvimos falar de mais do que um viajante cujos miolos tinham sido desfeitos contra o tejadilho das diligências quando estas eram mergulhadas ou arrastadas para fora dos poços de água que ponteavam a estrada medonha.

A *via dolorosa* chegou finalmente ao fim, e quando alcançámos a rude e selvagem estação chamada Wagga Wagga, o grande entreposto de comércio de gado daquela região, os nossos membros cansados e cabeças exaustas encontraram abrigo num hotel que ficava exatamente em frente a uma rua na qual se encontrava a memorável casa, com portas fechadas e janelas de portadas de uma loja, sobre a qual estava inscrito em grandes letras pintadas: "ARTHUR ORTON, TALHO".

Esta casa, informou-nos o nosso hoteleiro, estava deserta. A sua má reputação foi obtida por ter sido a residência e o local de negócio daquele Arthur Orton, um homem de baixa origem, que as pessoas

daquela região, mais familiarizadas com o seu caráter, acreditam ter-se feito passar junto do público inglês por Sir Roger Tichborne.

Quanto mais investigávamos esta história, pior ela parecia, e seria difícil persuadir os habitantes de Wagga Wagga de que o verdadeiro Sir Roger Tichborne, sobre quem se sabia que este Arthur Orton adquirira uma forte influência, não tivesse experimentado, mais cedo ou mais tarde, a habilidade do seu criado australiano no seu ofício de carnicheiro, deixando o Sr. Orton a personificar a sua identidade como *O RECLAMANTE*.

Daquele lugar solitário e desolado, cenário de tanto que era repulsivo, tanto nas associações como nos arredores, partimos em breve, apanhando o comboio que nos levou para Sydney. Aqui, alternámos novamente entre uma enorme quantidade de trabalho árduo profissional com excursões ocasionais — ora aos laranjais de Paramatta ou a alguns dos locais encantadores ao longo da bela baía de Sydney, ora à praia desolada e solitária, com apenas uma única casa nela, sobranceira a um mar agitado e revolto, e a uma região que se estendia para muito além da praia até lugares verdes tão cobertos de flores silvestres que valeram a esse lugar remoto o seu célebre mas sinistro nome de Botany Bay.

Entenda-se, contudo, que este lugar nunca foi, como erradamente se relata, uma colónia penal. A única casa de entretenimento público para visitantes que agora se encontra nas suas margens foi a única construção ali erguida, e essa é de data moderna. O local real da estação penal ficava a seis milhas de distância. Antigamente chamava-se Port Jackson, um nome demasiado odioso para ser tolerado depois de ter deixado de ser uma colónia penal, e por isso foi alterado para o seu atual título de Sydney.

Desta bela cidade partimos finalmente por entre mãos estendidas, não poucos rostos lacrimosos e as bênçãos murmuradas de queridos e sempre lembrados amigos, para cumprir o meu próximo e último compromisso em Melbourne. Mais uma vez entrei nos cenários de incessante luta e conflito mental que devem sempre acompanhar os pioneiros de uma reforma nova e, especialmente, impopular. Posso agora declarar calmamente, mas ainda solenemente, que os cenários

por onde eu e o meu ativo, enérgico, mas ainda assim profundamente sensível marido tivemos de passar nunca poderiam ter sido suportados sem o sacrifício da saúde, do ânimo ou da própria vida, se não tivéssemos sido ambos constantemente amparados, aconselhados e sustentados pela permanente alegria, sábio conselho e fortes mãos de auxílio dos nossos amados amigos Espíritos.

“*TUDO ESTÁ BEM QUANDO ACABA BEM!*” Todos os meus fiéis, sinceros e verdadeiros amigos reuniram-se em redor de mim com a mesma força de sempre; o público foi exatamente tão entusiasta como antes, e a minha reunião de encerramento e despedida na cidade foi honrada com a oferta que me foi feita de um magnífico suporte de ovo de emu, com o mais elaborado trabalho de escultura e ornamentos em prata, e uma rica lapiseira de ouro para o meu marido, sendo ambos estes nobres testemunhos oferecidos por uma querida senhora — a Menina Ricketts —, uma grande e boa filantropa, mais conhecida pelas suas caridades privadas do que pelas suas obras públicas.

Muitos dos estimados amigos que serviram para fazer da minha visita colonial uma série de triunfos públicos e de amizades sociais já passaram para a vida superior. Os nossos amados amigos o Dr. Bowie Wilson, o Sr. S. G. Watson (de Yarra Grange), o Dr. Motherwell, várias das doces crianças do Sr. Hugh Junor Brown, além de muitos outros prezados amigos, estão entre os rostos desaparecidos de que o mundo colonial sentirá a falta. O Sr. W. H. Terry continua a ser o trabalhador infatigável pela causa que tanto fez por fundar e sustentar; enquanto o Sr. H. Junor Brown, com a sua amada esposa e a família restante, dão o seu nobre testemunho e honrados nomes para sustentar a grande causa através da sua influência pessoal e belas contribuições literárias.

Baste dizer que, na terça-feira, 8 de abril de 1879, o meu marido e eu embarcámos no navio a vapor *Albion* e, rodeados por um grande grupo de amáveis e simpáticos amigos, dissemos-lhes um adeus afetuoso e às margens da Austrália para sempre na terra, enquanto navegávamos para o paraíso dos Mares do Sul — a Nova Zelândia.

CAPÍTULO XXI

NOVA ZELÂNDIA

“E amplo e brilhante de cada lado, Estendiam-se as verdes encostas do país das fadas.”

Desembarcados nas margens da bela Nova Zelândia, e conduzidos oito milhas desde o nosso porto de desembarque até Dunedin, a principal cidade das três ilhas e o ponto de onde provinha a nossa correspondência profissional, descobrimos, como anteriormente nas nossas errâncias coloniais, que todo o nosso trabalho, fosse de estabelecimento residencial temporário ou de organização das nossas reuniões públicas, tinha de depender da nossa própria energia e esforços pessoais.

Ao contrário dos métodos bem organizados das boas sociedades americanas, não havia nenhuma casa de acolhimento para oradores, nenhum salão contratado, anúncios públicos feitos ou quaisquer meios preliminares de auxílio planeados. Todos estes passos tinham de ser dados pelo meu infatigável marido, e isto em terra estranha.

Alguns amáveis amigos Espiritualistas reuniram-se connosco e aconselharam-nos sobre em que hotel ficar e quais as perspectivas que poderia haver de sucesso nas reuniões de domingo, mas o salão teve de ser encontrado e um local de hospedagem organizado pelo próprio Dr. Britten antes que se pudesse dar um passo em frente. Mais tarde encontrámos muitos amigos que passámos a apreciar altamente em Dunedin, mas a nossa primeira entrada foi solitária e triste, e pensámos com saudade nos amigos de coração caloroso e enérgicos a cinco ou seis mil vezes milhas de distância, em Nova Iorque ou Boston, com muitos suspiros de arrependimento.

Elevando-se então, como sempre, face à situação, o Dr. Britten alugou o *Princess's Theatre* para as minhas conferências de abertura aos domingos à noite, tratou de fazer os anúncios, de imprimir os cartazes, providenciou um agradável local de hospedagem e, com um círculo sempre crescente de quem, por fim, se tornaram valiosos amigos, conferenciei durante alguns meses aos domingos à noite em Dunedin para grandes e entusiastas públicos, e nas noites de dias úteis noutros locais acessíveis.

O Espiritualismo não era, de modo algum, uma crença estranha na Nova Zelândia. O Sr. Peebles e o Sr. Charles Bright tinham ambos conferenciado em Dunedin com boa aceitação, e um dos colonos escoceses mais populares dessa cidade (maioritariamente habitada por emigrantes escoceses), o Sr. John Logan, que era não só um cidadão popular mas também um rico proprietário de terras do local, passara ali por uma curiosa experiência, de cujos detalhes me afastarei da narração das minhas próprias experiências especiais para dar uma breve descrição, citando a partir do meu “*Nineteenth Century Miracles*”.

“Entre os primeiros investigadores nas ilhas estava o Sr. John Logan, um colono rico e influente em Dunedin. Este cavalheiro, embora ocupasse uma posição elevada e digna na primeira Igreja Presbiteriana da cidade, não só ousara frequentar as rodas Espiritualistas instituídas entre muitos outros investigadores respeitáveis, como os relatos falavam dele como tendo-se tornado um excelente Médiun para comunicações Espiritualistas na sua própria pessoa.

A 19 de março de 1873, o Sr. Logan foi intimado a comparecer perante a Convocação da Igreja a realizar com o propósito de julgar o seu caso e, se necessário, lidar com a sua grave delinquência.

Até esta altura, a nobre esposa do acusado não o tinha acompanhado nas suas investigações Espiritualistas. Agora, na hora da provação, ela estava ao seu lado e escutou atentamente o desenrolar do procedimento prepotente de que ele era vítima.

A farsa de um julgamento moderno da ‘Câmara Estrelada’ terminou, como seria de esperar, com a condenação do Sr. Logan e a excomunhão dos benefícios e esperanças celestiais de que o Sínodo Presbiteriano afirmava ser o dispensador nomeado. Antes da dissolução desta tão fraternal assembleia de cristãos, a Sra. Logan, movida por aqueles ternos impulsos femininos que tornavam muito dolorosa para ela a rutura de laços outrora prezados de amizade e comunhão religiosa, levantou-se e, com toda a dignidade e seriedade que caracterizam esta estimável senhora, perguntou em tons vibrantes se não havia ninguém ali para falar por John Logan?

Nenhuma voz respondeu. De todos os antigos amigos e associados que tinham estado ligados a John Logan por laços de gratidão, bem como de companheirismo numa terra estrangeira, nem um único estendeu a mão para o amparar, nem um sussurrou uma palavra para mitigar a tirania insensata da sentença pronunciada sobre ele! Parecia que os raios de gelo de uma teologia dura e selvagem tinham fechado a humanidade fora dos corações dos presentes, tal como teriam fechado um bom homem fora do Céu por ousar seguir os ditames da sua consciência.

Mais uma vez, e ainda outra vez, a doce voz da corajosa senhora ecoou através do silêncio daquela multidão culpada na patética pergunta: ‘Não há ninguém aqui para dizer uma palavra por John Logan?’

Quando ficou plenamente demonstrado que nenhum renegado presente ousava quebrar aquele silêncio solene, a dedicada esposa, pegando no braço do seu marido, saiu do meio deles, dizendo ao retirar-se, nos seus próprios tons comoventes: ‘Este não é lugar para nós; vamo-nos daqui.’

E assim saíram, o bom John Logan e a sua nobre esposa — para fora da atmosfera sufocante do sectarismo criado pelo homem, para o ar livre da vida, luz e razão espirituais — para fora da noite do fanatismo, para a luz do sol da verdade de Deus — para nunca mais voltarem, mas, melhor ainda, para nunca mais trilharem caminhos separados na vida.

A partir daquela hora, a Sra. Logan resolveu investigar a fé que permitira ao seu marido resistir à multidão e provar como um só homem numa boa causa é mais poderoso do que uma hoste. Impressionada com a vil ingratidão daqueles que o tinham abandonado, e envergonhada da fé que assim desonrava os seus membros ao tentar desonrar o amigo deles, a Sra. Logan procurou e encontrou a fonte da força do seu corajoso companheiro, e não só descobriu que era verdadeira e boa, mas ela própria passou a ser uma ministra do seu influxo divino; e quando visitei Dunedin em 1879, encontrei a Sra. Logan não apenas firme na fé do Espiritualismo, mas

como uma das suas evidências mais marcantes nas suas próprias belas e convincentes fases de Mediunidade.”

Posso acrescentar que é igualmente meu orgulho e felicidade recordar que foi na residência e no delicioso círculo familiar do Sr. e da Sra. Logan que passámos algumas das nossas horas mais felizes em Dunedin. Neste lugar, o elemento escocês bom, sincero e enérgico predomina largamente; daí o notável e constante crescimento de Dunedin, o esmero das suas residências e jardins, e a espantosa indústria com que as suas montanhas são niveladas com belas estradas e adornadas com habitações palacianas.

Como já afirmei anteriormente, o Dr. Britten teve de gerir tudo por mim sozinho; suportar o peso de todas as despesas, o risco de cada empreendimento e a inteira condução das nossas reuniões, com raríssimas exceções. Amigos amáveis estavam sempre prontos a oferecer serviços, mas não eram daquela natureza bem praticada que nasce da experiência, e careciam de toda a força da ação associativa.

Quando se recorda que tínhamos de pagar preços enormes por salões, empregados, anúncios, bilhetes, cartazes e dísticos, pensão, alojamento, lavagem de roupa e somas fabulosas de despesas de viagem; quando tudo isto é levado em consideração, e com isso o facto de nos sentirmos obrigados a seguir o costume dos nossos predecessores e cobrar em geral taxas tão nominais nas nossas reuniões de domingo à noite como três pence, seis pence e um xelim, os meus leitores poderão adivinhar que os meus magníficos públicos de duas mil pessoas não podiam ir muito longe em exceder todas as exigências que nos eram feitas. Quando cada despesa tem de ser coberta pela atratividade do orador, e isto com as taxas de entrada mais insignificantes possíveis; quando esse orador chega, além disso, como um estranho aos costumes do lugar, e vindo de países onde os números associados assumem todas as responsabilidades, a necessidade urgente de auxílio organizado para missionários estrangeiros tornar-se-á imediatamente aparente.

Devo agora, mais uma vez, introduzir o nosso amigo cristão, o Sr. Green, à atenção do meu leitor. Não estava há muitos dias em Dunedin antes de descobrir que este irreprimível ministro da “Igreja

de Cristo”, como ele chamava ao grupo barulhento e totalmente anti-cristão de gente baixa que conseguia reunir onde quer que fosse, se tinha imposto a Dunedin e, com a ajuda dos seus nobres seguidores, estava tão desenfreado em impor as suas doutrinas ao público e em denunciar qualquer outra forma de crença que não a sua, como quando o encontrei pela primeira vez em Melbourne em debate com Thomas Walker.

Mesmo à minha chegada a Dunedin, este mesmo Sr. Green, que não estava ali estabelecido há muito tempo, tinha publicado uma série de conferências escandalosas sobre os frutos do Espiritualismo e, em prova da sua teoria de “Agência Satânica”, extraiu a totalidade das suas acusações das vidas, escritos, opiniões e práticas daqueles inúteis caçadores de novidades ou aventureiros de todas as classes que se enfiavam nas nossas fileiras; e embora sejam meramente os seguidores de acampamento ou abutres que sempre se encontram nas franjas de cada grande exército de reforma, são demasiadas vezes e prejudicialmente classificados como “Espiritualistas”.

O caminho que finalmente adotei, sob o conselho e orientação de bons e sábios amigos das praias do além, foi o seguinte: —

Conseguimos o maior e melhor salão de Dunedin. O Hon. Robert Stout, o nosso honrado e talentoso Procurador-Geral, foi o meu presidente, e, perante uma turba de uivantes seguidores cristãos do meu reverendo oponente e rodeada por uma multidão apinhada e quase frenética de pessoas excitadas, apresentei as seguintes definições da minha religião e fé no Espiritualismo.

1.º — O Espiritualismo prova, por um conjunto de fenómenos obviamente supermundanos, que um mundo de inteligência invisível está a comunicar connosco.

2.º — Demonstra, por uma imensa série de factos de prova apresentados em todo o mundo, sob circunstâncias que proíbem a possibilidade de conluio ou artifício humano, que as inteligências comunicantes são idênticas às almas de mortais que outrora viveram na terra.

3.º — Mostra, por coincidência universal nas comunicações, que cada alma viva está em julgamento pelos atos praticados no corpo, e

colhe os frutos da sua vida boa ou má na terra, em felicidade ou sofrimento no além.

4.º — Todos os espíritos comunicantes coincidem em declarar que a vida que sucede à dissolução mortal não é um estado final, mas um estado que manifesta inumeráveis condições de progresso;

e protesto enfaticamente que estas quatro proposições são a totalidade dos factos Espíritas que conhecemos, a totalidade do que está absolutamente provado, ou aquilo em que todas as imensas variedades de pessoas que integram as fileiras do Espiritualismo podem absolutamente concordar.

A totalidade da minha conferência, impressa sob o título de “*Spiritualism Vindicated and Clerical Slanders Refuted*” [O Espiritualismo Vindicado e as Calúnias Clericais Refutadas], está agora nas mãos de milhares de colonos e, por mais amarga que tenha sido a ocasião que a exigiu, agradeço ao Grande Espírito, cuja instrumentalidade evocou uma defesa tão cortante de uma causa tão eminentemente digna como o Espiritualismo.

Durante o meu curso de conferências em Dunedin, o Hon. Robert Stout, o Procurador-Geral e membro por Dunedin, considerou-se obrigado a opor-se, com toda a sua ampla influência, à introdução da Bíblia nas escolas públicas como um elemento necessário de educação. Os partidários deste movimento tinham sido enérgicos nos seus esforços para efetivar tal introdução. Os oponentes, chefiados pelo seu líder popular, o Sr. Stout (agora Sir Robert Stout), tinham sido igualmente persistentes na sua oposição, e foi neste estado de opinião dividida que a comissão da “*Free-thought Association*” [Associação do Livre Pensamento], da qual o Sr. Stout era o presidente, me solicitou que desse uma conferência sobre o assunto.

A assistência nesta ocasião foi avassaladora. A questão sob consideração foi, escusado será dizer, tratada do ponto de vista dos Liberalistas, mas a principal característica da ocasião foi a citação da própria Bíblia, como sua própria testemunha. Isto foi feito mediante a simples apresentação de cerca de setenta ou oitenta citações, nas quais o caráter e a coerência do Jeová judaico, a moralidade e a humanidade das ordens emitidas, e a concordância das passagens citadas com a

ciência e a cronologia foram plenamente exibidos, e isto baseando-se apenas no testemunho bíblico, sem comentário nem crítica.

No final da conferência, determinou-se imprimir e distribuir gratuitamente dez mil exemplares das citações bíblicas, e isto foi feito sem qualquer outra nota sobre os textos apresentados além dos simples títulos que os extratos ilustravam. A sensação produzida por este procedimento aumentou o efeito das discussões nos jornais e nas tribunas, e quando fomos finalmente compelidos a deixar Dunedin para cumprir outros compromissos, as senhoras que tinham sido as minhas mais indefetíveis amigas e apoiantes organizaram uma reunião de despedida na qual me presentearam com um esplêndido conjunto de adornos formados a partir do jade, ou “pedra verde”, tão altamente prezada pelos nativos que é considerada “sagrada”, engastada em ouro puro da Nova Zelândia.

Resistindo aos apelos de muitos amigos calorosos para fazermos a nossa casa em Dunedin, e até à oferta tentadora de uma casa e terras naquela bela cidade, despedimo-nos finalmente dos muitos amigos bem lembrados e mui prezados que ali encontrámos, e seguimos o nosso caminho para norte, em direção ao equador, para a Ilha do Norte.

Parámos por algumas semanas em Nelson, Wellington e Auckland, conduzindo em cada lugar os mesmos esforços de labor missionário com mais ou menos da mesma amável e amigável simpatia por parte dos numerosos Espíritas que encontrámos, e enfrentámos os mesmos conflitos com os oponentes da nossa causa.

Foi no último dia do ano de 1879 que voltámos a pôr o pé no solo dos Estados Unidos, desembarcando do *City of New York* em São Francisco, após uma viagem tão tempestuosa e perigosa que fomos incapazes de desembarcar as malas de correio e os passageiros habituais em Honolulu, trazendo também connosco o piloto que enfrentou a tempestade furiosa para nos alcançar e avisar que nos afastássemos da costa, e que perdeu o seu barco, com cinco magníficos jovens Canacas, arrastados pelo refluxo das águas fervilhantes, as quais, com toda a probabilidade humana, se tornaram a sua sepultura.

Faziam então dois anos desde que tínhamos largado a caminho daquelas terras que há poucos séculos eram consideradas as “partes mais profundas da terra”; a sepultura do místico Deus Sol; os reinos do fogo, da perdição e de todos os horrores que a imaginação febril da ignorância supersticiosa podia retratar. Entre as belas cidades e os habitantes de coração caloroso daquela outrora temida *terra incognita*, tínhamos passado vinte e dois dos meses mais repletos de acontecimentos da minha carreira como mensageira de alegres novas Espíritas, e como uma guerreira, mais do que uma propagandista, na poderosa guerra de uma fé fundada na verdade e em factos provados, em vez de uma derivada dos mitos, lendas e teorias da idade das trevas de há dois mil anos.

No dia em que desembarcámos novamente em São Francisco, fomos saudados pelos nossos estimados amigos o Sr. e a Sra. Foye. Através deles soubemos que pouca ou nenhuma mudança favorável ocorrera entre as fileiras desunidas dos Espíritas californianos. A crença na comunhão de Espíritos e mortais não podia deixar de estar em rápido aumento numa região fenomenalmente instruída por uma Médium tão inimitável como a Ada Foye, para já não falar dos muitos outros que, com diferentes fases de poder, exerciam os seus dons na direção de provas públicas. Quanto ao lado religioso e filosófico do movimento, os nossos amigos reconheciam dolorosamente que se encontrava numa maré mais baixa do que nunca. Fragmentado em pequenos grupos rivais e fações opostas, parecia que a minha mera aparição no cenário apenas bastava para unir os elementos discordantes o suficiente para determinar que, se não me podiam contratar para o seu serviço partidário, unir-se-iam pelo menos para se me oporem.

Foi em vista deste lamentável espírito de “governar ou arruinar” que a querida Ada Foye propôs que ajudássemos conjuntamente a dar um impulso mais alto e nobre à causa, realizando reuniões num bom salão. Eu conduziria os serviços de domingo de manhã e à noite, juntamente com certas reuniões a meio da semana à noite para responder a perguntas e realizar conferências. Nestas últimas, também aos domingos à noite, a Sra. Foye, então como sempre a melhor

Médium de prova da época, concordou em dar curtas sessões de prova.

Estes arranjos foram cedo concluídos entre nós, e posso aqui antecipar os seus resultados dizendo que foram levados a cabo durante alguns meses com um sucesso inabalável e a mais sincera gratificação para todos os envolvidos, quer como atores principais, gestores ou público.

Estávamos agora ausentes da minha querida e idosa mãe há mais de dois anos e, além de estarmos cansados de vaguear, ansiando pela casa, pelo descanso, e ansiosos por uma reunião com os meus poucos laços de parentesco restantes na terra, considerei mui desejável também que o meu bom marido fosse aliviado do labor incessante que a natureza da minha última série de compromissos lhe impusera. Como éramos sempre unânimes nas nossas visões sobre a ação futura, recusámos firmemente as ofertas que nos foram insistentemente feitas para nos estabelecermos na Califórnia, ou pelo menos para ali permanecermos por um período de tempo prolongado.

Após uma despedida final dos nossos estimados amigos, tomámos passagem pela Linha Férrea do Pacífico, parando apenas para cumprir breves compromissos em Salt Lake City, Nebraska, Rock Island e nas várias grandes cidades de permeio na rota do Noroeste para Nova Iorque, de onde era o nosso firme propósito embarcar logo no início do ano seguinte de 1881.

Como estou agora a encerrar todos os meus registos de viagens estrangeiras, e tenho mas pouco a dizer sobre os cenários de esforço muito mais limitados que o Espiritualismo pátrio oferece, posso com propriedade dedicar algumas palavras de introdução a outra personagem no drama da minha vida atarefada, que por muitos meses, desde a época de que estou a escrever, desempenhara o seu papel constante em todos os cenários por que tínhamos passado.

Este, o nosso invariável companheiro em toda a parte e em todas as ocasiões, não era outro senão uma ave australiana, um magnífico exemplar de Corela, uma ave da espécie dos papagaios, mas branca como o leite, com um belo colar de penas carmesim em redor do

pescoço e um grande círculo de azul-celeste em redor dos seus belos olhos pretos.

Comprámos esta ave numa exposição de todas as maravilhosas variedades das tribos emplumadas australianas no Salão Nobre de Melbourne, e fomos principalmente movidos a fazê-lo para agradar à nossa idosa mãe, que sempre expressara um desejo ardente de ter a companhia de uma ave que falasse bem. Além dos notáveis poderes de conversação do meu novo amigo Joe — ou, como ele próprio escolhia chamar-se, “o pobre Joey” —, ambos nos afeiçoámos calorosamente a ele devido à sua notável inteligência e ao seu apego apaixonado por nós.

É verdade que tivemos com ele todos os desconfortos de mudanças contínuas, viagens longas e largas, viagens oceânicas tormentosas e os perigos de viajar pelo mato em diligências, mas o nosso querido acompanhou-nos alegremente. Ele travou conhecimento com todos os marinheiros, cocheiros, guardas e empregados que encontrámos, e muitas vezes chamava-os pelo nome. Era um favorito universal, um excelente dançarino, apreciador de música, ao som da qual se movia e dançava num ritmo magnífico — em suma, se aquela criatura não tinha uma alma capaz de crescimento e aspiração, um intelecto suscetível de cultivo e um coração cheio de emoções ternas, chegando mesmo à adoração dos seus protetores, também nenhum destes gloriosos atributos, conforme exibidos no homem, constitui reivindicação à imortalidade.

O meu marido comprara o Joe para me agradar, eu desejara tê-lo para agradar à querida velha mãe em casa, mas ambos cedo aprendemos a amá-lo e a estimá-lo por si próprio e pelo seu brilho. Contudo, no meio de uma sucessão constante de perigos e dificuldades inerentes ao transporte desta ave, da sua grande gaiola e de uma caixa de mantimentos, era um conforto contínuo para nós ouvir a invariável garantia dos bons Espíritos de que “o Joe iria para casa, para a mãe, na Inglaterra”. Esta promessa foi especialmente animadora para mim durante as nossas últimas viagens tormentosas. Durante a nossa última passagem da Nova Zelândia para São Francisco, de sessenta belas aves australianas trazidas a bordo do

navio, apenas uma sobreviveu aos tormentosos e tempestuosos vinte dias de jargão das vagas, e essa única foi o nosso Joe.

Verdade é que o Dr. Britten descia constantemente ao porão onde ele e o resto das pobres aves eram mantidos, para o alimentar, falar com ele e confortá-lo, mas mesmo assim eu nunca teria esperado que ele sobrevivesse às outras cinquenta e nove não fora a reiterada garantia dos bons Espíritos.

Quando todas as provações e tribulações das nossas diferentes jornadas estavam, por fim, justamente terminadas e estávamos estabelecidos numa casa de hóspedes em Nova Iorque, uma provação ainda maior aguardava o nosso amigo emplumado. Os nossos senhorios e senhorias queixavam-se do estardalhaço do pobre Joe. Ele aprendera a imitar patos, galinhas, cães e a fazer todo o tipo de barulhos por sua própria conta. O meu querido marido estava com muito má saúde e, por mais exausto ou indisposto que estivesse, o Joe e a sua grande gaiola tinham de ser carregados para toda a parte.

Juntavam-se multidões ao nosso redor nas estações ou nos barcos a vapor para o ouvir e ver, e os repórteres vinham para o ver e escrever sobre ele. Não podíamos deixá-lo quando íamos de um lado para o outro e, à medida que a saúde do Dr. Britten se tornava cada vez mais débil, não só me sentia como se o pobre Joe estivesse a matar o seu bondoso dono, mas contemplava com perfeito terror as futuras dificuldades da passagem oceânica de regresso à Inglaterra com este terrível estorvo para um inválido. Neste dilema, visitei o Sr. Bergh, o nobre e justamente célebre amigo dos animais e o fundador das sociedades de proteção dos animais, as quais em Nova Iorque tornaram o seu bom nome imortal.

O Sr. Bergh escutou mui gentilmente a minha história e, em resposta ao meu pedido para que encontrasse um bom lar para o meu querido emplumado, prometeu fazê-lo imediatamente, especialmente porque conhecia uma senhora que acabara de perder uma ave que ela idolatrava.

Ela era a sua querida amiga, daria ao Joe um lar esplêndido e era simplesmente a melhor pessoa do mundo a quem o confiar. A entrevista encerrou com a promessa do Sr. Bergh de me escrever

assim que pudesse ver a sua amiga e combinar a transferência, visto que a senhora vivia a sessenta milhas de distância, subindo o Rio Hudson. O meu querido marido estava doente demais para me fazer objeções quando o informei do arranjo que eu tinha feito com o Sr. Bergh.

Ao longo do tempo, contudo, chegou a carta que me avisava de que, no dia seguinte, a futura proprietária do meu querido viria da sua casa para buscar o seu novo amigo. O Sr. Bergh, que me parecia um homem de negócios calmo mas determinado, acrescentou na sua carta que eu deveria embalar todos os pertences da minha ave, escrever a sua história, o que ele sabia dizer, e levá-lo na sua gaiola até à estação de comboios do Rio Hudson no dia seguinte, precisamente às três horas da tarde. Ele, o Sr. Bergh, estaria lá com a senhora para se encontrar connosco.

No dia seguinte, embalei a caixa de mantimentos da minha ave, escrevi a sua história e o meu marido, por mais doente que estivesse, insistindo em levá-lo (sabendo também, talvez, que a despedida quase me mataria), apanhou um táxi e, colocando o Joe e a sua bagagem lá dentro, partiu a tempo para o compromisso.

Quando o meu afetuoso e amado amigo dos últimos dois penosos anos se foi, quando o grito alegre de “Emma! Emma!” se calou, a voz divertida silenciou, e a criatura que subia pelo meu vestido, se sentava no meu ombro e me beijava uma e outra vez partiu, um grande, silencioso e medonho silêncio caiu sobre mim.

Pensei no quão cobarde eu tinha sido ao banir o ser que tanto me amava porque ele nos tinha incomodado. Durante uma hora caminhei pelo quarto silencioso, mui silencioso, numa profunda e absoluta agonia de remorso.

De repente, e pela primeira vez em alguns dias, lembrei-me das palavras dos Espíritos, tantas vezes repetidas: “O Joe irá para casa, para a mãe, na Inglaterra.” A lembrança destas palavras — talvez mais do que tudo o resto — agravou a amargura daquela hora e, nessa dor inextinguível, o pensamento de que os Espíritos me tinham enganado foi a fresta mais pungente de todas. No meu desmedido sofrimento e angústia, enquanto caminhava por aquele quarto, bati com o meu pé

rebelde e gritei (pensando apenas na falsa promessa dos Espíritos):
“Mentirosos!”

Foi precisamente nesse momento que ouvi o som bem conhecido da voz da minha ave, gritando nas escadas — “Emma! Emma!”

Correr para a porta, abri-la e encontrar o meu marido de aspeto pálido e desanimado, subindo penosamente as escadas com o Joe e a sua gaiola na mão, arrebatá-la de volta, abri-la e estreitar o meu querido contra os meus lábios, foi tudo obra de um único minuto.

Depois, voltando-me para o meu companheiro ainda mais precioso, perguntei: “Como é isto?”

“O Sr. Bergh nunca apareceu”, respondeu ele, “e aqui estive eu à espera dele quase uma hora, com uma multidão ao meu redor, a falar com o pobre Joe e a admirá-lo, na Estação de Comboios do Rio Haarlem.”

“O Rio Haarlem!”, gritei eu, “Esse é o lado errado da estação. É no Rio Hudson que o Sr. Bergh se ia encontrar contigo — o outro lado da estação, a um quarto de milha de distância.”

Era tudo verdade; o meu marido tinha confundido as minhas instruções e ido para o lado errado da imensa Estação Vanderbilt, e, como viemos a descobrir mais tarde, o Sr. Bergh e a sua amiga tinham estado à minha espera a um quarto de milha de distância, enquanto o meu marido e o Joe tinham estado a esperar debalde por ele noutro lado do local de encontro.

Mais uma e outra vez perguntámos um ao outro: seria tudo isto mero acidente? Seria tudo isto acaso? Os próprios lamentos dos ventos, as vozes da natureza, os clamores corais da poderosa cidade — tudo respondeu: Não! Os sussurros baixos, mas nunca confundíveis, de amigos anjos da vida do além responderam: “NÃO!” E a minha própria alma tremendo e desconfiada apressou-se a juntar-se ao coral universal de inteligência ao meu redor e a afirmar que o erro aparentemente accidental era a execução providencial do ditame do poeta inspirado de que

“Há uma divindade que molda os nossos fins, Por mais que os esbocemos à nossa maneira.”

Nesse mesmo dia, após o meu tesouro me ter sido devolvido, um amigo visitou-nos e, descobrindo que por uma rara oportunidade eu estava livre nessa noite, perguntou-me se eu lhe faria o favor de ocupar o seu lugar como repórter no *Masonic Hall*, onde um prestidigitador ou ilusionista iria exhibir-se pela primeira vez, uma ocasião que o nosso amigo tinha prometido reportar. Concordei em fazê-lo e, por volta das oito horas, o Dr. Britten e eu entrámos no grande *Masonic Hall*.

Não havia lá muito mais do que vinte pessoas e, depois de nos sentarmos, pedi ao Dr. Britten para voltar à porta e trazer-me um programa. No momento exato em que ele me deixou, alguém me bateu no ombro e, olhando para cima, vi para meu espanto o Sr. Bergh. Eu não deveria ficar surpreendida com a sua presença em lado nenhum, visto que cada edifício público ou local de reunião estava livre e aberto para este benemérito e célebre reformador, mas vê-lo ali, naquela noite, e no preciso momento em que o meu marido e eu tínhamos estado a planear como melhor nos desculparmos com ele no dia seguinte por termos falhado o nosso compromisso — tudo isto, e a singularidade da minha visita a um tal lugar, como que de propósito para se encontrar com ele, surpreendeu-me de tal modo que todas as minhas desculpas preparadas foram lançadas aos ventos, e verti-lhe toda a minha história de uma só vez e sem reserva, terminando com a minha involuntária mas incontrolável declaração de que os “bons anjos tinham enviado o meu querido de volta para mim”.

“Acredito em si”, respondeu o meu companheiro alto e grave, em cujo rosto via agora as lágrimas de simpatia caírem céleres e espessas; depois, numa voz quebrada pela emoção, acrescentou: “Não sei o que me trouxe aqui dentro esta noite, exceto, suponho, para a ver e lhe dizer que o Joe lhe pertence. Fique com ele até que o sábio ordenador dos acontecimentos o chame daqui. E agora, boa noite.”

Fiquei com ele, fiquei com ele por mais doze anos, primeiro “levando-o para casa, para a mãe”. Muito pouco tempo depois do nosso regresso, essa bendita mãe encontrou um descanso mais alto e mais doce do que qualquer outro que o nosso amor lhe pudesse dar na terra, e quanto ao belo animal de estimação branco que lhe trouxemos

— a sua voz alegre está calada na morte, e a sua forma morta em desintegração repousa sob os arbustos do nosso jardim.

Mas agora, para a conclusão deste episódio aparentemente irrelevante; e, contudo, escrevo sobre ele porque sinto que envolve algumas ideias que estão indelevelmente fixadas na minha mente a respeito da filosofia da vida aqui e no além. Assim, abusarei da paciência dos meus leitores citando duas páginas da minha própria revista, “*The Unseen Universe*” (N.º 10), páginas 528 e 529.

Escrevendo sobre a notável inteligência da minha ave de estimação, tive ocasião de dizer: “O amor desta criatura por mim, tal como a sua singular inteligência, não conhecia limites. Ele seguia-me como um cão para onde quer que eu fosse. O seu posto favorito era no meu ombro, onde se sentava por horas, murmurando palavras suaves para mim enquanto eu escrevia. Não tenho vergonha de dizer que retribuía plenamente a sua afeição e, em mais do que uma ocasião, incorri no *anathema maranatha* de alguns dos meus conhecidos piedosos ao declarar que nenhum lugar no além seria o céu para mim a menos que eu pudesse encontrar o Joe lá.”

O Sr. Colville, nas nossas entrevistas ocasionais na América e neste país, tinha travado conhecimento com o Joe e, mais de uma vez, fora convidado pelo referido Joe a “tomar uma chávena de chá” com ele.

No domingo, 18 de setembro de 1893, o meu precioso animal de estimação terminou a sua carreira terrena, aninhado no lugar que mais amava — os meus braços.

Devo declarar que, por razões minhas, nunca mencionei a minha perda, fosse por palavra ou por escrito, a ninguém exceto aos meus amigos mais íntimos, e nenhum outro além destes tinha ouvido falar do assunto antes deste escrito. Pela primeira vez, creio eu, no meu conhecimento com ele, o Sr. Colville escreveu-me duas ou três semanas após eu ter perdido o meu animal de estimação. A sua carta vinha datada do Michigan e, embora não me pudesse dar nenhum endereço fixo nessa altura para onde lhe escrever, estava mui ansioso por saber de onde e de onde provinham aqueles sons, tão parecidos com a voz da minha antiga ave recordada.

No início de outubro, o meu querido Joey surgiu a esvoaçar ao seu redor, e os nomes de “Emma” e “Joey” foram uma e outra vez impressos no seu ouvido. “Ele parecia”, disse o Sr. Colville, “tão verdadeiramente comigo na minha casa na Rua Pembroke, e novamente em Baltimore, como quando o vi pela última vez consigo. O que significa isto?”

Não foi senão no novembro seguinte que o Sr. Colville foi a Nova Iorque e ali encontrou a Sra. Wallace, logo após o regresso desta de Inglaterra. O Sr. Colville mencionou-lhe a curiosa e irresistível impressão que tinha das visitas da minha pobre ave, altura em que a Sra. Wallace o informou, pela primeira vez, da partida dele, conforme creio e julgo saber, para uma outra e mais alta esfera de ser do que a terra.

Eu não cuidaria de me demorar tanto tempo sobre um mero episódio pessoal se não fosse o facto de encontrar, entre um grande número de pessoas instruídas — e não apenas Espíritas —, uma forte crença a ganhar terreno quanto à perpetuidade do ser em Espírito, mesmo nas formas mais humildes criadas na terra.

Mas pouco, pelo menos de grandes viagens ou interesse, me resta dizer, e talvez nada que valha a pena narrar sobre os meus últimos poucos anos de vida passados em Inglaterra. Sob a influência irresistível dos meus sempre sábios e amorosos amigos Espíritos, eu e o meu bom marido regressámos a esta terra a tempo de alegrar e confortar os últimos dias da vida da minha boa e fiel mãe, antes do seu termo no seu 94.º ano; contudo, por razões familiares especiais, embora de modo algum como uma questão de escolha pessoal, resolvemos passar os anos seguintes das nossas próprias vidas de rápido declínio em Manchester, Inglaterra, o lar dos raríssimos parentes dispersos que me restavam.

Ao visitar de novo Londres — a minha própria cidade natal —, descobri que muitos dos mais corajosos, melhores e mais eminentes dos primeiros pioneiros da causa Espírita na Inglaterra tinham terminado a sua carreira terrena e passado para mais alto, deixando na verdade poucos para preencher os seus honrados lugares. No entanto, como o meu futuro me parecia ser um dever solene de continuar o

registro do maravilhoso movimento Espírita em toda a parte, determinei, já que Manchester devia ser a minha atual esfera de residência, permanecer ali até ser libertada.

O último e, como confio, o final registro nas notas memoriais da minha vida posterior, sendo o mais triste e doloroso, será também o meu último. Reza assim: —

IN MEMORIAM

O Dr. William Britten partiu do seu lar, *The Lindens*, Rua Humphrey, Cheetham Hill, Manchester, Inglaterra, e entrou na vida superior após uma longa e dolorosa doença de mais de dois anos, a 24 de novembro de 1894.

A má saúde do Dr. Britten, causada por doença cardíaca, embora grandemente agravada por dificuldades pulmonares e hepáticas, foi suportada com a sua paciência habitual pelo sofredor que não se queixava, e ninguém além do seu médico assistente, o Dr. Leslie Jones, e da sua desolada e de coração partido esposa — aquela que agora escreve estas tristes linhas — soube jamais das noites de cansaço e dias de angústia que o paciente sofreu e suportou.

Quando finalmente o amargo fim chegou, o bom John Lamont, de Liverpool, veio officiar no habitual serviço Espírita e, embora os amigos convictos que compareceram fossem mas poucos deles Espíritas, toda a multidão ali reunida ficou profundamente tocada pela beleza e profundo significado religioso do serviço prestado.

Posso atrever-me a dizer que, durante os nossos vinte e quatro anos de vida de casados, tivemos mas um só coração, alma, bolsa ou propósito, nem posso recordar uma palavra de divergência ou indelicadeza que alguma vez tivesse passado entre nós.

O Dr. Britten era um homem que tinha viajado extensamente. Falava e escrevia em muitas línguas estrangeiras e era um cientista consumado em quase todos os departamentos do conhecimento terreno. Quanto a mim, a sua abandonada companheira da terra, resta-me apenas esperar e vigiar os ecos da sua amada voz de Espírito, ainda a encorajar-me, ainda a guiar-me, e ansiando por me juntar a ele, quando o grande Ordenador da lei eterna o permitir, na terra onde

os entes queridos separados se reúnem aos seus lamentados desaparecidos e onde as esperanças do antigo adágio se realizarão, de que “Os ímpios cessam de perturbar e os cansados descansam”.

Ou, ainda de novo, onde, com realizações ainda mais nobres da Divina Providência, as almas em luta da terra dão o seu passo seguinte na terra da luz e na sua aproximação às esferas do progresso eterno.

EMMA HARDINGE BRITTEN.

DESPEDIDA

Ao apresentar as precedentes páginas da autobiografia da minha mui querida irmã, a Sra. Emma Hardinge Britten, aos Espíritas de todo o mundo, não tenho nenhuma desculpa a oferecer. Toda a história, em cada detalhe, foi escrita e organizada por ela durante os últimos anos da sua vida, e eu (ao copiar para benefício dos impressores) respeitei escrupulosamente os seus desejos, a saber, que nada se devesse acrescentar ou retirar do manuscrito original.

Há muito mais de interesse e maravilhosa aventura na sua vida que se poderia ter contado, mas ela considerou que o que foi dado ao público é suficiente para trazer ao conhecimento daqueles interessados no movimento do Espiritualismo Moderno a maravilhosa orientação e poder exercidos sobre ela durante os muitos anos de contínuo labor árduo e propagandismo missionário pelos quais passou.

Ela incumbiu-me sagradamente de concluir a obra que ela própria planeava empreender antes de passar para o mundo dos Espíritos, onde ela ainda de forma fervorosa e fiel realiza a sua missão, ensinando e pregando aos Espíritos libertos que foram, por uma causa ou outra, impedidos de cumprir toda a sua carreira terrena.

A última parte da vida dela foi de tristeza e sofrimento, e mais especialmente assim, visto que o seu cérebro e espírito ativos ainda desejavam fazer o trabalho a que se habituara, e a pobre estrutura debilitada e a constituição gasta a impediam de levar a cabo os seus desejos. Os escritos tratam mais especialmente das suas experiências americanas e introduzem os nomes dos primeiros trabalhadores da causa; aqueles que, como ela, passaram por cenários e provações

(felizmente agora improváveis de serem reencenados) que dissuadiriam muitos dos trabalhadores atuais de ingressar na tarefa de propagar as verdades do Espiritualismo.

As experiências inglesas da Sra. E. H. Britten estão diante do mundo e na memória de quase todos os que agora vivem, e há tão poucos incidentes nelas que ela não achou conveniente introduzi-las nesta obra. Tenho, contudo, em meu poder uma vasta quantidade de notas literárias e da imprensa que são mui valiosas e interessantes, e que poderão, numa oportunidade favorável, ser coligidas e formadas num panfleto, se for considerado aconselhável fazê-lo. Envio agora o livro na sua viagem e confio que navegará suave mas seguramente para o porto no qual foi originalmente destinado a aportar. Aos muitos amigos que, na minha hora de luto e provação, enviaram a sua amável e afetuosa simpatia para mim, aproveito esta oportunidade para apresentar o meu duradouro e grato reconhecimento, e embora possa nunca encontrar muitos deles deste lado, encontrar-me-ei com eles e reconhecê-los-ei nas margens do progresso eterno; até lá, adeus.

MARGARET WILKINSON.

APÊNDICE

A pedido de alguns dos amigos e trabalhadores do movimento Espírita, anexeï a estes esboços autobiográficos alguns extratos de um pequeno panfleto publicado após o falecimento da Sra. E. H. Britten.

MARGARET WILKINSON.

In Memoriam.

Devolvemo-la a Ti, que na Tua sabedoria no-la deste por tanto tempo. A sua voz, calada nos planos inferiores do ser físico, despertará agora com doce cadência os ecos das esferas empíreas para as quais foi chamada. Não mais pisará ela estes caminhos terrenos com pés cansados; não mais vagueará de um lado para o outro em pressa ansiosa para espalhar as alegres novas neste plano dos vivos. Agora, nos reinos de matéria mais exaltada, pisará os caminhos brilhantes da paz eterna — regressando de tempos a tempos em esplendor angelical para abençoar este mundo pelo qual trabalhou

com alguma revelação mais sublime do que está para ser. Já não a vemos na carne; mas, com o semblante exaltado e iluminado por uma glória radiante, ela continua de pé para nos abençoar com a bênção dos seus pensamentos. E, como uma bela cadeia de pérolas, esses pensamentos estendem-se além da linha de fronteira, ligando os nossos corações ao seu.

Emancipada da doença desgastante, do cansaço do corpo, dos atritos e discórdias da luta terrena, ela ergue-se acima deles agora, triunfante na glória da nova revelação que irrompe na sua alma encantada, tal como a luz do sol desponta sobre o semblante do mineiro que emerge das entranhas da terra, onde, labutando em passagens subterrâneas, por entre as sombras projetadas pela sua vela tremeluzente, esteve privado da maior, mais brilhante e mais ampla beneficência das forças dadoras de vida do sol.

Oh! cantai pela glória que lhe adveio. Pegai nas vossas harpas, ó trabalhadores da terra, e juntai-vos ao cântico de glória daqueles que a saudaram no meio deles. Ela vai para eles como um conquistador vindo do campo de batalha. Ela matou as suas dezenas de milhares de erros e superstições. Encontrou o seu oponente no caminho e venceu-o. Agora, ao choque das armas sucede a nota marcial de triunfo e o alegre cântico de louvor. Os céus guardam para ela as glórias que ela armazenou. Ah! eles esperaram muito para se encontrarem com ela. De longe e de perto vieram saudar a sua alva alma; quando, partido finalmente, o débil cordão cedeu e, elevando-se livre, já não presa ao corpo que deixara de ter utilidade, ela emergiu para a plena e desperta realização da glória que muitas vezes vira vagamente.

Do norte, sul, este e oeste eles reuniram-se, esperando por aquele período momentâneo em que ela, que lhes anunciara o evangelho, ela que labutara por pradarias e montanhas, através de rios e planícies, ela que superara todo o tipo de obstáculos para poder pregar àqueles nas trevas, devesse descer da barca que a transportara sobre a maré da vida terrena para a terra firme do novo país, o mundo dos espíritos. O mineiro rude e o robusto rancheiro juntam-se à multidão com os instruídos do mundo.

A condessa não conhece outro título agora senão aquele que mereceu pelo labor e pelo amor; o duque, o advogado, o médico; todos, todos os filhos da terra representados aqui neste vasto concurso que avança para a saudar; e, conforme ela desembarca, a artilharia do céu rasga o ar em salvas retumbantes, e viva após viva ascende de um milhar de gargantas pela alegria que advém às almas que vigiaram e esperaram pela sua vinda desde o momento em que correu o pensamento de que ela estava perto do portal.

Todos ali — não, não todos. Alguns que ela afetuosamente esperara ver ainda não atingiram essa esfera de onde se pudessem juntar às boas-vindas a casa; mas eles estarão lá. Ela vive para trabalhar, não para descansar em ócio preguiçoso. Já a sua mente ativa planeia novos empreendimentos e antecipa com grande entusiasmo o momento em que, em breve, começará de novo os seus labores onde a falha do seu instrumento terreno a mandou cessar por um momento.

E agora ela fala-nos: “Tende bom ânimo, o trabalho diante de vós é árduo, o caminho é íngreme, os perigos são muitos. Consolidai as vossas forças, esforçai-vos por organizar a vossa força, que os ciúmes deem lugar ao amor e o egoísmo à sinceridade. O caminho do conhecimento espiritual foi apenas em pequena parte trilhado. Prossegui para maiores conquistas, triunfos mais grandiosos, realidades mais sublimes.

“Na maré matinal, o botão da promessa pende adornado com diamantes de orvalho que cintilam à luz crescente do sol; as aves cantam as suas mais brilhantes melodias; o céu está coberto com a névoa da promessa de um dia claro e radiante. Na margem distante, podeis ouvir a ressaca bater, as vagas da oposição, crueldade e opressão. A tempestade passou, e estas vagas crescem gradualmente menos e menos. Mesmo enquanto olhamos, as cristas brancas das vagas estão a desaparecer e, d'aqui a pouco, a calmaria pacífica de um cumprimento estabelecer-se-á sobre o cenário da outrora disputa teológica.

“Sede corajosos! É apenas assim que podeis ser vencedores na guerra do mundo. Sede ousados! É apenas assim que podeis esperar vencer. Sede fortes! É apenas assim que podeis carregar o fardo e o

calor do dia, e ajudar no vosso tempo a fazer avançar o carro do progresso, e assistir os homens em direção à consecução dos seus ideais mais promissores.

“Oh! pelo homem forte, pela mulher resoluta, não resolutos no egoísmo e fortes na obtenção de engrandecimento pessoal; mas poderosos na defesa do direito contra o poder, e pertinazes no avanço da pureza e da justiça.

“Homens e mulheres, o apelo é para vós hoje. O tempo da primavera é vosso para semear. O tempo da colheita é para os vossos filhos, que ceifarão a colheita da vossa sementeira.

“Pais e mães, labutai! trabalhai! orai! para que sejais fortalecidos para ajudar e abençoar a humanidade nascente que marcha lentamente subindo ‘a encosta do tempo’.

“O meu dia chegou ao fim — lutei pela Causa. A humanidade tem sido a minha congregação, e o mundo tem sido verdadeiramente a minha paróquia. De ponto em ponto do globo tenho vagueado, falando, organizando, trabalhando. Com aqueles que amei, labutei para trazer aos homens as ‘alegres novas de grande alegria’ desse novo nascimento da revelação do espírito; e agora os meus lábios terrenos estão selados para sempre, e o meu olho de carne já não contempla o público da terra; mas, tendo ressuscitado, contudo falo, e com voz de tom de trombeta instar-vos-ia a avançar e a subir em direção à realização das mais brilhantes esperanças dos mais antigos pioneiros do Espiritualismo Moderno.”

Escutemos a sua mensagem conforme ela é soprada para nós de além da fronteira. Lembremo-nos da sua nobre vida, dos seus contínuos esforços. Recordemos a sua perseverança na propagação da verdade e o seu ousado empreendimento em regiões espiritualmente inexploradas. Dotado de uma energia como a dela, com uma determinação como a que ela possuía, o nosso movimento deveria progredir como nunca antes o fez. Usemos o legado que ela nos deixou. Diante de nós encontram-se as nossas possibilidades, um país inexplorado. Que maravilhas nos poderão ser reveladas; que bem poderemos realizar; que dor poderemos aliviar; que contenda poderemos subjugar. Da Terra do Verão ela chama. Atenderemos a

esse chamado? Seremos pioneiros na grande campanha? Sim! Então vinde, Espíritas de todos os países, climas e cores, que a sua passagem seja o sinal para um novo esforço, um empenho determinado e o início de uma luta na qual entraremos com tudo o que possuímos — os nossos talentos, tempo e riqueza para o bem da humanidade e para a glória de Deus.

WALTER PHILLIPS.

Os últimos esforços públicos da Sra. Britten pela causa que tanto fizera por fundar, e que amava tão calorosamente, foram a abertura do Bazar do Jubileu e a inauguração de um vitral na Igreja Espírita de Salford.

Os seguintes extratos são também do panfleto referido: —

No Bazar do Jubileu, a Sra. Britten pôs de lado a fraqueza que se avizinhava e apareceu na plataforma para abrir o bazar no primeiro dia. Foi saudada com as mais calorosas marcas de apreço, e a sua aparição evocou o entusiasmo da grande multidão que se reunira. Amada e respeitada por todos os que a conheciam, ela conserva nos nossos corações um lugar de honra. Labutou por uma causa que era tudo para ela; pois, pelas suas maravilhosas revelações, encontrara o caminho iluminado da verdade; e, tendo as suas próprias necessidades espirituais aliviadas, esforçou-se ao máximo para atender às necessidades dos seus semelhantes.

A última cerimónia pública que realizou foi a inauguração de um vitral na Igreja Espírita de Salford, quando fez também a sua última aparição pública. A sua maravilhosa força e poder manifestaram-se ali novamente, pois, embora fraca e débil, elevou-se face à ocasião e, com muito do seu antigo e costumeiro vigor, falou sobre as possibilidades e o progresso do Espiritualismo. Este último ato público trazia em si um toque de profundo significado. Ela encontrara o Espiritualismo nos estertores da sua árdua luta de nascimento, e vigiou-o e labutou por ele ao longo da sua vida, contemplando o seu crescimento constante com o interesse intenso de um progenitor pelo seu filho; e depois, quando o seu tempo estava quase a chegar, a sua inauguração do belo vitral foi um sinal de que o Espiritualismo estava a consolidar as suas forças, de que gradualmente estava a realizar a

plena dignidade da sua posição e de que estava a começar a mexer-se para um esforço maior, o qual deveria apelar ao mundo exterior e responder à sua grande necessidade, fornecendo um belo engaste para a joia mais adorável do Evangelho do Espiritualismo.

Ritos Fúnebres.

A primeira parte do serviço fúnebre foi realizada na casa, e apenas alguns dos amigos pessoais mais próximos da Sra. Britten se juntaram aos seus parentes no seu escritório, onde, calado pela mão gelada da morte, o seu corpo jazia em calmo repouso, encerrado num caixão esmerado de olmo polido. O rosto estava calmo e repousado, não ostentando nenhum vestígio do sofrimento pelo qual ela passara. Apenas a idade deixara a sua marca; os seus anos contavam apenas 76, mas na sua vida ativa ela acumulara muitas vezes o número de experiências que cabem em sorte ao homem ou à mulher comum.

O Sr. John Lamont, bravo e velho pioneiro, realizou os ritos fúnebres. A Sra. Britten sempre desejou que ele depositasse a urna de carne, como fizera com as da sua mãe e do seu marido; e, antes de iniciar o serviço, ele disse: —

“É na verdade um privilégio participar numa ocasião como esta para realizar os últimos ritos por uma mulher tão nobre, cujas inspirações instruíram e abençoaram os corações de homens e mulheres por todo o vasto mundo. Há trinta anos, ouvi a Sra. Hardinge falar no *Hope Hall*. Seis temas foram escolhidos por não-Espíritas, devendo cada tema ser proferido sem aviso prévio. Perguntaram-me o que achava do esforço? Eu disse: uma mulher extraordinária; mas a questão dos espíritos deve ser posta de lado.

Contudo, tendo tido centenas de oportunidades desde então, tanto públicas como privadas, de travar conhecimento com esta nobre alma, todos esses subterfúgios, pois eram subterfúgios, dissiparam-se. Reverenciando o caráter honesto com que esta senhora hasteou a bandeira da reforma, estamos aqui hoje reunidos numa ocasião alegre, não dolorosa. Libertada daquela forma que tão bem lhe serviu e que se foi desvanecendo até que o seu desejo de estar com os seus entes queridos é hoje cumprido.

Encontramo-nos aqui uns com os outros e com aqueles seres invisíveis com os quais nos regozijamos pela entrada da nossa irmã da fraqueza para o poder. A vida que agora é e a vida que está por vir estão intimamente aliadas. E agora, quando o acolhimento com os velhos amigos tiver sido consumado, que reunião alegre deve ser, e que boas-vindas ela deve ter tido daqueles que conhecera e amara aqui — umas boas-vindas como raramente foram concedidas a uma trabalhadora tão ilustre.

Emma Hardinge Britten, hoje uma alma viva e consciente, não é mulher para permanecer ociosa; ela ingressa num trabalho de caráter ainda mais nobre e de maior alcance do que aquele que deixou.”

O hino “Não morremos, não podemos morrer” foi então cantado, após o qual o Sr. John Lamont leu um curto serviço fúnebre, com comentários. Falando do corpo natural e do corpo espiritual, ele disse que “verdadeiramente o corpo espiritual que agora era o dela era tão natural como aquela forma em decadência que ali contemplavam. Tanto o corpo físico como o espiritual tinham as suas glórias; e quem, tendo olhado para o porte nobre e presença imponente da sua irmã, com o rosto iluminado pela beleza da inspiração divina, poderia recusar-se a acreditar que havia uma glória do corpo físico?”

Depois, no meio de um profundo silêncio, quebrado apenas pela voz do orador, o Sr. Lamont disse: “Querida irmã, vemo-la e reconhecemo-la agora no seu corpo radiante e celestial, depondo aquilo que deixou. Regozijamo-nos nesta ocasião por termos a oportunidade de lhe dar os parabéns pela sua entrada na vida superior e mais brilhante de que tantas vezes falou.

Reconhecemo-la, não como uma influência longínqua, mas como um espírito vivo e consciente no nosso meio, com um grande número daqueles que lhe deram os parabéns pelo seu segundo nascimento e entrada na vida superior, onde se encontra rodeada por centenas que receberam mensagens de amor e liberdade dos seus lábios.

Consideramos nosso privilégio entrar no círculo sagrado de amigos visíveis e invisíveis que se reuniram; e oramos fervorosamente para que, em certa medida, sejamos capazes de seguir os passos dos

nobres reformadores que nos antecederam. Que o Espírito Santo nos abençoe com luz, liberdade e bondade, agora e sempre. Ámen.”

O Sr. J. J. Morse, presidente da Conferência Nacional e da *British Lyceum Union*, proferiu então uma breve mas impressionante alocução. Disse ele: “Meus estimados amigos e companheiros de trabalho, considero uma honra e um privilégio apenas acrescentar algumas débeis palavras minhas ao emotivo e eloquente testemunho que o nosso venerável decano, o Sr. John Lamont, acaba de oferecer. A Terra ficou mais rica por a Sra. Emma Hardinge Britten ter vivido nela. Milhares de homens e mulheres tiveram as suas almas tocadas e o espírito divino acendido para uma beleza mais brilhante pela eloquência que brotou dos seus lábios.

Não apenas a sua eloquência, mas a inteligência proferida naqueles tons ricos e reverberantes ecoam hoje nos nossos corações. Guardo como uma bela e preciosa posse o facto de, enquanto jovem, ter sido estimulado a um labor maior e mais árduo por ter tido o seu aperto de mão e o seu encorajamento a impelir-me para a frente. Se não posso oferecer mais no altar da sua memória do que a minha estima por ela devido a isto, não posso oferecer tesouro melhor nem mais rico.

Ela não esmoreceu nem se poupou. Coerente e fervorosa em todos os momentos e em todos os lugares; na nova vida de um novo país e por entre o polimento das grandes cidades do mundo civilizado. Falando com bravura, vivendo com fervor, ela nunca recuou para obter um favor, nem por medo de qualquer mortal vivo. Ninguém fez mais para racionalizar, fortalecer e embelezar o nosso Espiritismo do que ela.

Ela está connosco hoje, e o espírito da sua vida pairará, tenho a certeza, nas nossas mentes e nas nossas almas enquanto a Razão detiver o seu trono e a Memória retiver o seu poder. Direi apenas: ‘Deus a abençoe pelo seu trabalho, e que o eco da sua voz ressoe sempre nos nossos seres mais íntimos, fazendo-nos olhar mais alto e ser ainda mais zelosos do que ela, se tal for possível.’ Se a sua vida fizer isto por nós, terá pregado o melhor sermão que alguma vez nos foi dado, mesmo através da sua nobre inspiração. Lembremo-nos

destas coisas; mas lembremo-nos também da irmã que tem de viver por um tempo sem a presença pessoal que nós, também, amávamos.

Sabemos que a morte não é a morte, que a nossa querida irmã vive; mas há aquele sentido de perda pessoal que tem de nos assaltar; e as lágrimas têm de correr para dar alívio às nossas almas sobrecarregadas. Olhando para além, cada um de nós chegará àquele momento em que poderá apertar-lhe a mão novamente e dizer ‘Deus a abençoe’ àquela que todos amámos e honrámos pela sua vida e pelo seu trabalho.”

O Sr. Walter Howell disse que dificilmente poderia acrescentar algo ao que já fora dito, mas todos eles sentiam naquele dia que a sua reunião não era uma assembleia de pessoas em luto e, embora as lágrimas viessem aos olhos e a escuridão do sofrimento terreno intercesse por um tempo a luz do sol para eles, havia ainda a consciência de que, por trás das lágrimas e da nuvem da sua tristeza, o sol de um espírito imortal sorria.

As próprias lágrimas e a nuvem que pairavam no céu teciam o arco-íris que lhes falava do tempo e do estado em que todas as lágrimas seriam limpas e quando receberiam as suas boas-vindas a casa, naquela grande morada do seu Pai Celestial. Ele, também, lembrava-se bem de escutar a capacidade oratória e a maravilhosa inspiração da sua irmã ressuscitada e, tendo-a seguido humildemente pelas amplas extensões de terra por onde os seus pés tinham passado, e tendo ouvido as palavras de louvor daqueles que tinham escutado a sua voz a pleitear pelo escravo, negro e branco, religioso e secular, não podia deixar de reconhecer que a emancipação dela chegara, e que as cadeias que a tinham prendido por tanto tempo tinham sido finalmente partidas, e que a alma partira para a paisagem beijada pelo sol, onde o pai, a mãe, o marido e o irmão lhe tinham dado as boas-vindas a casa. E, d'aqui a pouco, quando o trabalho deles estivesse feito e o seu labor terminado, pudessem eles receber o “muito bem” de forma tão conscienciosa como ela o recebera.

Isto concluiu a cerimónia na casa, e depois o caixão foi transportado por entre as alas de amigos reunidos até ao carro fúnebre. O cortejo fúnebre era longo e continha representantes de todas as

partes do país. A União de Yorkshire estava representada pelos seguintes cavalheiros: os Srs. Burchell (Presidente), Whittaker (vice-presidente), Parker, Collins e Sutcliffe. Primeiro vinha um carro de coroas, coberto de belos emblemas florais, e depois o carro fúnebre, também carregado de belas coroas que literalmente ocultavam o caixão da vista.

Pontualmente às duas horas, o cortejo deixou a casa e, passando pelo coração de Manchester, atraiu a atenção geral. A linha de carruagens era tão extensa que, quando o carro de coroas já estava bem saído da *Albert Square* entrando na *Cross Street*, a última viatura estava precisamente a entrar na praça pela outra extremidade. Além da União de Yorkshire, o *Light*, a *London Spiritualists' Alliance* e a *The Two Worlds Company* estavam representados; mas seria injusto tentar registrar os nomes das sociedades representadas, pois de perto e de longe todos se tinham unido para prestar uma vasta homenagem à memória do nobre trabalho da nossa irmã.

Desde a entrada do cemitério até ao lado da sepultura, o caminho estava ladeado por membros do Liceu vestidos de branco, tendo sido dispostos nos seus lugares pelo Sr. B. Longstaff, habilmente auxiliado pelos Srs. T. Taylor e Stafford. O Sr. A. Rocke dirigiu o canto.

Ao redor da sepultura reuniu-se rapidamente uma grande multidão de pessoas. As crianças do Liceu estavam no centro. O Sr. John Lamont indicou um hino, que foi cantado de todo o coração, e o Sr. J. J. Morse proferiu uma impressionante invocação, após a qual o Sr. Lamont falou brevemente ao confiar o caixão à sepultura. Disse ele: “Não nos reunimos para enterrar uma mulher, mas para prestar homenagem a uma mulher que ressuscitou para o reino espiritual da vida.

Ela carregou a santa bandeira da reforma por muitos anos sem mácula e com uma bravura sem igual. Podemos aqui dar os parabéns à nossa irmã pela sua ressurreição. Aqui, de pé sobre estes restos mortais, dizemos simplesmente: estamos aqui para devolver à natureza a forma física através da qual a nossa irmã apareceu, enquanto ela se elevou para usar a coroa que teceu pelo seu trabalho fervoroso e amoroso empenho.”

O Sr. E. W. Wallis, como representante da *London Spiritualists' Alliance*, disse que tinham prestado os últimos ofícios que o amor podia prestar à forma mortal que outrora abrigara o espírito que tinham aprendido a estimar e a amar. Nenhuma outra causa poderia ter reunido um corpo mais representativo do que o que ali se encontrava reunido. Sabendo, como ela sabia, pelas frequentes efusões da influência daqueles espíritos sábios e instrutores, a realidade daquela vida após a morte, ela sentiria com eles então, estando ali presente e pressentindo os seus sentimentos de gratidão pela sua nobre vida. Estavam a pisar solo sagrado, pois ali os dois mundos estavam desposados num só. Ele confiava que, pelo seu nobre exemplo, todos seriam incitados mais do que nunca a viver o seu Espiritismo.

Tendo sido cantado outro hino, “Não me digais em números lamentosos”, o Sr. Lamont pronunciou a bênção final, e a multidão reunida ondulou em direção à sepultura para lançar um último olhar ao caixão salpicado de belas flores.

E assim deixámos o seu corpo em meio ao silêncio e à quietude do campo de sepulturas. Cedo a multidão se dispersou, embora se pudessem ver muitos pequenos grupos de amigos a conversar sobre os velhos tempos e os acontecimentos do dia. Por todo o país fizeram-se referências ao grande acontecimento da semana, e muitas resoluções e votos de simpatia e condolências para com aqueles que ficaram para trás foram aprovados nas Sociedades por toda a extensão e largura da terra.